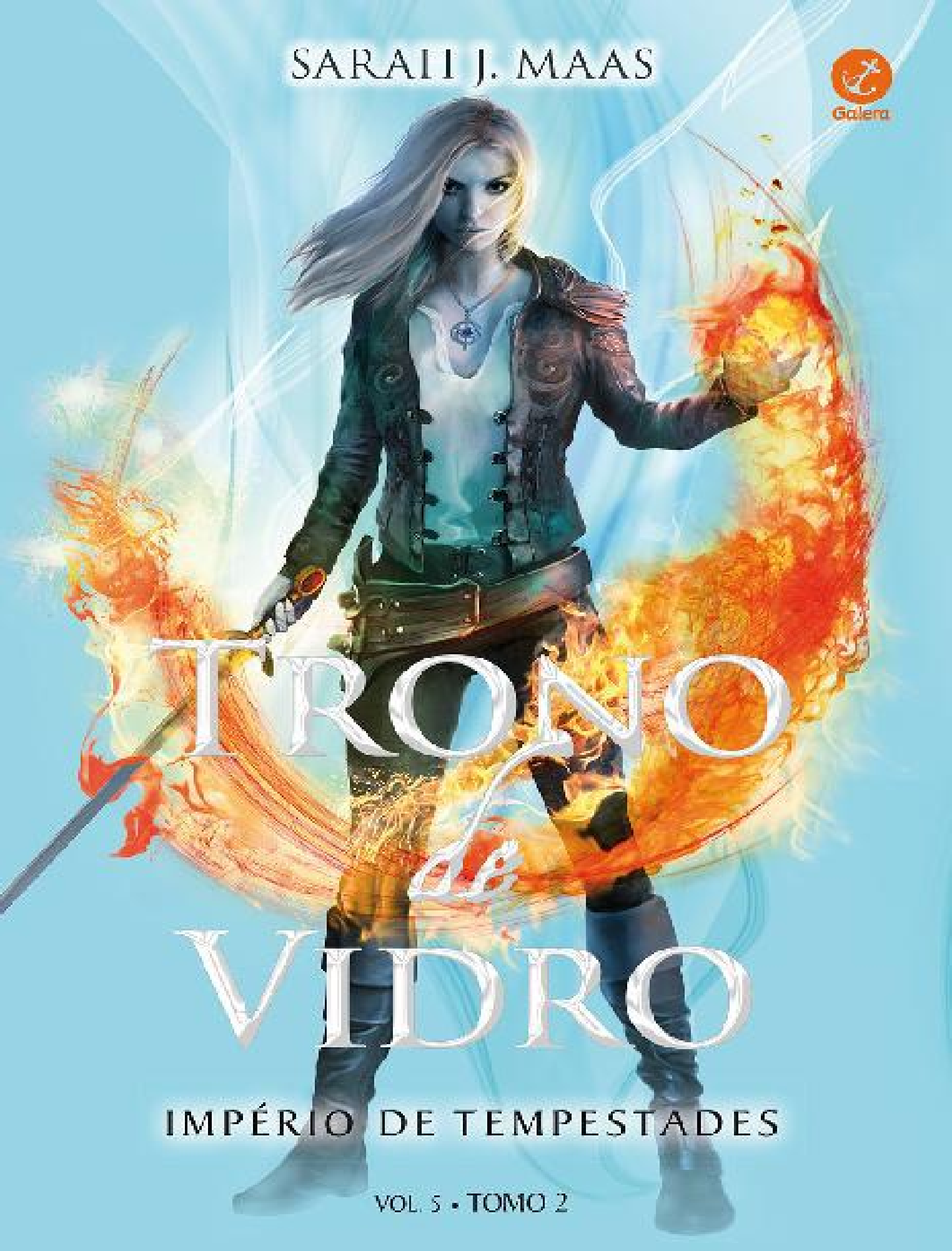
SARAH J. MAAS

Galera



TRONO de VIDRO

IMPÉRIO DE TEMPESTADES

VOL. 5 • TOMO 2

Obras da autora publicadas pela Editora Record

***Série* Trono de vidro**

Trono de vidro

Coroa da meia-noite

Herdeira do fogo

Rainha das sombras

Império de tempestades – Tomo I

Império de tempestades – Tomo II

A lâmina da assassina

***Série* Corte de espinhos e rosas**

Corte de espinhos e rosas

Corte de névoa e fúria

SARAH J. MAAS

TRONO de VIDRO

IMPÉRIO DE TEMPESTADES

VOL. 5 • TOMO 2

Tradução
Mariana Kohnert

1ª edição

Galera
Rio de Janeiro | 2017

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M11i

Maas, Sarah J.

Império de tempestades [recurso eletrônico] / Sarah J. Maas ; tradução Mariana Kohnert. -- 1. ed. -- Rio de Janeiro : Galera, 2017.

recurso digital (Trono de vidro ; 5 ; tomo 2)

Tradução de: Empire of storms

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN: 978-85-01-11033-6 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Kohnert, Mariana. II. Título III. Série.

17-39924

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Título original:

Empire of Storms

Copyright © Sarah J Maas, 2017

Esta tradução de *Empire of Storms* foi publicada mediante acordo com Bloomsbury Publishing Inc.

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.

Os direitos morais do autor foram assegurados.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Composição de miolo da versao impressa: Abreu's System

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela

EDITORA RECORD LTDA.
Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000, que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil



ISBN: 978-85-01-11033-6

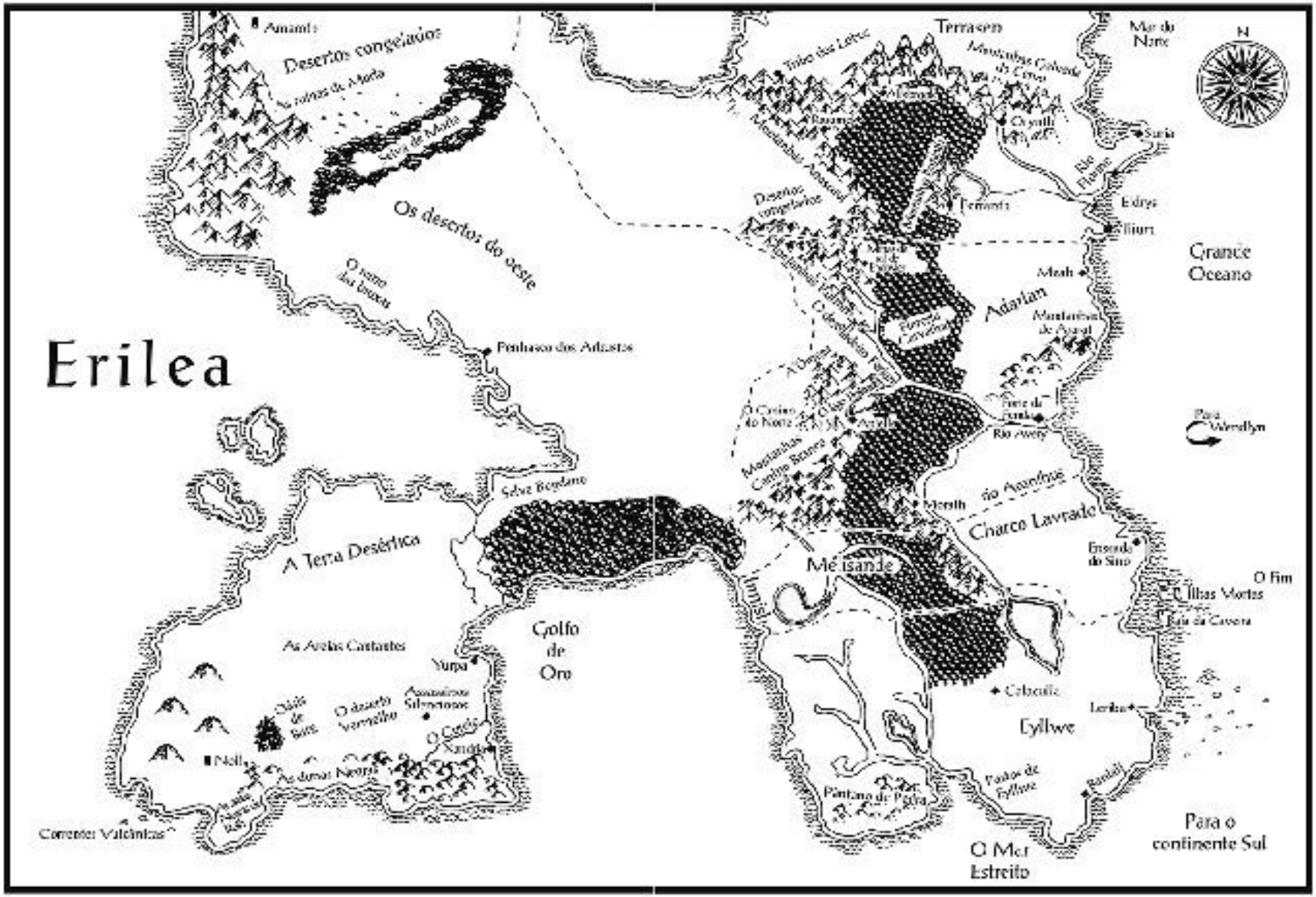
Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.

Para Tamar

Minha campeã, fada madrinha e cavaleira no cavalo branco.

Obrigada por acreditar nesta série desde a primeira página.


Erilea
Amanis
Desertos congelados
Os desertos do oeste
Pinhaço dos Adiastes
A Terra Desértica
Golfo de Ore
Yurpa
Nelli
Correntes Vulcânicas
Terrasen
Mar do Norte
N
Grande Oceano
Adarlan
Mealy
Rio Avery
Charco Lavrado
Meisande
Ilhas Mortas
O Fim
Calcaia
Eyllwe
Pântano de Pedra
O Mar Estreito
Para o continente Sul

SUMÁRIO

PARTE DOIS | Coração de Fogo
40
41
42
43
44
45
46
47
48
49
50
51
52
53
54
55
56
57
58
59
60
61

62
63
64
65
66
67
68
69
70
71
72
73
74
75
Agradecimentos

PARTE DOIS

Coração de Fogo

40

A fumaça fizera os olhos de Elide arderem durante grande parte da abafada manhã cinzenta.

Molly alegara que eram apenas fazendeiros queimando campos não cultivados, a fim de que as cinzas fertilizassem a terra para a colheita do ano seguinte. Deviam estar a quilômetros de distância, mas a fumaça e as cinzas viajariam longe com o vento ágil em direção ao norte. O vento para seu lar, para Terrasen.

No entanto, eles não se dirigiam para lá. Seguiam para o leste, direto para a costa.

Em breve Elide precisaria cortar para o norte. Tinham passado por uma cidade — apenas uma, e os cidadãos já estavam cansados de atrações itinerantes e de artistas. Mesmo com a noite mal começando, ela sabia que provavelmente só conseguiriam dinheiro suficiente para cobrir as despesas de estadia.

A jovem atraíra o total de quatro clientes para a pequena tenda até então, a maioria rapazes, querendo saber qual das meninas da cidade gostava deles, mal reparando que Elide — sob a maquiagem espessa como creme emplastrada na face — não era mais velha que eles. Escassearam quando os amigos passaram, sussurrando pelas abas de entrada da tenda, pintada com estrelas, que um espadachim fazia um espetáculo imperdível, e que seus braços eram quase do tamanho de troncos de árvore.

Elide ficara com raiva, tanto dos rapazes fracos que sumiram — um sem pagar — quanto de Lorcan, por ter roubado a cena.

Ela esperou dois minutos antes de sair, a peruca enorme e ridícula que Molly colocara em sua cabeça prendendo nas abas. Pedaços de contas e penduricalhos oscilantes pendiam da abertura em arco, e Elide os afastou dos olhos, quase tropeçando nas vestes vermelho-sangue conforme ia ver qual era o motivo da comoção.

Se os rapazes da cidade tinham ficado impressionados com os músculos de Lorcan, não era nada em comparação ao que aqueles músculos faziam com as moças.

E com as mulheres mais velhas, percebeu Elide, sem se incomodar em se espremer em meio à multidão amontoada diante do palco improvisado no qual Lorcan, de pé, fazia malabarismo e atirava espadas e facas.

Ele não era um artista natural. Não, na verdade, tinha a audácia de aparentar *tédio* lá em cima, parecia quase descaradamente emburrado.

Mas o que lhe faltava em charme ele compensava com o corpo sem camisa besuntado em óleo. E pelos deuses...

O semifeérico fazia os rapazes que haviam visitado a tenda se parecerem com... crianças.

Ele equilibrava e atirava as armas, como se não fossem nada, e Elide teve a sensação de que o guerreiro apenas praticava um dos exercícios diários. Mas a multidão ainda assim emitia *uhs* e *ahs* a cada giro e lançamento e pegada, em seguida moedas ainda caíam na panela na beira do palco.

Com as tochas ao redor, os cabelos pretos pareciam engolir a luz enquanto os olhos cor de ônix estavam inexpressivos e entediados. Elide se perguntou se Lorcan imaginava o assassinato de todos que babavam por ele, como cães em volta de um osso. Não podia culpá-lo.

Uma gota de suor deslizou pela mancha espessa de pelos pretos no peito escultural de Lorcan. Elide observou, um pouco hipnotizada, conforme a gota desceu pelas reentrâncias musculosas da barriga. Seguindo mais para baixo.

Não era melhor que aquelas mulheres suspirando, disse a jovem a si mesma, prestes a voltar para a tenda quando Molly comentou ao seu lado:

— Seu marido poderia simplesmente estar sentado ali, ajeitando meias, e mulheres ainda assim esvaziariam os bolsos pela chance de admirá-lo.

— Ele exercia o mesmo fascínio em qualquer lugar que fôssemos com nossa antiga trupe — mentiu Elide.

Molly emitiu um estalo com a língua.

— Tem sorte — murmurou ela, quando Lorcan atirou a espada para o alto e as pessoas arquejaram. — Por ele ainda olhá-la do jeito que olha.

A jovem se perguntou se Lorcan sequer continuaria olhando na sua cara caso lhe contasse como se chamava, quem era e o que carregava. Ele dormira no chão da tenda todas as noites; não que Elide jamais tivesse se incomodado em oferecer o colchão. O

guerreiro costumava chegar depois de ela ter caído no sono, e saía antes que acordasse. Ela não fazia ideia do que ele fazia — talvez exercícios, pois o corpo era... daquele jeito.

Lorcan atirou três facas no ar, fazendo uma reverência sem um pingo de humildade ou diversão para a multidão. Eles arquejaram de novo conforme as lâminas apontaram para a coluna exposta do guerreiro.

Mas com uma manobra simples e bela, ele rolou, pegando cada lâmina, uma após a outra.

A multidão comemorou, e Lorcan olhou indiferentemente para a panela de moedas.

Mais cobre — e alguma prata — fluía como gotas de chuva.

Molly soltou uma risada baixa.

— Desejo e medo podem abrir qualquer carteira. — Um olhar ríspido. — Não deveria estar em sua tenda?

Elide não se incomodou em responder, apenas saiu, e podia ter jurado que sentira o olhar de Lorcan se concentrar nela, na peruca e nas contas tilintantes, nas vestes longas e volumosas. Ela continuou sua tarefa e aturou mais alguns rapazes — e algumas moças — curiosos sobre as vidas amorosas, antes de se ver novamente sozinha naquela tenda estúpida, a escuridão somente iluminada por minúsculas velas, penduradas em esferas de cristal.

A jovem esperava pelo grito de Molly, finalmente anunciando o encerramento das atrações, quando Lorcan entrou batendo os ombros nas abas da tenda, limpando o rosto com um pedaço de tecido que muito certamente não era a própria camisa.

— Molly vai implorar para que fique, sabe disso, não? — comentou Elide.

Ele se sentou na cadeira dobrável diante da mesa redonda.

— É sua previsão profissional?

A jovem afastou uma fileira de contas que oscilava contra os olhos.

— Vendeu a camisa também?

Lorcan deu um sorriso feral.

— Consegui dez moedas de cobre da mulher de um fazendeiro.

Elide fez uma careta.

— Que nojo.

— Dinheiro é dinheiro. Suponho que não precise se preocupar com isso, considerando todo o ouro que tem escondido.

Ela o encarou de volta, sem se incomodar em parecer agradável.

— Está estranhamente bem-humorado.

— É o que acontece quando duas mulheres e um homem lhe oferecem a cama pela noite.

— Por que está aqui então? — O tom foi mais afiado do que Elide pretendia.

Lorcan observou as esferas penduradas, o tapete de lã, a toalha de mesa preta, então as pequenas mãos da jovem, com cicatrizes e calos, que seguravam a beirada da mesa.

— Não estragaria seu disfarce se eu saísse de fininho à noite com outra pessoa? Seria esperado que você me expulsasse, que ficasse de coração partido e revoltada pelo resto de seu tempo aqui.

— É melhor aproveitar — retrucou Elide. — Pois vai embora em breve.

— Você também — lembrou Lorcan.

A jovem bateu com um dedo na toalha de mesa, sentindo o atrito do tecido áspero contra a pele.

— O que foi? — indagou ele. Como se fosse inconveniente demonstrar educação.

— Nada.

Não era nada, no entanto. Elide sabia por que estava atrasando aquela virada para o norte, a partida inevitável daquele grupo e a solitária caminhada final.

Mal conseguia causar impacto em um parque de atrações. Que droga faria em uma corte com pessoas tão poderosas — principalmente sem saber ler? Enquanto Aelin podia destruir reis e salvar cidades, que droga ela faria para provar seu valor? Lavar suas roupas? A louça?

— Marion — disse Lorcan, com a voz grave.

Ela ergueu o rosto, surpresa por ele ainda estar ali. Os olhos pretos eram indecifráveis na escuridão.

— Muitos rapazes foram incapazes de tirar os olhos de você esta noite. Por que não se diverte com eles?

— Por quê? — disparou ela. A ideia de um estranho tocando-a, de algum homem sem rosto e sem nome lhe colocando as patas no escuro...

Lorcan ficou imóvel, então disse, muito calmamente:

— Quando estava em Morath, alguém...

— Não. — Elide sabia o que ele queria dizer. — Não... não chegou a esse ponto. — Mas a memória daqueles homens tocando-a, rindo de sua nudez... Ela a afastou. — Nunca estive com um homem. Nunca tive a chance ou o interesse.

Ele inclinou a cabeça, levando os cabelos pretos e sedosos a deslizar sobre o rosto.

— Prefere mulheres?

A jovem piscou para Lorcan.

— Não... acho que não. Não sei o que prefiro. De novo, nunca... nunca tive a oportunidade de sentir... isso. — Desejo, luxúria, ela não sabia. E não sabia como ou por que tinham acabado conversando sobre aquilo.

— Por quê? — E com toda considerável concentração de Lorcan voltada para ela, com a forma como o guerreiro olhava para sua boca pintada de vermelho, Elide quis lhe contar. Sobre a torre, e Vernon, e os pais. Sobre por que, se algum dia sentisse desejo, seria o resultado de confiar tanto em alguém a ponto de aqueles horrores se dissiparem, o resultado de saber que a pessoa lutaria com unhas e dentes para mantê-la livre, e que nunca a iria trancafiar ou ferir ou abandonar.

Ela abriu a boca. Então os gritos começaram.

Lorcan não sabia por que porcaria de razão estava na ridícula tendinha de oráculo de Marion. Precisava se banhar, precisava limpar o suor e o óleo e a *sensação* de todos aqueles olhares lascivos sobre si.

Mas a notara na multidão enquanto terminava a apresentação deplorável. Não a vira mais cedo na noite, antes de a jovem colocar aquela peruca e aquelas vestes, mas... talvez fossem os cosméticos, o lápis pesado sob os olhos, a forma como os lábios pintados de vermelho faziam a boca parecer um pedaço de fruta fresca, mas... O guerreiro reparara.

Reparara na forma como homens a tinham notado também. Alguns tinham olhado descaradamente, com admiração e luxúria estampados no corpo, conforme Marion permanecia no limite da multidão, alheia àquilo e o observando.

Linda. Depois de algumas semanas com comida e segurança, a jovem apavorada e macilenta tinha, de alguma forma, passado de bonitinha a linda. O semifeérico terminara a apresentação mais cedo do que pretendia, mas ao olhar de novo, Marion já tinha ido embora.

Como um maldito cão, ele farejara seu cheiro em meio à multidão e a seguira até a tenda.

Nas sombras e luzes tremeluzentes do lado de dentro, com a peruca e as contas oscilantes e as vestes vermelho-escuro... o oráculo encarnado. Serena, delicada... e completamente proibida.

E Lorcan estivera tão concentrado em se xingar por encarar aquela boca madura e

pecaminosa enquanto a jovem admitia que ainda era intocada que não tinha detectado nada estranho até os gritos começarem.

Não, estivera ocupado demais contemplando que sons poderiam vir daquela boca carnuda se ele, devagar e gentilmente, ensinasse a ela as artes da alcova.

Lorcan supôs que o ataque era a forma de Hellas lhe dizer que mantivesse o pau nas calças e a mente longe da sarjeta.

— *Vá para debaixo de uma carruagem e fique lá* — disparou ele, antes de correr para fora da tenda. Não esperou para ver se ela obedecera. Marion era esperta, sabia que teria mais chances de sobreviver se o ouvisse e encontrasse abrigo.

Lorcan libertou seu dom pelo parque em pânico — uma onda terrível de poder escuro varreu o território, então voltou rapidamente para contar o que sentira. Seu poder estava contente, ofegante de uma forma que o guerreiro conhecia muito bem: morte.

Em uma ponta do campo estavam os limites da cidadezinha. Na outra, um bosque de árvores e a noite infinita... e asas.

Silhuetas imponentes e musculosas mergulharam dos céus; a magia de Lorcan captou quatro. Quatro ilken aterrissaram, com garras estendidas e expondo aqueles dentes dilaceradores de carne. Ao que parecia, as asas encouraçadas os marcavam como alguma pequena variação daqueles que os rastrearam na floresta de Carvalhal. Uma variação... ou o aperfeiçoamento de um caçador já implacável.

Pessoas corriam, gritando... na direção da cidade, na direção da cobertura dos campos escuros além.

Aquelas fogueiras distantes não haviam sido feitas por fazendeiros para queimar os campos em desuso.

Haviam sido feitas para cobrir o céu, para ocultar o cheiro daquelas bestas. De Lorcan. Ou de qualquer outro guerreiro com dons.

Marion. Estavam caçando Marion.

O parque estava em caos; os cavalos relinchavam e escoiceavam. Ele disparou para o coração do acampamento, onde os quatro ilken aterrissaram, bem no local em que estivera se apresentando minutos antes, a tempo de ver um deles pousar sobre um rapaz e o derrubar de costas.

O sujeito ainda gritava por deuses que não responderiam quando o ilken se inclinou, erguendo uma garra longa, e abriu sua barriga com um gesto ágil. Ainda gritava quando o ilken abaixou o rosto mutilado e se banqueteou.

— Maldito inferno, o que *são* essas criaturas? — Era Ombriel, com uma espada longa em punho, e segurando-a de um jeito que revelava a Lorcan a competência da jovem em manejá-la. Nik veio em disparada atrás dela, com duas lâminas ásperas e quase enferrujadas nas mãos gordas.

— Soldados de Morath. — Foi tudo o que Lorcan ofereceu. Nik olhava para a lâmina e o machado que o guerreiro tinha sacado, sem nem considerar fingir não saber como usar qualquer um deles, fingir ser um homem simples da natureza. Então ele explicou, com precisão fria: — São naturalmente capazes de atravessar a maioria dos campos mágicos, e apenas a decapitação os derruba.

— Têm quase 2,5 metros — comentou Ombriel, o rosto pálido.

Lorcan os deixou com suas próprias conclusões e medo, entrando no anel de luz no coração do acampamento conforme os quatro ilken terminavam de brincar com o rapaz. O humano ainda estava vivo, silenciosamente proferindo súplicas por ajuda.

O guerreiro disparou o poder e seria capaz de jurar que o rapaz tinha gratidão nos olhos ao sentir o beijo da morte saudá-lo.

Os ilken ergueram os rostos como um único ser, sibilando baixinho. Sangue escorria de seus dentes.

Lorcan rodopiou para dentro do próprio poder, preparando-se para os distrair e atordoar, caso ainda fossem resistentes à magia. Talvez Marion tivesse tempo de fugir. Com gargalhadas dançando na língua cinzenta, o ilken que dilacerara a barriga do rapaz indagou:

— É você quem está no comando?

— Sim — respondeu simplesmente o semifeérico.

Aquilo dizia o bastante. Não sabiam quem ele era, qual fora seu papel na fuga de Marion.

Os quatro ilken sorriram.

— Buscamos uma garota. Ela assassinou alguns dos nossos... e diversos outros.

Será que a culpavam pela morte do ilken semanas antes? Ou será que era uma desculpa para justificar os próprios fins?

— Nós a rastreamos até a travessia do Acanthus... Pode estar escondida aqui, entre seu povo. — Um riso de escárnio.

Lorcan esperava que Nik e Ombriel ficassem de boca fechada. Se começassem a revelá-los, o machado na mão do guerreiro se moveria.

— Vá verificar outro parque. Temos esta equipe há meses.

— Ela é pequena — continuou a criatura, aqueles estranhos olhos humanos brilhando. — Aleijada de uma perna.

— Não conhecemos ninguém assim.

Eles a caçariam até o fim do mundo.

— Então forme uma fila com sua equipe para que possamos... inspecioná-la.

Queriam fazer com que eles andassem. Para observá-los. Para procurar uma jovem manca de cabelos pretos e com quaisquer outras marcas que o tio tivesse fornecido.

— Você assustou todos para longe daqui. Pode levar dias até que retornem. E, de novo — disse Lorcan, com o machado subindo um pouco mais —, não há ninguém em minha caravana que se encaixa na descrição. — Atrás dele, Nik e Ombriel estavam em silêncio, e o terror era um fedor que se impulsionava para dentro do nariz do semifeérico. Ele esperava que Marion permanecesse escondida.

Os ilken sorriram; o sorriso mais horroroso que Lorcan já vira durante todos os seus séculos.

— Temos ouro. — De fato, a criatura ao lado trazia uma sacola cheia à cintura. — O nome é Elide Lochan. O tio é o lorde de Perranth. Vai recompensá-lo generosamente se a entregar.

As palavras o atingiram como pedras. Marion... *Elide* tinha... mentido. Conseguira impedir que Lorcan sequer sentisse o cheiro da mentira, usara verdades o suficiente e o próprio medo que sentia de forma geral para manter o cheiro oculto...

— Não conhecemos ninguém com tal nome — informou ele de novo.

— Uma pena — cantarolou a sentinela. — Pois se a tivesse em sua companhia, nós a teríamos levado e partido. Mas agora... — O ilken sorriu para os três companheiros, e as asas pretas farfalharam. — Agora parece que voamos um longo caminho por nada. E estamos famintos.

41

Elide tinha se espremido em um compartimento secreto no chão da maior das carruagens e rezado para que ninguém a descobrisse. Ou começasse a queimar coisas. A respiração frenética era o único som. O ar ficou sufocante e quente; as pernas tremiam, e ela sentia cãibras devido à posição enroscada em forma de bola, mas, mesmo assim, esperou, mesmo assim, se manteve escondida.

Lorcan saíra correndo; simplesmente correra para a comoção. Elide fugira da tenda a tempo de ver os quatro ilken — ilken *alados* — aterrissarem no acampamento. Não permanecera por tempo suficiente para ver o que aconteceria.

O tempo passou; minutos, ou talvez horas, ela não sabia dizer.

Elide fizera aquilo. Tinha levado aquelas coisas até lá, até aquela gente, até a caravana...

Os gritos ficaram mais altos, então diminuíram. Em seguida nada.

Lorcan podia estar morto. Todos podiam estar mortos.

Ela ouviu com atenção, tentando silenciar a respiração e *escutar* qualquer som de vida, de ação vindo de fora do esconderijo pequeno e quente. Sem dúvida costumava ser usado para contrabando... e de forma alguma fora destinado a um ser humano.

Elide não podia ficar escondida por muito mais tempo. Se os ilken massacrassem todos, procurariam sobreviventes. Provavelmente conseguiriam sentir seu cheiro.

Ela precisaria fugir. Precisaria sair, observar o que conseguisse e correr para os campos escuros, implorando para que nenhuma outra dessas criaturas esperasse por lá. Os pés e as panturrilhas da jovem haviam ficado dormentes minutos antes, e formigavam incessantemente. Talvez nem mesmo conseguisse andar, e a perna idiota e inútil...

Elide ouviu de novo, rezando para que Anneith voltasse a atenção dos ilken para outro lugar.

Apenas silêncio a recebeu. Mais nenhum grito.

Agora. Iria *agora*, enquanto tivesse a proteção da escuridão.

A jovem não deu mais um segundo para que o medo sussurrasse veneno em seu sangue. Tinha sobrevivido a Morath, sobrevivera semanas sozinha. Ela conseguiria, *precisava* conseguir, e não se importaria nem um pouco em ser a maldita lavadora de louças da rainha se isso significasse que *sobreviveria*...

Elide se esticou; os ombros doeram ao levantar silenciosamente o alçapão, fazendo com que o pequeno tapete escorregasse para trás. A jovem observou o interior da carruagem — os bancos vazios de cada lado —, então analisou a noite que a chamava além. Luz se projetava do acampamento atrás dela, mas adiante... havia um mar de escuridão. O campo devia estar a uns 10 metros.

Elide encolheu o corpo com o ranger da madeira enquanto erguia o alçapão o suficiente para poder se arrastar, de barriga para baixo, por cima do piso de tábua. Contudo, o vestido se agarrou, o que a levou a parar. Ela trincou os dentes, puxando às cegas. Só que a roupa havia se prendido dentro do espaço apertado. Que Anneith a salvasse...

— Diga-me — falou uma grave voz masculina, de perto do assento do motorista atrás de Elide. — O que teria feito se eu fosse um soldado ilken?

Alívio transformou seus ossos em líquido, e ela conteve um soluço. Ao se virar, encontrou Lorcan coberto em sangue preto, sentado no banco atrás do assento do condutor, as pernas esticadas em frente ao corpo. O machado e a espada estavam jogados ao lado, cobertos naquele sangue preto também, e ele despreocupadamente mastigava um talo longo de trigo conforme olhava a parede de lona da carruagem.

— A primeira coisa que eu teria feito em seu lugar — ponderou Lorcan, ainda sem olhar para Elide — teria sido descartar o vestido. Cairia de cara no chão se corresse com ele, e o vermelho seria quase como soar uma campainha.

A jovem puxou a roupa de novo, e o tecido rasgou por fim. Com uma expressão de raiva, ela deu tapinhas onde a roupa cedera, encontrando um pedaço solto do painel de madeira.

— A segunda coisa que eu teria feito — continuou o guerreiro, sem sequer se incomodar em limpar o sangue que lhe manchava o rosto — seria dizer a maldita verdade. Sabia que aquelas bestas ilken *adoram* falar com o incentivo certo? E me

contaram umas coisas muito, muito interessantes. — Aqueles olhos pretos por fim se voltaram para ela, completamente cruéis. — Mas não me contou a verdade, não foi, Elide?



Os olhos da jovem estavam arregalados; a cor tinha se esvaído do rosto sob a maquiagem. Elide perdera a peruca em algum lugar, e a camada escura de cabelos se soltara de alguns dos grampos conforme ela saía do compartimento secreto. Lorcan observava cada movimento, avaliando e considerando e debatendo o que fazer, exatamente.

Mentirosa. Mentirosa espertinha.

Elide Lochan, Lady de Perranth por direito, saiu rastejando, fechou o alçapão e olhou com raiva para o guerreiro de onde estava ajoelhada no chão. Ele lhe devolveu o olhar.

— Por que eu deveria ter confiado em você — retrucou ela, com uma frieza impressionante. — Quando havia me perseguido durante *dias* na floresta? Por que deveria ter contado alguma coisa a meu respeito quando poderia ter me vendido a quem oferecesse mais?

O corpo de Lorcan doía; a cabeça latejava por causa do massacre ao qual sobrevivera por pouco. Os ilken tinham morrido... mas não facilmente. E aquele mantido vivo, aquele que Nik e Ombriel imploraram que ele matasse para acabar logo com aquilo, contara muito pouco, na verdade.

Mas o semifeérico decidira que a *esposa* não precisava saber daquilo. Decidira que estava na hora de ver o que ela poderia revelar se ele soltasse algumas mentiras para enganá-la.

Elide olhou para as armas, para o sangue fétido que o cobria como óleo.

— Você matou todos eles?

Lorcan tirou o talo de trigo da boca.

— Acha que eu estaria sentado aqui se não tivesse matado?

Elide Lochan não era uma reles humana tentando voltar para a terra natal e servir à rainha. Era uma *lady* de sangue real, que queria retornar para aquela vadia cuspidora de fogo no norte e oferecer a ajuda que pudesse. As duas seriam perfeitas uma para a outra, decidiu Lorcan. A mentirosa de rosto doce e a insuportável princesa arrogante.

A jovem afundou no banco, massageando os pés e as panturrilhas.

— Estou arriscando o pescoço por você — disse ele, em voz baixa demais. — E, ainda assim, decidiu não me contar que seu tio não é um mero comandante em Morath, mas o braço direito de Erawan... e *você* é seu bem valioso.

— Contei o suficiente da verdade. Quem eu sou não faz diferença. E não sou um bem de ninguém.

O temperamento de Lorcan puxou a coleira que o guerreiro cuidadosamente mantivera firme antes de rastrear o cheiro de Elide até aquela carruagem. Do lado de fora, os demais faziam as malas às pressas, preparando-se para fugir durante a noite antes que os aldeões decidissem culpá-los pelo desastre.

— Quem você é faz diferença, sim. Com sua rainha em movimento, seu tio sabe que ela pagaria um preço alto para recuperá-la. Não é apenas um bem para a procriação, é uma ferramenta de negociação. Pode muito bem ser o que fará aquela vadia cair de joelhos.

Ódio lampejou naquele rosto de feições finas.

— Você também guarda muitos segredos, *Lorcan*. — Elide disparou o nome, como uma maldição. — E ainda não consegui decidir se acho um insulto ou uma piada que me ache tão burra a ponto de não perceber. Que tenha me considerado uma menininha tão acuada pelo medo, tão grata pela presença de um guerreiro forte e emburrado que sequer questione por que estava lá ou o que queria ou o que tem a perder com tudo isso. Dei a você exatamente o que queria ver: uma jovem perdida, necessitando de ajuda, talvez um pouco habilidosa com mentiras e enganação, mas, no fim das contas, não digna de mais de um segundo de consideração. E você, com toda a arrogância imortal, não pensou duas vezes. Por que deveria, se humanos são tão inúteis? Por que deveria sequer se incomodar, quando planejava me abandonar assim que conseguisse o que queria?

Lorcan piscou, apoiando os pés no chão. Elide não recuou um centímetro.

O guerreiro não conseguia se lembrar da última vez que alguém falara com ele daquele jeito.

— Eu tomaria cuidado com o que diz.

Ela lançou um sorrisinho de ódio a Lorcan.

— Ou o quê? Vai me vender para Morath? Me usar como seu bilhete de entrada?

— Não tinha pensado nisso, mas obrigado pela ideia.

A jovem engoliu em seco, o único sinal de medo. E ela disse, claramente e sem um

pingo de hesitação:

— Se tentar me levar para Morath, tiro minha vida antes que consiga me carregar pela ponte da Fortaleza.

Foi a ameaça, a promessa, que conteve seu ódio, a pura *ira* por... por Elide ter, de fato, encarnado exatamente o papel que ele esperava dela, usando a arrogância e o preconceito de Lorcan. Com cuidado, ele disse:

— O que está carregando que faz com que eles a cacem tão incessantemente? Não é seu sangue real, não é sua magia e sua utilidade para a procriação. O objeto que carrega consigo... o que é?

Talvez fosse uma noite de verdades, talvez a morte pairasse perto o suficiente e a tornasse um pouco inconsequente, mas ela disse:

— É um presente... para Celaena Sardothien. De uma mulher que foi mantida aprisionada em Morath, que esperou muito tempo para recompensá-la por uma bondade do passado. Mais que isso eu não sei.

Um presente para uma assassina, não para a rainha. Talvez nada importante, mas...

— Deixe-me ver.

— Não.

Eles se encararam de novo. E Lorcan sabia que se quisesse, poderia esperar até que Elide estivesse dormindo para tomar o objeto e sumir. Ver o que a tornava tão protetora em relação àquilo.

No entanto, ele sabia... alguma parte pequena e estúpida sabia que, se o tomasse daquela mulher que já tivera tanto roubado dela... Não sabia se haveria retorno. Fizera coisas tão desprezíveis e cruéis ao longo dos séculos, e não pensara duas vezes. Deleitara-se com elas, sentira prazer com elas, com a crueldade.

Mas isso... havia um limite. De alguma forma... de alguma forma havia um maldito limite ali.

Elide pareceu captar a decisão de Lorcan... com qualquer que fosse o dom que tivesse. Os ombros da jovem se curvaram, e ela encarou a parede de lona inexpressivamente conforme os ruídos do grupo se aproximaram, com súplicas para que se apressassem e empacotassem as coisas, deixando para trás o que não fizesse falta.

— Marion era o nome de minha mãe — explicou ela baixinho. — Ela morreu defendendo Aelin Galathynius de seu assassino. Minha mãe ganhou tempo para que Aelin fugisse... para que escapasse e, então, pudesse retornar um dia e salvar todos nós. Meu tio, Vernon, apenas observou e sorriu enquanto meu pai, o Lorde de Perranth,

foi executado do lado de fora de nosso castelo. Depois ele tomou o título, as terras e o lar de meu pai. E, durante os dez anos seguintes, meu tio me trancou na torre mais alta do Castelo de Perranth, com apenas minha enfermeira como companhia. Quando quebrei o pé e o tornozelo, ele não confiou nos curandeiros para que me tratassem. Havia barras nas janelas da torre a fim de evitar que eu me matasse, e meus tornozelos foram acorrentados para impedir uma fuga. Saí pela primeira vez em uma década quando ele me enfiou em uma carruagem de prisão e me arrastou até Morath. Lá, ele me obrigou a trabalhar como criada, pelo prazer que sente ao humilhar e intimidar. Planejei e sonhei em escapar todos os dias. E quando chegou o momento... Aproveitei a chance. Eu não sabia sobre os ilken, tinha apenas ouvido boatos de coisas desprezíveis sendo criadas nas montanhas além da Fortaleza. Não tenho terras, dinheiro ou um exército para oferecer a Aelin Galathynius. Mas a encontrarei, então ajudarei da forma que puder. Mesmo que seja só para evitar que uma garota, apenas *uma*, jamais sofra o que sofri.

Lorcan permitiu que a verdade do que Elide dissera fosse absorvida. Deixou que as palavras ajustassem a visão que tinha dela. Os... planos dele.

Em seguida disse, bruscamente:

— Tenho mais de 500 anos. Fiz um juramento de sangue à rainha Maeve dos feéricos e sou seu braço direito. Fiz coisas grandiosas e terríveis em seu nome e farei outras antes que a morte me reivindique. Nasci como um bastardo nas ruas de Doranelle, correndo solto com as outras crianças descartadas até perceber que meus talentos eram diferentes. Maeve também reparou nisso. Posso matar mais rápido, assim como posso sentir quando a morte está próxima. Acho que minha magia é a morte, concedida a mim pelo próprio Hellas. Estou nestas terras em nome de minha rainha... embora tenha vindo sem sua permissão. Maeve pode muito bem resolver me caçar e me matar por isso. Se suas sentinelas chegarem me procurando, é mais vantajoso para você fingir não saber quem e o que sou. — Havia mais, porém... Elide ainda mantinha segredos também. Tinham oferecido um ao outro o suficiente por enquanto.

Nenhum medo tingia o cheiro da jovem; nem mesmo um vestígio. Tudo que falou foi:

— Tem família?

— Não.

— Tem amigos?

— Não. — Seu conjunto de guerreiros não contava. Afinal, o desgraçado do

Whitethorn não parecera se importar quando os havia abandonado para servir Aelin Galathynius; Fenrys não fazia segredo do fato de que odiava o laço; Vaughan mal aparecia; ele não suportava o autocontrole inabalável de Gavriel; e Connall estava ocupado demais montando Maeve como um animal a maior parte do tempo.

Elide inclinou a cabeça, e os cabelos deslizaram sobre o rosto. Lorcan quase ergueu a mão, afastando-os para interpretar os olhos escuros da jovem. Mas as mãos estavam cobertas por aquele sangue imundo. E tinha a sensação de que Elide Lochan não queria ser tocada, a não ser que pedisse.

— Então — murmurou ela — você e eu somos iguais nesse aspecto, pelo menos.

Sem família e sem amigos. Não parecera tão patético até ser dito por ela em voz alta, até ele subitamente se ver pelos olhos da jovem.

Então Elide gesticulou com os ombros, ficando de pé ao ouvir a voz de Molly disparar próxima a eles.

— Deveria se limpar... parece um guerreiro de novo.

Lorcan não tinha certeza se aquilo fora um elogio.

— Nik e Ombriel, infelizmente, perceberam que você e eu talvez não sejamos o que parecemos.

Alarme disparou nos olhos de Elide.

— Seria melhor partir...

— Não. Eles guardarão nossos segredos. — Ao menos porque o tinham visto atacar aqueles ilken, e sabiam exatamente o que poderia ser feito com eles se sequer respirassem errado na direção de ambos. — Podemos ficar um tempo ainda... até nos livrarmos dessa situação.

Elide assentiu e seguiu para os fundos da carruagem, o andar manco acentuado. Ela se sentou na beirada para descer, pois o tornozelo destruído era fraco e doía demais para que pudesse saltar. Ainda assim, a jovem se movia com uma dignidade silenciosa, sibilando um pouco ao tocar o pé no chão.

Lorcan a observou mancar noite adentro sem sequer olhar para trás.

E se perguntou que diabos ele estava fazendo.

42

A morte tinha cheiro de sal e sangue e madeira e podridão.

E doía.

Que a Escuridão a envolvesse, como a dor era infernal. As Anciãs tinham mentido quanto a curar todas as doenças, se a pontada de dor no abdômen era algum indicativo. Sem falar da dor de cabeça latejante, da boca completamente seca, do ardor do outro corte no braço.

Talvez a Escuridão fosse outro mundo, outro reino. Talvez ela tivesse ido para a reino do inferno que os humanos tanto temiam.

Ela odiava a Morte.

E a Morte também podia ir para o inferno...

Manon Bico Negro entreabriu as pálpebras, pesadas demais, queimando demais, e semicerrou os olhos contra a luz tremeluzente da lanterna que pendia de painéis de madeira no quarto onde estava deitada.

Não era um quarto de verdade, percebeu ela por causa do fedor de sal e também por causa do balanço e do ranger do mundo ao redor. Era uma cabine... em um navio.

Bem pequena e aos pedaços, onde mal cabia aquela cama, uma portinhola estreita até mesmo para os ombros de Manon se espremerem...

Ela se levantou subitamente. Abraxos. Onde estava *Abraxos*...

— Relaxe — disse uma voz feminina muito familiar das sombras perto do pé da cama.

Dor irradiou na barriga da bruxa, uma resposta atrasada ao movimento súbito, e ela olhou das ataduras brancas que roçavam seus dedos para a jovem rainha, jogada na cadeira ao lado da porta. Olhou entre a mulher e as correntes que envolviam os próprios pulsos e tornozelos; ancorada às paredes com o que pareciam ser buracos recém-perfurados.

— Parece que tem mais uma dívida de vida comigo, Bico Negro — comentou Aelin Galathynius, com humor frio nos olhos turquesa. *Elide*. Será que Elide havia chegado até lá...

— Sua enfermeira agitadiça em forma de serpente alada está bem, aliás. Não sei como você acabou ficando com uma coisinha doce como aquela por montaria, mas ele fica satisfeito de simplesmente se deitar ao sol no deque da proa. Embora não possa dizer que os marinheiros estejam particularmente felizes, principalmente ao limparem a sujeira.

Encontre algum lugar seguro, dissera Manon a Abraxos. Será que ele de alguma forma encontrara a rainha? De alguma forma soubera que aquele era o único lugar em que ela teria uma chance de sobreviver?

Aelin apoiou os pés no chão, e as botas fizeram um ruído baixo. Havia um tipo sincero de impaciência com qualquer merda que não estivera lá da última vez que Manon vira a mulher. Como se a guerreira que rira durante a batalha no alto do templo de Temis tivesse perdido parte daquela diversão maliciosa, mas tivesse ganhado mais astúcia cruel.

A barriga da bruxa irradiou um pulso de dor que a fez morder o lábio para evitar sibilar.

— Quem quer que tenha causado esse ferimento não estava de brincadeira — comentou a rainha. — Problemas em casa?

Não era de sua conta, nem de mais ninguém.

— Deixe que eu me cure e irei embora — respondeu Manon, a voz rouca, a língua parecendo uma casca seca e pesada.

— Ah, não — ronronou Aelin. — Não vai a lugar algum. Sua montaria pode fazer o que quiser, mas você é agora oficialmente nossa prisioneira.

A cabeça começou a girar, mas a bruxa se obrigou a dizer:

— Nossa?

Um sorrisinho esperto. Então a rainha se levantou graciosamente. Os cabelos estavam mais longos, o rosto mais fino, aqueles olhos turquesa severos e assombrados.

Ela falou, simplesmente:

— Eis as regras, Bico Negro. Se tentar fugir, morre. Se ferir alguém, morre. Se de alguma forma nos causar problemas... Acho que entendeu aonde quero chegar com isso. Se der um passo fora da linha, terminarei o que começamos naquele dia na floresta, com ou sem dívida de vida. Dessa vez não precisarei de aço para fazê-lo.

Conforme falava, chamas douradas pareciam lampejar em seus olhos. E Manon percebeu, sem pouca ansiedade, mesmo com a dor, que a rainha poderia, de fato, acabar com sua vida antes que a bruxa se aproximasse o suficiente para matar.

Aelin se voltou para a porta, levando a mão coberta de cicatrizes até a maçaneta.

— Encontrei farpas de ferro em sua barriga antes de curá-la. Sugiro que não minta para quem quer que consiga tolerar ficar perto tempo o suficiente para ouvir a história completa. — Ela indicou o chão com o queixo. Havia uma jarra e um copo ali. — Tem água ao lado da cama. Se conseguir alcançar.

Então saiu.

Manon ouviu os passos firmes se afastarem. Nenhuma outra voz ou som além do bater das ondas contra o navio, o ranger da madeira e... gaivotas. Ainda deviam estar ao alcance da costa então. Velejando para onde... Ela teria de descobrir.

Depois que se curasse. Depois que se soltasse dos ferros. Depois que chegasse a Abraxos.

Mas ir para onde? Para quem?

Não havia ninho para recebê-la, nenhum clã a protegeria da avó. E as Treze... Onde estariam? Será que haviam sido caçadas?

O estômago de Manon queimou, mas ela se esticou para pegar a água. Dor irrompeu com tanta força que a bruxa desistiu depois de um segundo.

Tinham ouvido, sem dúvida... o que ela era. As Treze tinham ouvido.

Não apenas uma mistura de Crochan... mas a última rainha Crochan.

E a irmã... a meia-irmã...

Manon encarou o teto de madeira sombreado.

Ela conseguia sentir o sangue daquela Crochan nas mãos. E o manto... aquele manto vermelho estava apoiado na beira da cama. O manto da irmã de Manon. Que a avó a fizera usar, sabendo a quem pertencia, sabendo de quem era a garganta que ela cortara.

Não era mais a herdeira Bico Negro, com ou sem sangue Crochan.

Desespero se aninhou, como um gato, em torno da dor na barriga. Ela não era

nada nem ninguém.

Então Manon caiu no sono sem perceber.



A bruxa dormiu por três dias depois que Aelin relatou que ela havia acordado. Dorian ia à cabine entulhada com Rowan e a rainha sempre que os dois a curavam um pouco mais, observando a forma como a magia funcionava, mas sem ousar tentar o próprio poder na Bico Negro inconsciente.

Mesmo inconsciente, cada fôlego, cada tremor de Manon era um lembrete de que era uma predadora nata; o rosto dolorosamente lindo era uma máscara cuidadosa para atrair os incautos até a ruína.

Parecia adequado, de alguma forma, considerando que *eles* estavam provavelmente velejando para a própria desgraça.

Conforme os dois navios de Rolfe os escoltavam pela costa de Eyllwe, tinham se mantido bem longe da praia. Uma tempestade cruel os fizera ancorar entre o pequeno aglomerado de ilhas ao largo das águas de Leriba, e apenas sobreviveram graças aos ventos de Rowan que os protegeram. A maioria, mesmo assim, passou o tempo todo com a cabeça em um balde. Inclusive Dorian.

Já se aproximavam de Banjali — e o rapaz tentara não pensar na amiga morta a cada légua mais perto da linda cidade, mas fracassara. Tentara não considerar se Nehemia estaria com eles naquele exato navio caso as coisas não tivessem dado tão terrivelmente errado, mas fracassara. Tentara não contemplar se aquele toque que ela lhe dera certa vez — a marca de Wyrd que lhe desenhara no peito — tinha de alguma forma... despertado seu poder, mas fracassara. Se aquilo fora uma maldição tanto quanto uma bênção.

Dorian não tivera coragem de perguntar o que Aelin estava sentindo, embora a encontrasse frequentemente encarando a costa; mesmo que não conseguissem vê-la, mesmo que não fossem se aproximar.

Mais uma semana — talvez menos, se a magia de Rowan ajudasse — e chegariam ao limite leste do pântano de Pedra. E depois que estivessem ao alcance... precisariam confiar nas direções vagas de Rolfe para guiá-los.

E evitar a armada de Melisande — a armada de Erawan agora, supôs Dorian —, esperando do outro lado da península no golfo de Oro.

Mas por enquanto... o jovem rei estava de vigia no quarto de Manon, pois ninguém queria arriscar no que dizia respeito à herdeira Bico Negro.

Dorian pigarreou quando as pálpebras da bruxa estremeceram, erguendo os cílios pretos um pouco... então os olhos se abriram inteiramente.

Olhos dourados, anuviados pelo sono, encontraram os do rapaz.

— Oi, bruxinha — cumprimentou ele.

A boca cheia e sensual da bruxa se contraiu de leve, reprimindo uma careta ou um sorriso, Dorian não soube dizer. Mas ela se sentou, os cabelos brancos como o luar deslizando para a frente; as correntes emitiram um clangor.

— Oi, principezinho — respondeu Manon. Pelos deuses, como a voz estava áspera.

Dorian olhou para a jarra de água.

— Quer uma bebida?

A bruxa devia estar seca. Mal tinham conseguido lhe jogar uma gota pela garganta, pois não queriam arriscar que engasgasse nem que soltasse aqueles dentes de ferro de onde quer que os mantivesse.

Manon observou a jarra, então o rapaz.

— Sou sua prisioneira também?

— Minha dívida de vida está paga — retrucou ele, simplesmente. — Não é nada para mim.

— O que aconteceu — começou Manon, com a voz rouca. Uma ordem, e uma que Dorian permitiu que ela desse.

Ele encheu o copo, tentando não parecer calcular o alcance da bruxa naquelas correntes quando o entregou a ela. Nenhum sinal das unhas de ferro conforme os dedos finos envolveram o copo. Manon encolheu levemente o corpo, então o encolheu mais um pouco ao levar a bebida aos lábios pálidos... e bebeu. E bebeu.

Ela secou o copo. Dorian silenciosamente o encheu de novo. Uma vez. Duas. Três.

Quando ela finalmente terminou, o rapaz disse:

— Sua serpente alada voou reta como uma flecha até nós. Você caiu da sela para a água a quase 50 metros de nosso navio. Como o animal nos encontrou não sabemos. Tiramos você da água, então Rowan precisou atar sua barriga temporariamente no deque antes que pudéssemos sequer movê-la para cá. É um milagre que não esteja morta simplesmente pela perda de sangue. Sem falar na infecção. Há uma semana está aqui embaixo enquanto Aelin e Rowan têm trabalhado em você, precisaram abri-la de

novo em alguns pontos para tirar a carne ruim. Você tem acordado e apagado desde então.

Dorian não quis mencionar que fora ele quem saltara na água. Simplesmente... agira, como Manon também tinha agido quando o salvara na torre. Não devia menos à bruxa. Lysandra, na forma de dragão marinho, alcançara os dois momentos depois, então Dorian abraçara Manon, seu peso na água, conforme havia subido no dorso da metamorfa. A bruxa estivera muito pálida, e o ferimento no estômago... O rapaz quase perdera o café da manhã ao ver aquilo. Ela parecia um peixe que tivera as vísceras porcamente limpas.

Estripada, confirmara Aelin uma hora depois ao erguer um pequeno pedaço metálico, por alguém com unhas de ferro muito, muito afiadas.

Nenhum deles mencionara que poderia ter sido uma punição... por ter salvo Dorian.

Manon observava o quarto com olhos que rapidamente despertavam.

— Onde estamos?

— No mar.

Aelin ordenara que não desse a ela informação alguma a respeito dos planos e de seu paradeiro.

— Está com fome? — perguntou Dorian, imaginando o que exatamente ela comia.

De fato, aqueles olhos dourados dispararam para a garganta do rapaz.

— Sério? — Ele ergueu uma sobrancelha.

As narinas de Manon se dilataram levemente.

— Apenas como diversão.

— Você não é... parcialmente humana, ao menos?

— Não das formas que importam.

Certo; porque as outras partes... feérica, valg... Fora sangue valg que moldara as bruxas. O exato príncipe que infestou Dorian compartilhava o sangue com Manon. Do poço escuro de sua memória, imagens e palavras escaparam... daquele príncipe valg encarando os olhos dourados que Dorian fitava no momento, gritando para que se afastasse... Olhos dos reis valg. O rapaz falou, com cautela:

— Isso quer dizer que você se considera mais valg que humana então?

— Os valg são meus inimigos... Erawan é meu inimigo.

— E isso nos torna aliados?

Manon não revelou nem que sim nem que não.

— Há uma jovem na companhia de vocês chamada Elide?

— Não. — Que diabo de pessoa era essa? — Jamais encontramos alguém com esse nome.

A bruxa fechou os olhos por um segundo. A garganta fina ondulou.

— Teve notícias de minhas Treze?

— Vocês são a primeira montadora e serpente alada que vemos em semanas. — Dorian contemplou por que ela teria perguntado, por que ficara tão imóvel. — Não sabe se estão vivas.

E com aquelas lacerações de ferro na barriga...

A voz de Manon veio inexpressiva e fria como a morte:

— Diga a Aelin Galathynius que não se incomode em me usar para negociações. A Matriarca Bico Negro não me reconhecerá como herdeira ou bruxa, e acabarão apenas revelando a localização de vocês.

A magia de Dorian estremeceu.

— O que aconteceu depois de Forte da Fenda?

Ela se deitou de novo, inclinando a cabeça para outra direção. Um borrifo do mar entrou pela portinhola aberta e caiu sobre os cabelos de Manon, fazendo-os brilhar na cabine escura.

— Tudo tem um preço.

E foram aquelas palavras, o fato de que a bruxa voltara o rosto para longe e parecia esperar que a morte a reivindicasse, que fizeram Dorian dizer:

— Certa vez eu disse para você me encontrar de novo, parece que mal pôde esperar para ver meu lindo rosto.

Os ombros da bruxa tensionaram de leve.

— Estou com fome.

O jovem rei sorriu devagar.

Como se tivesse ouvido aquele sorriso, Manon exibiu uma expressão de raiva.

— *Comida.*

Mas ainda havia uma tensão — uma fragilidade limítrofe delineando cada curva do corpo de Manon. O que quer que tivesse acontecido, o que quer que ela tivesse sofrido... Dorian apoiou um braço no encosto da cadeira.

— Vai chegar em alguns minutos. Odiaria que você definhasse até virar nada. Seria uma pena perder a mulher mais linda do mundo tão no início da vida imortal e travessa.

— Não sou uma mulher. — Foi tudo que Manon disse. Ainda assim, temperamento irritadiço envolveu aqueles olhos dourados.

Ele deu de ombros de forma insolente, talvez apenas porque estivesse de fato acorrentada, talvez porque a morte irradiada pela bruxa o agitasse, mas não causasse medo.

— Bruxa, mulher... contanto que as partes importantes estejam aí, que diferença faz?

Manon se sentou devagar, com incredulidade e indignação no exausto rosto perfeito, e exibiu os dentes com um grunhido silencioso.

Dorian ofereceu um sorriso preguiçoso em resposta.

— Acredite ou não, este navio tem um número anormal de homens e mulheres atraentes a bordo. Vai se encaixar direitinho. E acredito que se encaixará muito bem com os imortais mal-humorados.

Ela olhou na direção da porta momentos antes de o rapaz ouvir passos se aproximando. Ficaram em silêncio até a maçaneta girar, revelando o rosto franzido de Aedion.

— Acordada e pronta para rasgar pescoços, parece — comentou o general, à guisa de cumprimento. Dorian se levantou, tomando a bandeja do que aparentava ser ensopado de peixe, e se perguntou se deveria testar a comida para ver se estava envenenada pelo olhar que Aedion lançava à bruxa. Ela olhou com a mesma raiva para o guerreiro de cabelos dourados.

— Eu teria acertado você e aquela minisserpente alada direto no céu se as coisas tivessem sido feitas do meu jeito. Sinta-se grata por minha rainha achá-la mais útil viva — disse o general.

Então ele se foi.

Dorian colocou a bandeja ao alcance de Manon e a observou cheirar a comida. A bruxa deu uma mordida lenta, cautelosa — como se deixasse a comida deslizar para a barriga a fim de sentir como se acomodava ali dentro. Como se, de fato, testasse por veneno. Enquanto esperava, ela perguntou:

— Não dá ordens neste navio?

Foi um esforço não se irritar.

— Conhece minhas circunstâncias. Estou agora à mercê de meus amigos.

— E a rainha de Terrasen é sua amiga?

— Não há ninguém em que eu confie mais para me proteger. — Exceto por

Chaol, mas... era inútil pensar nele, sentir sua falta.

Manon por fim deu outra mordida no ensopado de peixe. Então outra. E mais uma.

E Dorian percebeu que a bruxa evitava conversar. Tanto que perguntou:

— Foi sua avó que fez isso com você, não foi?

A colher parou na tigela de madeira lascada. Devagar, ela virou o rosto na direção do rapaz. Indecifrável, o rosto feito de pesadelos e fantasias da meia-noite.

— Sinto muito — admitiu ele. — Se o custo de me salvar naquele dia em Forte da Fenda foi... foi esse.

— Descubra se minhas Treze estão vivas, principezinho. Faça isso, e estarei sob seu comando.

— Onde as viu pela última vez?

Nada. Ela engoliu outra colherada.

— Elas estavam presentes quando sua avó fez isso com você? — insistiu Dorian.

Os ombros de Manon se curvaram um pouco, e ela pegou mais uma colherada de líquido anuviado, mas não o tomou.

— O custo de Forte da Fenda foi a vida de minha imediata. Eu me recusei a pagar. Então garanti a minhas Treze tempo de fuga. No momento que empunhei a espada contra minha avó, meu título e minha legião foram abdicados. Perdi as Treze enquanto fugia. Não sei se estão vivas ou se foram caçadas. — Os olhos da bruxa dispararam para os de Dorian, brilhando não só por causa do vapor do ensopado. — *Encontre-as* para mim. Descubra se vivem ou se voltaram à Escuridão.

— Estamos no meio do oceano. Não haverá notícia de nada por um tempo.

Manon voltou a comer.

— Elas são tudo que me resta.

— Então parece que somos ambos herdeiros sem coroa.

Uma risada sem humor. Os cabelos brancos se agitaram à brisa marinha.

Ele se levantou e caminhou até a porta.

— Farei o possível.

— E... Elide.

De novo aquele nome.

— Quem é ela?

Mas Manon tinha voltado ao ensopado.

— Apenas diga a Aelin Galathynius que Elide Lochan está viva... e procurando

por ela.



A conversa com o rei exigira tudo de Manon. Depois de comer, depois de beber mais água, ela havia se deitado na cama e dormido.

E dormido.

E dormido.

A porta se escancarara em certo momento, e a bruxa tivera a vaga lembrança da rainha de Terrasen, então seu príncipe general, exigindo respostas sobre algo. Elide, talvez.

Mas Manon ficara deitada ali, semiacordada, sem ânimo de pensar ou falar. Ela chegara a questionar se teria parado de se incomodar em respirar caso o corpo não fizesse aquilo involuntariamente.

Não percebera o quanto a sobrevivência das Treze poderia, de fato, ser impossível até estar praticamente implorando a Dorian Havilliard que as encontrasse. Até ter se visto desesperada o suficiente para vender a própria espada em busca de notícias.

Mesmo que quisessem servi-la depois de tudo. Uma Bico Negro — e uma Crochan.

E os pais... assassinados pela avó. Tinham prometido ao mundo uma filha da paz. E ela permitira que a avó a forjasse em uma filha da guerra.

Os pensamentos pairavam e rodopiavam, sugando suas forças, abafando cores e sons. Ela acordava e atendia às necessidades quando precisava, comia quando comida era deixada, mas tinha permitido que aquele sono pesado e insignificante lhe tomasse.

Às vezes, Manon sonhava que estava naquele quarto na Ômega, com o sangue da meia-irmã nas mãos e na boca. Às vezes, estava ao lado da avó, uma bruxa crescida, e não a bruxinha que fora na época, ajudando a Matriarca a esviscerar um homem lindo e barbudo que implorava pela vida dela — a vida da própria filha. Às vezes, sobrevoava uma exuberante terra verde, com a canção de um vento oeste cantando o lar da bruxa.

Normalmente, no sonho havia um enorme gato, pálido e salpicado como neve antiga sobre granito, sentado na cabine com ela, açoitando a longa cauda para trás e para a frente ao reparar na atenção esmaecida de Manon. Às vezes, havia um sorridente lobo branco. Ou um dourado leão da montanha de olhar calmo.

A bruxa desejou que fechassem as mandíbulas em torno de seu pescoço e a

esmagassem.

Mas jamais faziam aquilo.

Então Manon Bico Negro dormia. E sonhava.

43

Lorcan ainda se perguntava, três dias depois, que diabo estava fazendo. Já haviam deixado aquela cidade nas planícies para trás, mas o terror daquela noite cobria a trupe, como um cobertor pesado, a cada quilômetro de estrada percorrida.

Os demais não sabiam como, exatamente, eles sobreviveram aos ilken — não perceberam que as criaturas eram quase impossíveis de matar, e nenhum simples mortal poderia ter aniquilado sequer um, quanto mais quatro. Nik e Ombriel deram bastante espaço a Lorcan e Elide... e apenas os olhares observadores e cautelosos da dupla itinerante ao redor da fogueira, todas as noites durante o jantar, revelavam que ainda tentavam entender quem e o que Lorcan era.

Elide também se mantinha bem longe do semifeérico. Não tiveram a chance de montar as tendas habituais graças à fuga apressada, mas, naquela noite, a salvo dentro das muralhas de uma pequena cidade nas planícies, precisariam compartilhar um quarto na estalagem barata pela qual Molly relutantemente pagara.

Era difícil não reparar em Elide conforme ela avaliava a cidade e a estalagem — os olhos atentos, o indício de surpresa e confusão que às vezes lhe cruzava o rosto.

Lorcan usava um tendão de magia para manter seu pé estabilizado. Ela jamais comentara a respeito daquilo. E às vezes aquela magia sombria e obscura do guerreiro roçava contra o que quer que fosse que Elide carregava — um presente de uma mulher à beira da morte para uma assassina impulsiva —, e se encolhia.

Ele não insistira para ver o objeto desde aquela noite, embora tivesse passado bastante tempo contemplando o que poderia ter saído de Morath. Colares e anéis provavelmente eram só o começo.

Whitethorn e a rainha vadia não tinham ideia dos ilken — talvez da maioria dos

horrores que Elide compartilhara com Lorcan. Ele se perguntou o que uma parede de fogo selvagem poderia fazer contra as criaturas; se perguntou se os ilken estavam de alguma forma treinando contra o arsenal de Aelin Galathynius. Se Erawan fosse esperto, teria algo em mente.

Enquanto os demais se arrastavam para dentro da estalagem em ruínas em busca de comida e descanso, Elide informou Molly que sairia para um passeio ao longo do rio, então seguiu pelas ruas de paralelepípedos. E, embora seu estômago roncasse, Lorcan a seguiu, sempre o marido protetor da linda esposa em uma cidade que já vira dias melhores — décadas melhores. Sem dúvida causado pelas construções intermináveis de estradas de Adarlan pelo interior, e o fato de que aquela cidade tinha ficado longe de qualquer via importante no continente.

A tempestade de raios que Lorcan sentira se acumular no horizonte seguia lenta na direção da cidade erguida em pedras, a luz alternando-se entre dourado e prateado. Em minutos, a umidade espessa foi lavada por uma onda bem-vinda de frio. O guerreiro concedeu a Elide três quarteirões antes de caminhar ao lado dela e dizer:

— Vai chover.

Ela lançou um olhar inexpressivo para o semifeérico.

— Sei o que trovão significa.

A cidade murada fora construída flanqueando um pequeno e esquecido rio; duas grandes comportas, uma em cada ponta, exigiam pedágios para entrar, e acompanhavam as mercadorias que passavam. O cheiro de água velha, peixe e madeira podre chegaram a Lorcan antes da visão das águas lamacentas e tranquilas, e foi precisamente no limite do cais que Elide parou.

— O que está procurando? — perguntou ele, por fim, de olho no céu que escurecia. Os operários do cais, assim como marinheiros e mercadores, também monitoravam as nuvens conforme se apressavam. Alguns permaneciam para amarrar as longas barcas planas e prender os remos lisos usados para navegar o rio. O guerreiro vira um reino, talvez houvesse trezentos anos, que dependia de barcas para navegar as mercadorias de um lado para outro. Ele não se lembrava do nome, fora perdido nas catacumbas da memória, mas se perguntou se ainda existiria, enfiado entre duas cadeias montanhosas do outro lado do mundo.

Os olhos brilhantes de Elide acompanharam um grupo de homens bem-vestidos se dirigindo para o que parecia ser uma taverna.

— Tempestade significa achar abrigo — murmurou ela. — Abrigo significa estar

preso do lado de dentro sem nada para fazer, a não ser fofocar. Fofoca significa notícias de mercadores e marinheiros sobre o resto do mundo. — Aqueles olhos se voltaram para Lorcan, humor sarcástico dançava ali. — É *isso* que trovão significa.

Ele piscou enquanto a jovem seguiu os homens que entravam na taverna no cais. As primeiras gotas gordas de tempestade caíram nos paralelepípedos salpicados de musgo da rua.

Lorcan a seguiu para o interior do estabelecimento, e parte dele admitia que, apesar dos quinhentos anos sobrevivendo e matando e servindo, jamais encontrara alguém tão... pouco impressionada com ele. Mesmo a maldita Aelin tinha alguma noção da ameaça que o semifeérico representava. Talvez viver com monstros a tivesse desprovido de um medo saudável. Lorcan se perguntou como Elide não se tornara um monstro no processo.

O guerreiro observou os detalhes do salão por instinto e treinamento, sem encontrar nada que valesse um segundo pensamento. O fedor do lugar — corpos sujos, mijo, mofo, lã molhada — ameaçava sufocá-lo. Mas em apenas alguns momentos, Elide conseguira uma mesa perto de um aglomerado daquelas pessoas do cais e pedira duas canecas de cerveja, mais o que quer que fosse o especial de almoço.

Lorcan se acomodou na antiga cadeira de madeira ao lado, perguntando-se, ao ouvir o móvel ranger, se a maldita coisa desabaria sob ele. Trovão estalou acima, e todos os olhos se voltaram para o vão de janelas que dava para o cais. Chuva caiu intensamente, fazendo as barcas oscilarem e se agitarem.

O almoço foi largado diante dos dois, e as tigelas ressoaram, fazendo o pegajoso ensopado marrom transbordar sobre as bordas lascadas. Avaliando o salão, Elide sequer olhou para o conteúdo, nem tocou as cervejas jogadas ali com total desinteresse por uma gorjeta.

— Beba — ordenou ela a Lorcan.

Ele considerou dizer à jovem que não lhe desse ordens, mas... gostava de ver aquela pequena criatura de ossos finos em ação. Gostava de vê-la mensurar um salão cheio de estranhos e selecionar a presa. Porque era uma caçada — pela melhor e mais segura fonte de informação. A pessoa que não reportaria a um guarda da cidade ainda sob controle de Adarlan que uma moça de cabelos pretos fazia perguntas sobre forças inimigas.

Então Lorcan bebeu e observou Elide enquanto ela observava os demais. Tantos pensamentos calculados sob aquele rosto pálido, tantas mentiras prontas para serem

derramadas daqueles lábios em formato de botão de rosa. Parte do guerreiro se perguntou se sua rainha poderia achar a jovem útil — se Maeve também perceberia o fato de que talvez a própria Anneith tivesse ensinado a menina a olhar e ouvir e mentir.

Parte de Lorcan odiou pensar em Elide nas mãos de Maeve. No que ela se tornaria. No que a rainha pediria que a jovem fizesse como espiã ou cortesã. Talvez fosse bom que Elide fosse mortal, com a vida curta demais para que Maeve se incomodasse em aperfeiçoá-la até que se tornasse possivelmente a mais cruel sentinela.

Estava tão ocupado pensando naquilo que quase não reparou quando a jovem recostou o corpo casualmente na cadeira e interrompeu a mesa de mercadores e de capitães atrás da deles.

— Como assim Forte da Fenda se foi?

O semifeérico retomou a atenção. Mas tinham ouvido aquilo semanas antes.

A capitã mais perto da dupla — uma mulher no início dos 30 anos — estudou Elide, depois Lorcan, então respondeu:

— Bem, não se foi, mas... bruxas agora a controlam, em nome do duque Perrington. Dorian Havilliard foi destronado.

Elide, a mentirosinha esperta, pareceu completamente chocada.

— Estamos no coração da floresta há semanas. Dorian Havilliard está morto? — Ela sussurrou as palavras, como se horrorizada... como se para evitar ser ouvida.

Outra pessoa na mesa — um homem mais velho, barbudo — comentou:

— Jamais encontraram o corpo, mas, se o duque está declarando que ele não é mais rei, presumo que esteja vivo. Não haveria motivo em fazer proclamações contra um homem morto.

Trovão chacoalhou, quase abafando o sussurro quando a jovem indagou:

— Será que ele... ele iria para o norte? Para... ela?

Sabiam exatamente de quem Elide falava. E Lorcan sabia exatamente por que ela fora até ali.

Iria partir. No dia seguinte, quando a caravana fosse embora. Provavelmente contrataria um daqueles barcos para que a levasse para o norte, e ele... ele iria para o sul. Para Morath.

Os companheiros trocaram olhares, considerando a aparência da moça... então a de Lorcan. Ele tentou sorrir, tentou parecer comum, e não ameaçador. Nenhum deles devolveu o olhar, embora o guerreiro devesse ter feito algo certo, porque o homem barbudo respondeu:

— Ela não está no norte.

Foi a vez de Elide de ficar imóvel.

— Dizem os boatos que esteve em Ilium, destroçando soldados — continuou o sujeito. — Então comentaram que ela estava em baía da Caveira semana passada, conjurando o inferno. Agora veleja para outro lugar, alguns dizem Wendlyn, outros, Eyllwe, há ainda quem diga que está fugindo para o outro lado do mundo. Mas não está no norte. Não estará por um tempo, parece. Se quer saber minha opinião, não acho que seja inteligente deixar o próprio lar sem defesa. Mas mal se tornou mulher; não pode mesmo saber muito sobre guerra.

Lorcan duvidava daquilo e duvidava de que a vadia fizesse um movimento sem que Whitethorn e o filho de Gavriel dessem opiniões. No entanto, Elide expirou, estremecendo.

— Por que sequer deixar Terrasen?

— Vai saber... — A mulher retornou para a comida e sua companhia. — Parece que a rainha tem o hábito de aparecer onde menos se espera, liberando o caos e desaparecendo em seguida. Há um bom dinheiro no bolão de apostas sobre onde ela aparecerá a seguir. Eu digo Banjali, em Eyllwe... Vross aqui diz Varese, em Wendlyn.

— Por que Eyllwe? — insistiu Elide.

— Vai saber. Seria realmente tola se anunciasse os planos. — A capitã lançou um olhar afiado para a jovem, como se a mandasse ficar calada a respeito daquilo.

Elide retornou para a comida e a cerveja enquanto a chuva e o trovão abafavam a conversa no salão.

Lorcan a observou beber a caneca inteira em silêncio. E, quando pareceu menos suspeito, ela se levantou para partir.

Elide foi para duas outras tavernas na cidade — seguindo exatamente o mesmo padrão. A notícia mudava levemente cada vez que era contada, mas o consenso geral era de que Aelin estava em trânsito, talvez para o sul ou leste, e ninguém sabia o que esperar.

A jovem saiu do terceiro bar com Lorcan ao encalço. Não tinham se falado uma vez sequer desde que ela entrara na primeira estalagem. O guerreiro estivera perdido demais contemplando como seria subitamente viajar sozinho de novo. Deixar Elide... e nunca mais vê-la.

Então, encarando a chuva e o trovão, ela falou:

— Era para eu ir em direção ao norte.

Lorcan se viu em uma situação na qual não queria confirmar nem protestar. Como um tolo imprestável, ele se viu... hesitando para incitar a jovem a seguir o caminho original.

Elide abaixou a face; água e luz emolduravam as altas maçãs do rosto.

— Para onde vou agora? Como a encontro?

— O que captou dos boatos? — O semifeérico ousou responder. Lorcan estivera analisando cada pedacinho de informação, mas queria ver aquela mente esperta em ação.

E uma pequena parte queria ver o que Elide decidiria a respeito de seguirem caminhos separados também.

— Banjali, em Eyllwe. Acho que ela vai para Banjali — respondeu ela, baixinho.

Lorcan tentou não parecer aliviado demais. Chegara à mesma conclusão, apenas porque era o que Whitethorn teria feito, e ele próprio o treinara durante algumas décadas.

Elide esfregou o rosto.

— Quão... quão longe é?

— É longe.

Ela abaixou as mãos, com feições sombrias e brancas como osso.

— Como chego lá? Como... — A jovem esfregou o peitoral.

— Posso arranjar um mapa — disse Lorcan. Apenas para ver se ela pediria que ele ficasse.

A jovem engoliu em seco.

— Seria inútil.

— Mapas são sempre úteis.

— Não se você não sabe ler.

O guerreiro piscou, perguntando-se se teria ouvido direito. Mas vermelho ruborizou as bochechas pálidas de Elide, e os olhos pretos ficaram realmente cobertos por vergonha e desespero.

— Mas você... — Não houvera oportunidade naquelas semanas, percebeu ele, nenhum momento em que pudesse ter revelado aquilo.

— Aprendi o alfabeto, mas quando... quando tudo aconteceu — explicou ela — e fui colocada naquela torre... Minha enfermeira era analfabeta. Então não aprendi mais. E esqueci o que sabia.

Lorcan se perguntou se teria notado caso Elide não tivesse contado.

— Parece ter sobrevivido impressionantemente bem sem isso.

Ele falou sem considerar, mas parecia a coisa certa a dizer. Os cantos da boca de Elide se repuxaram para cima.

— Acho que sim — ponderou ela.

A magia de Lorcan captou a tropa antes que ouvisse ou sentisse seu cheiro.

O poder deslizou pelas espadas dos homens — armas rudimentares e meio enferrujadas —, então se banhou no medo crescente, na agitação, talvez até em uma pontada de sede de sangue.

Aquilo não era nada bom. Não quando estavam seguindo diretamente até eles.

Lorcan se aproximou de Elide.

— Parece que nossos amigos na trupe queriam ganhar uma moeda fácil.

O desespero impotente no rosto da jovem se afiou, deixando-a esperta e alerta.

— Guardas se aproximam?

O guerreiro assentiu; os passos já estavam perto o suficiente para que ele contasse quantos da tropa se aproximavam, vindos do coração da cidade, sem dúvida com a intenção de encurralá-los entre as espadas e o rio. Se fosse o tipo de sujeito inclinado a apostas, Lorcan apostaria que as duas pontes sobre o rio — a dez quarteirões de cada lado de ambos — já estavam cheias de guardas.

— Tem uma escolha — indicou ele. — Posso acabar com esse problema aqui, e podemos voltar para a estalagem para descobrir se Nik e Ombriel queriam se livrar de nós... — A boca de Elide se contraiu, e Lorcan já sabia qual seria a escolha antes de a oferecer: — Ou podemos entrar em uma daquelas barcas e dar o fora daqui agora mesmo.

— A segunda — sussurrou ela.

— Bom. — Foi a única resposta conforme o semifeérico pegou a mão da jovem e a puxou para a frente. Mesmo com o poder dando apoio a sua perna, Elide era lenta demais...

— Vá em frente — disparou ela.

Então Lorcan a jogou por cima de um ombro, segurando o machado na outra mão, e correu para a água.

Elide quicava e se chocava contra o ombro largo do guerreiro, inclinando a cabeça o suficiente para observar a rua atrás deles. Nenhum sinal dos guardas, mas... aquela

vozinha que sempre lhe sussurrava ao ouvido repuxava e implorava para que ela fosse embora. Que sumisse.

— Os portões na entrada da cidade — arquejou Elide, conforme músculos e ossos se chocavam contra sua barriga. — Também estarão lá.

— Deixe-os comigo.

Ela tentou não imaginar o que aquilo queria dizer, mas então estavam nas docas e Lorcan correu para uma barca, disparando degrau abaixo no cais e seguindo em direção do longo deque de madeira. A barca era menor que as demais, a câmara de um quarto só, no centro, pintada de verde-claro. Vazia; exceto por algumas caixas de mercadorias na proa.

O guerreiro guardou o machado, e Elide segurou o ombro do guerreiro, enterrando os dedos nos músculos, ao ser passada por cima da borda alta da barca e ser apoiada nas tábuas de madeira. A jovem cambaleou um pouco conforme as pernas se ajustaram à oscilação do rio, mas...

Lorcan já estava se virando na direção do homem alto e magro que vociferava para eles com uma faca em punho.

— Esse barco é *meu* — berrou ele. O sujeito percebeu quem exatamente teria de enfrentar quando atravessou a curta escada de madeira para o cais e viu o tamanho do semifeérico. Ele segurava tanto o machado *quanto* a espada nas mãos grandes, e trazia uma expressão de morte certa no rosto.

— É nosso barco agora — retrucou Lorcan simplesmente.

O homem olhou entre eles dois.

— Vocês... vocês não passarão pelas pontes ou pelas muralhas da cidade...

Momentos. Tinham apenas momentos antes que os guardas viessem...

— Entre. *Agora* — ordenou o guerreiro.

Mas o sujeito começou a recuar.

Elide apoiou a mão na lateral ampla elevada do barco e disse, com calma:

— Ele vai matá-lo antes que chegue à escada. Tire-nos da cidade, e juro que será libertado assim que atravessarmos.

— Vai cortar minha garganta então como cortaria agora — afirmou o homem, engolindo ar.

De fato, Lorcan balançava o machado como — ela já aprendera — fazia antes de atirá-lo.

— Eu pediria que reconsiderasse — avisou Elide.

O pulso do guerreiro se torceu levemente. Ele faria aquilo; mataria aquele homem inocente apenas para libertá-los...

A faca do homem desceu, então sumiu dentro da bainha na lateral do corpo.

— Há uma curva no rio depois da cidade. Me deixem ali.

Era tudo que Elide precisava ouvir conforme o homem disparava em sua direção, desatando cordas e saltando para o barco com a facilidade de alguém que fizera aquilo milhares de vezes. O sujeito e Lorcan pegaram os remos para empurrarem a barca até o rio, e, assim que estavam soltos, o guerreiro sibilou:

— Se nos trair, estará morto antes que os guardas sequer possam embarcar. — O homem assentiu, virando-os para a saída leste da cidade enquanto Lorcan arrastava Elide para a cabine de um quarto.

O interior tinha janelas por todos os lados, limpas o suficiente para sugerir que o homem se orgulhava do barco. Lorcan praticamente a enfiou sob uma mesa no centro da cabine; o tecido bordado que cobria a superfície protegendo-a de tudo, exceto sons: os passos do semifeérico ficaram silenciosos, embora a jovem conseguisse senti-lo ocupando um esconderijo para monitorar de dentro da câmara os acontecimentos lá fora; as gotas de chuva no telhado plano; a batida do remo ao acertar ocasionalmente a lateral da barca.

O corpo de Elide logo começou a doer por se manter imóvel e calada.

Seria aquela sua vida durante o futuro próximo? Caçada e encurralada mundo afora?

E encontrar Aelin... Como faria aquilo? Poderia voltar a Terrasen, mas não sabia quem governava Orynth. Se Aelin não tinha recuperado o trono... Talvez fosse uma mensagem silenciosa de que havia perigo lá. De que tudo não ia bem no reino.

Mas seguir até Eyllwe baseada em especulação... De todos os boatos que escutara nas últimas duas horas, os motivos dados por aquele capitão tinham sido os mais inteligentes.

O mundo pareceu parar com alguma tensão não dita, uma onda de medo.

Então a voz do homem chamou de novo, e metal rangeu... um portão. O portão da cidade.

Elide permaneceu sob a mesa, contando os fôlegos, pensando em tudo que ouvira. Duvidava de que a trupe sentiria sua falta.

E apostaria todo o dinheiro que levava na bota que Nik e Ombriel tinham sido aqueles que mandaram os guardas até eles, decidindo que o casal era uma ameaça grande

demais — principalmente com os ilken atrás de Elide. A jovem se perguntou se Molly soubera o tempo todo, desde o primeiro encontro, que eram mentirosos, permitindo que Nik e Ombriel os entregassem quando a recompensa fora muito boa para recusar e o custo da lealdade, muito alto.

Ela suspirou pelo nariz. Um barulho de água soou, mas o barco seguiu adiante.

Pelo menos tinha levado o pedacinho de pedra consigo, embora fosse sentir falta das roupas, apesar de surradas. Aquele couro ficava abafado sob o calor opressor, e se fosse para Eyllwe, seria sufocante...

Os passos de Lorcan soaram.

— Saia.

Encolhendo o corpo com a dor no tornozelo, Elide saiu de baixo da mesa e olhou em volta.

— Nenhum problema?

Lorcan fez que não com a cabeça. Estava molhado pela chuva ou pela água do rio. Elide olhou para além dele, onde o homem estivera guiando o barco. Ninguém ali... nem na popa.

— Ele nadou para a margem na curva — explicou o guerreiro.

A jovem expirou.

— Pode muito bem correr até a cidade e contar a eles. Não levará muito tempo para que nos alcancem.

— Lidaremos com isso — replicou Lorcan, virando-se. Rápido demais. Ele lhe evitou os olhos rápido demais...

Elide observou a água, as manchas que tinham surgido nas mangas de sua camisa. Como... como se tivesse lavado as mãos rapidamente, de qualquer jeito.

Ela olhou para o machado na lateral do corpo de Lorcan quando ele saiu da cabine.

— Você o matou, não foi? — Fora esse o som da água. Um corpo sendo jogado pela borda.

Ele parou. Olhou por cima de um ombro largo. Não havia nada humano naqueles olhos sombrios.

— Se quer sobreviver, precisa estar disposta a fazer o que for necessário.

— Ele podia ter uma família que dependesse dele. — Elide não vira uma aliança, mas não queria dizer nada.

— Nik e Ombriel não nos estenderam a mesma cortesia quando nos entregaram à tropa. — Lorcan seguiu para o deque, e Elide disparou atrás. Árvores exuberantes

ladeavam o rio, um escudo vivo em torno dos dois.

E ali... havia uma *mancha* nas tábuas, brilhante e escura. O estômago de Elide se revirou.

— Planejava mentir para mim a respeito disso — alegou ela, fervilhando. — Mas como explicaria *aquilo*?

Um gesto de ombros. Lorcan ergueu o rosto para o remo e se moveu com graciosidade fluida até a lateral da barca, onde os empurrou para longe de um banco de areia que se aproximava.

Ele *matara* aquele homem...

— Eu *jurei* a ele que seria libertado.

— Você jurou, não eu.

Os dedos de Elide se fecharam em punho. E aquela coisa — aquela pedra — envolta naquele pedaço de tecido dentro do casaco começou a se agitar.

Lorcan ficou imóvel, segurando o remo com força.

— O que é isso — disse ele, baixo demais.

Elide se manteve firme. Ele que fosse para o inferno se achasse que ela recuaria, que permitiria que a intimidasse, que a sobrepujasse, que *matasse pessoas* para que pudessem fugir...

— O. Quê. É. Isso.

A jovem se recusou a falar, a sequer tocar o volume no bolso, que latejava e grunhia, uma besta abrindo um olho, mas ela não ousou ir de encontro ao chamado, não ousou sequer reconhecer aquela estranha presença sobrenatural.

Os olhos de Lorcan se arregalaram levemente, então ele apoiou o remo, atravessou o convés e entrou na cabine. Elide hesitou, sem saber se o seguia ou se devia saltar na água e nadar para a margem, mas...

Houve um ruído de metal se chocando contra metal, como se algo fosse partido, então...

O rugido estremeceu o barco, o rio, as árvores. Pássaros fluviais de pernas longas alçaram voo.

Em seguida o guerreiro escancarou a porta com violência, quase a arrancando das dobradiças; depois arremessou o que pareciam ser os cacos de um amuleto quebrado no rio. Ou tentou. Ele atirou com tanta força que os cacos atravessaram o rio por completo e se chocaram contra uma árvore, arrancando um pedaço de madeira.

Lorcan se virou, e o ódio de Elide estacou diante da ira fervilhante que contorcia as

feições do guerreiro. O semifeérico andou até ela, pegando o remo como se para evitar esganar a jovem, e falou:

— *O que você carrega?*

E a exigência e a violência e a prepotência e a arrogância fizeram com que Elide também ficasse irada. Então ela retrucou, silenciosamente venenosa:

— Por que simplesmente não corta minha garganta para descobrir?

As narinas de Lorcan se dilataram.

— Se tem um problema com o fato de que matei alguém que *fedia* a vontade de nos trair assim que tivesse a oportunidade, então vai *amar* sua rainha.

Já havia um tempo que ele dava indícios de que a conhecia, de que sabia o suficiente a seu respeito para chamá-la de coisas terríveis, mas...

— O que quer dizer?

Lorcan, pelos deuses, aparentava ter finalmente perdido a cabeça ao explicar:

— Celaena Sardothien é uma assassina de 19 anos; ela se intitula a melhor do mundo. — Um riso de escárnio. — Ela matou e se deleitou e comprou seu caminho pela vida, e jamais pediu desculpas. Ela se vangloriava disso. E então, esta primavera, uma de *minhas* sentinelas, o príncipe Rowan Whitethorn, foi enviado para lidar com ela quando apareceu no litoral de Wendlyn. No fim das contas, ele acabou se apaixonando por Celaena, e ela por ele. No fim das contas, o que quer que maquinassem nas montanhas Cambrian a fez abandonar o nome Celaena e começar a atender pelo verdadeiro. — Um sorriso brutal. — Aelin Galathynius.

Elide mal conseguia sentir o próprio corpo.

— O quê? — Foi só o que conseguiu dizer.

— Sua rainha cuspidora de fogo? É uma maldita assassina. Treinada para ser uma assassina assim que sua mãe morreu para defendê-la. Treinada para ser tão cruel quanto o homem que matou sua mãe e sua família real.

A jovem balançou a cabeça conforme as mãos ficaram inertes.

— O quê? — repetiu ela.

Lorcan gargalhou com ironia.

— Enquanto estava trancafiada naquela torre durante dez anos, ela se refestelava com as riquezas de Forte da Fenda, sendo mimada e paparicada pelo mestre, o rei dos Assassinos, que ela matou a sangue frio nesta primavera. Então descobrirá que sua salvadora há muito perdida é pouco melhor que eu. Descobrirá que ela teria matado aquele homem da mesma forma que eu matei, e que teria tão pouca tolerância para suas

reclamações quanto eu.

Aelin... uma assassina. Aelin; a mesma pessoa a quem Elide fora incumbida de entregar a pedra...

— Você sabia — disse ela. — Esse tempo todo em que estivemos juntos, você sabia que procurava a mesma pessoa.

— Eu disse que encontrar uma seria encontrar a outra.

— Você sabia e não me contou. Por quê?

— Ainda não me contou seus segredos. Não vejo por que deveria contar todos os meus também.

Elide fechou os olhos com força, tentando ignorar a mancha escura na madeira — tentando apaziguar a dor das palavras de Lorcan e selar o buraco que se abrira sob seus pés. O que estivera naquele amuleto? Por que ele rugira e...

— Sua rainhazinha — disse Lorcan, com escárnio — é uma assassina e uma ladra e uma mentirosa. Então, se vai me chamar de tais coisas, esteja preparada para atirar os insultos a ela também.

A pele de Elide fervilhava, e os ossos estavam frágeis demais para suportar o ódio que a tomava. Ela procurou as palavras certas para feri-lo, para machucá-lo, como se fossem punhados de pedras que pudesse atirar contra a cabeça do guerreiro.

— Eu estava errada — sibilou a jovem. — Disse que você e eu éramos iguais, que não tínhamos família ou amigos. Mas não tenho ninguém porque a distância e as circunstâncias me separam deles. Você não tem ninguém porque pessoa alguma suporta estar perto de você. — Ela tentou olhar o guerreiro com superioridade; e conseguiu, se a ira que surgiu nos olhos de Lorcan era alguma indicação, mesmo que ele fosse mais alto. — E sabe qual é a maior mentira que conta a todos, Lorcan? Que prefere que seja dessa forma. Mas sabe o que ouço quando você tagarela sobre minha *rainha vadia*? Só ouço as palavras de alguém profunda e completamente invejoso, e solitário, e *patético*. Só ouço as palavras de alguém que viu Aelin e o príncipe Rowan se apaixonarem e se ressentiu por estarem felizes, porque *você* é tão infeliz. — Elide não conseguiu impedir as palavras depois que começaram a sair. — Então chame Aelin de assassina e ladra e mentirosa. Chame-a de rainha vadia e cuspidora de fogo. Mas me perdoe se deixo para julgar essas coisas quando a conhecer. O que *farei*. — Ela apontou para o lamacento rio cinza que fluía ao redor de ambos. — Vou para Eyllwe. Me leve para a margem e lavarei as mãos em relação a você com a mesma facilidade com que você lavou o sangue daquele homem das suas.

Lorcan a olhou de cima a baixo, os dentes expostos o suficiente para mostrar aqueles caninos levemente alongados. Mas ela não se importava com sua herança feérica, ou com a idade, ou com sua habilidade para matar.

Depois de um momento, o guerreiro voltou a empurrar o remo contra o leito do rio, não para levá-los até a margem, mas para seguir em frente.

— Não ouviu o que eu disse? *Me leve para a margem.*

— Não.

O ódio de Elide sobrepujou qualquer gota de bom senso, qualquer aviso de Anneith conforme ela disparou até o guerreiro.

— *Não?*

Lorcan deixou que o remo se arrastasse pela água, e voltou o rosto para ela. Nenhuma emoção, nem mesmo ódio, estampada ali.

— O rio virou para o sul há 3 quilômetros. Pelo mapa na cabine, podemos seguir direto para lá, e então encontrar o caminho mais rápido para Banjali. — Elide limpou a chuva que pingava da testa quando Lorcan aproximou o rosto o suficiente para que os hálitos se misturassem. — Pelo visto, agora também tenho assuntos a tratar com Aelin Galathynius. Parabéns, *milady*. Acabou de conseguir um guia para Eyllwe.

Havia uma luz fria e letal nos olhos do semifeérico, e Elide se perguntou por que diabo ele teria rugido.

Mas aqueles olhos desceram até a boca da jovem, fechada com força devido ao ódio. E uma parte de Elide, nem remotamente ligada ao medo, ficou imóvel diante da atenção, mesmo quando outras partes se incendiaram um pouco.

Os olhos de Lorcan por fim encontraram os de Elide, e a voz era como um grunhido noturno ao dizer:

— Até onde se sabe, você ainda é minha esposa.

Elide não protestou; mesmo ao retornar para a cabine, com a magia insuportável de Lorcan ajudando-a com o andar manco, e bater a porta com tanta força que o vidro chacoalhou.

Nuvens de tempestade se afastaram, revelando uma noite salpicada de estrelas e uma lua brilhante o suficiente para que Lorcan navegasse pelo lento rio estreito.

Ele os virava hora após hora, contemplando precisamente como assassinaria Aelin

Galathynius sem que Elide ou Whitethorn se colocassem no caminho, e então como cortaria o cadáver e daria aos corvos.

Aelin mentira para ele. Ela *e* Whitethorn o haviam enganado naquele dia em que o príncipe feérico entregara a chave de Wyrd.

Não houvera nada dentro do amuleto além de um daqueles anéis — um anel de pedra de Wyrd completamente inútil, envolto em um pedaço de pergaminho. E nele estava escrito, em caligrafia feminina:

> *Espero que descubra termos mais criativos que "vadia" para me chamar quando encontrar isto.*
>
> *Com todo meu amor,*
>
> *A.A.G.*

Lorcan a mataria. Devagar. Criativamente. Tinha sido forçado a fazer uma promessa de sangue, uma garantia de que o anel de Mala realmente oferecia imunidade dos valg ao ser usado; não pensara em exigir saber se a chave de Wyrd também era real.

E Elide — o que Elide carregava, o que o fizera perceber... Pensaria naquilo depois. Contemplaria o que fazer com a Lady de Perranth depois.

O único consolo era ter roubado de volta o anel de Mala, mas a *vadiazinha* ainda possuía a chave. Se Elide precisava ir até Aelin... Ah, ele encontraria Aelin para Elide.

E faria a rainha de Terrasen rastejar antes que aquilo acabasse.

44

O mundo começava e terminava em fogo.

Um mar de fogo sem espaço para ar ou sons além da cascata de terra derretida. O verdadeiro coração de fogo — a ferramenta de criação e destruição. E ela se afogava naquilo.

O peso a sufocava conforme se debatia, procurando uma superfície ou um fundo do qual se impulsionar. Mas não havia nenhum dos dois.

Conforme aquilo lhe inundou a garganta, irrompendo para dentro do corpo e derretendo-a, ela começou a gritar sem emitir som, implorando para que parasse...

Aelin.

O nome, rugido contra o núcleo de chamas no coração do mundo, era um farol, uma convocação. Ela nascera esperando para ouvir aquela voz, procurara-a às cegas a vida inteira, seguiria a voz até o fim de todas as coisas...

— AELIN.

Ela se curvou para fora da cama, com chamas na boca, na garganta, nos olhos. Chamas vermelhas.

Dourado e azul se entrelaçavam com faixas fervilhantes de vermelho. Chamas de verdade, irrompendo da jovem, tinham queimado os lençóis, mas poupado o quarto e o restante da cama da incineração, poupado o *navio no meio do mar* da incineração, por uma parede de ar irredutível, inquebrável.

Mãos envoltas em gelo apertaram seus ombros, e, em meio às chamas, o rosto franzido de Rowan surgiu, ordenando que ela respirasse...

Aelin tomou fôlego. Mais chamas dispararam de sua garganta.

Não havia um fio ou uma coleira para conter a magia. Pelos deuses, pelos deuses,

nem mesmo conseguia sentir a ameaça de um esgotamento por perto. Não havia nada além daquela chama...

Rowan segurou o rosto de Aelin nas mãos, vapor ondulou onde o gelo e o vento encontraram o fogo.

— Você é a mestra; *você* o controla. Seu medo concede a ele o direito de assumir o controle.

O corpo da jovem arqueou para fora do colchão de novo, completamente nu. Devia ter queimado as roupas — a camisa preferida de Rowan. As chamas queimavam mais selvagemente.

O guerreiro a segurou com força, obrigando-a a encará-lo enquanto grunhia:

— Vejo você. Vejo cada parte sua. E não tenho medo.

Não terei medo.

Uma linha na claridade incandescente.

Meu nome é Aelin Ashryver Galathynius...

E não terei medo.

E com tanta certeza quanto se a estivesse segurando na mão, a coleira surgiu.

Escuridão fluiu para dentro, abençoada e tranquila, onde aquele poço incandescente de chamas queimara.

Ela engoliu uma vez, duas.

— Rowan.

Os olhos do príncipe brilhavam com uma força quase animal, avaliando cada centímetro de Aelin.

As batidas do coração do feérico estavam descontroladas, estrondosas... em pânico.

— Rowan — repetiu ela.

Mesmo assim, ele não se moveu, não parou de fitá-la, procurando sinais de ferimentos. Algo no peito da própria Aelin se moveu diante do pânico de Rowan.

Ela lhe segurou o ombro, enterrando as unhas diante da explosão violenta de cada linha do corpo do príncipe, como se ele tivesse libertado as coleiras que mantinha sobre si, antecipando a luta para manter *Aelin* naquele corpo, não alguma deusa ou coisa pior.

— Acalme-se. *Agora.*

Mas ele não conseguiu. Revirando os olhos, Aelin tirou as mãos do guerreiro do próprio rosto para se inclinar e tirar os lençóis de cima de ambos.

— Estou bem — afirmou ela, pronunciando cada palavra. — Você se certificou disso. Agora me traga água. Estou com sede.

Um comando básico, fácil. Para servir, da forma como Rowan explicara que machos feéricos *gostavam* de ser necessários, para satisfazer alguma parte que queria cuidar e paparicar. Para arrastá-lo de volta ao nível da civilização e da razão.

O rosto de Rowan ainda estava tenso com ira feral — além do terror traiçoeiro que havia por baixo.

Então Aelin se inclinou para perto, mordiscou seu maxilar, certificando-se de que os caninos arranhassem, e disse contra a pele do guerreiro:

— Se não começar a agir como um príncipe, pode dormir no chão.

Ele recuou, o rosto selvagem não era completamente daquele mundo, mas devagar, como se as palavras estivessem sendo absorvidas, as feições se suavizaram. Ainda parecia irritadiço, mas não tão perto de *matar* aquela ameaça invisível contra Aelin, quando se inclinou para perto de sua rainha, mordiscando o maxilar de volta em resposta, e sussurrou contra o ouvido da jovem:

— Vou fazer você se arrepender de tais ameaças, princesa.

Pelos deuses. Os dedos dos pés de Aelin se contorceram, mas ela lhe deu um sorriso tímido quando ele se levantou, cada músculo do corpo nu se mexendo com o gesto. A jovem o observou andar com graciosidade felina até a pia e a jarra sobre ela.

O desgraçado teve a audácia de olhar Aelin de cima a baixo ao erguer a jarra. Depois lhe deu um sorriso de macho satisfeito ao servir um copo até a borda, parando com precisão hábil.

Aelin considerou lançar uma faixa de chamas para queimar a bunda nua de Rowan conforme ele apoiou a jarra com cuidado e calma enfáticos, então voltou à cama, de olho nela o tempo todo, e colocou o copo de água na mesa de cabeceira.

A jovem se levantou com os joelhos surpreendentemente firmes para encará-lo.

Apenas o ranger do navio e o sibilar das ondas contra o casco preenchiam o quarto.

— O que foi isso? — perguntou ela, baixinho.

Os olhos de Rowan se fecharam.

— Fui eu... perdendo o controle.

— Por quê?

Rowan olhou para a portinhola e para o mar beijado pela lua além dela. Era tão raro que evitasse o olhar de Aelin.

— Por quê? — insistiu ela.

Por fim, ele a encarou.

— Eu não sabia se ela havia tomado você de novo. — Não importava que a chave de

Wyrd já não estivesse em volta do pescoço de Aelin, e sim ao lado da cama. — Mesmo quando percebi que estava apenas no transe da magia, ainda... A magia a levou embora. Fazia muito tempo desde que eu não tinha certeza... desde que não sabia como trazê-la de volta. — Ele exibiu os dentes, soltando um fôlego irregular, direcionando a ira para dentro. — Antes que me chame de um desgraçado feérico territorial, permita que eu peça desculpas e explique que é *muito* difícil...

— Rowan. — Ele ficou imóvel. Aelin cruzou a pequena distância entre os dois, cada passo era como a resposta a uma pergunta que ela fizera assim que a alma tinha passado a existir. — Você não é humano. Não espero que seja.

Ele quase pareceu se encolher. Mas Aelin apoiou a mão no peito exposto, sobre o coração dele. Ainda batia forte sob a palma da mão.

Sentindo aquele coração, a jovem disse, baixinho:

— Não me importo se é feérico ou humano, se é valg ou um maldito *skin-walker*. É o que é. E o que quero... o que *preciso*, Rowan, é alguém que não peça desculpas por isso. Por ser quem é. Você nunca fez isso antes. — Ela se inclinou para beijar a pele exposta onde a mão estivera antes. — Por favor, não comece a fazer isso agora. Sim, às vezes me deixa furiosa com essa loucura territorial feérica, mas... Ouvi sua voz. Ela me acordou. Me tirou daquele... lugar.

Rowan fez uma reverência com a cabeça até que a testa tocasse a de Aelin.

— Queria ter mais para oferecer a você... durante essa guerra e depois.

Ela deslizou os braços em torno da cintura nua do guerreiro.

— Você me oferece mais do que jamais esperei. — Rowan pareceu protestar, mas Aelin o interrompeu: — E como tanto Darrow quanto Rolfe disseram que eu precisava vender minha mão em casamento pelo bem dessa guerra, acho que eu deveria fazer o oposto.

Um riso de escárnio.

— Típico. Mas se Terrasen precisar...

— Vejo isso da seguinte forma — cortou ela, recuando para examinar a expressão severa de Rowan. — Não temos o luxo do tempo. E um casamento com um reino estrangeiro, com os contratos e as distâncias, além dos meses que leva para erguer e enviar um exército... não *temos* esse tempo. Só temos *agora*. E o que não preciso é de um marido que tentará entrar em uma competição comigo, ou que eu precisarei enclausurar em algum lugar pela própria segurança, ou que se esconderá em um canto quando eu despertar cheia de chamas ao redor. — Ela beijou o peito tatuado do guerreiro de

novo, bem sobre aquele coração poderoso e retumbante. — Isto, Rowan... *Isto* é tudo de que preciso. Apenas isto.

As reverberações da respiração profunda e trêmula ecoaram contra a bochecha de Aelin, e Rowan lhe acariciou os cabelos, ao logo das costas nuas. Mais baixo.

— Uma corte que pode mudar o mundo.

Ela beijou o canto da boca de Rowan.

— Encontraremos um jeito... juntos. — As palavras que ele dissera a ela uma vez, as palavras que tinham começado a curar o coração destruído de Aelin. E o dele. — Feri você com... — As palavras saíram roucas.

— Não. — Rowan lhe acariciou o rosto com o polegar. — Não, não me feriu. Nem nada mais.

Algo no peito de Aelin se afrouxou, e o guerreiro a segurou nos braços quando ela enterrou o rosto em seu pescoço. As mãos calejadas do príncipe acariciaram as costas da jovem, sobre cada uma das cicatrizes e das tatuagens que ele fizera.

— Se sobrevivermos a esta guerra — murmurou Aelin depois de um tempo, contra o peito nu de Rowan —, você e eu precisaremos aprender a relaxar. A dormir a noite inteira.

— Se sobrevivermos a esta guerra, princesa — respondeu ele, passando um dedo pela depressão da coluna da jovem —, ficarei feliz em fazer o que quiser. Até mesmo aprender a relaxar.

— E se jamais tivermos um momento de paz, mesmo depois de conseguirmos o Fecho e as chaves, e depois de enviarmos Erawan de volta ao seu mundo infernal?

A diversão se dissipou, sendo substituída por algo mais determinado conforme os dedos de Rowan pararam sobre as costas de Aelin.

— Mesmo que combatamos ameaças de guerra dia sim, dia não, mesmo que precisemos abrigar emissários difíceis, mesmo que tenhamos de visitar reinos terríveis e sermos bonzinhos, ficarei feliz em fazer isso, se você estiver a meu lado.

Os lábios de Aelin tremeram.

— Olhe só. Desde quando aprendeu a fazer discursos tão bonitos?

— Só precisava do incentivo certo para aprender — replicou Rowan, beijando-a na bochecha.

O corpo de Aelin ficou tenso e incandescente nos lugares certos quando a boca do feérico desceu, pressionando beijos carinhosos e rápidos em seu maxilar, na orelha, no pescoço. Aelin cravou os dedos nas costas do guerreiro, expondo o pescoço conforme

os caninos roçavam de leve.

— Amo você — sussurrou Rowan contra a pele dela e moveu a língua sobre o ponto em que os caninos tinham roçado. — Entraria no coração do próprio inferno em chamas para encontrá-la.

Ele quase o fizera minutos antes, ela queria dizer. Mas apenas arqueou as costas um pouco mais, deixando um ruído baixo e desejoso sair de dentro de si. Aquilo... *ele*... Será que algum dia pararia... o desejo? A necessidade de não apenas estar perto do feérico, mas de tê-lo tão profundamente dentro de si de modo que sentisse as almas se entrelaçando, a magia dançando... O fio que a levara para fora daquele núcleo incandescente de loucura e destruição.

— Por favor — sussurrou Aelin, as unhas se enterrando na lombar de Rowan com ênfase.

O gemido baixo do príncipe feérico foi a única resposta ao erguê-la. Aelin lhe envolveu a cintura com as pernas, deixando que ele a carregasse não para a cama, mas para a parede, para a sensação da madeira fria às costas, em contraponto ao calor e a firmeza de Rowan pressionando o corpo contra o seu...

Aelin ofegou entre dentes quando o guerreiro, de novo, passou a língua sobre aquele ponto em seu pescoço.

— *Por favor.*

Ela sentiu o sorriso contra a pele conforme Rowan se impulsionou para dentro com um movimento prolongado e poderoso, mordendo seu pescoço.

Uma reivindicação, forte e verdadeira, que Aelin entendeu ser do que ele desesperadamente precisava. Do que *ela* precisava, e com os dentes nela, com o corpo nela... Aelin entraria em combustão, iria se partir devido à *necessidade* sobrepujante...

Os quadris de Rowan começaram a se mover, em um ritmo preguiçoso e suave enquanto mantinha os caninos enterrados no pescoço de Aelin. Enquanto deslizava a língua ao longo de pontos idênticos de prazer marcados pela mais ínfima dor, e ele provou a pura essência da jovem como se fosse vinho.

O guerreiro riu, baixo e malicioso, quando o êxtase a levou a lhe morder o ombro para evitar gritar tão alto que acordaria as criaturas no leito do mar.

Ao retirar finalmente a boca do pescoço de Aelin, curando com magia as pequenas feridas, ele se moveu mais profundamente, com mais força, firmando as mãos nas coxas da jovem e prendendo-a à parede.

Aelin apenas percorreu os cabelos de Rowan com os dedos quando lhe deu um

beijo selvagem e sentiu o gosto do próprio sangue na língua do príncipe.

Ela sussurrou contra a boca do feérico:

— Sempre encontrarei um caminho de volta até você.

Dessa vez, quando Aelin ultrapassou o limite, Rowan mergulhou com ela.

Manon Bico Negro acordou.

Não houvera som, cheiro, nenhum indício de *por que* tinha acordado, mas aqueles instintos predatórios haviam captado algo estranho e a puxado do sono.

Ela piscou ao se sentar, o ferimento irradiando apenas uma dor fraca, e percebeu que a cabeça estava livre de qualquer névoa anterior.

O quarto parecia quase totalmente preto, exceto pelo luar que entrava pela portinhola para iluminar a minúscula cabine. Por quanto tempo tinha ficado perdida no sono e na terrível melancolia?

Manon ouviu cuidadosamente o ranger do navio. Um leve grunhir soava acima — Abraxos. Ainda vivo. Ainda... dormindo, de acordo com aquele grunhido preguiçoso e chiado que ela reconhecia.

A bruxa testou as correntes nos pulsos, erguendo-as para olhar a fechadura. Um tipo inteligente de dispositivo, com correntes grossas e firmemente ancoradas na parede. Os grilhões nos tornozelos não eram mais fracos.

Manon não se lembrava da última vez que estivera acorrentada. Como Elide suportara durante uma década?

Talvez fosse atrás da jovem depois que saísse dali. Duvidava de que o rei Havilliard tivesse alguma notícia das Treze mesmo. A bruxa subiria de fininho nas costas de Abraxos, voaria até a costa e encontraria Elide antes de achar sua aliança. E então... não sabia o que faria. Mas era melhor que ficar deitada ali, como um verme ao sol, deixando qualquer que fosse o desespero que tivesse tomado o controle durante aqueles dias ou semanas atormentá-la.

Então, como se o tivesse conjurado, a porta se abriu.

Dorian estava parado ali, com uma vela na...

Não era uma vela. Chama pura acesa nos dedos. Fazia com que os olhos cor de safira brilhassem forte ao vê-la lúcida.

— Foi você... quem lançou aquela onda de poder?

— Não. — Embora não fosse preciso muita adivinhação para saber quem o fizera, portanto. — Bruxas não têm magia assim.

Dorian inclinou a cabeça, com os cabelos preto-azulados manchados de dourado pelas chamas.

— Mas vivem muito.

Ela assentiu, e o rapaz entendeu aquilo como um convite para se sentar na cadeira de sempre.

— Se chama Renúncia — explicou Manon, com um calafrio percorrendo a espinha. — O pouco de magia que temos. Normalmente não conseguimos conjurar ou empunhar, mas, por um momento na vida de uma bruxa, ela pode conjurar grande poder para disparar sobre os inimigos. O custo é ser incinerada na explosão, o corpo é renunciado à Escuridão. Nas guerras das bruxas, Renúncias foram feitas de ambos os lados durante cada batalha e enfrentamento.

— É suicídio... se explodir até virar cacos... e levar juntos os inimigos.

— É, e não é uma imagem bonita. Quando uma bruxa Dentes de Ferro renuncia a vida à Escuridão, o poder a preenche e é libertado em uma onda cor de ébano. Uma manifestação do que jaz em nossas almas.

— Já viu isso ser feito?

— Uma vez. Por uma bruxa jovem e assustada, certa de que não teria glória de nenhum outro jeito. Mas ela levou metade das forças das Dentes de Ferro, assim como das Crochan.

A mente de Manon estalou diante da palavra. *Crochan*. Seu povo...

Não era seu povo. Manon era uma maldita Bico Negro...

— As Dentes de Ferro usarão isso contra nós?

— Se vocês estiverem enfrentando alianças inferiores, sim. Alianças mais velhas são arrogantes demais, habilidosas demais para escolher a Renúncia à luta. Mas alianças mais jovens e mais fracas se assustam, ou querem ganhar reconhecimento pelo sacrifício.

— É assassinato.

— É guerra. Guerra é assassinato sancionado, não importa de que lado esteja. — Ira lampejou no rosto de Dorian, e Manon perguntou: — Já matou um homem?

Ele abriu a boca para responder que não, mas a luz na mão de Dorian se extinguiu.

Ele o fizera. Quando usava o colar, supôs Manon. O valg dentro do príncipe matara. Diversas vezes. E não de forma limpa.

— Lembre-se do que eles o obrigaram a fazer — disse a bruxa. — Quando os

enfrentar de novo.

— Duvido de que algum dia me esqueça, bruxinha. — O rapaz ficou de pé, seguindo até a porta.

— Estas correntes estão machucando minha pele — comentou Manon, então. — Certamente sente alguma empatia por coisas acorrentadas. — Dorian parou. Ela ergueu as mãos, exibindo os grilhões. — Darei minha palavra de que não farei mal algum.

— A decisão não é minha. Agora que consegue falar, talvez consiga amolecer Aelin contando o que ela tem insistido em saber.

A bruxa não fazia ideia do que a rainha vinha exigindo dela. Nenhuma.

— Quanto mais eu ficar aqui, *principezinho*, maiores as chances de eu fazer algo idiota quando for solta. Deixe-me ao menos sentir o vento no rosto.

— Tem uma janela. Vá ficar de pé diante dela.

Parte de Manon esticou o corpo diante da severidade, da *masculinidade* daquele tom, da posição daqueles ombros largos. Ela ronronou:

— Se eu estivesse dormindo, teria ficado para me encarar durante um tempo?

Diversão gélida brilhava ali.

— Teria reclamado?

E talvez a bruxa estivesse inconsequente e selvagem e ainda um pouco idiota devido à perda de sangue, pois respondeu:

— Se planeja entrar aqui de fininho na calada da noite, deveria ao menos ter a decência de se certificar de que eu ganhe algo com isso.

Os lábios de Dorian estremeceram, embora o sorriso fosse frio e sensual de uma forma que a fez se perguntar como seria brincar com um rei abençoado com magia pura. Se ele a faria implorar pela primeira vez durante a longa vida. O rapaz parecia capaz daquilo; talvez disposto a permitir um pouco de crueldade entre quatro paredes. O sangue de Manon latejava.

— Por mais que seja tentador vê-la nua e acorrentada... — A risada baixa de um amante. — Não acho que você apreciaria a perda de controle.

— E já esteve com tantas mulheres a ponto de poder julgar as vontades de uma bruxa tão facilmente?

Aquele sorriso ficou preguiçoso.

— Um cavalheiro jamais deve contar.

— Quantas? — Dorian só tinha 20 anos, embora tivesse sido um príncipe que se

tornara rei. Mulheres provavelmente se atiravam para ele desde que engrossara a voz.

— Com quantos homens *você* já esteve? — replicou ele.

Manon riu.

— O suficiente para saber como lidar com as necessidades de principezinhos mortais. Para saber o que o fará implorar. — Embora, na verdade, ela estivesse contemplando o oposto.

Dorian caminhou pelo quarto, além das correntes, chegando ao alcance da respiração da bruxa. Ele se inclinou em sua direção, quase nariz contra nariz, não havia nenhum divertimento no rosto de Dorian, no corte da linda boca cruel, ao dizer:

— Não acho que possa lidar com o tipo de coisas de que eu preciso, bruxinha. E nunca mais implorarei por nada na vida.

E depois ele se foi. Manon encarou as costas de Dorian, e um chiado de ódio lhe escapuliu dos lábios. Devido à oportunidade desperdiçada de pegá-lo e mantê-lo refém, e exigir a própria liberdade; diante da arrogância na presunção do rapaz; do calor que tinha se reunido em seu centro e que agora latejava insistentemente a ponto de fazê-la unir as pernas.

Manon jamais fora rejeitada. Homens se despedaçavam, às vezes literalmente, para entrar em sua cama. E ela... Ela não sabia o que teria feito se Dorian tivesse aceitado a oferta, se teria decidido descobrir o que exatamente o rei podia fazer com aquela linda boca e com o corpo torneado. Uma distração; e uma desculpa para se odiar ainda mais, supôs a bruxa.

Ainda fervilhava de ódio e fitava a porta quando ela se abriu de novo.

Dorian se encostou contra a madeira envelhecida; os olhos ainda brilhavam de uma forma que Manon não sabia dizer se era luxúria ou ódio ou ambos. Sem desviar o olhar, o rei deslizou a tranca para fechá-la.

As batidas do coração da bruxa se aceleraram, canalizando toda a concentração imortal na respiração equilibrada, lenta do jovem rei, no rosto indecifrável.

A voz soou áspera quando ele disse:

— Não vou desperdiçar meu fôlego dizendo a você o quanto seria estúpido me tomar como refém.

— Não vou desperdiçar o meu dizendo a você que aceite apenas o que ofereço, nada mais.

Os ouvidos de Manon se concentraram em ouvir, mas mesmo o maldito coração de Dorian era como uma batida sólida. Não havia um sopro de medo.

— Preciso ouvi-la dizer sim — falou ele, os olhos se voltando para as correntes.

Manon levou um momento para entender, mas então soltou uma gargalhada baixa.

— Quanta consideração, principezinho. Mas sim. Faço isso por minha livre e espontânea vontade. Pode ser nosso pequeno segredo.

A bruxa não era mais coisa alguma nem ninguém. Compartilhar a cama com o inimigo não era nada em comparação ao sangue Crochan que lhe fluía nas veias.

Ela começou a desabotoar a camisa branca que vestia sabiam os deuses desde quando, mas Dorian grunhiu:

— Deixe que eu faço isso.

Ao inferno que o faria. A bruxa tocou o segundo botão.

Mãos invisíveis lhe envolveram os pulsos, com tanta força que Manon soltou a camisa.

Dorian caminhou até ela.

— Eu disse que faria isso. — Manon observou cada centímetro do rapaz quando ele se ergueu sobre ela, então um calafrio de prazer irrompeu pelo corpo da bruxa. — Sugiro que ouça.

A pura *arrogância* masculina naquela afirmação...

— Está cortejando a morte se...

Dorian abaixou a boca até a de Manon.

Foi um toque de pena, mal passou de um sussurro. Determinado, calculado e tão inesperado que ela arqueou levemente o corpo.

Dorian beijou um canto da boca com a mesma suavidade de seda. Então o outro canto. Ela não se moveu nem mesmo respirou — como se cada parte do corpo estivesse esperando para ver o que o rei faria a seguir.

Mas ele recuou, observando os olhos da bruxa com um distanciamento frio. O que quer que tivesse visto ali o fez se afastar.

Os dedos invisíveis nos pulsos de Manon sumiram. A porta se destrancou. E aquele sorriso arrogante retornou quando ele deu de ombros, dizendo:

— Talvez outra noite, bruxinha.

Manon quase berrou quando Dorian saiu pela porta... e não retornou.

45

A bruxa estava lúcida, porém irritada.

Aedion teve o prazer de lhe servir o café da manhã, e tentou não reparar no cheiro de excitação feminina presente na cabine, ou que o perfume de Dorian estava entrelaçado a ele.

O rei tinha o direito de seguir em frente, lembrou-se ele horas depois enquanto observava o horizonte de fim de tarde no leme do navio. Nas horas tranquilas dos turnos de vigia, Aedion frequentemente remoera o sermão intenso que Lysandra lhe dera a respeito do ódio e da crueldade para com o rei. E era possível — apenas possível — que ela estivesse certa. E talvez o fato de que Dorian podia sequer olhar para uma fêmea com interesse depois de ver Sorscha ser decapitada fosse um milagre. Mas... a bruxa? Era com *aquilo* que ele queria se envolver?

O general perguntou isso a Lysandra quando ela se juntou a ele meia hora depois, ainda ensopada após patrulhar as águas à frente. Tudo limpo.

A metamorfa franziu a testa enquanto penteava a cabeleira preta com os dedos.

— Tive clientes que perderam mulheres ou amantes e buscavam alguma distração. Queriam o oposto da pessoa amada, talvez para que o ato parecesse completamente alheio. O que ele passou mudaria qualquer um. Dorian pode muito bem sentir atração por coisas perigosas agora.

— Ele já tinha uma queda por elas — murmurou Aedion, olhando para onde Aelin e Rowan treinavam luta no convés principal, suor dourado escorrendo conforme a luz da tarde abria espaço para a noite. Dorian estava sentado próximo, nos degraus que subiam ao tombadilho, Damaris apoiada nos joelhos, semiacordado sob o calor. Parte do general sorriu, sabendo que Rowan sem dúvida acabaria com o rapaz por

aquilo.

— Aelin era perigosa, mas ainda assim humana — observou Lysandra. — Manon... não é. Provavelmente isso o atrai. E eu não me meteria se fosse você.

— Não vou interferir naquele desastre, não se preocupe. Mas eu não deixaria aqueles dentes de ferro chegarem perto de minha parte preferida se fosse ele. — Aedion sorriu quando Lysandra inclinou a cabeça para trás, rindo, então acrescentou: — Além do mais, ver Aelin e a bruxa se enfrentarem esta manhã a respeito de Elide foi o suficiente para me lembrar de ficar bem afastado, e aproveitar o espetáculo.

A pequena Elide Lochan; viva e pelo mundo, procurando por eles. Pelos deuses. O olhar no rosto da prima quando Manon revelara detalhe após detalhe do que Vernon tentara fazer com a menina...

Haveria um acerto de contas em Perranth por causa daquilo. O próprio Aedion enforcaria o lorde pelos intestinos. Enquanto Vernon ainda estivesse respirando. E então começaria a dar o troco pelos dez anos de horror que Elide tinha suportado. Pelo pé aleijado e pelas correntes. Pela torre.

Trancada em uma torre — em uma cidade que ele visitara tantas vezes nos últimos dez anos que havia perdido a conta. Ela podia até mesmo ter visto a Devastação daquela torre conforme entravam e saíam da cidade. Possivelmente pensando que Aedion também a esquecera, ou que não se importava com ela.

E agora estava pelo mundo. Sozinha.

Com um pé permanentemente aleijado, sem treinamento, sem armas. Se desse sorte, talvez encontrasse a Devastação primeiro. Os comandantes reconheceriam seu nome, eles a protegeriam. Quer dizer, se Elide ousasse se revelar.

Fora preciso todo o autocontrole do general para não estrangular Manon por ter abandonado a menina no meio da floresta de Carvalhal, por não a ter levado, voando, direto a Terrasen.

Aelin, no entanto, não se incomodara em se conter.

Dois golpes, ambos tão rápidos que mesmo a Líder Alada não os viu.

Um golpe com o dorso da mão no rosto da bruxa. Por abandonar Elide.

Então um anel de fogo em torno do pescoço, atirando-a contra a madeira, para obrigá-la a jurar que a informação estava correta.

Rowan secamente lembrara Aelin de que Manon fora responsável pela fuga e pelo resgate de Elide também. Ela apenas retrucara que, se a bruxa não tivesse sido, o fogo já estaria descendo por sua garganta.

E foi isso.

Aelin, pelo fervor com que enfrentava Rowan pelo deque, ainda se sentia irritada.

A bruxa, pelos grunhidos e pelo cheiro na cabine, ainda se sentia irritada.

Aedion estava mais que pronto para chegar ao pântano de Pedra — mesmo se o que os esperava pudesse não ser tão agradável.

Havia mais três dias entre eles e a costa leste. Então... então todos veriam o quanto valia a aliança de Rolfe, se o homem era de confiança.

— Não pode evitá-lo para sempre, sabe — comentou Lysandra, atraindo a atenção do general para o *outro* motivo pelo qual precisava sair daquele navio.

O pai estava sentado na proa, perto de onde Abraxos tinha se enroscado, vigiando e observando a serpente alada. Aprendendo como matá-las... onde acertar.

Embora o animal não passasse de um cão grande, dócil o suficiente para não se darem o incômodo de acorrentá-lo. Não tinham mesmo uma corrente grande o bastante, e a besta provavelmente se recusaria a deixar o navio até que Manon o fizesse. Abraxos apenas se movia para caçar peixes ou animais maiores; Lysandra o escoltava na forma de dragão marinho sob as ondas. E, quando a serpente alada se deitava no deque... o Leão lhe fazia companhia.

Aedion mal falara com Gavriel desde baía da Caveira.

— Não o estou evitando — respondeu ele. — Só não tenho interesse em conversar com ele.

A metamorfa jogou os cabelos molhados sobre um ombro, franzindo a testa diante das machas úmidas na blusa branca.

— Eu bem que gostaria de saber a história de como o caminho do Leão se cruzou com o de sua mãe. É bondoso, para alguém da equipe de Maeve. Melhor que Fenrys.

De fato, Fenrys fazia com que o general quisesse quebrar coisas. Aquele rosto sorridente, o andar prepotente, a arrogância sombria... Era outro espelho, percebeu ele. Contudo, era um que seguia Aelin por toda parte, como um cachorrinho. Ou lobo, supunha.

Aedion não se testara contra o macho no ringue de luta, mas cuidadosamente o observara derrotar Rowan e Gavriel, e ambos o haviam treinado. Fenrys lutara como o general julgava condizente a um guerreiro treinado por dois assassinos letais durante séculos. Mas não presenciara outro lampejo da magia que permitia o salto de Fenrys entre lugares, quase um caminhar por um portal invisível.

Como se os pensamentos tivessem conjurado o guerreiro imortal, ele saiu das

sombras sob o deque, andando com arrogância, e sorriu para todos antes de ocupar a posição de sentinela perto do mastro principal. Estavam todos em um cronograma de vigias e patrulhas, com Lysandra e Rowan em geral incumbidos de voar para bem longe da vista para verificar atrás e adiante, ou para se comunicar com os dois navios de escolta. Aedion não ousara contar à metamorfa que costumava contar os minutos até que ela voltasse, que o peito sempre parecia insuportavelmente apertado até vê-la, qualquer que fosse a forma alada ou de barbatanas assumida, voltando para eles.

Como a prima, Aedion não tinha dúvidas de que a metamorfa não aceitaria muito bem a *preocupação*.

Lysandra observava cuidadosamente Aelin e Rowan, espadas como mercúrio conforme se chocavam, golpe após golpe.

— Tem se saído bem em suas lições — elogiou Aedion.

Os olhos verdes da metamorfa se enrugaram. Todos faziam turnos para ensiná-la a manusear diversas armas e a lutar corpo a corpo. Lysandra conhecia algumas coisas do tempo com Arobynn — ele a ensinara como uma forma de assegurar a sobrevivência do próprio *investimento*, contara ela ao general.

Mas a mulher queria saber mais. Como matar homens de uma diversidade de formas. Aquilo não deveria ter animado Aedion tanto assim. Não quando Lysandra rira de sua alegação na praia naquele dia em baía da Caveira. Ela não a mencionara de novo. Aedion também não fora burro o suficiente para fazê-lo.

Ele a seguiu, incapaz de se impedir, quando ela caminhou para onde a rainha e o príncipe feérico lutavam, e Dorian se espremeu nos degraus, oferecendo silenciosamente à metamorfa um espaço. Aedion reconheceu o gesto e o respeito do rei, afastando os próprios sentimentos beligerantes com relação àquilo conforme permaneceu acima dos dois, concentrando-se na prima e em Rowan.

Mas eles tinham chegado a um impasse — tanto que o guerreiro encerrara o treino e embainhara a espada. Então dera um peteleco no nariz de Aelin quando ela pareceu irritadinha por não vencer. Aedion riu baixo, olhando para a metamorfa enquanto a rainha e o príncipe caminhavam para a jarra de água e os copos diante do corrimão da escada a fim de se servir.

Ele estava prestes a oferecer a Lysandra um último turno no ringue antes de o sol se pôr quando Dorian apoiou os braços nos joelhos e disse a Aelin, através do corrimão:

— Não acho que ela fará nada se a soltarmos.

A rainha tomou um belo gole d'água, ainda respirando com dificuldade.

— Chegou a essa conclusão antes, durante ou depois de visitá-la no meio da noite?

Pelos deuses. Seria aquele tipo de conversa.

O rei deu um meio sorriso.

— Você tem preferência por guerreiros imortais. Por que não posso ter a minha?

Foi o leve clique do vidro na pequena mesa que fez Aedion se preparar — realmente começar a calcular a disposição dos diversos deques. Fenrys ainda os monitorava do mastro principal, Lysandra permanecia do outro lado de Dorian. Ele percebeu que, parado acima de Dorian nas escadas e com Aelin ao lado, estaria bem no meio.

Exatamente onde jurara não estar.

Rowan, do outro lado de Aelin, disse ao jovem rei:

— Há um motivo, Majestade, pelo qual acredite que a bruxa deva ser libertada?

Aelin disparou a ele um olhar que era chama pura. Que bom — que o príncipe feérico lidasse com a ira da prima. Mesmo dias depois da alegação que deixara todos fingindo não notar os dois furos no pescoço de Rowan ou os arranhões delicados e cruéis por cima dos ombros, o guerreiro ainda parecia um macho que mal sobrevivera a uma tempestade, e aproveitara cada segundo daquilo.

Sem falar dos ferimentos gêmeos no pescoço de Aelin naquela manhã. Aedion quase implorara à prima para que encontrasse um lenço.

— Por que não trancamos um de vocês em um quarto — observou Dorian, com o queixo na direção dos guerreiros feéricos do outro lado do deque, na direção de Lysandra à direita dele — para ver como se saem depois de tanto tempo?

— Cada centímetro da bruxa foi projetado para enredar homens. Para fazer com que pensem que é inofensiva — argumentou Aelin.

— Confie em mim, Manon Bico Negro é tudo menos inofensiva.

— Ela e seu tipo são assassinas — continuou a jovem. — São criadas sem consciência. Independentemente do que a avó tenha feito com ela, sempre será assim. Não arriscarei as vidas das pessoas neste navio para que você possa dormir melhor à noite. — Os olhos de Aelin brilharam com o golpe não pronunciado.

Todos se moveram, e com o fim da conversa, Aedion estava prestes a chamar Lysandra para lutar quando Dorian disse, um pouco baixo demais:

— Sou rei, sabia?

Olhos turquesa e dourado dispararam para o rapaz. Aedion quase conseguia ver as palavras que Aelin lutava para repassar na mente, o temperamento implorando que

abafasse o desafio. Com algumas frases selecionadas, poderia despedaçar o espírito do rei, como um peixe, dilacerando ainda mais os retalhos do homem que permanecera depois que o príncipe valg o violara. E, ao fazer isso, perderia um forte aliado, não apenas naquela guerra, mas caso sobrevivessem. E... aqueles olhos se suavizaram um pouco. Um amigo. Aelin perderia aquilo também.

Ela esfregou as cicatrizes nos pulsos, destacadas pela luz dourada do sol poente. Marcas que deixavam Aedion enjoado só de olhar. Depois de um momento, Aelin disse a Dorian:

— Movimentos controlados. Se ela sair do quarto, ficará sob vigia: um dos feéricos a qualquer momento, além de um de nós. Grilhões nos pulsos, mas não nos pés. Nenhuma corrente no quarto, mas um guarda do lado de fora da porta.

Aedion percebeu o polegar que Rowan roçou sobre uma daquelas cicatrizes no pulso de Aelin.

— Tudo bem — concordou Dorian apenas.

O general pensou em dizer ao rei como o fato da prima ter cedido deveria ser celebrado descaradamente.

Então a voz de Aelin se abaixou até aquele ronronar letal.

— Depois que terminou de flertar com ela naquele dia na floresta de Carvalhal, ela e sua aliança tentaram me matar.

— Você a provocou — replicou Dorian. — E estou sentado aqui hoje por causa do que ela arriscou ao ir até Forte da Fenda *duas vezes*.

Aelin limpou o suor da testa.

— Ela tem motivos próprios, e duvido muito que tenha sido porque, em cem anos de matança, decidiu que seu rostinho bonito a transformaria em uma boa moça.

— O seu fez Rowan largar três séculos de um juramento de sangue.

Foi o pai de Aedion quem falou, tranquilamente, ao deixar o assento perto de Abraxos na proa e se aproximar.

— Sugiro, Majestade, que escolha outra briga.

De fato, cada instinto de Aedion ficara alerta em resposta ao ódio congelado que tomava cada músculo do príncipe feérico.

Dorian também reparou e disse, talvez com um pouco de culpa:

— Não quis ofender, Rowan.

Com uma sugestão de sorriso, Gavriel inclinou a cabeça, de modo que os cabelos dourados deslizaram sobre os ombros largos, e comentou:

— Não se preocupe, Majestade. Fenrys já irritou Whitethorn o suficiente para durar mais três séculos.

Aedion piscou diante do humor, do indício de um sorriso.

Mas Aelin o poupou do esforço de decidir se responderia ou não àquele sorriso ao dizer a Dorian:

— Bem? Vejamos se a Líder Alada gostaria de dar uma volta no convés antes do jantar.

O rapaz estava certo em parecer cauteloso, decidiu Aedion. No entanto, Aelin já seguia para o lado oposto do deque enquanto Fenrys saía da posição no mastro principal, com aquele olhar tenso e amargo deslizando sobre todos conforme passavam.

Mas Fenrys iria também, sem dúvida. Ao inferno que soltariam a bruxa sem todos lá. Mesmo a equipe parecia entender aquilo.

Então Aedion seguiu a rainha para a escuridão do navio conforme a noite se estendeu acima deles, rezando para que Aelin e Manon não estivessem prestes a destruir o barco.

Compartilhar a cama com uma bruxa. Aelin trincou os dentes conforme seguia para o quarto de Manon.

Dorian tinha uma certa fama quando o assunto eram mulheres, mas *aquilo*... ela riu com escárnio, desejando que Chaol estivesse presente, ao menos para ver o olhar no rosto *do capitão*.

Mesmo que a deixasse com o peito mais aliviado saber que Chaol e Faliq estavam no sul. Talvez levantando um exército para atravessar o mar Estreito e marchar na direção do norte. Se todos tivessem sorte.

Se. Aelin odiava aquela palavra. Mas... a amizade com Dorian já estava bastante frágil. Cedera ao pedido parcialmente por um resquício de bondade, mas em grande parte porque sabia que havia mais a arrancar de Manon sobre Morath. Sobre Erawan. Muito mais.

E ela duvidava de que a bruxa fosse prestativa — principalmente quando a jovem perdera a calma apenas um *pouquinho* naquela manhã. E talvez usar o interesse de Dorian como um véu para amolecer Manon tornasse Aelin uma pessoa manipuladora e terrível, mas... era uma guerra.

A jovem flexionou a mão ao se aproximar do quarto, as luzes oscilando às ondas cada vez mais violentas desde o meio-dia.

Rowan curara o ferimento nos nós de seus dedos causado pelo golpe na bruxa — e Aelin agradecera trancando a porta do quarto e se ajoelhando diante do príncipe. Ela ainda conseguia sentir os dedos do feérico fechados em punho nos cabelos, ainda ouvia seu gemido...

Rowan, um passo ao lado de Aelin, virou a cabeça na sua direção. *Em que diabo está pensando?*

Mas as pupilas do guerreiro se dilataram o suficiente para que a jovem soubesse que ele sabia exatamente onde estava sua mente conforme caminhavam até a cabine da bruxa. E o fato de Fenrys ter ficado bem atrás no corredor disse o bastante a ela sobre a mudança no próprio cheiro.

As coisas de sempre, disparou Aelin para o guerreiro com um sorriso atrevido. *Matar, fazer crochê, como fazer você emitir aqueles sons de novo...*

O rosto de Rowan assumiu uma expressão de dor que a fez sorrir. Principalmente quando a garganta ondulou, engolindo... em seco. *Segundo round*, era o que ele parecia dizer. *Assim que isso acabar. Teremos um segundo round. Dessa vez* eu *verei quais sons você emite.*

Aelin quase se chocou contra o batente da porta aberta da cabine de Manon. A risada baixa do feérico a fez se concentrar, parar de sorrir como uma idiota cheia de luxúria e paixão...

A bruxa estava sentada na cama, disparando os olhos dourados entre Rowan e Dorian e Aelin.

Fenrys entrou por último, e a atenção foi diretamente para a bruxa. Sem dúvida chocado pela beleza, pela graciosidade, pelo *blá-blá-blá* que a tornava perfeita.

Com a voz baixa e inexpressiva, Manon perguntou:

— Quem é esse?

Dorian ergueu uma sobrancelha, acompanhando o olhar.

— Você o conheceu antes. É Fenrys, guerreiro jurado à rainha Maeve.

Foi o semicerrar dos olhos da bruxa que fez algum instinto formigar. O dilatar das narinas conforme ela farejou o macho, o cheiro quase indetectável na cabine lotada...

— Não, não é — informou Manon.

As unhas de ferro da bruxa se projetaram um segundo antes de Fenrys atacar.

46

O instinto de Aelin ainda a fez levar a mão à faca antes de recorrer à magia.

E, quando Fenrys saltou contra Manon com um grunhido, foi o poder de Rowan que o lançou para o outro lado do quarto.

Antes que o macho terminasse de deslizar pelo chão, Aelin já havia erguido uma parede de chamas entre eles.

— Que *diabo*! — exclamou ela.

De joelhos, o guerreiro agarrou a garganta — o ar que Rowan roubava.

A cabine era pequena demais para todos sem que ficassem muito próximos. Gelo dançava nas pontas dos dedos de Dorian conforme ele passava para o lado de Manon, ainda acorrentada à cama.

— Como assim aquele não é Fenrys? — perguntou Aelin à bruxa sem tirar os olhos do feérico. Rowan soltou um grunhido atrás da jovem.

E a rainha observou, em um misto de horror e fascinação, quando o peito de Fenrys se expandiu com um fôlego potente. Quando ele ficou de pé, analisando aquela muralha de chamas.

Como se a magia de Rowan tivesse se extinguido.

E conforme a pele de Fenrys pareceu brilhar e se derreter, conforme uma criatura pálida como neve fresca surgiu da ilusão que se dissipou, Aelin lançou um olhar sutil a Aedion por cima do ombro.

Seu primo imediatamente se moveu, as chaves das correntes de Manon surgindo do bolso.

Mas a bruxa não se moveu ao ver a coisa tomar forma; todos os membros magros, as asas bem fechadas, o rosto retorcido e horrível farejando-os...

As correntes se abriram.

— O que é você? — perguntou Aelin para o ser além da muralha de chamas.

Mas Manon respondeu pela criatura:

— O Cão de Caça de Erawan.

A criatura sorriu, revelando cotocos podres e escuros no lugar de dentes.

— A seu dispor — disse aquilo. Disse *ela*, percebeu Aelin ao notar os pequenos seios murchos no peito estreito. — Então suas vísceras ficaram para dentro — ronronou a criatura para a bruxa.

— Onde está Fenrys? — indagou Aelin.

O sorriso da mulher Cão de Caça não hesitou.

— Presumo que esteja patrulhando o navio em outro nível. Ignorante, assim como vocês, ao fato de que alguém do grupo não estava verdadeiramente aqui enquanto eu...

— Ih, outro falastrão — comentou a rainha, passando a trança por cima de um dos ombros. — Deixe-me adivinhar: matou um marinheiro, assumiu seu lugar, descobriu o que precisava a respeito de como tirar Manon deste navio e de nossa patrulha e... o quê? Planejava carregá-la voando noite adentro? — Ela franziu o cenho para o corpo fino da criatura. — Mal parece conseguir levantar um garfo, e pelo visto não faz isso há meses.

A mulher Cão de Caça piscou, então sibilou.

Manon soltou uma risada baixa.

— Sinceramente? — continuou Aelin. — Podia simplesmente ter entrado aqui de fininho e poupado mil etapas idiotas...

— *Metamorfa* — sibilou a coisa, com tanta fome que as palavras de Aelin hesitaram.

Os olhos enormes da criatura haviam ido direto para Lysandra, que rosnava baixo na forma de leopardo-fantasma.

— *Metamorfa* — repetiu ela, com um olhar desejoso contorcendo as feições.

E Aelin teve a sensação de que sabia o que a coisa fora inicialmente. O que Erawan aprisionara e mutilara nas montanhas em volta de Morath.

— Como eu estava dizendo — falou a rainha, com lentidão, no melhor tom que conseguiu. — Você realmente causou isso a si mesma...

— Vim pela herdeira Bico Negro — ofegou a jovem Cão de Caça. — Mas olhem para vocês todos: um tesouro que vale seu peso em ouro.

Os olhos ficaram anuviados, como se não estivesse mais ali, como se tivesse flutuado para outra sala...

Merda.

Aelin atacou com as chamas.

A mulher Cão de Caça gritou...

E as chamas se derreteram em vapor.

Rowan estava imediatamente ali, empurrando-a para trás, a espada em punho. A magia...

— Deveria ter me dado a bruxa. — A criatura gargalhou e arrancou a portinhola da lateral do navio. — Agora ele sabe com quem viaja, qual navio veleja...

A mulher disparou para a portinhola que abrira na lateral do navio enquanto borrifos de água entraram.

Uma flecha de ponta preta a atingiu no joelho, então outra.

Ela caiu a um centímetro da liberdade.

Grunhindo ao entrar no quarto, Fenrys disparou outra flecha e prendeu o ombro da criatura nas tábuas de madeira.

Aparentemente, não aceitava muito bem ser personificado. Ele lançou a Rowan um olhar de raiva que comprovava o fato. E que indagava como não tinham notado a diferença.

Ainda assim, a mulher Cão de Caça se levantou, e sangue preto borrifou o quarto, preenchendo-o com seu fedor. Aelin tinha uma adaga inclinada, pronta para disparar; Manon estava prestes a avançar; o machado de Rowan estava erguido...

Então a criatura atirou uma tira de couro negro no centro do quarto.

Manon parou subitamente.

— Sua imediata gritou quando Erawan a deixou destruída — revelou a jovem Cão de Caça. — Sua Majestade Sombria enviou isto para que se lembre dela.

Aelin não ousou tirar os olhos da criatura. Mas poderia ter jurado que Manon oscilara.

Em seguida a coisa disse para a bruxa:

— Um presente de um rei dos Valg... para a última rainha das Crochan viva.

Manon encarou incessantemente aquela faixa de couro trançado — aquela que Asterin usara todos os dias, mesmo quando a batalha não exigia —, sem se importar com o que a mulher Cão de Caça tinha declarado aos demais. Sem se importar se era herdeira do

clã Bico Negro ou rainha das Crochan. Sem se importar se...

A bruxa não terminou o pensamento por cima do rugido que silenciou tudo em sua mente.

O rugido que saiu da própria boca ao se atirar contra a criatura.

As flechas atravessadas na besta a arranharam quando ela empurrou aquele corpo esguio e ossudo contra a madeira. Garras e dentes atacaram em direção ao rosto da bruxa, mas ela levou as mãos ao pescoço da criatura, rasgando a pele úmida com ferro.

Então aquelas garras foram prendidas à madeira por mãos fantasmas conforme Dorian se aproximou, o rosto determinadamente insensível. A mulher Cão de Caça se debateu, tentando desvencilhar as garras...

A criatura gritou quando as mãos invisíveis lhe esmagaram ossos.

Então os atravessaram.

Manon olhou boquiaberta para as mãos decepadas antes de a coisa gritar, tão alto que os ouvidos da própria bruxa zuniram. Mas Dorian cantarolou:

— Acabe com isso.

Ela ergueu a outra mão, querendo que ferro dilacerasse a criatura, e não aço.

Os demais assistiam de trás, armas em punho.

Mas então a Cão de Caça ofegou:

— Não quer saber o que sua imediata disse antes de morrer? Pelo que ela *implorou*?

Manon hesitou.

— Que marca horrível na barriga... *impura*. Foi você mesma quem fez aquilo, Bico Negro?

Não. Não, não, não...

— Um bebê; ela disse que deu à luz uma bruxinha natimorta.

A bruxa congelou por completo.

E realmente não se importou quando a criatura disparou para seu pescoço, os dentes expostos.

Não foram chamas ou vento que quebraram o pescoço da mulher Cão de Caça.

Mas mãos invisíveis.

O ruído ecoou pelo quarto, e Manon se virou para Dorian Havilliard. Os olhos cor de safira estavam totalmente desprovidos de piedade. A bruxa grunhiu.

— Como *ousa* tomar minha morte...

Homens no deque começaram a gritar, e Abraxos rugiu.

Abraxos.

Manon se virou onde estava e disparou pela parede de guerreiros, seguindo para o corredor e subindo as escadas...

As unhas de ferro arrancaram pedaços da madeira escorregadia conforme ela se impulsionou para cima, com a barriga doendo. O ar noturno abafado a atingiu, depois o cheiro do mar, então...

Havia seis delas.

A pele não era branca como osso, igual à da Cão de Caça, mas de uma escuridão manchada — feitas para as sombras e para a dissimulação. Eram criaturas aladas, todas com rostos e corpos humanoides...

Ilken, uma delas sibilou ao estripar um homem com um golpe das garras. *Somos os ilken e viemos nos banquetear.* De fato, havia piratas mortos no convés, e o sangue emitia um odor acobreado que preencheu os sentidos de Manon quando ela correu para onde o rugido de Abraxos soara.

Mas ele estava no ar, batendo as asas no alto, a cauda agitada.

A metamorfa em forma de serpente alada estava ao lado.

Atacando três das figuras menores, tão mais ágeis conforme...

Chamas irromperam na noite, junto de vento e gelo.

Um ilken derreteu. O segundo teve as asas partidas. E o terceiro... o terceiro congelou em um bloco sólido e se estilhaçou no deque.

Mais oito ilken aterrissaram, um deles rasgando o pescoço de um marinheiro que gritava no convés de proa...

Os dentes de ferro de Manon dispararam para baixo. Chamas irromperam de novo, atingindo os terrores que se aproximavam.

Apenas para que os ilken as atravessassem.

O navio se tornou um campo confuso de batalha conforme asas e garras rasgavam delicada pele humana, conforme os guerreiros imortais avançavam contra os ilken que aterrissavam no deque.

Aedion disparou atrás de Aelin assim que a serpente alada rugiu.

Ele conseguiu chegar somente até o deque principal antes de aquelas *coisas* atacarem.

Antes de as chamas de Aelin irromperem do convés adiante e ele perceber que a

prima podia cuidar de si, porque *merda*, o rei valg estivera ocupado. *Ilken*, era como se chamavam.

Havia dois deles diante de Aedion no tombadilho, para onde correra para salvar o imediato e o capitão de terem os órgãos da barriga dilacerados. Os seres tinham quase 2,5 metros e pareciam ter nascido de pesadelos, mas os olhos... aqueles eram olhos humanos. E os cheiros... como carne podre, mas... humana. Parcialmente.

Estavam entre o general e as escadas que levavam de volta ao deque principal.

— Que tesouro essa caçada revelou — disse um deles.

Aedion não ousou desviar a atenção dos ilken, embora tivesse vagamente ouvido Aelin ordenar a Rowan que ajudasse os outros navios. Vagamente ouvido o grunhido de um lobo e de um leão, e sentido o beijo do frio gélido se chocando contra o mundo.

Ele segurou a espada, girando-a uma vez, duas. Será que o lorde pirata os vendera a Morath? A forma como a mulher Cão de Caça olhara para Lysandra...

O ódio se tornou uma canção no sangue.

As criaturas o analisaram, e Aedion girou a espada de novo. Dois contra um — ele podia ter uma chance.

Foi então que o terceiro ilken avançou das sombras atrás do general.

Aelin matou um ilken com Goldryn. Decapitação.

Os outros dois... Não ficaram muito felizes com isso, se os gritos incessantes nos momentos que se seguiram eram algum indício.

O rugido de um leão partiu a noite, e ela rezou para que Gavriel estivesse com Aedion em algum lugar...

Os dois seres diante da jovem, bloqueando o caminho para o deque inferior, finalmente pararam com os chiliques sibilados por tempo suficiente e perguntaram:

— Onde estão suas chamas agora?

Aelin abriu a boca. Mas então Fenrys saltou de um canto escuro da noite, como se simplesmente tivesse atravessado uma porta, e se chocou contra o ilken mais próximo. Ao que parecia, tinha um ajuste de contas a fazer.

O maxilar do feérico envolveu o pescoço de um ilken, e o outro se virou, as garras estendidas.

Aelin não foi rápida o bastante para impedir que dois conjuntos de garras

cortassem a pelagem branca, atravessando o escudo que Fenrys mantinha sobre si, e o grito de dor do imortal ressoou pela água.

Espadas gêmeas de chamas mergulharam nos pescoços dos ilken.

Então cabeças rolaram no deque escorregadio de sangue.

Fenrys cambaleou para trás, dando um passo antes de cair sobre as tábuas. Aelin correu até o guerreiro, xingando.

Havia sangue e ossos e um lodo esverdeado... veneno. Como aqueles nas caudas das serpentes aladas.

Como se soprasse mil velas, ela afastou as chamas para reunir aquele poder de cura da água. Fenrys se transformou de novo em macho, soltando xingamentos baixos e asquerosos entre dentes enquanto apoiava a mão sobre as costelas rasgadas.

— *Não se mexa* — disse Aelin ao feérico.

Ela mandara Rowan imediatamente para os outros navios. Ele tentara discutir, mas... tinha obedecido. Aelin não fazia ideia de onde estava a Líder Alada; a *rainha Crochan*. Pelos deuses.

A jovem preparou a magia, tentando acalmar o coração revolto...

— Os demais — disse Aedion, ofegando e mancando na direção deles, coberto em sangue preto — estão bem. — Aelin quase soluçou de alívio, até que reparou na forma como os olhos do primo brilhavam e que... que Gavriel, ensanguentado e mancando mais que o filho, estava um passo atrás deste. Que droga havia acontecido?

Fenrys grunhiu, e Aelin voltou a se concentrar nos ferimentos, naquele veneno que escorria para o sangue do feérico. Ela abriu a boca para lhe dizer que abaixasse a mão, então asas bateram.

Não do tipo que Aelin amava.

Aedion estava imediatamente diante deles, com a espada em punho e uma expressão de dor; mas um dos ilken ergueu a mão com garras. *Conferência.*

O general parou. Mas Gavriel se aproximou imperceptivelmente do ilken que farejava Fenrys e sorria.

— Não se incomode — informou a coisa a Aelin, rindo baixinho. — Ele não tem muito mais tempo de vida.

Aedion grunhiu, levando as mãos às facas de luta. A prima reuniu chamas. Apenas a mais quente das chamas podia matar as criaturas; qualquer coisa mais fraca e permaneciam ilesas. A rainha pensaria nas implicações a longo prazo mais tarde.

— Fui enviado para mandar uma mensagem — disse o ilken, sorrindo por cima do

ombro na direção do horizonte. — Obrigada por confirmar em baía da Caveira que carrega o que Sua Majestade Sombria busca.

O estômago de Aelin pesou.

A chave. Erawan sabia que ela estava com a chave de Wyrd.

47

Rowan correu de volta à embarcação, a magia quase o catapultando pelos ares.

Os outros dois navios foram deixados em paz — até mesmo tiveram a audácia de indagar qual era a droga do motivo de toda a gritaria.

Antes de partir, o guerreiro não se incomodara em explicar nada além de que era um ataque inimigo e ordenar que ancorassem até que acabasse. Então voltara para a carnificina.

Voltara com o coração batendo tão forte que quase vomitara de alívio ao guinar para pousar e ver Aelin ajoelhada no deque. Até que notou Fenrys sangrando sob as mãos da rainha.

Até que o último ilken aterrissou diante do grupo.

O ódio de Rowan se afiou em uma lança letal, a magia se acumulando conforme ele mergulhou para o céu, mirando o deque. Explosões concentradas, descobrira o feérico, podiam atravessar qualquer escudo repelente embutido nas criaturas.

Rowan arrancaria a cabeça da besta de uma só vez.

Mas então o ilken gargalhou bem no momento que o feérico pousou e se transformou, olhando por cima do ombro fino.

— Morath está ansiosa para recebê-los — zombou a criatura com um riso de escárnio, lançando-se em seguida para o céu, antes que Rowan pudesse avançar em sua direção.

Aelin, no entanto, não se moveu. Gavriel e Aedion, ensanguentados e mancando, mal se moviam também. Fenrys, com o peito em uma confusão de sangue e gosma verde — *veneno...*

Poder brilhou nas mãos da rainha quando ela se ajoelhou sobre o macho feérico,

concentrando-se naquele pouco de água que recebera, uma gota d'água no mar de fogo...

Rowan abriu a boca para oferecer ajuda no momento em que Lysandra saiu ofegante das sombras:

— Alguém vai lidar com aquela coisa, ou devo eu?

De fato, o ilken batia as asas para o litoral distante, mal passava de um ponto escuro contra o céu negro, disparando para a costa, sem dúvida voando direto em direção a Morath para relatar.

Rowan pegou o arco caído de Fenrys e as aljavas de flechas com pontas pretas.

Nenhum deles o impediu de seguir para o corrimão, sangue esguichando sob as botas.

Os únicos ruídos eram as ondas contra o casco, os soluços dos feridos e o gemido do poderoso arco conforme ele posicionou uma flecha e puxou. Mais e mais. Os braços reclamaram, mas o guerreiro se concentrou naquele ponto escuro voando.

— Aposto uma moeda de ouro que ele erra — brincou Fenrys, a voz rouca.

— Guarde o fôlego para sua cura — disparou Aelin.

— Aposto duas — respondeu Aedion atrás de Fenrys. — Para mim, ele acerta.

— Podem ir para o inferno — grunhiu Aelin, mas então acrescentou: — Aposto cinco. Dez moedas que derruba a criatura no primeiro disparo.

— Fechado — gemeu Fenrys, a voz rouca de dor.

Rowan trincou os dentes.

— Lembre-me de por que dou atenção a qualquer um de vocês.

Então ele disparou.

A flecha era quase invisível ao seguir pela noite.

E com a visão feérica, Rowan observou com clareza perfeita quando aquela flecha encontrou o alvo.

Bem na cabeça da criatura.

Aelin riu baixinho ao ver o ilken atingir a água; o jato visível mesmo de longe.

O guerreiro se virou e fez uma careta para ela. Luz reluziu às pontas dos dedos quando Aelin as ergueu sobre o peito destruído de Fenrys. Então Rowan voltou o olhar de irritação para o macho e para Aedion, falando:

— Podem pagar, idiotas.

O general riu, mas Rowan viu a sombra nos olhos de Aelin conforme ela voltou a curar a antiga sentinela. Entendeu por que ela fizera piada, mesmo com Fenrys ferido

diante de si. Porque se Erawan já sabia seu paradeiro... precisavam agir. Rápido.

E rezar para que as coordenadas de Rolfe até o Fecho não estivessem erradas.



Aedion estava de saco cheio de surpresas

De saco cheio de sentir o coração quase parar no peito.

Como acontecera quando Gavriel saltara para salvá-lo dos ilken. O Leão rasgara as criaturas com uma ferocidade que o deixara parado ali, como um novato com a primeira espada de treino.

O desgraçado idiota havia se ferido no processo, garantindo um corte no braço e nas costelas que o fizeram rugir de dor. Felizmente o veneno que cobria aquelas garras tinha sido gasto com outros homens.

Mas fora o cheiro do sangue do pai que lançara Aedion em ação — aquele odor acobreado e mortal. Gavriel apenas havia piscado para o filho, que então ignorou a dor latejante na perna, cortesia de um golpe logo acima do joelho momentos antes. Eles lutaram costas contra costas até que as criaturas não passassem de pilhas de ossos e carne se contorcendo.

Ele não lançara uma palavra ao macho antes de embainhar a espada e o escudo às costas e correr para encontrar Aelin.

Ainda ajoelhada sobre Fenrys, ela não ofereceu a Rowan nada além de um tapinha na coxa antes de o guerreiro disparar para ajudar os outros feridos. Um tapinha na coxa — por acertar um disparo que Aedion tinha quase certeza de que a maioria dos homens na Devastação teria considerado impossível.

Ele apoiou o balde de água que Aelin pedira que pegasse para Fenrys, tentando não encolher o corpo enquanto ela limpava o veneno verde que escorria. A alguns metros, o pai de Aedion cuidava de um pirata balbuciante — com não mais que um corte na coxa.

Fenrys sibilou, e a própria Aelin soltou um grunhido de dor. Aedion se aproximou.

— O quê?

Sua prima balançou a cabeça uma vez, em uma dispensa brusca, mas ele permaneceu, observando-a fixar os olhos em Fenrys; fixá-los e os concentrar de uma forma que disse a Aedion que, o que quer que estivesse prestes a fazer, doeria. Ele vira aquele mesmo olhar passar entre curandeira e soldado centenas de vezes em campos de batalha, assim

como nas tendas dos curandeiros depois.

— Por que — ofegou Fenrys — apenas — outro ofegar — não os derreteu?

— Porque eu queria arrancar alguma informação antes que atacasse, seu feérico desgraçado e mandão. — Ela trincou os dentes de novo, e Aedion apoiou a mão nas costas da rainha conforme o veneno sem dúvida tocou sua magia. Conforme Aelin tentava limpar o guerreiro. Ela se apoiou um pouco no toque do primo.

— Posso me curar sozinho — resmungou Fenrys, rouco, notando seu esforço. — Vá até os demais.

— Ah, por favor — disparou ela. — Vocês são todos uns insuportáveis. Aquela besta tinha *veneno* nas garras...

— Os demais...

— Diga-me como sua magia funciona... como pode saltar entre lugares daquela forma. — Uma forma inteligente e fácil de mantê-lo concentrado em outra coisa.

Aedion verificou o deque, certificando-se de que não era necessário, então cuidadosamente limpou o sangue e o veneno que escorriam do peito de Fenrys. Aquilo devia causar uma dor infernal. O latejar insistente na própria perna provavelmente não era nada em comparação.

— Ninguém sabe de onde vem, o que é — explicou Fenrys, entre fôlegos breves, com os dedos se curvando e se abrindo nas laterais do corpo. — Mas me dá a possibilidade de deslizar entre dobras no mundo. Apenas distâncias curtas, e apenas algumas vezes antes de me esgotar, mas... é útil em um campo de batalha. — Ele ofegou entre dentes quando as bordas exteriores do corte começaram a repuxar, uma em direção à outra. — Tirando isso, não tenho nada especial. Velocidade, força, cura rápida... mais que o feérico comum, mas a mesma quantidade de dons. Posso erguer escudos para mim e para outros, mas não posso conjurar um elemento.

A mão de Aelin oscilou levemente sobre o ferimento.

— De que é feito seu escudo, então?

O guerreiro tentou, mas fracassou em gesticular com o ombro. Então Gavriel, que trabalhava no pirata ainda chorando, murmurou:

— Arrogância.

Aelin riu com escárnio, mas não ousou tirar os olhos do ferimento quando disse:

— Então você tem senso de humor, Gavriel.

O Leão de Doranelle deu um sorriso ponderado por cima do ombro. O sorriso raramente visto e contido, gêmeo daquele de Aedion. Aelin o chamara de *tio Gatinho*

apenas uma vez antes de o primo grunhir cruelmente, fazendo-a pensar duas vezes antes de usar o termo de novo. Gavriel, para seu crédito, apenas soltara um suspiro longo e sofrido que parecia ser usado somente quando ela ou Fenrys estavam por perto.

— Esse senso de humor só aparece uma vez a cada século — comentou Fenrys, com a voz rouca. — Então é melhor torcer para que você Estabilize, ou é a última vez que o verá. — Aelin riu, embora a risada tenha se dissipado rapidamente. Algo frio e oleoso deslizou para o estômago de Aedion. — Desculpe — acrescentou o guerreiro, encolhendo-se diante das palavras ou da dor.

A jovem perguntou, antes que Aedion deixasse as palavras serem absorvidas:

— De onde veio? Sei que Lorcan era um bastardo dos cortiços.

— Lorcan era um bastardo no palácio de Maeve também, não se preocupe — zombou Fenrys, o rosto bronzeado pálido. Os lábios de Aelin se contorceram na direção de um sorriso. — Connall e eu éramos filhos de nobres, residentes na parte sudeste das terras de Maeve... — Ele sibilou.

— Seus pais? — insistiu Aedion, quando a própria Aelin parecia buscar as palavras com dificuldade. Ele a vira curar pequenos cortes e vagarosamente consertar os ferimentos de Manon ao longo de dias, mas...

— Nossa mãe era uma guerreira — contou Fenrys, pronunciando cada palavra lentamente. — Ela nos treinou para que o fôssemos também. Nosso pai também era um, mas costumava estar longe, servindo em guerras. Nossa mãe tinha a incumbência de defender nosso lar, nossas terras. E de se reportar a Maeve. — Fôlegos roucos e difíceis saíam dos dois. Aedion se moveu para que Aelin pudesse se apoiar completamente nele, afastando a dor que o peso extra colocava sobre o joelho já inchado. — Quando Con e eu tínhamos 30 anos, estávamos ansiosos para acompanhá-la a Doranelle... ver a cidade, conhecer a rainha e fazer... o que jovens gostam de fazer com dinheiro no bolso e a companhia da juventude. Só que Maeve olhou uma vez para nós e... — Ele precisou de mais tempo para recuperar o fôlego daquela vez. — As coisas não seguiram bem daí em diante.

Aedion sabia do resto; Aelin também.

O restante da gosma verde escorreu do peito do guerreiro, e a rainha sussurrou:

— Ela sabe que você odeia o juramento, não sabe?

— Sabe — respondeu Fenrys. — E não tenho dúvida de que me enviou aqui com o intuito de me torturar com a liberdade temporária.

As mãos de Aelin estavam trêmulas e o corpo estremecia contra o de Aedion. Ele

deslizou o braço pela cintura da prima.

— Sinto muito por estar preso a ela. — Foi tudo que a assassina conseguiu dizer.

Os ferimentos no peito do feérico começaram a cicatrizar. Rowan caminhou até ela, como se tivesse pressentido o enfraquecimento de Aelin.

O rosto de Fenrys ainda parecia cinzento, ainda tenso, conforme olhava para Rowan, então ele disse a Aelin:

— É o que estamos destinados a fazer... proteger, servir, cuidar. O que Maeve oferece é... um deboche disso. — Ele observou os ferimentos que se curavam no peito, remendando-se devagar. — Mas é o que invoca o sangue de um macho feérico, o que o guia. O que estamos todos procurando, mesmo quando dizemos o contrário.

O pai de Aedion ficara imóvel próximo ao pirata ferido.

Aedion, surpreendendo-se a si mesmo, falou por cima do ombro para Gavriel:

— E você acha que Maeve atende a isso... ou pensa como Fenrys?

O guerreiro piscou, praticamente todo o choque demonstrado, depois se esticou, com o marinheiro ferido diante de si caindo no sono depois da cura. Aedion encarou os olhos amarelados de Gavriel, tentando abafar o pingo de esperança que brilhou no olhar do Leão.

— Venho de uma casa nobre também, o mais jovem de três irmãos. Não herdaria as terras nem governaria, então me tornei um soldado. Isso levou ao interesse e a uma proposta de Maeve. — Não havia... não há honra maior.

— Isso não é resposta — disse Aedion, baixinho.

O pai endireitou os ombros. Inquieto.

— Só odiei servi-la uma vez. Só quis ir embora uma vez.

Gavriel não continuou. Mas Aedion sabia quais eram as palavras não ditas.

Aelin afastou uma mecha de cabelo do rosto.

— Você a amava tanto assim?

Aedion tentou não manifestar a gratidão por ela ter feito a pergunta.

Os nós dos dedos de Gavriel ficaram brancos quando as mãos se fecharam em punhos.

— Ela era uma estrela luminosa em séculos de escuridão. Eu teria seguido aquela estrela até o fim do mundo se ela tivesse permitido. Mas não permitiu, e respeitei seus desejos para que ficasse longe. Para que nunca mais a procurasse. Fui para outro continente e não me deixei olhar para trás.

Os rangidos do navio e os gemidos dos feridos eram os únicos sons. Aedion

conteve a vontade de se levantar e ir embora. Pareceria uma criança; não um general que lutara com sangue na altura dos joelhos em campos de batalha.

Como ele não conseguia dizer as palavras, novamente Aelin as falou:

— Teria tentado quebrar o juramento de sangue por ela? Por eles?

— Honra é meu código — respondeu Gavriel. — Mas, se Maeve tivesse tentado feri-lo ou a ela, Aedion, eu teria feito tudo em meu poder para salvá-los.

As palavras o atingiram, então ecoaram por seu corpo. O general não se deixou pensar nelas, na verdade que sentira a cada uma. Na forma como seu nome havia soado nos lábios do pai.

O feérico verificou o pirata machucado em busca de mais feridas, então seguiu para outro tripulante. Aqueles olhos amarelos deslizaram para o joelho inchado de Aedion sob a calça.

— Precisa cuidar disso, ou ficará enrijecido demais para movimentar em algumas horas.

Aedion sentiu a atenção de Aelin disparar para ele, observando-o em busca de lesões, mas o general devolveu o olhar do pai e disse:

— Sei como tratar de meus ferimentos. — Os curandeiros de campos de batalha e da Devastação o haviam ensinado o suficiente ao longo dos anos. — Cuide dos seus. — De fato, sangue formava crostas na camisa do macho. Sorte... fora muita sorte que o veneno já tivesse sido esvaziado daquelas garras. Gavriel piscou e olhou para si, com a faixa de tatuagens ondulando ao engolir em seco, então continuou sem mais uma palavra.

Aelin se afastou do primo por fim, tentando se levantar, mas fracassando. Aedion estendeu a mão para ela quando a concentração se esvaiu dos olhos opacos, mas Rowan já estava lá, suavemente a puxando para cima antes que caísse de cara no piso de tábuas. Rápido demais; devia ter drenado as reservas rápido demais e sem comida alguma no organismo.

Rowan encarou o general também, os cabelos de Aelin oscilaram quando ela apoiou a cabeça contra o peito do príncipe. O esforço... o estômago de Aedion se revirou diante daquilo. Morath sabia o que estava enfrentando. *Quem* estava enfrentando. Erawan fizera seus comandantes de acordo. O guerreiro assentiu como se confirmasse suas suspeitas, mas apenas disse:

— Eleve esse joelho.

Fenrys caíra em um sono leve antes de Rowan carregar Aelin para baixo.

Então Aedion ficou sozinho durante o resto da noite: primeiro montando guarda, depois apoiado no mastro no tombadilho durante algumas horas, com o joelho realmente elevado, sem vontade de descer até o interior claustrofóbico e escuro.

O sono finalmente começava a chamá-lo quando ouviu madeira ranger alguns metros atrás. Aedion sabia que o som fora emitido de propósito, para evitar assustá-lo.

O leopardo-fantasma se sentou ao seu lado, agitando a cauda, e o encarou por um momento antes de apoiar a enorme cabeça na coxa do general.

Em silêncio, eles observaram as estrelas brilharem por cima das ondas calmas, com Lysandra roçando a cabeça contra seu quadril.

A luz das estrelas parecia manchar a pelagem da metamorfa com um tom prata fosco, e um leve sorriso lampejou nos lábios de Aedion.

48

Eles trabalharam noite adentro, descendo âncora somente para a tripulação consertar o buraco no quarto de Manon. O remendo aguentaria por enquanto, disse o capitão a Dorian, mas que os deuses os ajudassem se enfrentassem outra tempestade antes de chegar ao pântano.

Eles cuidaram dos feridos durante horas, e, enquanto remendava corpos, Dorian ficou grato pela pouca magia de cura que Rowan lhe ensinara. Fingir que era um quebra-cabeça ou pedaços de tecido rasgado impedia que o jantar, mesmo pouco, retornasse. Mas o veneno... ele deixou isso com Rowan, Aelin e Gavriel.

Quando a manhã se tornou um cinza nauseante, os rostos de todos pareciam borrões macilentos e escuros, com olhos profundos. Fenrys, ao menos, estava mancando pelo barco, e Aedion deixara que Aelin cuidasse do joelho apenas por tempo suficiente para que caminhasse de novo, mas... Tinham visto dias melhores.

As pernas de Dorian fraquejavam um pouco conforme ele verificava o deque coberto de sangue. Alguém jogara os corpos das criaturas ao mar, com a pior parte do sangue, ainda assim... Se o que a mulher Cão de Caça dissera fosse verdade, não podiam se dar ao luxo de parar em um porto e consertar o restante dos danos.

Um grunhido baixo e trêmulo ressoou, levando-o a olhar para a proa do outro lado do deque.

A bruxa ainda estava ali. Ainda cuidava dos ferimentos de Abraxos, como fizera a noite inteira. Uma das criaturas o mordera algumas vezes — felizmente sem veneno nos dentes, mas... a serpente alada perdera bastante sangue. Manon não havia deixado ninguém chegar perto do animal.

Aelin tentara uma vez e, quando Manon grunhiu para ela, a jovem xingara o

bastante para fazer todos pararem, dizendo que a bruxa merecia se a maldita besta morresse. Manon ameaçara arrancar a espinha de Aelin, que devolvera o insulto com um gesto vulgar. Depois disso, Lysandra fora forçada a monitorar o espaço entre as duas durante uma hora, empoleirada nas cordas do mastro principal na forma de leopardo-fantasma, a cauda se agitando à brisa.

Mas no momento... os cabelos brancos de Manon se moviam, o vento morno da manhã puxando preguiçosamente as mechas conforme ela se recostava na lateral de Abraxos.

Dorian sabia que pisava em terreno perigoso. Na outra noite, estivera pronto para despir vagarosamente a bruxa, para dar bom uso àquelas correntes. No entanto, quando vira os olhos dourados devorando-o com tanto desejo quanto ele queria devorar outras partes da Bico Negro...

Como se sentisse o escrutínio, Manon olhou para o rei.

Mesmo do outro lado do convés, cada centímetro entre os dois era tenso.

É claro que Aedion e Fenrys imediatamente repararam, parando onde limpavam o sangue do deque, e o último riu com escárnio. Ambos haviam se curado o suficiente para andar, mas nenhum deles se moveu para interferir quando Manon caminhou na direção de Dorian. Se a bruxa não fugira ou atacara até então, deviam ter decidido que não se incomodaria em fazer isso naquele instante.

Ela ocupou um espaço no corrimão, olhando para a água infinita enquanto fiapos de nuvens cor-de-rosa borravam o horizonte. Sangue preto lhe manchava a camisa e as palmas das mãos.

— Tenho você a agradecer por essa liberdade?

Dorian apoiou os antebraços no parapeito de madeira.

— Talvez.

Olhos dourados se voltaram para ele.

— A magia... o que era?

— Não sei — respondeu o rapaz, estudando as próprias mãos. — Parecia uma extensão de mim. Como se fossem mãos de verdade que eu pudesse comandar.

Por um segundo, ele pensou na sensação ao lhe segurar os pulsos, como o corpo da bruxa reagira, relaxado e tenso onde Dorian costumava gostar que fosse, conforme a boca do rei acariciara brevemente a de Manon. Os olhos dourados se incendiaram, como se também se lembrassem, e ele se viu dizendo:

— Eu não machucaria você.

— Mas gostou de matar a mulher Cão de Caça.

Não se incomodou em afastar o gelo dos olhos.

— Sim.

Manon se aproximou o suficiente para roçar o dedo sobre a faixa pálida no pescoço de Dorian, e ele se esqueceu de que havia um navio cheio de pessoas assistindo.

— Poderia tê-la feito sofrer... escolheu um golpe limpo em vez disso. Por quê?

— Porque mesmo com nossos inimigos há um limite.

— Então tem sua resposta.

— Não fiz uma pergunta.

Manon riu com escárnio.

— Passou a noite inteira com essa expressão nos olhos... como se estivesse se tornando tão monstro quanto o restante de nós. Da próxima vez que matar, lembre-se desse limite.

— Qual é seu limite, bruxinha?

Ela o encarou, como se desejasse que Dorian visse um século de tudo que fizera.

— Não sou mortal. Não obedeço suas regras. Matei e cacei homens por esporte. Não me confunda com uma mulher humana, *principezinho*.

— Não tenho interesse em mulheres humanas — ronronou ele. — São frágeis demais.

Ao dizer aquilo, as palavras atingiram algum ferimento profundo e doloroso dentro de si.

— Os ilken — disse ele, afastando a dor. — Sabia sobre eles?

— Presumo que são parte do que quer que esteja naquelas montanhas.

Uma voz feminina rouca disparou:

— O que quer dizer com *o que quer que esteja naquelas montanhas?*

Dorian quase saltou para fora da própria pele. Ao que parecia, Aelin andava pegando dicas com a amiga leopardo-fantasma. Mesmo Manon piscou para a rainha ensopada de sangue que surgira atrás deles.

A bruxa olhou para Aedion e Fenrys, que tinham ouvido a indagação e já se aproximavam, seguidos por Gavriel. A camisa de Fenrys ainda estava em frangalhos. Pelo menos Rowan montava guarda das cordas naquele momento, e Lysandra voava acima, verificando se havia perigos ao redor.

— Nunca vi os ilken — explicou Manon. — Apenas ouvi falar deles, ouvi seus gritos conforme morriam, então ouvi os rugidos ao serem refeitos. Não sabia que eram

isso. Ou que Erawan os enviaria para tão longe do ninho. Minhas Sombras tiveram um lampejo apenas uma vez. A descrição combina com o que atacou ontem à noite.

— Os ilken são na maioria batedores ou guerreiros? — perguntou Aelin.

O ar fresco parecia ter deixado Manon mais à vontade para divulgar informações, porque ela se recostou contra o corrimão, encarando o grupo de assassinos em volta, e continuou:

— Não sabemos. Usaram a cobertura das nuvens em vantagem própria. Minhas Sombras conseguem encontrar qualquer coisa que não queira ser encontrada, e, no entanto, não conseguiram caçar ou rastrear aquelas coisas.

Aelin ficou um pouco tensa, olhando com raiva para a água que fluía além. Sem dizer nada, como se as palavras tivessem se dissipado e a exaustão — algo mais pesado que isso — tivesse se instalado.

— Saia dessa — soltou Manon.

Aedion grunhiu, em aviso.

Devagar, a rainha ergueu os olhos para a bruxa, fazendo com que Dorian se preparasse.

— E daí que calculou errado — prosseguiu a bruxa. — E daí que a encontraram. Não se distraia pelas pequenas derrotas. Isso é guerra. Cidades serão perdidas, pessoas massacradas. E, se eu fosse você, estaria mais preocupada com *por que* mandaram tão poucos ilken.

— Se você fosse eu — murmurou Aelin, em um tom de voz que fez a magia de Dorian subir. Gelo lhe resfriou as pontas dos dedos enquanto a mão de Aedion deslizou para a espada. — Se você fosse eu. — Uma risada baixa e amarga. O rei não ouvira aquele som desde... desde um quarto ensopado de sangue em um castelo de vidro que não existia mais. — Bem, você *não* é, Bico Negro, então confio que manterá suas opiniões sobre o assunto para si.

— Não sou uma Bico Negro — respondeu Manon.

Todos a encararam. Mas a bruxa simplesmente observou a rainha.

Com um gesto de mãos marcadas por cicatrizes, Aelin disse:

— Certo. *Essa* questão. Vamos ouvir a história então.

Dorian se perguntou se começariam a golpear, mas Manon apenas esperou alguns segundos, olhou de novo para o horizonte e respondeu:

— Quando minha avó me tirou o título de herdeira e Líder Alada, também tirou minha ascendência. Ela me contou que meu pai era um príncipe Crochan e que ela o

matou, assim como minha mãe, por eles conspirarem para acabar com a rixa entre nossos povos e quebrar a maldição de nossas terras.

Dorian olhou para Aedion. O rosto do Lobo do Norte estava tenso; os olhos Ashryver brilhavam forte, remoendo as possibilidades de tudo que a bruxa contava.

Um pouco entorpecida, como se fosse a primeira vez que dizia aquilo a si mesma, Manon afirmou:

— Sou a última rainha Crochan... a última descendente direta da própria Rhiannon Crochan.

Aelin apenas inspirou entre dentes, erguendo a sobrancelha.

— E — continuou ela —, independentemente de minha avó reconhecer ou não, sou herdeira do clã Bico Negro. Minhas bruxas, que lutaram a meu lado durante cem anos, passaram a maior parte deles matando as Crochan. Sonhando com uma terra natal a qual *eu* prometi levá-las de volta. E agora estou banida, minhas Treze espalhadas e perdidas. Sou herdeira da coroa de nossas inimigas. Então não é a única, *Majestade*, que tem planos que dão errado. Então se recomponha e descubra o que fazer a seguir.

Duas rainhas; havia duas rainhas entre eles, percebeu Dorian.

Aelin fechou os olhos, então soltou uma risada áspera e rouca. Aedion novamente ficou tenso, como se aquela risada pudesse facilmente acabar em violência ou paz, mas Manon ficou parada ali. Considerando a tempestade.

Ao abrir os olhos, com o sorriso contido, porém tenso, ela disse para a rainha bruxa:

— Eu sabia que tinha salvado sua vida miserável por um motivo.

O sorriso de resposta de Manon foi assustador.

Os machos pareceram soltar um suspiro tenso, inclusive o próprio Dorian.

Então Fenrys repuxou o lábio inferior, observando o céu.

— O que não entendo é por que esperar tanto tempo para fazer tudo isso? Se Erawan quer vocês mortos — um aceno de cabeça na direção de Dorian e Aelin —, por que deixar que amadurecessem, que ficassem poderosos?

O jovem rei tentou não estremecer ao pensar naquilo. Como estiveram despreparados.

— Porque eu escapei de Erawan — explicou Aelin. Dorian tentou não recordar aquela noite dez anos atrás, mas a memória o atravessou, assim como Aelin e Aedion. — Ele achou que eu estava morta. E Dorian... o pai o protegeu. O melhor que pôde.

O rapaz afastou aquela memória também. Principalmente quando Manon inclinou

a cabeça em indagação.

— Maeve sabia que você estava viva. Apostaria que Erawan também sabia — comentou Fenrys.

— Talvez ela tenha contado a Erawan — sugeriu Aedion.

Fenrys voltou a cabeça para o general.

— Ela jamais teve qualquer contato com Erawan ou Adarlan.

— Até onde você sabe — ponderou ele. — A não ser que a rainha curta jogar conversa fora na cama.

Os olhos do guerreiro ficaram sombrios.

— Maeve não compartilha poder. Via Adarlan como um inconveniente. Ainda vê.

— Todos podem ser comprados a um preço — replicou o general.

— O preço da aliança de Maeve é inominável — respondeu Fenrys. — Não pode ser comprado.

Aelin ficou completamente quieta ao ouvir as palavras do guerreiro.

Ela piscou para ele, franzindo as sobrancelhas, e os lábios silenciosamente repetiram as palavras ditas.

— O que foi? — indagou Aedion.

— Meu preço é inominável — murmurou ela. O primo abriu a boca, sem dúvida para perguntar o que atiçara o interesse de Aelin, mas ela franziu a testa para Manon. — Seu tipo pode ver o futuro? Como um oráculo?

— Algumas — admitiu a bruxa. — As Sangue Azul alegam que podem.

— Outros clãs conseguem?

— Dizem que, para as Anciãs, passado e presente e futuro se mesclam.

Aelin balançou a cabeça e caminhou na direção da porta que levava ao corredor de cabines minúsculas. Rowan saiu voando das cordas e se transformou, os pés atingindo as tábuas quando terminou. Sequer olhou para o grupo ao seguir a rainha até o corredor, fechando a porta atrás de ambos.

— O que foi aquilo? — perguntou Fenrys.

— Uma Anciã — ponderou Dorian, então murmurou para Manon: — Baba Pernas Amarelas.

Todos se voltaram para ele. Mas os dedos da bruxa tocaram a clavícula; onde o colar de cicatrizes de Aelin, cingido pela Pernas Amarelas, ainda lhe envolvia o pescoço com um branco contrastante.

— Nesse inverno, ela estava em seu castelo — disse Manon a Dorian. —

Trabalhando como vidente.

— E o quê... ela falou algo desse tipo? — Aedion cruzou os braços. Ele soubera da visita, lembrou-se o rei. O general sempre estivera de olho nas bruxas, em todos os jogadores poderosos do reino, dissera ele certa vez.

Manon encarou Aedion.

— Pernas Amarelas *era* uma vidente... um oráculo poderoso. Aposto que sabia quem era a rainha assim que a viu. E viu coisas que planejou vender a quem pagasse mais. — Dorian tentou não encolher o corpo diante da memória. Aelin massacrara Pernas Amarelas porque a bruxa ameaçara contar os segredos *dele*. A jovem jamais tinha indicado uma ameaça contra os próprios segredos. Manon continuou: — Pernas Amarelas não teria contado nada diretamente à rainha, apenas de forma velada. Para que ela fosse à loucura quando entendesse.

Um olhar significativo para a porta pela qual Aelin sumira.

Ninguém disse mais nada, mesmo mais tarde, enquanto comiam mingau frio de café da manhã.

O cozinheiro, ao que parecia, não havia sobrevivido à noite.



Rowan bateu à porta do banheiro particular. Aelin a trancara. Entrara no quarto, fora ao banheiro e trancara o príncipe feérico do lado de fora.

E estava lá dentro, vomitando as tripas.

— Aelin — grunhiu Rowan, baixinho.

Uma inspiração irregular, então um engasgo, em seguida... mais vômito.

— *Aelin* — rosnou ele, debatendo durante quanto tempo seria socialmente aceitável até arrombar a porta. *Aja como um príncipe*, resmungara Aelin para ele na outra noite.

— Não estou me sentindo bem. — Veio a resposta abafada. A voz estava vazia, inexpressiva, de uma forma que Rowan não ouvia havia algum tempo.

— Então me deixe entrar para que eu possa cuidar de você — pediu ele, o mais calma e racionalmente possível.

Aelin o trancara do lado de fora... *o trancara do lado de fora*.

— Não quero que me veja assim.

— Já vi você se mijar. Posso lidar com você vomitando. O que *também* já vi antes.

Dez segundos. Mais dez segundos pareciam uma quantidade de tempo justa antes

que Rowan se apoiasse na maçaneta e destruísse a tranca.

— Apenas... apenas me dê um minuto.

— O que a respeito das palavras de Fenrys atingiu você? — Ele ouvira tudo do lugar no mastro.

Silêncio absoluto. Como se estivesse recolhendo o terror puro para dentro do corpo, enfiando-o em um lugar onde não procuraria por ele, ou o sentiria, ou o reconheceria. Nem falaria a respeito.

— *Aelin*.

A maçaneta virou.

O rosto da jovem estava cinzento e os olhos, vermelhos. A voz da jovem falhou ao dizer:

— Quero falar com Lysandra.

O guerreiro olhou para o balde que Aelin enchera pela metade, então para os lábios brancos, para o suor que formava gotas em sua testa.

O coração do feérico pareceu parar no peito ao contemplar que... que ela podia não estar mentindo.

E ao contemplar por que razão podia estar doente. Rowan tentou sentir o cheiro de Aelin, mas o vômito estava pungente demais, o espaço era muito pequeno e envolto em maresia. Cambaleante, ele recuou um passo, afastando os pensamentos. Sem mais uma palavra, deixou o quarto.

O feérico sentia-se entorpecido ao sair atrás da metamorfa — já de volta e na forma humana, devorando um café da manhã frio e velho. Com um olhar de preocupação, Lysandra silenciosamente fez como Rowan ordenou.

Ele se transformou e voou tão alto que o navio se transformou em um ponto oscilante abaixo. Nuvens resfriaram suas penas; o vento rugiu por cima do pânico puro latejando em seu coração.

O príncipe planejava se perder no céu do alvorecer enquanto vigiava por perigos, planejava se recompor antes de voltar para ela e começar a fazer perguntas cujas respostas podia não estar pronto para ouvir.

Mas a costa surgiu — e apenas a magia o impediu de cair rolando do céu diante do que os primeiros raios de sol revelaram.

Rios amplos, reluzentes, e córregos serpenteantes fluíam pelas cores esmeralda e dourado que ondulavam, cobrindo os campos gramados e de junco, o ouro queimado dos bancos de areia flanqueando as margens.

E onde pequenas aldeias de pescadores um dia observaram o mar... Fogo.

Dezenas daquelas aldeias queimavam.

No navio abaixo, marinheiros começaram a gritar, chamando uns aos outros conforme a costa por fim surgiu no horizonte e a fumaça se tornou visível.

Eyllwe.

Eyllwe queimava.

49

Elide não falou com Lorcan durante três dias.

Não teria falado com ele por mais três, talvez por malditos três meses, se a necessidade não tivesse exigido a quebra do silêncio de ódio.

O ciclo da jovem chegara. E por causa de qualquer que fosse a dieta substancial e saudável que andava consumindo no último mês, passara de um pingar inconsistente para o dilúvio que a acordara naquela manhã.

Ela havia disparado da cama estreita da cabine para o pequeno banheiro a bordo, vasculhara cada gaveta e caixa que conseguira encontrar, mas... obviamente uma mulher jamais passara tempo naquele barco infernal. Elide tinha então rasgado a toalha de mesa bordada para usar como absorvente, e, ao terminar de se limpar, Lorcan já estava acordado, guiando o barco.

— Preciso de suprimentos — comunicou ela, inexpressiva.

— Ainda está fedendo a sangue.

— Suspeito que *vou* feder a sangue durante vários dias, e vai piorar antes de melhorar, então *preciso* de suprimentos. *Agora*.

Lorcan se virou do lugar de sempre, perto da proa, farejando uma vez. O rosto de Elide estava vermelho, e a barriga era uma confusão tensa de cólicas.

— Paro na próxima cidade.

— Quando será isso? — O mapa era inútil para ela.

— Ao anoitecer.

Eles tinham velejado direto por cada cidade ou povoado pelo rio, sobrevivendo com os peixes que Lorcan pescava. Elide estivera tão irritada com a própria impotência que, depois do primeiro dia, começara a lhe copiar os movimentos — o que tinha garantido

uma gorda truta no processo. Ela o fizera matar o peixe e limpar as vísceras e cozinhar, mas... pelo menos pegara a coisa.

— Tudo bem — respondeu Elide.

— Tudo bem — disse Lorcan.

Conforme ela seguia para a cabine para encontrar mais tecidos para conter o sangue, o guerreiro falou:

— Você mal sangrou da última vez.

A última coisa que ela queria era ter aquela conversa.

— Talvez meu corpo tenha finalmente se sentido seguro o suficiente para ser normal.

Porque mesmo com o assassinato do homem, a mentira e então a verdade sobre Aelin jogada em seu rosto... Lorcan enfrentaria qualquer ameaça sem pensar duas vezes. Talvez pela própria sobrevivência, mas prometera proteção a Elide. A jovem conseguia dormir uma noite inteira porque o semifeérico se deitava no chão entre ela e a porta.

— Então... não há nada de errado. — Lorcan não se incomodou em olhar para Elide ao dizer isso.

Ainda assim, ela inclinou a cabeça, analisando os músculos tensos das costas do guerreiro. Mesmo se recusando a falar com Lorcan, Elide o estivera observando — e inventara desculpas para observar conforme ele fazia os exercícios diários, em geral sem camisa.

— Não, não há nada de errado — retrucou a jovem. Era o que esperava, pelo menos. Finnula, a enfermeira de Elide, sempre tinha emitido um estalo com a língua, dizendo que os ciclos da jovem eram escassos demais, muito leves e irregulares. Pois aquele viera exatamente um mês depois... Ela não sentia vontade de pensar muito a respeito.

— Que bom. Nos atrasaria se houvesse — comentou Lorcan.

Ela revirou os olhos para as costas do semifeérico, nada surpresa com a resposta, e mancou até a cabine.



Tinha mesmo de parar, disse Lorcan a si mesmo conforme observava Elide negociar pelos suprimentos de que precisava com uma dona de estalagem na cidade.

Ela envolvera os cabelos pretos em um abandonado lenço vermelho que devia ter

encontrado naquela barquinha deprimente, e até mesmo usara um sotaque anasalado ao falar com a mulher, o comportamento inteiro era bem diferente da mulher graciosa e quieta que o guerreiro passara três dias ignorando.

O que fora tranquilo. Ele tinha usado aqueles três dias para organizar os planos com relação a Aelin Galathynius, como devolveria o favor que ela lhe fizera.

A estalagem parecia segura o bastante, então Lorcan deixou Elide negociando — no fim das contas, ela também queria *roupas* novas — e saiu perambulando pelas ruas malcuidadas da cidadezinha esquecida em busca de suprimentos.

As ruas estavam cheias de mercadores fluviais e pescadores aportando para a noite. Intimidando os comerciantes, Lorcan conseguira comprar uma caixa de maçãs, cervo seco e aveia por metade do preço normal. Apenas para afastá-lo, o mercador no cais em ruínas acrescentara algumas peras — para a linda moça, dissera o homem.

Com os braços cheios de mercadorias, o guerreiro quase alcançava a barca quando as palavras ecoaram na mente, com uma sensação estranha.

Não levara Elide por aquela parte do cais. Não vira o sujeito enquanto aportava nem quando tinham saído. Boatos poderiam explicar aquilo, mas era uma cidade fluvial: estranhos sempre iam e vinham, e pagavam pelo anonimato.

Lorcan correu de volta até a barca. Névoa subira do rio, cobrindo a cidade e a margem oposta. Enquanto largava a caixa e as mercadorias no barco, sem nem se incomodar em prendê-las, as ruas tinham ficado vazias.

A magia se agitou. Lorcan verificou a névoa e as manchas douradas onde velas brilhavam nas janelas. *Não está certo, não está certo, não está certo*, sussurrou o poder.

Onde ela estava?

Rápido, desejou Lorcan, contando os quarteirões que haviam tomado até a estalagem. Ela deveria ter voltado àquela altura.

A névoa se intensificou. As botas do semifeérico emitiam guinchos.

O guerreiro grunhiu para os paralelepípedos quando ratos passaram correndo... na direção da água. Eles se atiraram ao rio, rastejando e se engalfinhando.

Não havia algo vindo; algo já tinha *chegado*.

A dona de estalagem insistiu para que Elide experimentasse as roupas antes de comprá-las. Ela as colocou em um montinho nos braços da jovem e apontou na direção

de um quarto nos fundos.

Homens encararam — desejosos demais — quando Elide passou, caminhando por um corredor estreito. Era típico de Lorcan deixá-la enquanto ia buscar o que quer que precisasse. A jovem entrou no quarto, achando-o escuro e frio, então se virou para procurar uma vela e uma pederneira.

A porta bateu, selando-a do lado de dentro.

Elide avançou para a maçaneta ao ouvir aquela vozinha sussurrar: *corra corra corra corra corra corra.*

Ela se chocou contra algo musculoso, ossudo e encouraçado.

Fedia a carne podre e sangue velho.

Uma vela se acendeu de repente do outro lado do quarto. Revelando uma mesa de madeira, uma lareira vazia, janelas seladas e...

Vernon. Sentado do outro lado da mesa, sorrindo para Elide, como um gato.

Mãos fortes com garras pontudas se fecharam nos ombros da jovem, com as unhas cortando a roupa de couro. O ilken a segurava com força conforme o tio falava, sem pressa:

— Que aventura você teve, Elide.

50

– Como me encontrou? — sussurrou Elide, o fedor do ilken era quase o bastante para fazê-la vomitar.

O tio se levantou, com um movimento fluido e lento, arrumando a túnica verde.

— Fazendo perguntas para ganhar tempo? Inteligente, mas previsto. — Com o queixo, ele indicou a criatura, que soltou um ruído baixo, gutural de estalo.

A porta se abriu atrás da besta, revelando dois outros ilken no corredor, com aquelas asas e rostos terríveis. Pelos deuses. Pelos deuses.

Pense pense pense pense pense.

— A última coisa que ouvimos era que seu companheiro estava colocando suprimentos no barco e soltando-o do porto. Você provavelmente deveria ter lhe pagado mais.

— Ele é meu marido — sibilou Elide. — Não tem direito de me tirar dele... *nenhum*. — Porque uma vez que estivesse casada, o controle de Vernon sobre sua vida terminava.

Ele soltou uma risada baixa.

— Lorcan Salvaterre, braço direito de Maeve, é seu marido? É mesmo, Elide. — Vernon gesticulou preguiçosamente para os ilken. — Partimos agora.

Lutar naquele instante; já, antes que tivessem a chance de movê-la, de levá-la para longe.

Mas para onde fugiria? A dona da estalagem a tinha entregado, alguém traíra sua localização naquele rio...

O ilken a puxou. Elide enterrou os calcanhares nas tábuas de madeira, o que pouco adiantaria.

A criatura soltou uma risada baixa, então levou a boca ao ouvido da jovem.

— Seu sangue tem um cheiro limpo.

Ela se encolheu, mas a besta a segurou com força, a língua cinzenta fez cócegas na lateral do pescoço de Elide. Embora se debatesse, ainda não havia nada que pudesse fazer conforme era levada para o corredor, na direção dos ilken que esperavam ali. Para a porta dos fundos, a menos de 3 metros, já aberta para a noite afora.

— Está vendo do que a protegi em Morath, Elide? — cantarolou Vernon, seguindo atrás. A jovem bateu com os pés no piso de madeira, diversas vezes, forçando-se contra a parede, contra qualquer coisa que a ajudasse a lutar contra o ilken...

Não.

Não.

Não.

Lorcan partira; ele tinha conseguido tudo de que precisava com Elide e partira. Ela o atrasara, levara inimigo após inimigo até ele.

— E como será de volta em Morath — ponderou Vernon — agora que Manon Bico Negro está morta?

O peito de Elide se partiu ao ouvir as palavras. *Manon...*

— Estripada pela própria avó e atirada do precipício da Fortaleza por desobediência. É claro que eu a protegerei de suas *parentes*, mas... Erawan ficará interessado em saber o que andou fazendo. O que você... pegou de Kaltain.

A pedra no bolso do casaco.

O objeto latejava e sussurrava, despertando conforme a jovem dava pinotes.

A estalagem ficara silenciosa, e ninguém no outro lado do corredor tinha se incomodado em aparecer e investigar os gritos sem palavras de Elide. Outro ilken surgiu no campo visual logo além da porta dos fundos aberta.

Quatro deles. E Lorcan tinha partido...

A pedra no seio de Elide começou a fervilhar.

Mas uma voz que era jovem e velha, sábia e doce, sussurrou: *Não a toque. Não a use. Não reconheça sua existência.*

O objeto estivera dentro de Kaltain — levando-a à loucura. Transformara a jovem naquela... carcaça.

Uma carcaça para que outra coisa a ocupasse.

A porta aberta esperava.

Pense pense pense.

Elide não conseguia respirar o suficiente para pensar, com o fedor do ilken ao seu redor, prometendo quais tipos de horrores ela sofreria quando voltassem para Morath...

Não, não voltaria. Não deixaria que a levassem, que a destruíssem e usassem...

Uma chance. Teria uma chance.

Não, sussurrou a voz na mente de Elide. *Não*...

Mas havia uma faca do lado do corpo do tio, que saíra pela porta e seguia à frente. Era tudo de que a jovem precisava. Vira Lorcan usando-a vezes o bastante enquanto caçava.

Vernon parou no pátio dos fundos diante de uma grande caixa de ferro retangular.

Havia uma pequena janela no compartimento.

E alças em duas das pontas.

Elide entendeu para que serviriam os ilken quando três outros se posicionaram em torno da caixa.

Eles a enfiariam lá dentro, trancariam a porta e *voariam* com ela de volta a Morath.

A caixa era pouco maior que um caixão erguido.

A porta já estava aberta.

O ilken precisaria soltá-la para atirar Elide dentro. Por um segundo, a deixariam. Precisaria usar aquilo em vantagem própria.

Vernon esperou ao lado da caixa. A jovem não ousou olhar para a faca.

Um soluço escapou de sua garganta. Morreria ali; naquele pátio imundo, com aquelas coisas terríveis ao redor. Elide jamais veria o sol de novo, ou riria, ou ouviria música...

Os ilken se moveram em torno da caixa, as asas farfalhando.

Um metro e meio. Um metro. Meio metro.

Não, não, não, implorava a sábia voz a Elide.

Ela não seria levada de volta a Morath. Não deixaria que a tocassem e a corrompessem...

O ilken a empurrou para a frente, um empurrão violento com o propósito de fazê-la cambalear para dentro da caixa.

Elide se virou, dando de cara com a borda do compartimento e esmagando o nariz. Ainda assim, ela se voltou para o tio. O tornozelo reclamou conforme o peso do corpo foi apoiado sobre ele para a jovem disparar até a faca na lateral do corpo de Vernon.

Ele não teve tempo de perceber o que a sobrinha pretendia fazer quando ela

libertou a faca da bainha do quadril. Quando virou a faca nos dedos, envolvendo o cabo com a outra mão.

Quando os ombros se curvaram para dentro, o peito se contraiu e Elide disparou a lâmina para o alvo.



Lorcan tinha o alvo na mira.

Escondido na névoa, os quatro ilken não conseguiam detectá-lo conforme o homem que ele tinha certeza ser o tio de Elide fazia com que uma das criaturas empurrasse a jovem na direção da caixa-prisão.

Era contra aquele sujeito que Lorcan mirava o machado.

Elide soluçava. Com terror e desespero.

Cada som afiava o ódio do guerreiro, tornando-o algo tão letal que Lorcan mal conseguia ver direito.

Então os ilken a atiraram na caixa de ferro.

E Elide provou que não estava blefando quando alegara que jamais voltaria para Morath.

Lorcan ouviu o nariz dela se quebrar ao bater na borda do compartimento, ouviu o grito de surpresa do tio de Elide conforme ela virou e avançou contra ele...

Pegando a adaga. Não para matá-lo.

Pela primeira vez em cinco séculos, o guerreiro conheceu medo de verdade ao ver Elide virar aquela faca contra si, a lâmina inclinada para mergulhar para cima, no coração.

Ele atirou o machado.

No momento em que a ponta da adaga perfurou o couro por cima das costelas, o cabo de madeira do machado se chocou contra o pulso de Elide.

A jovem caiu com um grito, e a adaga saiu voando...

Lorcan já tinha se movido quando se viraram para o local onde estivera agachado no telhado. O semifeérico saltou para o telhado mais próximo, até as armas que colocara ali minutos antes, sabendo que eles sairiam por aquela porta...

A faca seguinte atravessou a asa de um ilken. Então outra foi disparada para manter a criatura no chão antes que descobrissem sua localização. Mas Lorcan já corria para o terceiro telhado que margeava o pátio. Até a espada que deixara ali. Ele atirou a

arma direto no rosto do ilken mais próximo.

Restavam dois, além de Vernon, que gritava a fim de que colocassem a jovem na caixa...

Elide corria desesperadamente para o beco estreito fora do pátio, e não para a rua ampla. O beco pequeno demais para os ilken — principalmente com todos os destroços e lixo acumulados ali. Boa menina.

Lorcan saltou e rolou para o telhado seguinte, para as duas adagas que restavam...

Ele as atirou, mas os ilken já tinham aprendido como mirava, qual era o estilo de lançamento do semifeérico.

Não tinham aprendido qual era o de Elide, no entanto.

Ela não fora para o beco apenas para se salvar. Fora atrás do machado.

E Lorcan observou aquela mulher se aproximar de fininho por trás do ilken distraído e lhe enterrar o machado nas asas.

Com o pulso ferido. Com o nariz escorrendo sangue pelo rosto.

O ilken gritou, debatendo-se para pegá-la, mesmo ao cair de joelhos.

Onde Elide o queria.

O machado estava de novo em movimento antes que o grito da criatura terminasse.

O som foi interrompido um segundo depois, quando a cabeça quicou nas pedras.

Lorcan disparou do telhado, mirando no ilken restante que olhava para Elide com ódio...

Mas a criatura se virou e correu para onde Vernon se acovardava, à porta, com o rosto pálido.

Soluçando, com o próprio sangue escorrendo nas pedras, Elide se virou para o tio também. O machado já se erguia.

Mas o ilken chegou ao homem, pegando-o com braços fortes, e levantou voo com os dois.

Elide atirou o machado mesmo assim.

A arma errou a asa da besta por um fio de cabelo.

O machado se chocou contra os paralelepípedos, arrancando um pedaço de pedra. Bem ao lado do ilken com as asas despedaçadas — que rastejava na direção da saída do pátio.

Lorcan observou Elide pegar o machado e caminhar até a besta destruída, que sibilava.

A criatura a atacou com as garras, mas a jovem facilmente desviou do golpe.

O ilken gritou conforme Elide pisou na asa alquebrada, impedindo-o de rastejar para a liberdade.

Quando a besta ficou em silêncio, a jovem falou, com um tom de voz baixo e impiedoso que Lorcan jamais a ouvira usar, nítido apesar do sangue que lhe entupia uma narina:

— Quero que Erawan saiba que da próxima vez que os enviar até mim como uma matilha de cães, devolverei o favor. Quero que Erawan saiba que da próxima vez que eu o vir, entalharei o nome de Manon em seu maldito coração. — Lágrimas escorriam pelo rosto de Elide, silenciosas e intermináveis enquanto a ira esculpia as feições, transformando-as em algo de uma beleza poderosa e terrível.

— Mas parece que esta noite não é realmente sua noite — disse ela ao ilken, erguendo o machado de novo por cima do ombro. Talvez a criatura estivesse chorando conforme Elide dava um sorriso sombrio. — Porque apenas um é necessário para entregar uma mensagem. E seus companheiros já estão a caminho.

O machado desceu.

Carne e osso e sangue se derramaram nas pedras.

Ela ficou parada ali, encarando o cadáver, o sangue fétido que escorria do pescoço.

Lorcan, talvez um pouco entorpecido, se aproximou e tirou o machado das mãos da jovem. Como conseguira usar a arma com o pulso dolorido...

Elide sibilou e soluçou com aquele gesto. Como se qualquer que fosse a força impelida por seu sangue tivesse desaparecido, deixando apenas dor para trás.

Elide segurou o punho em completo silêncio enquanto Lorcan circundava os ilken mortos e lhes cortava a cabeça. Um após o outro, recuperando as próprias armas ao fazer aquilo.

Pessoas dentro da estalagem se movimentavam, perguntando-se a respeito do barulho, se era seguro sair para ver o acontecido com a garota que tão ansiosamente traíram.

Por um segundo, Lorcan considerou matar a dona da estalagem.

Mas Elide falou:

— Chega de morte.

Lágrimas escorriam pelo sangue negro borrifado em suas bochechas — sangue que era uma imitação do padrão de sardas. Sangue, carmesim e puro, escorria do nariz de Elide até a boca e o queixo, mas já secava.

Então Lorcan embainhou o machado e a pegou nos braços. Ela não protestou.

Ele a carregou em meio à cidade envolta em névoa, até onde o barco estava ancorado. Curiosos tinham se reunido, sem dúvida para saquear os suprimentos depois que os ilken partissem. Um grunhido do guerreiro fez com que disparassem pela névoa.

Quando subiram a bordo e a embarcação oscilou, Elide falou:

— Ele me disse que você tinha partido.

Lorcan ainda não a havia soltado, elevando-a com um dos braços enquanto desatava as cordas.

— Você acreditou nele.

A jovem limpou o sangue do rosto, então se encolheu devido ao pulso sensível... e ao nariz quebrado. Lorcan precisaria cuidar daquilo. Mesmo assim, poderia muito bem ficar levemente torto para sempre. Ele duvidava de que Elide fosse se importar.

Sabia que ela talvez visse aquele nariz torto como um sinal de que tinha lutado e sobrevivido.

O guerreiro a apoiou por fim sobre a caixa de maçãs — bem onde conseguia vê-la. A jovem ficou sentada em silêncio enquanto Lorcan pegou o remo e os empurrou para longe do cais, para longe daquela cidade odiosa, feliz pela cobertura da névoa conforme navegavam rio abaixo. Talvez pudessem perder mais dois dias no rio antes de desviarem para terra firme a fim de despistar quaisquer inimigos em seu encalço. Que bom que estavam perto o bastante de Eyllwe para alcançá-la em alguns dias a pé.

Quando não havia nada além de névoa flutuante e ondas do rio contra o barco, Lorcan voltou a falar:

— Você não teria impedido aquela adaga.

Elide não respondeu, e o silêncio se prolongou por tanto tempo que ele se voltou para a jovem sentada na caixa.

Lágrimas lhe escorriam pelo rosto enquanto encarava a água.

O guerreiro não sabia como a reconfortar, como a acalmar; não da forma como ela precisava.

Então apoiou o remo e se sentou ao seu lado na caixa. A madeira rangeu.

— Quem é Manon?

Lorcan ouvira a maior parte do que Vernon sibilara dentro daquela sala de jantar particular enquanto montava a armadilha no pátio, mas alguns detalhes tinham escapado.

— A Líder Alada da legião das Dentes de Ferro — respondeu Elide, a voz trêmula, as palavras ressoando no sangue que entupia o nariz.

— Foi ela quem a tirou de lá. — Ele arriscou um palpite. — Naquele dia... por causa dela você vestia o couro das bruxas, por isso acabou na floresta de Carvalhal.

Um aceno de cabeça.

— E Kaltain... quem era ela? — A pessoa que dera a Elide o objeto que ela carregava.

— Amante de Erawan... sua escrava. Tinha minha idade. Ele colocou a pedra dentro do braço dela e a transformou em um fantasma vivo. Ela deu a mim e a Manon tempo para fugirmos; ao fazer isso, incinerou a maior parte de Morath, assim como a si mesma.

Elide levou a mão ao bolso; a respiração estava pesada, e lágrimas ainda lhe escorriam pelo rosto. Lorcan prendeu o fôlego quando a jovem tirou um pedaço de tecido preto do bolso.

O cheiro remanescente no pano era feminino, estrangeiro — destruído e triste e frio. Mas havia outro cheiro por baixo, um que o guerreiro conhecia e odiava...

— Kaltain disse para dar isso a Celaena... não a Aelin — explicou Elide, tremendo com lágrimas. — Porque Celaena... ela deu a Kaltain um manto quente em uma masmorra fria. E não a deixaram levar o manto consigo quando a transferiram para Morath, mas ela conseguiu guardar este retalho. Para se lembrar de retribuir Celaena por aquela bondade. Mas... que tipo de presente é esta coisa. O que é isto? — Ela puxou a dobra do tecido, revelando uma lasca de pedra preta.

Cada gota do sangue de Lorcan ficou fria e quente, desperta e morta.

Elide chorava baixinho.

— Por que isso é uma retribuição? Meus ossos me dizem para não a tocar. Minha... uma voz me disse para nem mesmo pensar nela...

Era errada. A coisa na mão linda e imunda de Elide era errada. Não pertencia ali, não devia *estar* ali...

O deus que cuidara de Lorcan durante a vida inteira tinha se encolhido.

Até mesmo a morte temia o objeto.

— Guarde isso — ordenou ele, a voz áspera. — Imediatamente.

Com a mão trêmula, ela o fez. Apenas depois de o objeto ser escondido no casaco, Lorcan disse:

— Vamos limpá-la primeiro. Consertar o nariz e o pulso. E direi o que sei enquanto faço isso.

Elide assentiu, olhando para o rio.

O guerreiro estendeu a mão, segurando o queixo da jovem e a forçando a olhar para ele. Olhos inexpressivos e sem esperança encontraram os de Lorcan. Ele afastou uma lágrima perdida com o polegar.

— Prometi protegê-la. Não quebrarei essa promessa, Elide.

Ela fez menção de se afastar, mas Lorcan a segurou com um pouco mais de força, mantendo os olhos da jovem sobre ele.

— Sempre a encontrarei — jurou ele.

Ela engoliu em seco.

— Prometo — sussurrou Lorcan.



Elide pensou em tudo que Lorcan contara enquanto limpava seu rosto, inspecionando o nariz e o pulso. Ele atara o último em um tecido macio, depois rapidamente, mas não brutalmente, consertara seu nariz.

Chaves de Wyrd. Portões de Wyrd.

Aelin tinha uma chave de Wyrd. Estava procurando pelas outras duas.

Em breve seria apenas uma, quando Elide desse a ela a chave que levava.

Duas chaves — contra uma. Talvez vencessem aquela guerra.

Mesmo que Elide não soubesse como Aelin poderia usá-las sem se destruir. Mas... Deixaria isso por conta da rainha. Erawan podia ter os exércitos, mas... se Aelin tivesse duas chaves...

Ela tentou não pensar em Manon. Vernon mentira sobre Lorcan ter partido — para destruí-la, para fazer com que retornasse por vontade própria. Talvez a bruxa também não estivesse morta.

Elide não acreditaria até que tivesse provas. Até que o mundo inteiro gritasse para ela que a Líder Alada tinha morrido.

Lorcan havia voltado para a proa enquanto ela fora vestir uma das camisas do semifeérico, pois as vestes de couro estavam secando. O pulso latejava, uma dor constante, insistente, e o rosto não parecia muito melhor. Além disso, Lorcan avisara que Elide provavelmente ficaria com um olho roxo, mas... a mente seguia aguçada.

A jovem se aproximou do guerreiro, observando-o empurrar o remo contra o leito lodacento do rio.

— Matei aquelas criaturas.

— Fez um bom trabalho — comentou ele.

— Não me arrependo.

Olhos pretos profundos se voltaram para ela.

— Que bom.

Elide não sabia por que o dissera, por que sentira a necessidade de fazê-lo ou sentira que tinha algum valor para ele, mas a jovem ficara na ponta dos pés e beijara a bochecha áspera devido à barba por fazer, então falara:

— Sempre o encontrarei também, Lorcan.

Ela tinha sentido o olhar sobre ela, mesmo ao se afastar para deitar minutos mais tarde.

Quando acordou, havia faixas limpas de linho para seu ciclo ao lado da cama.

A camisa do próprio Lorcan, lavada e seca durante a noite... fora cortada para que ela usasse como quisesse.

51

A costa de Eyllwe estava em chamas.

Durante três dias, velejaram de cidade a cidade. Algumas ainda queimavam, algumas eram apenas cinzas. E em cada uma, Aelin e Rowan trabalharam a fim de apagar as chamas.

O guerreiro, na forma de falcão, podia voar para o interior, mas... Isso a deixava arrasada. Completamente arrasada por não poderem parar tempo suficiente a fim de ir até a praia. Então Aelin o fazia do navio, enterrava-se profundamente no poder, estendendo-o o máximo possível sobre mar e céu e areia, para extinguir aquelas fogueiras uma a uma.

No fim do terceiro dia, estava se esgotando, com tanta sede que nenhuma quantidade de água conseguia apaziguá-la, os lábios rachados e descascados.

Rowan fora para o litoral três vezes para perguntar quem fizera aquilo.

A resposta era sempre a mesma: escuridão os varrera durante a noite, do tipo que apaga as estrelas, então as aldeias ficaram em chamas sob flechas acesas, vistas apenas quando atingiam o alvo.

Mas de onde vinha aquela escuridão e as forças de Erawan... não havia sinal.

Nenhum sinal de Maeve também.

Rowan e Lysandra tinham voado alto e longe, buscando cada um dos exércitos, mas... nada.

Alguns aldeões começaram a alegar que fantasmas os tinham atacado. Fantasmas de entes desenterrados, voltando para casa de terras distantes.

Até que começaram a sussurrar outro boato.

De que a própria Aelin Galathynius queimava Eyllwe, cidade após cidade. Por

vingança porque não tinham ajudado seu reino há dez anos.

Não importava que estivesse apagando as chamas. Não acreditaram em Rowan quando ele tentara explicar quem abafava as fogueiras do navio distante.

O príncipe feérico dissera a ela que não desse atenção àquilo, que não deixasse que a atingisse. Então ela tentara.

E fora durante uma dessas vezes que Rowan tinha passado o polegar sobre a cicatriz na palma da mão de Aelin, inclinando-se para beijar seu pescoço. Ele lhe inspirara o cheiro, e a jovem percebera como Rowan detectara a resposta à pergunta que o fizera fugir naquela manhã no navio. Não, Aelin não carregava o filho dele.

Só tinham discutido a questão uma vez — na semana anterior. Quando ela havia desmontado do guerreiro, ofegante e coberta de suor, e ele perguntara se ela estava tomando um tônico. Aelin simplesmente respondera que não.

Rowan ficara imóvel.

Então ela havia explicado que, se herdara tanto do sangue feérico de Mab, poderia muito bem ter herdado a dificuldade feérica em conceber. E, mesmo que o momento fosse terrível... se aquela seria a única oportunidade de dar a Terrasen uma linhagem, um futuro... Aelin não a desperdiçaria. Os olhos verdes do guerreiro ficaram distantes, mas ele tinha assentido e beijado o ombro de Aelin. E fora isso.

A jovem não conseguira reunir coragem para perguntar se o feérico queria gerar seus filhos. Se *queria* ter filhos, considerando o que acontecera com Lyria.

E durante aquele breve momento antes de Rowan voar de volta à praia a fim de apagar mais chamas, Aelin também não tivera coragem para explicar por que vomitara as tripas naquela manhã.

Os últimos três dias foram um borrão. Desde o momento que Fenrys proferira aquelas palavras, *Meu preço é inominável*, tudo fora uma névoa de fumaça e chamas e ondas e sol.

Mas ao pôr do sol do terceiro dia, Aelin mais uma vez afastou aqueles pensamentos conforme o navio de escolta começou a sinalizar adiante, a tripulação freneticamente trabalhando para descer a âncora.

Havia gotas de suor em sua testa, e a língua estava seca como um pergaminho. Contudo, ela se esqueceu da sede, assim como da exaustão, ao ver o que os homens de Rolfe tinham avistado momentos antes.

Um terreno plano e alagado sob um céu nublado se estendia terra adentro, até onde a vista alcançava. Vegetação verde-musgo e branca como osso cobria as saliências e

as depressões; eram pequenas ilhas de vida em meio à água cinzenta e lisa como espelho. E entre essas ilhas, projetando-se da água salobra e da terra saliente, como se fossem os membros de um cadáver mal enterrado... ruínas. Ruínas enormes e destroçadas, uma cidade certa vez linda, afogada na planície.

O pântano de Pedra.



Manon deixou que os humanos e os feéricos se reunissem aos capitães dos outros dois navios.

Ela ouviu a notícia logo em seguida: o que buscavam estava a um dia e meio continente adentro. Não sabiam precisamente onde — nem quanto tempo levaria para encontrar a localização exata. Até que voltassem, os navios permaneceriam ancorados ali.

E, ao que parecia, a bruxa se juntaria a eles na viagem por terra firme. Como se a rainha suspeitasse de que, caso fosse deixada para trás, a pequena frota não estaria intacta quando retornassem.

Mulher esperta.

Mas esse era o outro problema. O que encarava Manon naquele momento, já parecendo ansioso e desapontado.

A cauda de Abraxos se agitou um pouco, os espinhos de ferro rasparam e arranharam o impecável deque do navio. Como se tivesse ouvido a ordem da rainha um minuto antes: *a serpente alada precisa partir*.

Na extensão plana e aberta do pântano, ele se destacaria demais.

A bruxa apoiou a mão no focinho cheio de cicatrizes, encarando os olhos pretos profundos.

— Precisa ficar escondido em algum lugar.

Um bufo quente e triste na palma da mão.

— Não reclame — respondeu Manon, embora algo se contorcesse e encolhesse em sua barriga. — Fique fora de vista, mantenha-se alerta e volte em quatro dias. — Ela se aproximou e apoiou o cotovelo contra o focinho da serpente alada. O grunhido de Abraxos ecoou nos ossos de Manon. — Temos sido uma dupla, você e eu. Alguns dias não são nada, meu amigo.

Abraxos cutucou a cabeça da bruxa com a dele.

Ela engoliu em seco.

— Você salvou minha vida. Muitas vezes. Jamais lhe agradeci por isso.

A serpente soltou outro choro baixo.

— Você e eu — prometeu ela. — De agora até a Escuridão nos reivindicar.

Manon obrigou-se a se afastar. Obrigou-se a acariciar o focinho de Abraxos apenas mais uma vez. Então recuou um passo. E depois outro.

— Vá.

Ele não se moveu. Manon exibiu os dentes de ferro.

— *Vá.*

Abraxos lhe lançou um olhar cheio de reprovação, mas o corpo ficou tenso e as asas se ergueram.

E ela decidiu que jamais odiara alguém mais do que odiava a rainha de Terrasen e os amigos. Por obrigarem Abraxos a partir. Por promoverem a separação quando tantos perigos não foram capazes de afastar os dois.

Mas o animal já estava no céu, as velas do navio gemiam ao vento das asas, e Manon o observou até que fosse uma manchinha no horizonte, até que os botes estivessem preparados para levá-los em direção à vegetação alta e à água cinza e estagnada do pântano adiante.

A rainha e a corte se prepararam, pegando armas como algumas pessoas se adornam com joias, movendo-se em perguntas e respostas uns aos outros. Tão parecidos com as Treze de Manon — parecidos o bastante para que ela precisasse se virar, encolher-se nas sombras do mastro dianteiro e conter a respiração até chegar a um ritmo tranquilo.

As mãos tremiam. Asterin não estava morta. As Treze não estavam mortas.

Ela havia guardado os pensamentos a respeito daquilo. Mas, naquele momento, com a serpente alada farejadora de flores desaparecendo no horizonte...

O último pedaço da Líder Alada desaparecera com ele.

Um vento abafado a puxou para a terra... na direção do pântano. Arrastando também o manto vermelho.

Manon passou um dedo pelo manto carmesim que se obrigara a vestir naquela manhã.

Rhiannon.

A bruxa jamais ouvira um sussurro de que a linhagem real das Crochan tinha saído viva daquele último campo de batalha cinco séculos antes. Ela se perguntou se alguma

das Crochan, além de sua meia-irmã, sabia que a filha de Lothian Bico Negro e um príncipe Crochan sobrevivera.

Manon soltou o broche que prendia o manto nos ombros, sopesando o monte espesso de tecido nas mãos.

Com alguns movimentos ágeis das unhas, ela cortou uma faixa fina do manto. Mais alguns movimentos e a amarrou na ponta da trança, o vermelho contrastando com os cabelos brancos como a lua.

A bruxa emergiu das sombras atrás do mastro principal, então olhou por cima da borda do navio.

Ninguém comentou quando ela jogou a capa da meia-irmã no mar.

O vento a carregou alguns metros sobre as ondas antes que oscilasse, como uma folha morrendo, e repousasse sobre um dos acúmulos de água. Uma poça de sangue — era o que parecia a distância, quando a maré carregou o manto para longe, bem longe no oceano.

Manon encontrou o rei de Adarlan e a rainha de Terrasen esperando no corrimão do convés principal enquanto os companheiros entravam no bote que aguardava sobre as ondas.

A bruxa encarou os olhos cor de safira, então aqueles turquesa e dourados.

Ela sabia que haviam visto a cena. Talvez não tivessem entendido o que o manto significara, mas... entenderam o que fora o gesto.

Manon recolheu os dentes de ferro e as unhas ao se aproximar.

— Nunca deixamos de ver seus rostos — comentou Aelin Galathynius, baixinho.

Somente quando remavam para o litoral, os jatos d'água os borrifando, a bruxa percebeu que a rainha não falava das Treze. E ela se perguntou se Aelin também tinha visto aquele manto flutuando para o mar e pensado que parecia sangue derramado.

52

Eles não chegaram a Leriba. Ou Banjali. Não chegaram nem perto.

Lorcan sentira o empurrão no ombro que o guiara e moldara o curso da própria vida — aquela mão invisível e insistente de sombra e morte. Então rumaram para o sul, depois oeste, velejando rapidamente pela rede aquática através de Eyllwe.

Elide não havia protestado nem questionado quando ele explicou que, se o próprio Hellas o cutucava, a rainha procurada estava provavelmente naquela direção. Aonde quer que os levasse. Não havia cidades ali, apenas infinitos campos gramados que beiravam a ponta mais ao sul da floresta de Carvalhal, assim como pântanos. Uma península abandonada cheia de ruínas entre brejos.

Mas, se era para lá que deveria ir... O toque do deus sombrio no ombro de Lorcan jamais o levara pelo caminho errado. Então veria o que encontraria.

Ele não se permitira remoer demais o fato de que Elide carregava uma chave de Wyrd. Que tentava levar o objeto para sua inimiga. Talvez a conjuração do poder do guerreiro levasse os dois até lá; até ela.

E então ele teria duas chaves... se jogasse direito.

Se fosse mais esperto e mais rápido e mais implacável que os demais.

Depois viria a parte mais perigosa de todas: viajar na posse de duas chaves para o coração de Morath em busca da terceira. Velocidade seria a melhor aliada de Lorcan e a única chance de sobrevivência.

E provavelmente jamais veria Elide ou os outros de novo.

Tinham finalmente abandonado a barca naquela manhã, entulhando os suprimentos que coubessem nas mochilas antes de saírem pelo gramado irregular. Horas depois, a respiração de Elide estava ofegante conforme subiam uma colina íngreme nas

profundezas da planície. Lorcan vinha sentindo cheiro de maresia havia dois dias — deviam estar perto do limite do pântano. Elide engoliu em seco, e o guerreiro passou a ela o cantil conforme subiam o pico da colina.

Mas a jovem parou, os braços inertes ao lado do corpo.

E o próprio Lorcan congelou diante do que se estendia à frente.

— O que é este lugar? — sussurrou ela, como se temesse que a própria terra ouvisse.

Até onde o olho podia ver, fluindo para o horizonte, a terra tinha afundado uns bons 10 metros — uma rachadura séria e violenta desde a beirada do penhasco no qual estavam, e não da colina, como se algum deus furioso tivesse batido com um pé na planície e deixado uma impressão.

Água salobra e prateada cobria a maior parte do local, imóvel como um espelho, interrompida apenas por ilhas de vegetação e montes de terra — e ruínas raras e desmoronadas.

— Este lugar é ruim — murmurou Elide. — Não deveríamos estar aqui.

De fato, os pelos nos braços de Lorcan tinham se arrepiado, cada instinto parecia alerta conforme ele verificava o pântano, as ruínas, os destroços e a folhagem espessa que cobria parte das ilhas.

Mesmo o deus da morte havia parado de cutucá-lo e se escondido atrás do ombro do semifeérico.

— O que sente?

Os lábios de Elide estavam pálidos.

— Silêncio. Vida, mas tanto... silêncio. Como se...

— Como se o quê? — insistiu Lorcan.

As palavras da jovem eram como o tremor de um fôlego.

— Como se todo o povo que um dia residiu aqui, há muito tempo, ainda estivesse preso no interior... ainda... abaixo. — Ela apontou para uma ruína, um domo curvo e quebrado do que provavelmente fora um salão de baile anexo à torre. Um palácio. — Não acho que este é um lugar para os vivos, Lorcan. As bestas nestas águas... Não acho que toleram invasores. Nem os mortos.

— É a pedra ou a deusa que a vigia dizendo essas coisas?

— É meu coração que murmura um aviso. Anneith está calada. Não acho que queira proximidade. Não acho que seguirá conosco.

— Ela foi a Morath, mas não continuará aqui?

— O que há dentro desses pântanos? — perguntou Elide então. — Por que Aelin se dirige a eles?

Essa parecia ser a pergunta. Pois se tinham captado aquilo, certamente a rainha e Whitethorn também o sentiriam; e apenas uma grande recompensa ou ameaça os levaria até ali.

— Não sei — admitiu Lorcan. — Não há nenhuma cidade ou aldeia perto daqui. — No entanto, fora para onde o deus sombrio o havia levado, e para onde aquela mão ainda o empurrava, a fim de que se aventurasse, mesmo que hesitante.

Nada além de ruínas e folhagem densa naquelas ilhotas de segurança, uma proteção contra o que quer que morasse sob a água vítrea.

Mas o guerreiro obedeceu ao deus que o cutucava no ombro e guiou a Lady de Perranth adiante.

— Quem morava aqui? — perguntou Elide, encarando o rosto erodido da estátua que se projetava de uma muralha de pedra quase em ruínas.

A figura se equilibrava no limite exterior da ilhota na qual estavam de pé, e a mulher salpicada de musgo e entalhada sem dúvida fora linda um dia, assim como servira de apoio para vigas e um telhado que, desde então, apodrecera. Contudo, o véu entalhado como vestimenta da mulher parecia uma mortalha. Elide estremeceu.

— Este lugar foi esquecido e destruído séculos antes de até mesmo eu ter nascido — comentou Lorcan.

— Pertencia a Eyllwe?

— Fazia parte de um reino que agora se foi, um povo perdido que vagou e se fundiu com aqueles de diferentes terras.

— Deviam ser muito talentosos, considerando suas lindas construções.

O guerreiro murmurara em concordância. Foram dois dias seguindo lentamente pelo pântano; nenhum sinal de Aelin. Haviam dormido no abrigo das ruínas, embora nenhum dos dois tivesse descansado de verdade. Os sonhos de Elide tinham sido povoados por rostos pálidos, de olhos leitosos, de pessoas que jamais conhecera, gritando súplicas conforme a água lhes descia pelas gargantas, pelos narizes. Mesmo acordada, a jovem conseguia vê-los, ouvia os gritos ao vento.

Apenas a brisa entre as pedras, resmungara Lorcan naquele primeiro dia.

Mas Elide vira nos olhos do guerreiro. Ele também ouvia os mortos.

Ouvia o estrondo do cataclismo que fizera ceder a terra bem abaixo das pessoas, ouvia a água corrente que devorara todos antes que conseguissem correr. Bestas curiosas do mar e do pântano e dos rios tinham convergido até ali nos anos seguintes, tornando as ruínas um local de caça, banqueteando-se umas das outras quando acabaram os cadáveres presos na água. Mudando, adaptando-se... ficando mais gordas e mais espertas que foram os ancestrais.

Graças àquelas bestas, eles levaram muito tempo para atravessar o pântano. Lorcan verificava a água parada absolutamente imóvel entre as ilhotas de segurança. Às vezes estava livre para andarem pela água salgada na altura do peito. Às vezes não estava.

Às vezes mesmo as ilhas não eram seguras. Por duas vezes, Elide vira uma cauda longa e escamosa — com a disposição de uma armadura — atrás de uma parede de pedra ou de uma pilastra quebrada. Por três vezes, vira grandes olhos amarelos com pupilas em fenda observando do junco.

Lorcan a colocava sobre o ombro e corria sempre que notava não estarem a sós.

Então havia as cobras... que gostavam de se pendurar das árvores retorcidas como vinhas, sugando alguma subsistência das ilhas. E os insetos mordendo-os incessantemente... nada se comparados às nuvens de mosquitos que às vezes os cercavam por horas. Ou até que Lorcan lançasse uma onda do poder sombrio contra eles, fazendo todos caírem na terra como chuva preta.

Mas sempre que o guerreiro matava... Elide sentia a terra tremer. Não por medo... mas como se começasse a despertar. Ouvindo.

Perguntando-se quem ousava caminhar sobre ela.

Na quarta noite, a jovem estava tão cansada, tão no limite que quis chorar quando se aninharam em um raro abrigo: um corredor em ruínas, com parte do mezanino intacto. Ficava a céu aberto, e vinhas cobriam as três paredes, mas a escada de pedras era sólida — e elevada o suficiente para que nada rastejasse para fora da água a fim de predá-los. Lorcan amarrara a base e o topo das escadas com armadilhas de vinhas e galhos; para alertá-los caso alguma besta rastejasse degraus acima.

Não ousaram arriscar uma fogueira, mas estava quente o bastante para que Elide não sentisse falta de uma. Deitada ao lado do semifeérico, o corpo do guerreiro como uma muralha sólida entre ela e a pedra à esquerda, a jovem observou as estrelas reluzentes; o zumbido sonolento dos insetos era um ruído constante nos ouvidos. Então algo rugiu ao longe.

Os insetos pausaram. O pântano pareceu voltar a atenção para aquele rugido feral e grave.

Depois, devagar, a vida retornou — mas mais silenciosa.

— Durma, Elide — murmurou Lorcan.

Ela engoliu em seco, o medo espesso no sangue.

— O que foi aquilo?

— Uma das bestas... pode ter sido um canto de acasalamento ou um aviso territorial.

A jovem não queria saber qual era o tamanho das bestas. Lampejos de olhos e caudas bastavam.

— Conte-me a respeito dela — sussurrou Elide. — De sua rainha.

— Duvido de que a ajude a dormir melhor.

Ela se voltou para o outro lado e viu Lorcan deitado de barriga para cima, observando o céu.

— Ela vai mesmo o matar pelo que fez? — Um aceno de cabeça. — Mas mesmo assim se arrisca... pelo bem dela. — Elide apoiou a cabeça erguida sobre um punho. — Você a ama?

Aqueles olhos, mais escuros que os espaços entre as estrelas, se voltaram para ela.

— Sou apaixonado por Maeve desde a primeira vez que a vi.

— Você... você é amante dela? — Elide não tinha ousado perguntar, não sentira vontade de realmente saber.

— Não. Ofereci certa vez. Ela riu de mim pela insolência. — A boca de Lorcan se contraiu. — Então me fiz valioso de outras formas.

De novo, aquele rugido ao longe que silenciava o mundo por alguns segundos. Estava mais perto, ou Elide tinha imaginado? Quando olhou de volta para o guerreiro, os olhos de Lorcan estavam sobre sua boca.

— Talvez ela use seu amor em vantagem própria — argumentou Elide. — Talvez seja de seu interesse arrastá-lo consigo. Talvez mude de ideia quando parecer mais propenso a... partir.

— Tenho um juramento de sangue com ela. Jamais partirei.

O peito da jovem doeu ao ouvir aquilo.

— Então ela pode ficar segura, sabendo que a desejará por toda a eternidade.

As palavras saíram mais afiadas do que Elide pretendera, e ela fez menção de olhar para as estrelas, mas Lorcan lhe segurou o queixo mais rápido que ela conseguiu

detectar. Ele a olhou nos olhos, avaliando-os.

— Não cometa o erro de acreditar que sou um tolo romântico. Não tenho uma gota de esperança por ela.

— Então isso não parece nada com amor.

— E o que sabe sobre amor? — Lorcan estava tão perto, tinha se aproximado sem que ela percebesse.

— Acho que o amor deveria deixá-lo feliz — respondeu Elide, lembrando-se da mãe e do pai. Em quantas vezes tinham sorrido e gargalhado, como tinham se olhado. — Deveria fazer com que se tornasse sua melhor versão.

— Está querendo dizer que não sou nenhuma dessas coisas?

— Acho que você nem sabe o que é felicidade.

O rosto de Lorcan ficou sério, pensativo.

— Não me incomodo... de estar a seu lado.

— Isso é um elogio?

Um meio sorriso atravessou o rosto firme como granito do semifeérico. E ela quis... quis tocá-lo. Aquele sorriso, aquela boca. Com os dedos, os próprios lábios. Aquilo o deixava mais jovem, o deixava... bonito.

Então Elide ergueu a mão com dedos trêmulos e tocou os lábios de Lorcan.

Ele congelou, ainda um pouco acima dela, os olhos sérios e determinados.

Mas a jovem traçou o contorno da boca, encontrando uma pele macia e quente, um contraste tão grande com as palavras duras que costumavam sair dali.

Ao chegar ao canto exterior dos lábios, ele virou o rosto para a mão de Elide, apoiando a bochecha áspera contra a palma da mão da jovem. Os olhos de Lorcan ficaram pesados quando ela roçou o polegar sobre a parte plana e áspera de sua maçã do rosto.

— Eu esconderia você — sussurrou Elide. — Em Perranth. Se você... se fizer o que precisa fazer e precisar de algum lugar para ir... Teria um lugar lá. Comigo.

Os olhos do guerreiro se abriram, mas não havia nada severo, nada frio, a respeito da luz que brilhava neles.

— Eu seria um macho desonrado, isso refletiria mal em você.

— Se alguém pensar assim, essa pessoa não terá lugar em Perranth.

A garganta de Lorcan oscilou.

— Elide, você precisa...

Mas ela se levantou devagar e colocou a boca onde os dedos estavam antes.

O beijo foi suave, e silencioso, e rápido. Mal passou de um roçar dos lábios contra os dele.

Elide achou que Lorcan talvez estivesse tremendo quando ela recuou. Quando calor floresceu em suas bochechas. Ainda assim, a jovem se obrigou a dizer, surpresa ao ver que a voz estava firme:

— Não precisa me responder agora. Ou jamais. Pode aparecer em minha porta daqui a dez anos e a oferta ainda estará de pé. Mas há um lugar para você, em Perranth, se precisar de um, ou se o desejar.

Algo como agonia passou pelos olhos de Lorcan, a expressão mais humana que Elide vira no guerreiro.

Mesmo assim, ele se inclinou para a frente e, apesar do pântano, apesar do que se reunia no mundo, pela primeira vez em dez anos, Elide se viu sem medo nenhum quando Lorcan lhe acariciou os lábios com os dele. Não teve medo de nada quando ele o fez de novo, beijando um canto de sua boca, então o outro.

Beijos tão delicados e pacientes — as mãos igualmente carinhosas e cuidadosas conforme acariciavam os cabelos da jovem para afastá-los da testa, conforme traçavam os quadris, as costelas. Elide ergueu as próprias mãos até o rosto de Lorcan e passou os dedos pelos cabelos sedosos, arqueando o corpo contra o do guerreiro, desejando o peso do corpo de Lorcan sobre o seu.

A língua do semifeérico roçou contra a linha da boca de Elide, e ela ficou maravilhada com como pareceu natural abrir a boca para ele, como o corpo *cantou* ao sentir o contato, a dureza contra a própria maciez. O guerreiro gemeu na primeira carícia da língua, os quadris roçavam contra os de Elide de uma forma que a fez incendiar, fez o corpo ondular contra o dele, como uma resposta e uma exigência.

Lorcan a beijou mais intensamente diante daquele pedido; a mão deslizou para segurar a coxa de Elide e abrir um pouco mais as pernas da jovem a fim de que pudesse se acomodar completamente entre elas. E, ao alinhar o corpo inteiro com ela... Elide percebeu que sentia-se ofegante conforme roçava contra ele, conforme via Lorcan se afastando de sua boca para beijar o maxilar, o pescoço, a orelha.

Estava trêmula; não com medo, mas com *desejo* quando Lorcan sussurrou seu nome diversas vezes contra sua pele.

Como uma oração, era assim que o nome de Elide soava nos lábios de Lorcan. Ela segurou o rosto do guerreiro nas mãos e viu que os olhos pareciam incandescentes, a respiração irregular como a dela.

Elide ousou passar os dedos da bochecha para o pescoço de Lorcan, logo abaixo do colarinho da camisa. A pele era como seda aquecida. Ele estremeceu ao toque, curvando a cabeça de forma que os cabelos pretos como nanquim caíram sobre a testa de Elide, e os quadris mergulharam contra os dela, apenas o suficiente para que um leve arquejo saísse de dentro da jovem. Mais, percebeu ela — queria *mais*.

Lorcan a encarou com uma pergunta silenciosa; a mão de Elide parou sobre a pele acima do coração do guerreiro. Batia selvagem e estrondosamente.

A jovem ergueu a cabeça para beijá-lo, e, quando a boca novamente encontrou a dele, Elide sussurrou a resposta...

A cabeça de Lorcan se ergueu subitamente. Ele ficou de pé em seguida, virando-se para nordeste.

Onde uma escuridão começara a se espalhar pelas estrelas, apagando-as uma a uma.

Qualquer gota de calor, de desejo, se extinguiu em Elide.

— Isso é uma tempestade?

— Precisamos correr — avisou ele. Mas era a calada da noite, faltava ainda pelo menos seis horas para o alvorecer. Atravessar o pântano naquele momento... Mais e mais estrelas foram engolidas por aquela escuridão crescente.

— O que é aquilo? — A escuridão se espalhava mais a cada segundo. Até mesmo as bestas distantes no pântano pararam de rugir.

— Ilken — murmurou Lorcan. — É um exército de ilken.

Elide sabia que não vinham atrás dela.

53

Depois de dois dias no labirinto interminável que era o pântano de Pedra — *dois*, e não o dia e meio que o maldito Rolfe sugerira —, Aelin sentia vontade de queimar o lugar inteiro até o chão. Com a água e a umidade, ela nunca estava seca, mas sempre suando e grudenta. E pior de tudo: os insetos.

A rainha mantinha os pequenos demônios longe com um escudo de chamas invisíveis, revelado apenas pelos zunidos dos insetos se chocando contra ele. Poderia ter se sentido mal caso não tivessem tentado comê-la viva no primeiro dia. Caso não tivesse coçado as dezenas de inchadas mordidas vermelhas até que a pele sangrasse — e que Rowan se intrometesse para curá-las.

Depois do ataque da mulher Cão de Caça, as habilidades de cura da própria Aelin tinham permanecido esgotadas. Então Rowan e Gavriel bancavam os curandeiros para todos eles, cuidando das mordidas que coçavam, dos hematomas de plantas urticantes, dos arranhões devido aos pedaços submersos e pontiagudos das ruínas, que os cortavam se não tomassem cuidado enquanto caminhavam pela água salobra.

Apenas Manon parecia imune às dificuldades do pântano, achando a beleza feral e pútrida do lugar agradável. Ela de fato lembrava Aelin uma das terríveis bestas fluviais que dominavam aquele lugar — os olhos dourados, os dentes afiados e reluzentes... A rainha tentou não pensar muito a respeito daquilo. Tentou imaginar como seria *sair* daquele lugar e seguir para terra firme e seca.

Mas no coração daquela pútrida extensão morta estava o Fecho de Mala.

Em forma de gavião, Rowan voava adiante, fazendo reconhecimento conforme o sol se aproximava do horizonte, e Lysandra avaliava as águas entre as pequenas colinas no corpo de algum ser do pântano pegajoso e escamoso para o qual Aelin fizera uma

careta, o que garantira um chiado de indignação de uma língua bifurcada antes de a metamorfa cair na água.

A rainha fez outra careta quando subiu uma daquelas pequenas colinas, coberta de arbustos espinhentos e encimada por duas pilastras caídas. Um labirinto destinado a arranhar e furar e rasgar.

Então ela lançou uma explosão de chamas pela área, transformando-a em cinzas que grudaram nas botas molhadas conforme Aelin passou, originando uma sujeirada cinzenta e ensopada.

Fenrys riu ao seu lado ao descerem a colina.

— Bem, essa é uma forma de atravessar. — Ele estendeu a mão para guiar a jovem pela água, e parte da rainha hesitou diante da ideia de ser escoltada, mas... maldita fosse se caísse em um poço de água. Tinha uma ideia muito, muito boa do que havia bem abaixo deles. Não tinha interesse algum em nadar em pútridos restos mortais de pessoas.

O guerreiro lhe segurou a mão com força ao caminharem pela água na altura do peito. Ele a empurrou para a margem primeiro, saindo em seguida. Fenrys sem dúvida conseguiria saltar de uma ilha para outra na forma de lobo, como Gavriel poderia. Por que tinham permanecido em forma feérica estava além da compreensão de Aelin.

Ela usou a magia para se secar o melhor possível, então usou um pouco para secar as roupas de Fenrys e Gavriel também.

Um gasto inofensivo e casual de poder. Mesmo tendo se esgotado ao usá-lo durante três dias seguidos na costa em chamas de Eyllwe. Não as chamas, mas apenas... fisicamente. Mentalmente. Aelin ainda sentia que poderia dormir por uma semana. Mas a magia murmurava. Incessantemente, incansavelmente. Mesmo que *ela* estivesse cansada... o poder exigia mais. Secar as roupas entre mergulhos na água do pântano, pelo menos, mantinha a maldita coisa calada. Por enquanto.

A cabeça horrenda de Lysandra emergiu de um emaranhado de arbustos, e Aelin gritou, recuando um passo. A metamorfa sorriu, revelando duas presas muito, muito afiadas. Fenrys soltou uma risada baixa, observando-a conforme ela deslizava alguns metros adiante.

— Então pode mudar pele e osso, mas a marca permanece?

Lysandra parou a alguns centímetros da água, e Aedion pareceu ficar tenso na ilha adiante, embora tivesse seguido em frente. Que bom. Pelo menos Aelin não era a única que rasgaria o pescoço de quem quer que ousasse debochar da metamorfa. Mas a amiga

se transformou, brilhando e expandindo, até que tomou a forma humanoide... feérica.

Até que Fenrys estivesse olhando para si mesmo, embora em versão menor, para caber nas roupas da mulher. Gavriel, atravessando a margem atrás do grupo, tropeçou ao ver aquilo.

Com o jeito de falar quase idêntico ao de Fenrys, Lysandra comentou:

— Suponho que sempre me delatará. — Ela estendeu o pulso, puxando a manga do casaco para revelar a pele marrom-dourada do guerreiro, maculada pela marca.

Lysandra continuou olhando para si mesma conforme eles seguiam caminhando e subindo, então finalmente observou:

— Sua audição é realmente melhor. — A metamorfa passou a língua pelos caninos levemente alongados. Fenrys se encolheu um pouco. — Qual é a função destes? — perguntou ela.

Gavriel se aproximou e a cutucou para que prosseguisse, caminhando alguns passos à frente com ela.

— Fenrys é a última pessoa a quem perguntar. Se quer uma resposta adequada, quero dizer.

Lysandra gargalhou, depois sorriu para o Leão conforme subiam a colina. Estranho — vê-la sorrir com o rosto do feérico. Fenrys viu o olhar de Aelin e fez outra careta, sem dúvida achando igualmente irritante. Ela riu.

Asas bateram adiante, e Aelin parou um momento e se maravilhou enquanto Rowan voava forte e rapidamente até eles. Ágil, determinado — irredutível.

Gavriel voltou a recuar alguns passos quando Lysandra parou ao lado de Aedion no alto da colina e passou para sua forma humana. A metamorfa oscilou um pouco, e Aelin avançou — mas o general chegou primeiro, segurando-a com delicadeza por baixo do cotovelo enquanto Rowan aterrissava e se transformava também. Todos precisavam de um bom e longo descanso.

— Nada adiante... chegaremos lá amanhã à tarde — informou o príncipe feérico.

Quando quer que visse Rolfe de novo, Aelin teria uma conversinha sobre como, exatamente, ele calculava distâncias naquele seu mapa infernal.

Mas o rosto de Rowan ficara pálido sob as tatuagens. Depois de um momento, ele acrescentou:

— Posso senti-lo... minha magia pode senti-lo.

— Diga que não está sob seis metros de água.

Uma recusa ágil e curta com a cabeça.

— Não queria arriscar me aproximar demais. Mas me lembra do templo do Devorador de Pecados.

— Então será um lugar bem bonito, acolhedor e relaxante — zombou Aelin.

Aedion gargalhou baixinho com os olhos no horizonte. Dorian e Manon saltaram para a margem abaixo, ensopados; a bruxa verificou o mar de ilhas adiante. Se reparou em alguma coisa, não disse nada.

Rowan observou a ilha sobre a qual estavam: alta, protegida por uma despedaçada muralha de pedra de um lado, e espinhos do outro.

— Acamparemos aqui esta noite. É seguro o suficiente.

Aelin quase desabou de alívio. Lysandra proferiu um leve agradecimento aos deuses.

Em minutos, tinham percorrido a área geral, por meio de trabalho físico e mágico, para encontrar assentos entre os imensos blocos de pedras, e Aedion começara a cozinhar: uma refeição bem triste de pão duro e de criaturas do pântano que Gavriel e Rowan haviam caçado, considerando-as seguras para comer. Aelin não observou enquanto o primo cozinhava, preferindo não saber que porcaria estava prestes a enfiar goela abaixo.

Os demais pareciam querer desviar a atenção daquilo também, e, embora Aedion tivesse conseguido usar os temperos escassos com talento surpreendente, parte da carne ficara... borrachuda. Pegajosa. Lysandra, educada, porém definitivamente, tivera ânsia de vômito em certo momento.

A noite caiu, e um mar de estrelas brilhou ao ganhar vida. Aelin não conseguia se lembrar da última vez em que estivera tão longe da civilização; talvez na travessia oceânica de ida e volta para Wendlyn.

Aedion, sentado ao lado da prima, passou o cantil leve demais de vinho. Ela tomou um gole, feliz pelo líquido amargo que lavou qualquer gosto remanescente da carne.

— Jamais me conte o que era essa comida — murmurou Aelin para ele, observando os demais terminarem as próprias refeições em silêncio. Lysandra murmurou em concordância.

Aedion sorriu um pouco malicioso, também analisando todos. A alguns metros de distância, meio nas sombras, Manon monitorava tudo. Então o olhar do general parou em Dorian, e Aelin se preparou, mas o sorriso ficou mais suave ao comentar:

— Ele ainda come como uma donzela.

A cabeça de Dorian disparou para cima — e Aelin conteve uma gargalhada diante da lembrança. Dez anos antes, eles se sentaram a uma mesa juntos e ela dissera ao

príncipe Havilliard o que achava de seus modos à mesa. O rapaz piscou quando a lembrança, sem dúvida, voltou à mente, mesmo enquanto os demais olhavam entre os dois.

O rei fez uma reverência magnânima.

— Tomarei isso como um elogio. — De fato, as mãos estavam praticamente limpas, e as roupas, já secas, imaculadas.

As mãos da própria Aelin... Ela buscou o lenço em um bolso. A coisa estava tão imunda quanto o restante da jovem, mas... melhor que usar a calça. A jovem tirou o Olho de Elena de onde costumava ficar enrolado, apoiando-o no joelho enquanto limpava as manchas de temperos e gordura dos dedos, oferecendo em seguida o retalho de seda a Lysandra. A rainha casualmente passou os dedos sobre o metal retorcido do Olho enquanto a metamorfa limpava as mãos, a pedra azul no centro reluzindo com fogo cobalto.

— Pelo que me lembro — continuou Dorian, com um sorriso malicioso —, vocês dois...

O ataque aconteceu tão rápido que Aelin não o sentiu ou viu até que tivesse terminado.

Em um momento, Manon estava sentada no limite da fogueira; o pântano era uma extensão escura atrás da bruxa.

No seguinte, escamas e dentes brancos reluzentes disparavam para ela, irrompendo da vegetação na margem. E então... quietude e silêncio quando a enorme besta do pântano congelou no lugar.

Impedida por mãos invisíveis... fortes.

A espada da bruxa estava quase em punho, a respiração ficara irregular ao encarar a leitosa garra cor-de-rosa aberta o suficiente para lhe arrancar a cabeça. Os dentes eram, cada um, tão longos quanto o polegar de Aelin.

Aedion xingou. Os demais sequer se moveram.

Mas a magia de Dorian mantinha a besta parada, congelada sem gelo à vista. O mesmo poder que usara contra a mulher Cão de Caça. Aelin o observou em busca de alguma corda, algum fio reluzente de poder, e não encontrou nenhum. Ele nem mesmo erguera a mão para direcionar o poder. Interessante.

O rapaz disse a Manon, que ainda olhava boquiaberta para a morte a centímetros do próprio rosto:

— Devo matá-lo ou libertá-lo?

Aelin certamente tinha uma opinião sobre o assunto, mas um olhar de aviso de Rowan a fez calar a boca. E olhar para o príncipe feérico um pouco boquiaberta.

Ah, seu velho desgraçado e ardiloso. O rosto tatuado e severo do guerreiro não revelou nada.

Manon olhou na direção de Dorian.

— Liberte-o.

O rosto do rei ficou mais tenso; então a besta foi atirada para a escuridão, como se um deus a tivesse jogado pelo pântano. Um distante ruído de água soou.

Lysandra suspirou.

— Não são lindos?

Aelin virou o olhar para ela. A metamorfa sorriu.

Mas então ela voltou a olhar para Rowan, encarando-o. *Que conveniente que seu escudo sumiu bem no momento em que aquela coisa se aproximou. Que oportunidade excelente para uma lição de magia. E se tivesse dado errado?*

Os olhos do guerreiro brilharam. *Por que acha que o buraco se abriu perto da bruxa?*

A rainha engoliu a risada de preocupação. No entanto, Manon Bico Negro estudava o rei, a mão ainda na espada. Aelin não se incomodou em fingir não os observar quando a bruxa voltou aqueles olhos dourados para ela. Para o Olho de Elena que continuava apoiado no joelho da jovem.

O lábio da bruxa se afastou dos dentes.

— Onde conseguiu isso?

Os pelos nos braços de Aelin se arrepiaram.

— O Olho de Elena? Foi um presente.

Então Manon olhou de novo para Dorian — como se a ter salvo daquela coisa... Ah, Rowan não abaixara o escudo apenas por uma lição de magia, não é mesmo? Aelin não ousou olhar para ele dessa vez, não quando Manon mergulhou os dedos na terra lamacenta para desenhar uma forma.

Um grande círculo... e dois círculos menores sobrepostos dentro da circunferência.

— Esta é a Deusa de Três Rostos — explicou a bruxa, em um tom de voz baixo. — Chamamos isto... — Ela desenhou uma linha tosca no círculo do centro, no espaço com formato de olho onde eles se sobrepunham. — O Olho da Deusa. *Não* de Elena. — A bruxa circulou o exterior de novo. — Idosa — indicou ela sobre a circunferência mais exterior. Manon envolveu o círculo interior superior de novo: — Mãe. — Ela circulou a base: — Donzela. — A bruxa furou o olho dentro do círculo: — E o

coração da Escuridão dentro dela.

Foi a vez de Aelin balançar a cabeça. Os demais nem mesmo piscaram.

— Esse é um símbolo das Dentes de Ferro — repetiu Manon. — Profetas Sangue Azul o têm tatuado sobre os corações. E aquelas que conquistaram reconhecimento em batalha, quando morávamos no deserto... antigamente recebiam isso. Para marcar nossa glória... o fato de sermos abençoadas pela Deusa.

Aelin considerou atirar o maldito amuleto no pântano, mas disse:

— Quando vi Baba Pernas Amarelas pela primeira vez... o amuleto ficou pesado e quente em sua presença. Achei que tivesse sido um aviso. Talvez tenha sido em... reconhecimento.

Manon observou o colar de cicatrizes que marcava o pescoço da rainha.

— O poder funcionava mesmo com a magia contida?

— Fui informada de que certos objetos eram... isentos. — A voz de Aelin ficou hesitante. — Baba Pernas Amarelas sabia toda a história das chaves de Wyrd e dos portões. Foi ela quem me contou a respeito deles. Isso também é parte de sua história?

— Não. Não nesses termos — respondeu a bruxa. — Mas Pernas Amarelas era uma Anciã... sabia coisas que atualmente estão perdidas para nós. Ela mesma derrubou as muralhas da cidade das Crochan.

— As lendas dizem que o massacre foi... catastrófico — comentou Dorian.

Sombras tremeluziram nos olhos de Manon.

— Aquele campo de batalha, pela última notícia que tive, ainda está estéril. Nenhum fiapo de grama cresce ali. Dizem que é por causa da maldição de Rhiannon Crochan. Ou devido ao sangue que o encharcou durante as três últimas semanas daquela guerra.

— Qual é exatamente a maldição? — perguntou Lysandra, franzindo a testa.

Manon examinou as unhas de ferro por tanto tempo que Aelin achou que a bruxa não responderia. Aedion jogou o cantil de vinho de volta à perna da prima, e ela bebeu quando Manon, por fim, respondeu:

— Rhiannon Crochan manteve de pé os portões da cidade durante três dias e três noites contra as três Matriarcas Dentes de Ferro. As irmãs estavam mortas ao redor, os filhos, massacrados, o consorte empalado em uma das caravanas de guerra das Dentes de Ferro. A última rainha Crochan, a última esperança para a dinastia de mil anos... Rhiannon não cedeu facilmente. Somente quando ela caiu ao alvorecer do quarto dia, a cidade foi realmente perdida. E enquanto jazia, moribunda, naquele campo de

batalha, enquanto as Dentes de Ferro derrubavam a muralha da cidade em volta e massacravam o povo... ela nos amaldiçoou. Amaldiçoou as três Matriarcas e, por meio delas, todas as Dentes de Ferro. Amaldiçoou a própria Pernas Amarelas, a qual deu a Rhiannon o golpe fatal.

Nenhum deles se moveu ou falou ou respirou alto demais.

— Rhiannon jurou com o último suspiro que venceríamos a guerra, mas não a terra. Que pelo que tínhamos feito, herdaríamos a terra apenas para vê-la morrer em nossas mãos. Nossas bestas definhariam e cairiam mortas; nossas bruxinhas seriam natimortas, envenenadas pelos córregos e rios. Peixes apodreceriam em lagos antes que conseguíssemos pescá-los. Coelhos e cervos fugiriam pelas montanhas. E o reino das bruxas, um dia exuberante, se tornaria um deserto.

"As Dentes de Ferro riram disso, bêbadas com o sangue das Crochan. Até que a primeira bruxinha nasceu... morta. E então outra e outra. Até que o gado apodreceu nos campos, e as plantações definharam da noite para o dia. Ao fim do mês, não havia comida. No segundo mês, os três clãs Dentes de Ferro se voltavam uns contra os outros, destroçando-se. Então as Matriarcas ordenaram que fôssemos para o exílio. Separaram os clãs para atravessar as montanhas e perambularmos como quiséssemos. A cada poucas décadas, elas enviavam grupos para tentar trabalhar a terra, para ver se a maldição ainda prevalecia. Os grupos jamais voltavam. Somos errantes há quinhentos anos... a ferida foi agravada pelo fato de que humanos, por fim, a tomaram para si. E a terra respondeu a eles."

— Mas ainda planeja retornar? — perguntou Dorian.

Aqueles olhos dourados não eram desse mundo.

— Rhiannon Crochan disse que havia uma forma, apenas uma, de quebrar a maldição. — Manon engoliu em seco e recitou com voz fria, contida: — *Sangue para sangue e alma para alma, juntas fizemos essa guerra, e apenas juntas a dissolveremos. Seja a ponte, seja a luz. Quando ferro derreter, quando flores brotarem de campos de sangue, que a terra seja testemunha e retorne ao lar.* — A bruxa brincou com a ponta da trança, com o retalho de manto vermelho que amarrara em torno dela. — Cada bruxa Dentes de Ferro no mundo ponderou a respeito dessa maldição. Durante cinco séculos, tentamos quebrá-la.

— E seus pais... sua união foi feita para quebrar a maldição? — insistiu Aelin, com cuidado.

Um aceno brusco.

— Eu não sabia... que a linhagem de Rhiannon tinha sobrevivido. — E que corria

pelas próprias veias azuis.

— Elena veio um milênio antes da guerra das bruxas — ponderou Dorian. — O Olho não tem nada a ver com isso. — Ele esfregou o pescoço. — Certo?

Manon não respondeu, apenas estendeu um pé para limpar o símbolo que traçara na terra.

Aelin entornou o restante do vinho e enfiou o Olho de volta no bolso.

— Talvez agora entenda — disse ela a Dorian — por que achei Elena apenas um *pouquinho* difícil de lidar.



A ilha era ampla o suficiente para que se tivesse uma conversa sem que fosse entreouvida.

Rowan supôs que era precisamente o que a antiga equipe queria quando o encontraram de vigia no alto da decrépita escada espiralada coberta de vinhas que dava para a ilha e os arredores; recostado contra uma parte que, certa vez, fora a parede curva.

— O que foi? — indagou ele.

— Devia afastar Aelin mais de mil quilômetros daqui. Esta noite — respondeu Gavriel.

Uma onda de magia e os instintos aguçados lhe disseram que tudo estava seguro na vizinhança imediata, acalmando o ódio letal que lhe invadira ao pensar naquilo.

— O que quer que nos espere amanhã está à espera há muito tempo, Rowan — comentou Fenrys.

— E como vocês dois sabem disso?

Os olhos amarelos de Gavriel brilharam, como os de um animal na escuridão.

— A vida de sua amada e a da bruxa estão interligadas. Foram atraídas para cá, por forças que nem mesmo nós podemos entender.

— Pense bem — insistiu Fenrys. — Duas fêmeas cujos caminhos se cruzaram esta noite de uma forma que raramente testemunhamos. Duas rainhas, que podem controlar cada metade deste continente, dois lados de uma moeda. Ambas mestiças. Manon, Dentes de Ferro *e* Crochan. Aelin...

— Humana e feérica — terminou Rowan por ele.

— Entre elas, abrigam as três principais raças desta terra. Entre as duas, são

mortal e imortal; uma adora o fogo, a outra a Escuridão. Preciso continuar? Parece que estamos caindo direto nas mãos de quem quer que esteja comandando este jogo... há eras.

Rowan o encarou de uma forma que costumava fazer homens recuarem. Mesmo enquanto pensava naquilo.

Gavriel interrompeu para dizer:

— Maeve está à espera, Rowan. Desde Brannon. Por alguém que a levará às chaves. Por sua Aelin.

Maeve não mencionara o Fecho naquela primavera. Não mencionara o anel de Mala também. Devagar, as palavras soando como uma promessa de morte, Rowan disse:

— Maeve os enviou aqui por causa desse Fecho também?

— Não — respondeu Fenrys. — Não... ela jamais mencionou isso. — Ele alternou o peso do corpo entre os pés, virando-se na direção de um rugido distante e brutal. — Se Maeve e Aelin forem à guerra, Rowan, se elas se encontrarem em um campo de batalha...

Rowan tentou não imaginar aquilo. A carnificina cataclísmica e a destruição.

Talvez devessem ter permanecido no norte, reunindo as defesas.

— Maeve não se deixará perder. Já substituiu você — sussurrou Fenrys.

Rowan se voltou para Gavriel.

— *Quem?*

Os olhos de leão ficaram sombrios.

— Cairn.

O sangue de Rowan gelou, tornando-se mais frio que a própria magia.

— Ela está louca?

— Nos contou sobre essa promoção um dia antes de partirmos. Ele sorria como um gato com um canário na boca conforme saímos do palácio.

— É um sádico. — Cairn... Nenhum treinamento, tanto fora quanto dentro dos campos de batalha, tinha quebrado a inclinação do guerreiro feérico por crueldade. Rowan o trancafiara, açoitara, disciplinara, usara qualquer gota de compaixão que pudesse reunir em si mesmo... nada. Cairn nascera saboreando o sofrimento de outros.

Então o príncipe feérico o expulsara do próprio exército... atirando-o no colo de Lorcan. Cairn durara cerca de um mês com o semifeérico antes de ser enviado para uma legião isolada, comandada por um general que não era da equipe e que não tinha interesse em ser. As histórias do que Cairn fazia com os soldados e os inocentes que

encontrava...

Havia poucas leis contra assassinato entre os feéricos. E Rowan considerara poupar o mundo da crueldade de Cairn sempre que o vira. O fato de Maeve o ter indicado para a equipe, dando a ele poder e influência quase ilimitados...

— Apostaria cada moeda de ouro que ela vai deixar Aelin quase se destruir para derrotar Erawan... então irá golpear quando ela estiver mais fraca — ponderou Fenrys.

O fato de Maeve não ter dado a cada um dos machos uma ordem para que se calassem pelo juramento de sangue... Ela queria que ele — queria que Aelin — tivesse aquele conhecimento. Que se preocupasse e especulasse.

Fenrys e Gavriel trocaram olhares cautelosos.

— Nós ainda a servimos, Rowan — murmurou Gavriel. — E ainda precisamos matar Lorcan quando chegar a hora.

— Por que sequer mencionar isso? Não impedirei vocês. E Aelin também não, acreditem em mim.

— Porque — retrucou Fenrys — o estilo de Maeve não é executar. É punir... devagar. Ao longo de anos. Mas ela quer Lorcan *morto*. E não meio morto ou com a garganta cortada, mas irrevogavelmente morto.

— Decapitado e queimado — completou Gavriel, sombriamente.

Rowan expirou.

— Por quê?

Fenrys lançou o olhar para o limite das escadas, onde Aelin dormia com os cabelos dourados brilhando ao luar.

— Lorcan e você são os machos mais poderosos no mundo.

— Esquecem que ele e Aelin não suportam compartilhar o mesmo ar. Duvido que haja chance de uma aliança entre os dois.

— Só estamos dizendo — explicou Fenrys — que Maeve não toma decisões sem motivos consideráveis. Esteja pronto para tudo. Mandar a armada, onde quer que esteja, é apenas o início.

As bestas do pântano rugiram, e Rowan quis rugir de volta. Se Aelin e Cairn algum dia se encontrassem, se Maeve tivesse algum plano além da ganância pelas chaves...

Aelin se virou no sono, fazendo cara feia para a comoção; Lysandra cochilava ao lado em forma de leopardo-fantasma, agitando a cauda felpuda. Rowan se afastou da parede, mais que pronto para se juntar à rainha. Então viu que Fenrys a encarava também, o

rosto tenso e contido. A voz do guerreiro foi um sussurro partido ao dizer:

— Me mate. Se essa ordem for dada. Me mate, Rowan, antes que eu precise cumpri-la.

— Estará morto antes que consiga se aproximar 30 centímetros dela.

Não era uma ameaça... mas uma promessa e a simples afirmação de um fato. Os ombros de Fenrys desabaram em agradecimento.

— Fico feliz, sabe — disse ele, com seriedade incomum —, por ter este tempo. Por Maeve, sem intenção, ter me dado isso. Por eu ter podido saber como é... estar aqui, como parte disso.

Rowan não tinha palavras, então olhou para Gavriel.

Mas o Leão apenas assentia enquanto olhava o pequeno acampamento abaixo. Para o filho que dormia.

54

A última parte da caminhada naquela manhã era a mais longa até então, pensou Manon.

Perto; tão perto daquele Fecho que a rainha com um emblema de bruxa no bolso procurava.

Ela caíra no sono perguntando-se como poderia estar conectado, mas não tinha chegado a conclusão alguma. Todos acordaram antes do alvorecer, despertos pela umidade opressora, tão densa que parecia um cobertor pesado sobre os ombros de Manon.

A rainha estava em grande parte silenciosa de onde caminhava, à frente da caravana. O parceiro fazia reconhecimento adiante, e o primo e a metamorfa a flanqueavam, a última vestindo a pele de uma víbora de pântano verdadeiramente horrível. O Lobo e o Leão seguiam pela retaguarda, farejando e escutando em busca de algo errado.

As pessoas que certa vez moraram naquelas terras não tiveram um fim fácil ou agradável. Ela ainda conseguia sentir a dor, sussurrando entre as pedras, ondulando pela água. Aquela besta do pântano que se aproximara de fininho na noite anterior era o menor dos horrores ali. Ao lado da bruxa, o rosto bronzeado e tenso de Dorian Havilliard parecia sugerir que ele sentia o mesmo.

Ela caminhou submersa até a cintura em uma piscina de água morna e espessa, então perguntou, ao menos para tirar aquilo de onde ressoava em sua mente:

— Como ela vai usar as chaves para banir Erawan e os valg? Ou melhor, como vai se livrar das coisas que ele criou e que não são de seu reino original, mas algum tipo de híbrido?

Os olhos cor de safira se voltaram para a bruxa.

— O quê?

— Há uma forma de separar quem pertence e quem não pertence? Ou todos aqueles com sangue valg — Manon levou a mão ao peito encharcado — serão enviados para o reino de escuridão e frio?

Os dentes de Dorian reluziram conforme ele os trincou.

— Não sei — admitiu o rei, observando Aelin saltar agilmente sobre uma pedra. — Se souber como, presumo que nos contará quando for mais conveniente para ela.

E menos conveniente para eles, o rapaz não precisou acrescentar.

— E ela terá o poder de decidir, suponho? Quem fica e quem vai?

— Banir pessoas para viverem com os valg não é algo que Aelin faria de boa vontade.

— Mas é ela quem decide, no fim das contas.

Dorian parou no alto de uma pequena colina.

— Quem quer que tenha aquelas chaves decide. E é melhor rezar a quaisquer deuses travessos que você adore para que seja Aelin com elas no final.

— E quanto a você?

— Por que eu deveria querer chegar perto daquelas coisas?

— É tão poderoso quanto ela. Poderia usá-las. Por que não?

Os demais se adiantavam rapidamente, mas Dorian permaneceu parado. Até mesmo teve a audácia de segurar o pulso de Manon, com força.

— Por que não? — Havia uma frieza tão irredutível naquele lindo rosto que a bruxa não conseguiu desviar o olhar. Uma brisa quente e úmida passou, levantando-lhe os cabelos. O vento não tocou Dorian, não farfalhou um fio do cabelo preto como um corvo. Um escudo, ele se protegia. Contra ela, ou o que quer que estivesse naquele pântano? Bem baixo, o rapaz respondeu: — Porque fui eu quem fez isso.

Manon esperou.

Os olhos cor de safira eram como lascas de gelo.

— Matei meu pai. Destruí o castelo. Expurguei minha corte. Então, se eu tivesse as chaves, Líder Alada — terminou ele enquanto lhe soltava o pulso —, não tenho dúvidas de que faria o mesmo de novo, no continente inteiro.

— Por quê? — sussurrou Manon, o sangue gelando.

Ela ficou realmente um pouco assustada com a ira gélida que saía de Dorian quando ele explicou:

— Porque ela morreu. E, mesmo antes de isso acontecer, este mundo se certificou de que ela sofresse e sentisse medo e estivesse sozinha. E, apesar de ninguém se lembrar

de quem ela era, eu me lembro. Nunca me esquecerei da cor de seus olhos, ou da forma como sorria. E nunca os perdoarei por terem levado isso embora.

Frágeis demais — dissera ele sobre mulheres humanas. Não era surpreendente que tivesse procurado Manon.

A bruxa não tinha resposta e sabia que o rei não buscava uma, mas, ainda assim, falou:

— Que bom.

Manon ignorou o brilho de alívio que percorreu o rosto de Dorian conforme ela se adiantou.



Rowan não tinha errado os cálculos: chegaram até o Fecho ao meio-dia.

Aelin imaginou que, mesmo que ele não tivesse feito o reconhecimento adiante, a partir do momento em que viram o complexo alagado e labiríntico de pilastras destruídas, teria sido óbvio que o Fecho provavelmente estaria no domo de pedra em ruínas no centro. Em grande parte, porque tudo — cada erva daninha e gota d'água — parecia se inclinar *para longe* deste. Como se o complexo fosse o coração sombrio e ondulante do pântano.

Rowan se transformou ao aterrissar onde todos se reuniam, sobre um trecho gramado e seco de terra nos arredores do amplo complexo, sem hesitar um passo ao caminhar até a rainha. Ela tentou não parecer aliviada demais por ele ter retornado em segurança.

Aelin percebeu que realmente os torturava ao se colocar em perigo sempre que tinha vontade. Talvez tentasse melhorar em relação àquilo, se o que eles sentiam se parecesse com o pesar que ela estava sentindo.

— Este lugar está quieto demais — comentou Rowan. — Verifiquei a área, mas... nada.

Aedion sacou a Espada de Orynth das costas.

— Circundaremos o perímetro, avançando por trechos mais curtos até chegarmos ao próprio prédio. Sem surpresas.

Lysandra recuou um passo, preparando-se para a transformação.

— Ficarei com a água; se ouvirem dois rugidos, passem para um lugar mais elevado. Um rugido breve e está livre.

Aelin assentiu em confirmação e como ordem para que ela seguisse em frente. Quando Aedion chegou até a parede mais afastada do complexo, Lysandra já havia deslizado para a água, cheia de escamas e garras.

Rowan indicou Gavriel e Fenrys com o queixo. Os dois machos silenciosamente se transformaram, então saíram caminhando adiante; o segundo se juntou a Aedion, e o primeiro pegou a direção oposta.

O príncipe feérico permaneceu ao lado de Aelin, com Dorian e a bruxa à retaguarda, enquanto esperavam pelo sinal de que o caminho estava livre.

Quando o rugido solitário e breve de Lysandra partiu o ar, Aelin murmurou para o guerreiro:

— Qual é a cilada? *Onde* está a cilada? Está fácil demais. — De fato, não havia nada nem ninguém ali. Nenhuma ameaça além do que poderia estar apodrecendo nos poços e nos sumidouros.

— Acredite em mim, venho pensando nisso.

Ela quase conseguia senti-lo deslizando para aquele lugar congelado e tempestuoso — onde instinto nato e séculos de treinamento o faziam ver o mundo como um campo de batalha, tornando-o disposto a fazer tudo para erradicar quaisquer ameaças a ela. Não apenas a natureza feérica, mas a natureza *de Rowan*. Proteger, defender, lutar por que e por quem amava.

Aelin se aproximou e o beijou no pescoço. Aqueles olhos verde-pinho ficaram levemente mais carinhosos ao se voltarem da ruína para o rosto da jovem.

— Quando retornarmos para a civilização — disse Rowan, com a voz mais intensa ao beijar a bochecha, a orelha, a testa de Aelin —, vou encontrar para você a melhor estalagem de todo o maldito continente.

— Ah, é?

Ele beijou a boca de Aelin. Uma vez, duas.

— Com boa comida, uma cama absurdamente confortável e uma grande banheira.

Mesmo no pântano era fácil se inebriar com o guerreiro, com o gosto e o cheiro e o som e a sensação de Rowan.

— De que tamanho? — murmurou Aelin, sem se importar com o que os demais pensavam conforme voltavam.

— Grande o bastante para dois — replicou o feérico contra os lábios da rainha.

O sangue de Aelin reluziu diante da promessa. Ela o beijou uma vez; rápida mas profundamente.

— Não tenho defesas contra tais ofertas. Principalmente aquelas feitas por um macho tão lindo.

Rowan fez careta à menção de *lindo*, mordiscando a orelha da rainha com os caninos.

— Eu faço uma lista, sabia, princesa? Para, da próxima vez que estivermos sozinhos, me lembrar de retribuir as coisas verdadeiramente maravilhosas que diz.

Os dedos dos pés de Aelin se contraíram dentro das botas ensopadas. Então ela deu tapinhas no ombro de Rowan, olhando-o de cima a baixo com total irreverência, e disse ao caminhar adiante:

— Certamente espero que me faça implorar.

O grunhido de resposta vindo de trás fez com que calor florescesse dentro dela.

A sensação durou cerca de um minuto, no entanto. Depois de algumas voltas no labirinto de paredes e pilastras em ruínas, deixando Dorian para cuidar da entrada e com Rowan se adiantando, Aelin se viu ao lado da bruxa... que parecia mais entediada que nunca. Justo. Afinal de contas, ela fora arrastada até ali.

Caminhando o mais silenciosamente que conseguia pelo arco imponente e pelas pilastras de pedra, Rowan fez sinal de um cruzamento adiante. Estavam se aproximando.

Aelin desembainhou Goldryn, e Manon sacou a própria espada em resposta.

A rainha ergueu as sobrancelhas, olhando de uma espada para outra.

— Qual é o nome de sua espada?

— Ceifadora do Vento.

Aelin emitiu um estalo com a língua.

— Bom nome.

— A sua?

— Goldryn.

Um lampejo de dentes de ferro ao exibir um meio sorriso.

— Não é um nome tão bom.

— Pode culpar meu ancestral. — Ela certamente o culpava. Por muitas, muitas coisas.

Eles chegaram a um cruzamento; uma estrada dava para a esquerda, a outra, para a direita. Nenhuma oferecia um indício do caminho direto para o centro da ruína.

— Pegue a esquerda. Assobie se encontrar algo — disse Rowan a Manon.

A bruxa saiu caminhando entre as pedras e a água e o junco, com ombros tensos o

suficiente para sugerir que não tinha gostado da ordem, mas não era burra o suficiente para discutir.

Aelin sorriu um pouco ao pensar nisso conforme ela e Rowan seguiram em frente. Percorrendo a mão livre pelas paredes entalhadas às quais passavam, a jovem disse, casualmente:

— Naquele alvorecer em que Mala apareceu para você... o que ela disse exatamente?

Rowan disparou um olhar na direção de Aelin.

— Por quê?

O coração da jovem retumbava, e talvez fosse uma covarde por dizer isso naquele momento...

Rowan lhe segurou o cotovelo ao interpretar os sinais do corpo, ao sentir o cheiro do medo e da dor.

— Aelin.

Ela se preparou; não havia nada além de pedras e água e escombros ao redor, então virou uma esquina.

E ali estava.

Até mesmo o guerreiro se esqueceu de exigir uma resposta para o que Aelin estivera prestes a contar conforme observaram o espaço aberto, flanqueado por paredes em ruínas e pontuado por pilastras caídas. E na ponta norte...

— Que surpresa — murmurou ela — Há um altar.

— É um baú — corrigiu Rowan, com um meio sorriso. — Tem tampa.

— Melhor ainda — comentou Aelin, cutucando-o com um cotovelo. Sim, sim, contaria mais tarde.

A água que os separava do baú estava parada; era prateada e brilhante; enlameada demais para discernir se havia um fundo além dos degraus para o altar. Aelin buscou a magia de água, esperando que sussurrasse o que havia sob aquela superfície, mas as chamas queimavam alto demais.

Barulho de água se agitando ressoou, e Manon surgiu do outro lado, por uma parede oposta. Sua concentração passou para o imenso baú de pedra nos fundos do espaço, cuja pedra estava rachada e transbordando de ervas-daninhas e vinhas. A bruxa começou a caminhar pela água, um passo de cada vez.

— Não toque no baú — avisou Aelin.

Manon apenas a olhou por um bom tempo e continuou seguindo para o altar.

Tentando não escorregar no piso pegajoso, a rainha atravessou o espaço, agitando

água sobre os degraus do altar conforme subia, com Rowan logo atrás.

A bruxa se inclinou sobre o baú para avaliar a tampa, mas não o abriu. Estava estudando, percebeu Aelin, as incontáveis marcas de Wyrd entalhadas na pedra.

Nehemia soubera como usar as marcas. Fora ensinada e era fluente o bastante para usar seu poder. Ela jamais perguntara como ou por que ou quando.

Mas lá estavam as marcas de Wyrd, bem nas profundezas de Eyllwe.

Aelin se aproximou de Manon, examinando a tampa com mais atenção.

— Sabe o que são?

A bruxa afastou os longos cabelos brancos.

— Nunca vi tais marcas.

Aelin examinou algumas, buscando a tradução na memória.

— Alguns são símbolos que não vi antes. Outros já vi. — Ela coçou a cabeça. — Será que deveríamos atirar uma pedra... e ver o que acontece? — perguntou Aelin, virando-se para onde estava Rowan, que olhava por cima do ombro da jovem.

Mas um pulsar oco de ar passou entre eles, silenciando o zunido incessante dos habitantes do pântano. E foi aquele silêncio absoluto, assim como o latido de surpresa de Fenrys, que fez com que Aelin e Manon passassem para posições gêmeas de defesa. Como se tivessem feito aquilo centenas de vezes antes.

Rowan ficara imóvel conforme avaliava o céu cinzento, as ruínas, a água.

— O que foi? — sussurrou Aelin.

Antes que o príncipe feérico pudesse responder, ela sentiu algo de novo. Um vento pulsante e escuro *exigindo* sua atenção. Não eram os valg. Não, aquela escuridão nascera de outra coisa.

— Lorcan — sussurrou Rowan, a mão na espada, mas sem a sacar.

— Isso é a magia do semifeérico? — Aelin estremeceu quando aquele vento beijado pela morte a empurrou. Ela o afastou como se fosse um mosquito, então o vento avançou contra a jovem em resposta.

— É seu sinal de aviso — murmurou o guerreiro.

— Contra o quê? — perguntou Manon, bruscamente.

Rowan estava imediatamente se movendo, escalando as paredes altas com facilidade, mesmo conforme pedras caíam. Ele se equilibrou no topo para observar o terreno do outro lado do muro.

Então desceu suavemente, e o ruído ao aterrissar ecoou pelas pedras.

Lysandra rastejou em torno de um aglomerado de ervas e parou com um golpe ágil

da cauda escamosa ao ouvir o guerreiro dizer, calmo demais:

— Há uma legião aérea se aproximando.

— Dentes de Ferro? — indagou Manon.

— Não — respondeu Rowan, encarando Aelin com uma tranquilidade gélida que o fizera atravessar séculos de batalha. — Ilken.

— Quantos? — A voz da rainha ficou distante, oca.

O guerreiro engoliu em seco, e Aelin percebeu que ele estivera observando o horizonte em volta não em busca de alguma chance de vencer a batalha que certamente viria, mas à procura de alguma chance de tirá-la dali. Mesmo que o restante precisasse ganhar tempo para ela com as próprias vidas.

— Quinhentos.

55

A garganta de Lorcan queimava a cada inalação, mas ele continuou correndo pelo pântano, com Elide se arrastando ao lado, sem jamais reclamar, apenas verificando o céu com arregalados olhos pretos.

O guerreiro lançou outra explosão tremeluzente de poder. Não na direção do exército alado que voava um pouco adiante, e sim para mais longe — na direção de onde quer que Whitethorn e sua rainha vadia estivessem naquele lugar pútrido. Se os ilken chegassem a eles muito antes do semifeérico, aquela chave de Wyrd que a vaca levava estaria perdida. E Elide... Lorcan afastou os pensamentos.

As criaturas voavam com determinação e rapidez, seguindo na direção do que devia ser o coração do pântano. Que diabo levara a rainha até lá?

Elide fraquejou, e Lorcan a segurou pelo cotovelo para mantê-la de pé quando a jovem tropeçou em um pedaço de pedra irregular. Mais rápido. Se os ilken os pegassem desprevenidos, se roubassem sua vingança e aquela chave...

Lorcan lançava rompante após rompante do poder em todas as direções.

Além da questão das chaves, ele não queria ver o olhar de Elide caso os ilken chegassem lá primeiro. E eles depois... encontrando o que quer que tivesse restado da cuspidora de fogo e sua corte.

Não havia para onde ir.

No coração daquela planície pútrida, não havia para onde correr, ou onde se esconder.

Erawan os seguira até lá. Enviara quinhentos ilken para buscá-los. Se as criaturas os tinham encontrado no mar e nessa interminável terra vazia, sem dúvida conseguiriam encontrá-los se tentassem se esconder entre as ruínas.

Estavam todos em silêncio ao se reunir em uma colina gramada no alto das ruínas, observando aquela massa negra tomar forma. Bem nas profundezas dos escombros atrás do grupo, o baú ainda esperava. Intocado.

Aelin sabia que o Fecho não poderia ajudar — a não ser desperdiçando o tempo — se abrissem o receptáculo. Brannon poderia entrar na fila das reclamações.

E Lorcan... em algum lugar por ali. Ela pensaria nisso depois. Pelo menos Fenrys e Gavriel tinham permanecido, em vez de disparar para cumprir a sentença de assassinato de Maeve.

Com os olhos fixos no horizonte, naquelas ágeis asas de couro ao longe, Rowan disse:

— Usaremos a ruína em nossa vantagem. Forçaremos os ilken a se acumularem em áreas cruciais. — Como um grupo de gafanhotos, eles bloqueavam as nuvens, a luz, o céu. Um tipo de calma entorpecida e distante tomou conta de Aelin.

Oito contra quinhentos.

Fenrys rapidamente prendeu os cabelos loiros.

— Podemos dividi-los e derrubá-los. Antes que consigam se aproximar o suficiente. Enquanto ainda estiverem no ar. — Ele bateu com o pé no chão e esticou os ombros, como se afastasse a mão do juramento de sangue, que rugia para que caçasse Lorcan.

— Tem outra forma — disse Aelin, com voz rouca.

— Não. — Foi a resposta de Rowan.

Ela engoliu em seco e ergueu o queixo.

— Não há nada nem ninguém aqui. O risco de usar a chave seria mínimo...

Os dentes do guerreiro apareceram quando ele grunhiu:

— Não, e isso é definitivo.

— Você não me dá ordens — rebateu Aelin, baixo demais.

Ela viu tanto quanto sentiu o temperamento de Rowan se alterar com uma velocidade atordoante.

— Precisará arrancar aquela chave de minhas mãos frias e mortas.

E a afirmação fora sincera — faria com que Aelin o matasse antes de deixá-la usar a chave de qualquer forma que não fosse empunhar o Fecho.

O primo soltou uma risada baixa e amarga.

— Você queria mandar uma mensagem para nossos inimigos sobre seu poder, Aelin. — Aquele exército ficava cada vez mais próximo, e o gelo e o vento de Rowan a tocavam conforme ele descia para a própria magia. Aedion indicou com o queixo a força que se aproximava. — Parece que Erawan enviou a própria resposta.

— Está me culpando por isto? — sibilou Aelin.

Os olhos do general ficaram sombrios.

— Deveríamos ter ficado no norte.

— Não tive escolha, caso não se lembre.

— Teve, sim — sussurrou ele, nenhum dos demais, nem mesmo Rowan, se intrometeu. — Sempre teve uma escolha e optou por exibir sua magia por aí.

A jovem sabia muito bem que os olhos brilhavam com chamas quando deu um passo na direção do primo.

— Então acho que aquela fase do "você é perfeita" acabou.

Aedion exibiu os dentes.

— Isto não é um jogo. Isto é *guerra*, e você insistiu e insistiu para que Erawan mostrasse a mão dele. Você se recusou a dividir seus planos conosco primeiro, a nos deixar dar opiniões, quando *nós* já lutamos em guerras...

— Não *ouse* me culpar por isto. — Aelin olhou para dentro de si, para o poder ali. Que descia mais e mais, até aquele poço de fogo eterno.

— Não é o momento — sugeriu Gavriel.

O general estendeu a mão na direção do Leão, uma ordem silenciosa e cruel para que calasse a boca.

— Onde estão nossos aliados, Aelin? Onde estão nossos exércitos? Só o que temos como resultado de nossos esforços é um lorde pirata que pode muito bem mudar de ideia se souber disso pela boca errada.

A rainha conteve as palavras. *Tempo*. Precisara de *tempo*...

— Se quisermos uma chance — intrometeu-se Rowan —, precisamos nos posicionar.

Brasas dispararam dos dedos de Aelin.

— Faremos isso juntos. — Ela tentou não parecer ofendida pelas sobrancelhas elevadas e as bocas levemente abertas. — Magia pode não durar contra eles, mas aço irá durar. — Aelin indicou Rowan e Aedion com o queixo. — Façam planos.

E assim fizeram. O guerreiro se colocou ao lado da rainha com a mão em sua

lombar. O único conforto que mostraria; pois sabia, ambos sabiam, que a briga não era dele para que se metesse. Ele disse aos machos feéricos:

— Quantas flechas?

— Dez aljavas cheias — informou Gavriel, olhando para Aedion, que retirava a Espada de Orynth das costas e a prendia de volta na lateral do corpo.

De volta à forma humana, Lysandra seguira para o limite da margem, as costas tensas conforme os ilken se reuniam no horizonte.

Aelin deixou os machos para decidirem as posições e passou para o lado da amiga.

— Não precisa lutar. Pode ficar com Manon... vigiar a outra direção.

De fato, a bruxa já escalava uma das paredes das ruínas, uma aljava com perturbadoras poucas flechas jogada sobre as costas ao lado de Ceifadora do Vento. Aedion ordenara que ela vigiasse a outra direção em busca de surpresas desagradáveis. Manon parecera pronta para discutir, até perceber que, pelo menos naquele campo de batalha, não era o predador mais forte.

Lysandra fez uma trança frouxa nos cabelos pretos; a pele dourada parecia pálida.

— Não sei como eles conseguiram fazer isso tantas vezes. Durante *séculos*.

— Sinceramente, também não sei — retrucou Aelin, olhando por cima do ombro para os machos feéricos que analisavam a disposição do pântano, a direção do vento, o que mais pudessem usar em vantagem própria.

A metamorfa esfregou o rosto, então esticou os ombros.

— As bestas do pântano se irritam facilmente. Como alguém que conheço. — Aelin acertou a amiga com um cotovelo, levando-a a rir com deboche, mesmo com o exército adiante. — Posso irritá-las... ameaçar os ninhos. Assim, se os ilken aterrissarem...

— Não vão ter de lidar somente conosco. — A rainha deu um sorriso sombrio para a metamorfa.

Mas a pele de Lysandra ainda estava pálida, e a respiração um pouco irregular. Aelin passou os dedos pela mão da mulher, então apertou com força.

Lysandra apertou de volta uma vez antes de soltar para se transformar, murmurando:

— Sinalizarei quando tiver terminado.

Aelin apenas assentiu, permanecendo na margem por um momento para observar o pássaro branco de pernas longas sobrevoar o pântano... na direção daquela escuridão crescente.

Ela se voltou de novo para os demais a tempo de ver Rowan indicar com o queixo Aedion, Gavriel e Fenrys.

— Vocês três os arrebanhem... até nós.

— E vocês? — perguntou Aedion, olhando para Aelin, Rowan e Dorian.

— Eu dou o primeiro disparo — respondeu a rainha, chamas dançando nos olhos.

Rowan inclinou a cabeça.

— Minha senhora quer o primeiro disparo. Então ela terá o primeiro disparo. E quando estiverem se dispersando em pânico cego, entraremos.

Aedion lançou um olhar demorado para Aelin.

— Não erre desta vez.

— Idiota — disparou ela.

Sem que o sorriso chegasse aos olhos, o general caminhou para pegar armas sobressalentes das bolsas, levando uma aljava de flechas em cada mão e jogando um dos arcos longos sobre as costas largas junto do escudo. Manon já estava posicionada no alto da parede atrás deles, grunhindo ao esticar o outro arco de Aedion.

Rowan dizia a Dorian:

— Rompantes curtos. Encontre seus alvos, o centro de grupos, e use apenas a magia que for necessária. Não desperdice tudo de uma vez. Mire as cabeças se puder.

— E depois que começarem a aterrissar? — perguntou o rapaz, analisando o território.

— Proteja-se com o escudo, ataque quando puder. Mantenha a parede às costas o tempo todo.

— Não serei seu prisioneiro de novo.

Aelin tentou não pensar no que o rei queria dizer com aquilo.

Mas, da parede acima, com uma flecha frouxa já engatilhada no arco, Manon disse:

— Se chegar a isso, principezinho, mato você antes que consigam pegá-lo.

— Não vai fazer nada disso — sibilou Aelin.

Ambos a ignoraram, e Dorian respondeu:

— Obrigado.

— *Nenhum* de vocês será levado como prisioneiro — grunhiu Aelin, então saiu andando.

E não haveria segundo ou terceiro disparos.

Apenas o primeiro disparo. Apenas seu disparo.

Talvez estivesse na hora de ver qual era a profundidade daquele novo poço de poder.

O que morava dentro dele.

Talvez estivesse na hora de Morath aprender a gritar.

Aelin foi até a beira da água, então saltou para a ilha de grama e pedra próxima. Rowan silenciosamente se aproximou, acompanhando cada passo da rainha. Somente quando chegaram à colina seguinte, o príncipe inclinou o rosto na direção da rainha, com a pele dourada esticada pela tensão, os olhos frios como os da própria Aelin.

Só que aquele ódio estava direcionado a ela — talvez com mais intensidade do que a jovem vira desde Defesa Nebulosa. Ela exibiu os dentes com um sorriso feral e sombrio.

— Eu sei, eu sei. Apenas acrescente "sugerir usar a chave de Wyrd" àquela lista de todas as coisas horríveis que eu faço e digo.

Asas encouraçadas e imensas bateram no ar, então gritos agudos finalmente começaram a vir em sua direção. Os joelhos de Aelin fraquejaram, mas ela conteve o medo, sabendo que ele conseguia farejá-lo, sabendo que os demais também conseguiam.

Aelin se obrigou a dar outro passo na direção da planície encharcada e coberta de junco — na direção daquele exército ilken. Estariam ali em minutos; talvez menos.

E o terrível e miserável do Lorcan tinha lhes garantido aquele tempo a mais. Onde quer que o desgraçado estivesse.

Rowan não protestou quando a rainha deu outro passo, em seguida mais um. Ela precisava colocar distância entre todos eles — precisava se certificar de que cada brasa seria capaz de alcançar o exército, e de que não desperdiçaria força viajando uma distância longa para fazê-lo.

O que significava caminhar pelo pântano sozinha. Para esperar até que aquelas coisas estivessem perto o suficiente para ver seus dentes. Deviam saber quem estava marchando entre o junco em sua direção. O que Aelin faria com eles.

Mas mesmo assim os ilken avançavam.

Ao longe, à direita, criaturas do pântano começaram a rugir — sem dúvida devido ao despertar de Lysandra. Ela rezou para que as bestas estivessem famintas. E para que não se incomodassem com carne criada em Morath.

— Aelin. — A voz de Rowan percorreu água e plantas e vento. Ela parou, olhando por cima do ombro para o banco de areia onde o feérico estava de pé, como se fosse impossível *não* a seguir.

Os ossos fortes e irredutíveis de seu rosto estavam determinados com aquela brutalidade de guerreiro. Contudo, os olhos verde-pinho brilhavam forte — quase

suaves — enquanto ele disse:

— Lembre-se de quem você é. A cada passo em direção ao fundo e a cada passo de volta. Lembre-se de quem você é. E de que é minha.

Aelin pensou nas cicatrizes novas e delicadas nas costas de Rowan — marcas de suas unhas que ele se recusara a curar com magia, tratando, em vez disso, com água do mar, para que o sal as deixasse no lugar antes de o corpo imortal conseguir alisá-las. As marcas de reivindicação da jovem, sussurrara o guerreiro contra a boca da rainha da última vez que estivera dentro dela. Para que Rowan e qualquer um que as visse soubessem que ele pertencia a Aelin. Que era dela, assim como ela era dele.

E porque ele era dela, porque eles eram *todos* dela...

Aelin virou as costas para o guerreiro e correu pela planície.

A cada passo na direção do exército cujas asas ela já começava a discernir, Aelin reparava naquelas bestas que Lysandra agitara, mesmo ao iniciar uma descida ágil e letal até o núcleo da própria magia.

Aelin estivera pairando em torno do trecho central do poder havia dias, com um olho no abismo fervilhante e derretido bem abaixo. Rowan sabia. Fenrys e Gavriel, definitivamente. Protegendo-os, secando suas roupas, matando os insetos que os perturbavam... todas pequenas formas de aliviar a tensão, de se manter equilibrada, de se acostumar com a profundidade e a pressão.

Pois quanto mais profundamente seguia para dentro do poder, mais o corpo e a mente ficavam espremidos sob aquela pressão. Aquele era o esgotamento — quando a pressão vencia, quando a magia era drenada rápido demais ou com ganância demais, quando era gasta e mesmo assim o portador tentava alcançar mais profundamente do que deveria.

Aelin parou subitamente no coração da planície. Os ilken a tinham visto correndo e batiam as asas em sua direção.

Alheios ao fato de que havia três machos à espreita ao longe, com arcos em punho para empurrar os soldados de Erawan direto para as chamas de Aelin.

Se ela pudesse queimar as defesas pelo meio. Precisaria puxar cada centímetro do poder e incinerar todos. O verdadeiro poder de Aelin Portadora do Fogo. Nem uma brasa a menos.

Então ela abandonou cada vestígio de civilização e consciência e regras e humanidade, e mergulhou no fogo.

A jovem disparou por aquele abismo em chamas, ciente apenas ao longe da umidade

que lhe cobria a pele em uma camada espessa, da pressão que se acumulava na mente.

Aelin seguiria direto para baixo... e tomaria impulso na base, levando todo aquele poder consigo até a superfície. O esforço seria imenso. E seria o teste, o verdadeiro teste, de controle e de força. Fácil... era tão fácil perfurar o coração de fogo e cinzas. A parte difícil seria puxá-lo para cima; seria quando a rachadura ocorreria.

Mais e mais profundamente, a rainha disparou para dentro do poder. Através de olhos distantes e mortais, ela reparou que os ilken se aproximavam. Uma misericórdia — se um dia tivessem sido humanos, talvez matá-los fosse uma misericórdia.

Aelin sabia que tinha chegado ao antigo limite do poder graças aos sinos de aviso no sangue que soaram quando ela passou. Que soaram assim que ela se atirou nas profundezas incandescentes do inferno.

A Rainha de Chamas e Sombra, a Herdeira do Fogo, Aelin do Fogo Selvagem, Coração de Fogo...

Ela passou queimando por cada título, transformando-se neles, tornando-se aquilo que os embaixadores estrangeiros haviam sibilado quando relataram sobre o poder crescente e instável de uma rainha criança em Terrasen. Uma promessa que fora sussurrada na escuridão.

A pressão começou a se acumular em sua mente e nas veias.

Bem atrás, a uma distância segura do alcance, Aelin sentiu os lampejos da magia de Rowan e de Dorian, que reuniam as explosões que responderiam ao próprio poder.

Aelin disparou pelo núcleo ainda não desbravado do poder.

O inferno se prolongava mais e mais.

56

Lorcan sabia que ainda estavam lentos demais, com ou sem sinal de alerta.

Elide arquejava, sem fôlego, oscilando de pé, enquanto ele estava parado no limite de uma imensa planície alagada. A jovem afastou do rosto uma mecha solta de cabelo, o anel de Athril reluzia no dedo. Elide não questionara de onde viera ou o que a joia fazia quando Lorcan a enfiara em seu dedo naquela manhã. Ele apenas tinha avisado a jovem para que jamais tirasse o anel, pois poderia ser a única coisa que a manteria a salvo dos ilken e de Morath.

O exército varrera na direção norte, para longe de onde os dois tinham corrido, sem dúvida para garantir alguma abordagem melhor. E na outra ponta da planície, distante demais para que os olhos humanos da jovem discernissem com nitidez, os cabelos prateados de Whitethorn brilhavam, com o rei de Adarlan ao lado. Magia, reluzente e fria, rodopiava em torno de ambos. E mais longe...

Pelos deuses. Gavriel e Fenrys estavam no junco, arcos em punho. E o filho de Gavriel. Mirando o exército que se aproximava. Esperando por...

Lorcan rastreou o local para onde todos olhavam.

Não era para o exército que se aproximava.

Mas para a rainha de pé sozinha no coração da planície alagada.

Lorcan percebeu, um momento tarde demais, que ele e Elide estavam do lado errado das linhas de demarcação — muito ao norte de onde os companheiros de Aelin estavam, em segurança, atrás da rainha.

Percebeu no mesmo segundo em que os olhos de Elide recaíram sobre a mulher de cabelos dourados que encarava o exército.

Seus braços ficaram inertes ao lado do corpo. O rosto estava sem cor.

A jovem cambaleou um passo — um passo na direção de Aelin, com um ruído baixo saindo de dentro de si.

Foi quando Lorcan sentiu algo.

Ele sentira aquilo uma vez antes, naquele dia em Defesa Nebulosa. Quando a rainha de Terrasen devastara os príncipes valg, quando o poder fora um gigante irrompendo das profundezas, fazendo o mundo tremer.

Mas não tinha sido nada — *nada* — comparado ao poder que agora rugia em direção ao mundo.

Elide tropeçou, olhando boquiaberta a terra esponjosa conforme a água do pântano ondulava.

Quinhentos ilken se aproximavam. Tinham sentido o alerta de Lorcan... e montado uma armadilha.

E aquele poder... aquele poder que Aelin puxava de qualquer que fosse o buraco dentro de si, de qualquer poço selvagem que tivesse sido condenada a cultivar... O rastro varreria a todos.

— O que é... — sussurrou Elide, mas Lorcan disparou para ela, lançando os dois ao chão e cobrindo o corpo da jovem com o seu. O guerreiro projetou um escudo sobre eles, mergulhando com força e rapidez na própria magia, a queda quase descontrolada. Não teve tempo de fazer nada a não ser despejar cada gota de poder no escudo, em uma única barreira que evitaria que fossem derretidos em nada.

Não devia ter desperdiçado o esforço alertando-os. Não quando era provável que aquilo fizesse com que ele e Elide fossem mortos.

Whitethorn sabia — mesmo em Defesa Nebulosa — que a rainha ainda não tinha mergulhado no que era seu por direito. Sabia que aquele tipo de poder surgia uma vez a cada era, e servi-lo, servir a *ela*...

Uma corte que não apenas mudaria o mundo. Mas que recomeçaria o mundo.

Uma corte que poderia conquistar aquele mundo... e qualquer outro que desejasse.

Se desejasse. Se aquela mulher na planície assim desejasse. E era essa a questão, não era?

— Lorcan — sussurrou Elide, a voz falhando, fosse por ansiedade pela rainha ou por pavor, ele não sabia dizer.

Não teve tempo de adivinhar, pois um rugido feral subiu pelo junco. Um comando.

E então uma saraivada de flechas, precisas e brutalmente miradas, saiu voando do pântano para atingir as fileiras exteriores dos ilken. Lorcan identificou os disparos de

Fenrys pelas flechas de ponta preta que encontravam com facilidade os alvos. O filho de Gavriel também não errou. Ilken caíam, rolando do céu, enquanto outros entravam em pânico, batendo-se uns contra os outros, desviando para dentro.

Exatamente para onde a rainha de Terrasen libertava a força total da própria magia sobre eles.

Assim que Lysandra rugiu o sinal de que as bestas do pântano estavam agitadas e de que ela estava em segurança atrás das fileiras, assim que os ilken se aproximaram tanto que Aedion conseguia acertá-los para derrubá-los do céu, como gansos, a rainha irrompeu.

Mesmo com a mira longe, mesmo com o escudo de Rowan, o coração daquele fogo *queimou*.

— Pelos deuses — disse Aedion, espantado e cambaleando para trás em meio ao junco, caindo mais para dentro da fileira do ataque. — Pelos malditos deuses.

O coração da legião não teve chance de gritar conforme foram varridos por um mar de chamas.

Aelin não era uma salvadora atrás da qual se amontoar, mas um cataclismo a ser sobrevivido.

O fogo ficou mais quente; os ossos de Aedion gemiam enquanto suor formava gotas em sua testa. Mas o general assumiu um novo posto, olhando para se certificar de que o pai e Fenrys fizeram o mesmo do outro lado da planície alagada, e mirou para os ilken que desviavam do caminho das chamas, fazendo as flechas valerem a pena.

Cinzas caíam na terra, como uma neve lenta e constante.

Não rápido o suficiente. Como se sentissem o ritmo lento de Aelin, gelo e vento irromperam acima.

Quando chamas douradas e vermelhas não derretiam a legião de Erawan, Dorian e Rowan os despedaçavam.

Os ilken ainda mantinham posição, como se fossem uma mancha de escuridão bem difícil de varrer.

Mesmo assim, Aelin continuava queimando. Aedion sequer conseguia vê-la no coração daquele poder.

Havia um custo — devia haver um custo para tanto poder.

Aelin nascera sabendo o peso da própria coroa, da magia. Sentira o isolamento muito antes de chegar à adolescência. E aquilo parecera punição suficiente, mas... devia haver um preço.

Meu preço é inominável. Era o que a bruxa dissera.

A compreensão estremeceu no fundo da mente do general, logo além do alcance. Ele disparou a penúltima flecha, bem entre os olhos de um ilken frenético.

Um a um, os ilken, cuja resistência desprezível à magia fora forjada, cederam àqueles golpes de gelo e vento e chamas.

E então Whitethorn começou a caminhar para a tempestade de fogo 15 metros adiante. Na direção de Aelin.



Lorcan prendeu Elide contra a terra, jogando cada última sombra e bolsão de escuridão naquele escudo. As chamas eram tão quentes que o suor lhe pingava pela testa, caindo direto nos cabelos sedosos da jovem, espalhados no musgo verde. A água pantanosa em volta fervia.

Fervia. Peixes flutuavam de barriga para cima. A grama secou e pegou fogo. O mundo inteiro era um reino infernal, sem fim e sem começo.

A alma sombria e partida de Lorcan inclinou a cabeça para trás e rugiu em uníssono com a canção incandescente do poder de Aelin.

Elide se encolhia, os punhos fechados na camisa de Lorcan, o rosto enterrado contra o pescoço do guerreiro, que trincava os dentes para suportar a tempestade de fogo. Não apenas fogo, percebeu o semifeérico. Mas vento e gelo. Mais duas magias poderosas tinham se unido a de Aelin — despedaçando os ilken. Assim como seu escudo.

Onda após onda, a magia se chocava contra o poder do semifeérico. Um dom inferior poderia ter se partido contra ela; uma magia inferior poderia ter tentado revidar, e não apenas permitir que o poder passasse por eles.

Se Erawan colocasse um colar em volta do pescoço de Aelin Galathynius... seria o fim.

Encoleirar aquela mulher, aquele poder... Será que um colar sequer seria capaz de conter *aquilo*?

Houve movimento em meio às chamas.

Whitethorn estava caminhando pelo pântano fervendo, lentamente.

As chamas rodopiaram em torno do domo do escudo de Rowan, recuando com o vento gélido.

Apenas um macho que tivesse perdido a maldita cabeça sairia andando para o interior daquela tempestade.

Os ilken morriam e morriam e morriam, devagar e de forma nada limpa, conforme a magia sombria que possuíam fracassava. Os que tentavam fugir das chamas ou do gelo ou do vento eram derrubados por flechas. Aqueles que conseguiam pousar eram destroçados por emboscadas de garras e presas e açoites de caudas escamosas.

O grupo tinha feito cada minuto do aviso de Lorcan contar, facilmente montando uma armadilha para os ilken. Na qual as criaturas caíram muito rapidamente...

Rowan chegou à rainha no coração do pântano quando as chamas se apagaram. Quando o vento do próprio guerreiro se extinguiu e rajadas de gelo implacável destruíram os poucos ilken que batiam as asas no céu.

Cinzas e gelo reluzente choviam, espessos e rodopiantes como neve, com brasas dançando entre os pedaços de ilken. Não havia sobreviventes. Sequer um.

Lorcan não ousou desfazer o escudo.

Não quando o príncipe feérico foi até a pequena ilha em que a rainha ocupava. Não quando Aelin se virou na direção de Rowan, e a única chama que permaneceu foi uma coroa de fogo no alto de sua cabeça.

Lorcan observou em silêncio conforme o guerreiro passou uma das mãos pela cintura de Aelin, segurando a lateral de seu rosto em concha com a outra, e beijou a rainha.

Brasas se agitaram nos cabelos soltos da jovem quando ela envolveu o pescoço de Rowan com os braços e se aproximou. Uma coroa dourada de chamas se acendeu e ganhou vida sobre a cabeça do feérico — gêmea daquela que Lorcan vira queimando naquele dia em Defesa Nebulosa.

Ele conhecia Whitethorn. Sabia que o guerreiro não era ambicioso — não da forma como imortais podiam ser. Ele provavelmente teria amado a mulher se ela fosse comum. Mas aquele poder...

No deserto da própria alma, Lorcan sentiu aquele puxão. Odiou aquilo.

Por isso Whitethorn tinha caminhado até ela — por isso Fenrys estava já a meio caminho da planície, atordoado, com a atenção completamente fixa onde os dois estavam, entrelaçados um ao outro.

Elide se moveu sob ele.

— Já... já acabou?

Considerando o ardor com que a rainha beijava o príncipe, Lorcan não tinha certeza absoluta do que dizer à jovem. Mas deixou que ela se espremesse para sair de baixo dele. Elide se virou ao ficar de pé para ver as duas figuras no horizonte. Ele se levantou, observando com a jovem.

— Mataram todos eles — sussurrou ela.

Uma legião inteira... desaparecera. Não com facilidade, mas... tinham conseguido.

Cinzas continuavam caindo, acumulando-se nos cabelos sedosos e pretos como a noite de Elide. Lorcan cuidadosamente os limpou um pouco, então colocou um escudo sobre ela para evitar que caíssem de novo.

O guerreiro não a tocara desde a noite anterior. Não houvera tempo, e Lorcan não quisera pensar no que o beijo fizera a ele. Como o havia devastado completamente e ainda fazia o estômago do guerreiro revirar de formas com as quais ele não tinha certeza se conseguiria viver.

— O que fazemos agora? — perguntou Elide.

Foi preciso um momento para que percebesse do que ela falava. Aelin e Rowan por fim se desvencilharam, embora o príncipe tivesse se inclinado para tocar o pescoço da rainha.

Poder chamava poder entre os feéricos. Talvez Aelin Galathynius tivesse tido a má sorte de a equipe haver sido atraída para o poder de Maeve muito antes de ela nascer, de ter se acorrentado a ela.

Talvez eles fossem os azarados, por não terem esperado por algo melhor.

Lorcan sacudiu a cabeça para afastar os pensamentos inúteis e traidores.

Aquela era Aelin Galathynius parada ali. Com o poder esgotado.

Ele podia sentir naquele momento — a total falta de som ou sentimentos ou calor onde houvera uma tempestade tão revolta momentos antes. Um frio rastejante.

Aelin esvaziara seu suprimento. Todos o fizeram. Talvez Whitethorn tivesse ido até ela e colocado os braços em torno da rainha não porque queria montá-la no meio do pântano, mas para mantê-la de pé após o poder ter se esgotado. Após ela ficar vulnerável.

Com a guarda baixa para ataques.

O que fazemos agora?, perguntara Elide.

Lorcan sorriu levemente.

— Chegamos lá para dar oi.

A jovem parou diante da mudança no tom de voz do semifeérico.

— Não estão em termos amigáveis.

Certamente não, e não estavam prestes a ficar, não quando a rainha estava ao alcance de sua visão. Não quando tinha aquela chave de Wyrd... irmã da chave que Elide carregava.

— Não me atacarão — disse Lorcan, então começou a seguir para eles. A água do pântano estava quase escaldante, e o guerreiro fez uma careta para os peixes que flutuavam, com olhos leitosos arregalados para o céu. Sapos e outras bestas boiavam entre eles, oscilando nas ondulações provocadas pelo guerreiro.

Elide sibilou ao entrar na água quente, mas o seguiu.

Devagar, Lorcan se aproximou da presa, concentrado demais na vadia cuspidora de fogo para reparar que Fenrys e Gavriel tinham desaparecido das próprias posições no junco.



57

Cada passo na direção de Aelin era uma eternidade — e cada passo era, de alguma forma, bem ágil.

Elide jamais estivera mais ciente de seu claudicar. Ou das roupas sujas, dos cabelos longos e disformes, do pequeno corpo e da falta de dons discerníveis.

Tinha imaginado o poder de Aelin, sonhara com a forma como o castelo de vidro fora estilhaçado.

Ela não considerara que ver o poder ser liberado ao vivo faria seus ossos encolherem de terror. Nem que os demais possuiriam dons perturbadores também — gelo e vento entrelaçados com fogo, até que apenas morte chovesse do céu. Elide quase se sentiu mal pelos ilken que haviam matado. Quase.

Lorcan estava em silêncio. Tenso.

A jovem já conseguia ler seus humores, os pequenos indícios que Lorcan acreditava indetectáveis. Mas ali... aquele leve tremor do lado esquerdo da boca. Era a tentativa de suprimir a raiva que o tomava por qualquer que fosse o motivo. E ali, aquela leve inclinação da cabeça para a direita... Era o modo de o guerreiro avaliar e reavaliar tudo ao redor, cada arma e obstáculo à vista. O que quer que fosse aquele encontro, Lorcan não achava que acabaria bem.

Ele esperava lutar.

Mas Aelin — *Aelin* —, em pé naquele monte de grama, acabara de se voltar em sua direção. O príncipe de cabelos prateados se virou com ela. Deu um passo casual para a frente da rainha. Ela o contornou. Ele tentou bloqueá-la de novo. A jovem o cutucou com o cotovelo e se manteve ao seu lado. O príncipe de Doranelle — amante da rainha de Elide. Quanto será que a opinião do guerreiro pesava para Aelin? Se ele odiava

Lorcan, será que o desprezo por Elide e a falta de confiança também seriam imediatos?

Ela deveria ter pensado nisso... em como aparentaria estar com Lorcan. Aproximar-se com ele.

— Arrependendo-se de sua escolha de aliados? — comentou Lorcan, com uma calma afiada. Como se também conseguisse lhe decifrar os indícios.

— Isso manda uma mensagem, não é?

Elide podia jurar que algo como mágoa lampejou nos olhos do guerreiro. Mas era típico de Lorcan; mesmo quando ela avançara contra ele naquela barca, o semifeérico mal se encolhera.

— Parece que nosso acordo mútuo está chegando ao fim de qualquer forma — falou ele, friamente. — Farei questão de explicar os termos, não se preocupe. Odiaria que pensassem que você estava se rebaixando a meu nível.

— Não foi o que quis dizer.

Lorcan riu com escárnio.

— Não me importo.

Elide parou, querendo chamá-lo de mentiroso, em parte porque sabia que ele *estava* mentindo, e em parte porque seu peito se apertou diante das palavras. Mas a jovem se manteve em silêncio, deixando-o caminhar à frente, aumentando aquela distância entre eles a cada passo brusco.

Mas o que sequer diria a Aelin? *Oi? Como vai? Por favor, não me queime? Desculpe por eu estar tão imunda e maltrapilha?*

Aquela mão gentil tocou o ombro de Elide. *Preste atenção. Olhe ao redor.*

A jovem ergueu o rosto, tenso diante das próprias roupas sujas. Lorcan estava a, talvez, 6 metros adiante, os demais eram meras silhuetas próximas do horizonte.

A mão invisível no ombro de Elide apertou. *Observe. Veja.*

Ver o quê? Cinza e gelo choviam à direita, ruínas se erguiam à esquerda; nada além de pântanos abertos se estendiam à frente. Mas ela parou, observando o mundo ao redor.

Algo estava errado. Algo fez todas criaturas que haviam sobrevivido ao turbilhão de magia ficarem em silêncio de novo. A grama queimada farfalhou e suspirou.

Lorcan continuou andando, as costas tensas, embora não tivesse levado a mão às armas.

Veja veja veja.

Ver *o quê*? Elide se virou onde estava, mas não encontrou nada. Então abriu a boca

para chamar Lorcan.

Olhos dourados reluziram na vegetação menos de trinta passos adiante.

Olhos dourados enormes, fixos no guerreiro, que caminhava a poucos metros da jovem. Um leão da montanha, pronto para avançar, para rasgar carne e partir osso...

Não...

A besta explodiu da grama queimada.

Elide gritou o nome de Lorcan.

Ele se virou, mas não para o leão. Para ela, aquele rosto furioso disparou para *ela*...

Mas Elide já começara a correr, a perna urrando de dor, quando Lorcan finalmente sentiu o ataque prestes a cair sobre si.

O leão da montanha o alcançou, descendo as garras espessas enquanto os dentes foram direto ao pescoço.

Lorcan sacou a faca de caça, tão rápido que pareceu apenas um brilho cinza de aço.

A besta e o macho caíram, bem na água lamacenta.

Elide disparou para ele, e um grito inarticulado irrompeu de dentro dela. Não era um leão da montanha normal. De jeito algum. Pela forma como conhecia cada movimento de Lorcan ao rolarem pela água, conforme desviavam e varriam e avançavam, sangue jorrando, magia se chocando, escudo contra escudo...

Então o lobo atacou.

Um imenso lobo branco, surgindo do nada, selvagem de ódio inteiramente concentrado em Lorcan.

O guerreiro se desvencilhou do leão, com sangue escorrendo pelo braço e pela perna, ofegante. Mas o lobo desaparecera no *vazio*. Onde estava, onde estava...

O animal reapareceu do nada, como se tivesse atravessado uma ponte invisível a 3 metros de Lorcan.

Não era um ataque. Era uma execução.

Elide cobriu o espaço entre dois montes de terra, grama gélida lhe cortou as palmas das mãos, algo estalou contra a perna...

O lobo saltou para as costas vulneráveis de Lorcan; os olhos estavam vítreos pela sede de sangue, os dentes reluziam.

Elide disparou para cima da pequena colina, o tempo fugia.

Não não não não não não.

Presas brancas cruéis se aproximaram da espinha do semifeérico.

Então ele ouviu Elide, ouviu o soluço trêmulo quando ela se atirou sobre ele.

Os olhos escuros de Lorcan se incendiaram com o que pareceu terror conforme a jovem se chocou contra suas costas desprotegidas.

Conforme ele reparou que o golpe mortal não viria do leão à frente, mas do lobo cujas presas se fecharam no braço de Elide em vez de no pescoço de Lorcan.

Ela podia ter jurado que os olhos do lobo lampejaram com horror quando ele tentou evitar o golpe físico, quando um escudo sombrio e duro se chocou contra Elide, tomando seu fôlego com a solidez irredutível...

Sangue e dor e osso e grama e fúria vociferante.

O mundo girou conforme Elide e Lorcan caíram, o corpo da jovem jogado sobre o dele, o maxilar do lobo se soltando de seu braço.

Ela se enroscou sobre o guerreiro, esperando que o lobo e o leão da montanha acabassem com aquilo, que lhe tomassem o pescoço nas presas e o esmagassem.

Mas nenhum ataque veio. Silêncio partiu o mundo.

Lorcan a virou, a respiração irregular, o rosto ensanguentado e pálido ao analisar o rosto e o braço da jovem.

— *Elide Elide Elide...*

Ela não conseguia inspirar, não conseguia ver além da sensação de que o braço não passava de carne destruída e osso partido...

Lorcan segurou o rosto de Elide antes que ela pudesse olhar e disparou:

— Por que fez aquilo? *Por quê?* — Não esperou por uma resposta. Ele ergueu a cabeça, rosnando de forma tão cruel que ecoou pelos ossos da jovem, fez com que a dor no braço irradiasse tão violentamente que ela chorou.

Lorcan grunhiu para o leão e para o lobo; o escudo era como um vento rodopiante de obsidiana em torno de ambos.

— Estão mortos. Vocês dois estão *mortos*...

Elide virou a cabeça o suficiente para ver o lobo branco os encarando. Encarando Lorcan. Para ver o lobo se transformar com um clarão de luz no homem mais lindo que já vira. O rosto marrom-dourado ficou tenso ao reparar no braço de Elide. Seu braço, seu braço...

— Lorcan, recebemos ordens — disse uma voz masculina desconhecida e suave de onde estivera o leão, que também havia se transformado em um macho feérico.

— Ao inferno com essas malditas ordens, seu desgraçado estúpido...

O lobo-guerreiro sibilou, elevando o peito.

— Não podemos lutar contra o comando por muito mais tempo, Lorcan...

— Abaixe o escudo — pediu o mais calmo. — Posso curar a garota. Deixe que ela saia.

— Vou matar vocês dois — jurou Lorcan. — *Vou matar vocês...*

Elide olhou para o braço.

Faltava um pedaço. Do antebraço. Havia sangue jorrando nos resquícios queimados de grama. Osso branco se projetava para fora...

Talvez ela tivesse começado a gritar ou soluçar ou tremer silenciosamente.

— *Não olhe* — disse Lorcan, apertando o rosto da jovem de novo para atrair seu olhar para o dele. A expressão do semifeérico estampava tanta ira que Elide mal o reconhecia, mas ele não agiu contra os machos.

Seu poder havia drenado. Quase o esgotara quando se protegera das chamas de Aelin e quem quer que tivesse empunhado aquela outra magia no campo. Aquele escudo... era tudo que restava.

E... se o descesse para que pudessem curar Elide... eles o matariam. Lorcan avisara sobre o ataque e mesmo assim o matariam.

Aelin; onde estava *Aelin*...

O mundo escurecia nas bordas; o corpo da jovem implorava para ceder em vez de suportar a dor que reordenava tudo em sua vida.

Lorcan ficou tenso, como se sentisse a inconsciência que pairava.

— Cure Elide — disse ele para o macho de olhos gentis. — Depois continuamos...

— Não — murmurou Elide, com dificuldade. Não por aquilo, não por *ela*...

Os olhos cor de ônix pareciam indecifráveis conforme Lorcan estudava o rosto dela. Então o guerreiro falou, baixinho:

— Eu queria ir para Perranth com você.

E desfez o escudo.

Não tinha sido uma escolha difícil. E não o assustara. Não tanto quanto o ferimento fatal no braço de Elide o assustava.

Fenrys atingira uma artéria. Ela sangraria até a morte em minutos.

Lorcan nascera da escuridão e fora presenteado com aquele poder. Retornar não era uma tarefa difícil.

Mas permitir que aquela luz linda e brilhante diante de si se extinguisse... Nos ossos antigos e amargos, não podia aceitar aquilo.

Elide fora esquecida... por todos e tudo. E mesmo assim tivera esperanças. E mesmo assim fora boa com ele.

E mesmo assim oferecera a Lorcan um lampejo de paz durante o tempo em que conviveram.

Oferecera um lar a ele.

O guerreiro sabia que Fenrys não conseguiria lutar contra a ordem de Maeve. Sabia que Gavriel honraria sua palavra e curaria Elide, mas que Fenrys não podia se conter com relação ao comando do juramento de sangue.

Ele sabia que o desgraçado se arrependeria. Sabia que o lobo tinha ficado horrorizado assim que Elide saltara entre os dois.

Lorcan liberou o escudo, rezando para que a jovem não visse quando o derramamento de sangue começasse. Quando ele e Fenrys se enfrentassem garra contra garra, presa contra presa. Lorcan resistiria. Até que Gavriel se juntasse a eles.

O escudo sumiu, e Gavriel imediatamente se ajoelhou, estendendo as mãos largas para o braço de Elide. Dor a paralisou, mas ela tentou dizer a Lorcan que fugisse, que reerguesse o escudo...

O semifeérico permaneceu ali, ignorando suas súplicas.

Ele encarou Fenrys, que estava trêmulo enquanto tentava se conter, fechando as mãos na lateral do corpo para que não disparassem para as armas.

A jovem ainda chorava, ainda implorava a ele.

As feições tensas de Fenrys estampavam arrependimento.

Lorcan apenas sorriu para o guerreiro.

Aquilo o fez perder o controle.

A sentinela saltou contra ele, a espada erguida, e Lorcan levantou a própria, já sabendo qual movimento Fenrys planejava usar. Ele o ensinara a fazer aquilo. E sabia que Fenrys baixaria a guarda do lado esquerdo, apenas por um segundo, expondo o pescoço...

Fenrys aterrissou diante de Lorcan, golpeando baixo e desviando para a direita.

Lorcan inclinou a lâmina para o pescoço vulnerável.

Então ambos foram atirados para trás por um vento gélido e implacável. Ou o que quer que tivesse restado deste depois da batalha.

Fenrys ficou de pé, perdido na fúria sanguinária, mas o vento se chocou contra ele.

De novo. E de novo. Segurando-o no chão. Lorcan lutava contra o vento, mas o escudo que Whitethorn projetara sobre os dois, o poder puro que usava para mantê-los presos, era forte demais quando a magia do semifeérico já estava esgotada.

Botas esmagaram a grama queimada, e Lorcan, jogado na elevação de uma pequena colina, ergueu a cabeça. Whitethorn ficou entre ele e Fenrys, os olhos vítreos de ódio.

Rowan analisou Gavriel e Elide, que ainda chorava, implorando para que aquilo parasse. Mas o braço...

Um arranhão marcava aquele braço branco como a lua, mas a cura grosseira de campo de batalha preenchera os buracos, a carne que faltava e os ossos quebrados. Devia ter usado toda a magia para...

Gavriel oscilou levemente.

A voz de Whitethorn soou como cascalho.

— Isto acaba agora. Vocês dois não tocarão neles. Estão sob a proteção de Aelin Galathynius. Se os ferirem, será considerado um ato de guerra.

Palavras específicas e antigas, a única forma de uma ordem de sangue ser detida. Não sobreposta, apenas adiada. Para que todos ganhassem tempo.

Fenrys ofegou, mas alívio lampejou em seus olhos. Gavriel se curvou um pouco.

Os olhos escuros de Elide ainda estavam vítreos com dor; a profusão de sardas nas bochechas contrastavam com o branco nada natural da pele.

— Estamos entendidos sobre a merda que acontecerá se saírem da linha? — perguntou Whitethorn a Fenrys e Gavriel.

Para choque eterno de Lorcan, eles abaixaram a cabeça e responderam:

— Sim, príncipe.

Rowan deixou que os escudos baixassem, então Lorcan disparou para Elide, que se sentou com dificuldade, olhando boquiaberta para o braço quase todo curado. Gavriel, sabiamente, recuou. O semifeérico examinou o braço e o rosto da jovem, precisando tocá-la, sentir-lhe o cheiro...

Ele não reparou que os passos leves na grama não pertenciam aos ex-companheiros.

Mas reconheceu a voz feminina que indagou atrás dele:

— Que droga está acontecendo aqui?

Elide não tinha palavras para expressar a Lorcan o que sentira no momento em que ele desfizera o escudo. O que sentira quando o príncipe-guerreiro tatuado e de cabelos prateados impedira o derramamento de sangue fatal.

Mas ficara absolutamente sem fôlego ao olhar por cima do ombro largo do semifeérico e ver a mulher de cabelos dourados que caminhava em sua direção.

Jovem, mas o rosto... Era um rosto antigo, cauteloso e ardiloso, e envolto em poder. Linda, com a pele bronzeada de sol, os olhos turquesa vibrantes. Olhos turquesa, com um aro dourado em torno da pupila.

Olhos Ashryver.

Iguais aos do homem bonito de cabelos dourados que também se aproximava, o corpo musculoso tenso conforme avaliava se precisaria derramar sangue, um arco pendendo da mão.

Dois lados da mesma moeda de ouro.

Aelin. Aedion.

Ambos a encaravam com aqueles olhos Ashryver.

Aelin piscou. E o rosto dourado se contraiu ao perguntar:

— Você é Elide?

A jovem só conseguiu assentir. Lorcan parecia tenso como uma corda de arco, o corpo ainda meio inclinado sobre ela.

Aelin se aproximou, sem jamais tirar os olhos do rosto de Elide. Jovem... se sentia tão jovem em comparação com a mulher que se aproximava. Havia cicatrizes espalhadas pelas mãos dela, pelo pescoço, pelos pulsos... onde grilhões tinham estado.

A rainha se ajoelhou a menos de 30 centímetros de Elide, então lhe ocorreu que deveria se curvar, levar a cabeça à terra...

— Você parece... tanto com sua mãe — comentou Aelin, a voz falhando. Aedion silenciosamente se ajoelhou também, apoiando a mão larga no ombro da prima.

Sua mãe, que não sucumbira facilmente, que morrera lutando para que aquela mulher pudesse viver...

— Sinto muito — disse Aelin, curvando os ombros para dentro, abaixando a cabeça conforme lágrimas começaram a escorrer pelas bochechas coradas. — Sinto muito mesmo. — Por quantos anos aquelas palavras haviam ficado trancafiadas?

O braço de Elide doía, mas aquilo não a impediu de tocar a mão da rainha, fechada sobre a perna.

Tocar aquela mão bronzeada e coberta de cicatrizes. A pele morna e pegajosa

encontrou as pontas dos dedos da jovem.

Real. Aquilo era — *Aelin* era — real.

Como se Aelin percebesse o mesmo, a cabeça se ergueu. A rainha abriu a boca, mas os lábios estremeceram, levando-a a fechá-los.

Ninguém da companhia reunida falou.

E por fim Aelin disse a Elide:

— Ela ganhou tempo para mim.

A jovem sabia de quem a rainha falava.

A mão de Aelin começou a tremer. A voz da rainha falhou de vez ao dizer:

— Estou viva hoje por causa de sua mãe.

Elide apenas sussurrou:

— Eu sei.

— Ela me disse para dizer a você... — Uma inspiração trêmula. Mas Aelin não deixou de olhar para a jovem, mesmo enquanto lágrimas continuavam a escorrer pela sujeira em suas bochechas. — Sua mãe me disse para dizer a você que ela a ama... muito. Essas foram suas últimas palavras para mim. "Diga a minha Elide que eu a amo muito."

Por mais de dez anos, Aelin fora a única portadora daquelas palavras finais. Dez anos, atravessando morte, desespero e guerra, a rainha as carregara por reinos.

E ali, no limite do mundo, tinham se encontrado de novo. Ali, no limite do mundo, apenas por um segundo, Elide sentiu a mão quente da mãe lhe tocar o ombro.

Lágrimas ardiam e escorriam dos olhos de Elide. Então a grama estalou atrás de ambas.

E a jovem viu o cabelo branco primeiro. Depois os olhos dourados.

E ela soluçou quando Manon Bico Negro surgiu, sorrindo levemente.

Quando a bruxa viu Elide com Aelin, ambas ajoelhadas na grama, ela articulou uma palavra.

Esperança.

Não estava morta. Nenhuma delas estava morta.

— Por acaso seu braço está... — falou Aedion, com voz rouca.

Aelin o segurou... com cuidado. Inspecionando o corte raso, a nova pele rosada que revelava o que estivera faltando momentos antes. Ela se virou de joelhos, grunhindo para o guerreiro-lobo.

O macho desviou o olhar ao ver a insatisfação da rainha.

— Não foi culpa dele — comentou Elide.

— A mordida — replicou Aelin, secamente, com olhos turquesa lívidos — sugeriria o contrário.

— Desculpe — pediu ele; se foi para a rainha ou para Elide, não era possível dizer. Os olhos de Fenrys se voltaram para Aelin; havia algo como devastação ali.

Ela ignorou as palavras. O feérico se encolheu. E o príncipe de cabelos prateados pareceu lançar a ele um breve olhar de pena.

Mas se a ordem de matar Lorcan não viera de Aelin...

A rainha disse ao *outro* macho de cabelos dourados atrás de Elide, aquele que a curara... o leão:

— Presumo que Rowan tenha explicado o acordo a você. Se tocar neles, morre. Se respirar errado na direção deles, está morto.

Elide tentou não se encolher diante da crueldade. Principalmente quando Manon deu um sorriso de prazer malicioso.

Aelin ficou tensa conforme a bruxa se aproximou por suas costas expostas, mas permitiu que Manon parasse à direita. Que olhasse Elide de cima a baixo com os olhos dourados.

— Muito bem, bruxinha — disse Manon a ela, então olhou para Lorcan no mesmo instante que Aelin.

A rainha riu com escárnio.

— Parece que já viu dias melhores.

— Igualmente — disparou ele.

O sorriso de Aelin foi assustador.

— Recebeu meu bilhete, não é?

A mão de Aedion deslizara para a espada...

— A Espada de Orynth — soltou Elide ao reparar no punho de osso, nas marcas antigas. Aelin e Lorcan pararam de se atacar. — A espada... você...

Vernon havia debochado a respeito daquilo certa vez. Dissera que fora levada pelo rei de Adarlan e derretida. Queimada com o trono de chifres.

Os olhos turquesa de Aedion se suavizaram.

— Ela sobreviveu. Nós sobrevivemos.

Os três, os resquícios da corte, de suas famílias.

Mas Aelin de novo observava Lorcan, fervilhando conforme aquele sorriso malicioso retornava.

— Sobrevivi, Majestade — revelou Elide, baixinho. — Por causa dele. — Então indicou com o queixo Manon. — E por causa dela. Estou aqui hoje por causa de ambos.

A bruxa assentiu, dirigindo a concentração ao bolso no qual vira Elide esconder aquela lasca de pedra. A confirmação que procurava. O lembrete da terceira parte do triângulo.

— Estou aqui — continuou a jovem quando Aelin fixou aqueles olhos perturbadoramente vívidos sobre ela — por causa de Kaltain Rompier.

A garganta deu um nó, mas ela o afastou conforme os dedos trêmulos pescaram aquele pedacinho de tecido do bolso interno. A *sensação* sobrenatural do objeto pulsou na palma da mão de Elide.

— Ela disse para dar isto a você. A Celaena Sardothien, quero dizer. Ela não sabia que elas... que vocês eram a mesma pessoa. Disse que era uma retribuição por... por um manto quente oferecido em um calabouço frio. — Elide não teve vergonha das lágrimas que caíram, não em honra do que aquela mulher havia feito. Aelin estudou o retalho de tecido na palma trêmula da jovem. — Acho que ela guardou isso como um lembrete de bondade — comentou Elide, a voz rouca. — Eles... eles a destruíram e a feriram. E ela morreu sozinha em Morath. Morreu sozinha para que eu não... para que eles não pudessem... — Nenhum deles falou ou se moveu. Ela não sabia dizer se aquilo piorava as coisas. Se a mão que Lorcan apoiara em suas costas a fizera chorar mais forte.

As palavras saíram aos tropeços da boca trêmula.

— Ela disse p-para você lembrar de sua promessa de punir todos eles. E d-disse que você pode abrir qualquer porta se tiver a ch-chave.

Aelin apertou os lábios e fechou os olhos.

Um homem belo, de cabelos pretos, se aproximou então. Talvez fosse alguns anos mais velho que ela, mas se portava com tanta graciosidade que Elide se sentiu pequena e desestruturada diante dele. Os olhos cor de safira se fixaram nela, inteligentes e inabalados... e tristes.

— Kaltain Rompier salvou sua vida? E deu isso a você?

Ele a conhecia... conhecera.

Com uma voz fraca e interessada, Manon Bico Negro disse:

— Lady Elide Lochan de Perranth, conheça Dorian Havilliard, rei de Adarlan. — O rei ergueu as sobrancelhas para a bruxa.

— M-majestade — gaguejou a jovem, inclinando a cabeça. Realmente devia se

levantar. Parar de ficar deitada no chão como um verme. Mas o tecido e a pedra ainda estavam em sua mão.

Aelin limpou o rosto úmido na manga da roupa, em seguida se esticou.

— Sabe o que é isso que carrega, Elide?

— S-sim, Majestade.

Olhos turquesa, assombrados e cansados, se ergueram até os dela. Depois se desviaram para Lorcan.

— Por que não a tomou? — A voz estava oca e ríspida. Elide suspeitava que teria sorte se aquele tom jamais fosse usado com ela.

Lorcan encarou Aelin sem se encolher.

— Não era minha para que a tomasse.

A rainha olhava entre os dois, vendo demais. E, embora não exibisse cordialidade no rosto, ela disse a Lorcan:

— Obrigada... por trazê-la para mim.

Os demais pareciam tentar não demonstrar o quanto estavam chocados diante das palavras.

Então Aelin se voltou para Manon.

— Eu a reivindico. Com ou sem sangue de bruxa nas veias, é Lady de Perranth e é *minha*.

Olhos dourados reluziram com a empolgação do desafio.

— E se eu a reivindicar para as Bico Negro?

— Bico Negro... ou Crochan? — ronronou Aelin.

Elide piscou. Manon... e as Crochan? Afinal, o que a Líder Alada *estava fazendo* ali? Onde estava Abraxos?

— Cuidado, Majestade — comentou a bruxa. — Com seu poder reduzido a brasas, precisará lutar comigo da forma antiga de novo.

Aquele sorriso perigoso retornou.

— Sabe, estava mesmo torcendo por um segundo round.

— Damas — intrometeu-se o príncipe de cabelos prateados, os dentes trincados.

Ambas se voltaram, dando a Rowan Whitethorn sorrisos assustadoramente inocentes. O feérico, para seu crédito, apenas se encolheu depois que as duas viraram os rostos de novo.

Elide desejou que pudesse se esconder atrás de Lorcan quando as mulheres fixaram aquela atenção quase feral nela novamente. Manon estendeu o braço, virando a mão da

jovem para onde a de Aelin esperava.

— Pronto, acabou — declarou a bruxa.

A rainha se encolheu levemente, mas guardou o tecido e a chave no bolso. Uma sombra imediatamente se ergueu do coração de Elide, uma presença sussurrada tinha silenciado.

— De pé — ordenou Manon. — Estávamos no meio de algo.

Ela estendeu a mão para puxar Elide, mas Lorcan se intrometeu e o fez. A jovem tentou não se acomodar no calor do semifeérico que ainda lhe segurava o braço. Tentou não fazer parecer que tinha acabado de encontrar a rainha, a amiga, a corte e... de alguma forma Lorcan passara a ser o mais seguro de todos.

Manon sorriu para o guerreiro.

— Sua reivindicação sobre ela, macho, está no fim da lista. — Dentes de ferro deslizaram para fora, tornando aquele lindo rosto apavorante. Lorcan não a soltou. A bruxa cantarolou daquela forma que costumava querer dizer morte: — Não. Toque. Nela.

— Não me dá ordens, bruxa — retrucou Lorcan. — E não tem direito de se meter no que há entre nós.

Elide franziu a testa para ele.

— Está piorando as coisas.

— Gostamos de chamar isso de "besteiras territoriais de macho" — confidenciou Aelin. — *Ou* "desgraçado feérico territorial" funciona igualmente bem.

O príncipe feérico tossiu atrás de Aelin para chamar atenção.

A rainha olhou por cima do ombro com as sobrancelhas erguidas.

— Estou esquecendo outro termo carinhoso?

Os olhos do guerreiro brilharam, mesmo quando o rosto permaneceu fixo com determinação predatória.

— Acho que não.

Aelin piscou um olho para Lorcan.

— Se a ferir, derreterei seus ossos — advertiu ela, simplesmente, então saiu andando.

O sorriso revestido de ferro de Manon aumentou, e ela inclinou a cabeça debochadamente para Lorcan, depois seguiu a rainha.

Aedion olhou o semifeérico de cima a baixo e riu com escárnio.

— Aelin faz o que quer, mas acho que me deixaria ver quantos de seus ossos posso

quebrar antes de os derreter. — Então ele também saiu caminhando na direção das duas fêmeas. Uma prateada, uma dourada.

Elide quase gritou quando um leopardo-fantasma surgiu do nada, estremeceu o bigode na direção do guerreiro, então saiu trotando atrás das mulheres, a cauda felpuda oscilando atrás de si.

Em seguida o rei partiu, assim como os machos feéricos. Até que apenas o príncipe Rowan Whitethorn estivesse ali. Ele olhou para Elide.

A jovem imediatamente se desvencilhou do abraço de Lorcan. Aelin e Aedion tinham parado adiante, esperando por ela. Sorrindo levemente — de modo acolhedor.

Então Elide seguiu para eles, até sua corte, sem olhar para trás.

Rowan ficara quieto durante os últimos minutos, observando.

Lorcan estivera disposto a morrer por Elide. Estivera disposto a deixar de lado a missão para Maeve a fim de que Elide vivesse. E então agira de forma territorial o suficiente para fazer com que Rowan se perguntasse se ele parecia tão ridículo assim quando estava perto de Aelin.

Ao ficarem sozinhos, ele perguntou:

— Como nos encontrou?

Um sorriso afiado.

— O deus sombrio me empurrou até aqui. O exército ilken fez o resto.

O mesmo Lorcan que o príncipe feérico conhecia havia séculos e, no entanto... não. Algum contorno mal acabado fora lixado... não, *amaciado*.

O semifeérico encarou a fonte daquele amaciamento, mas contraiu o maxilar quando a concentração passou para Aelin, que caminhava ao lado dela.

— Sabe que aquele poder pode destruí-la com a mesma facilidade, não é?

— Eu sei — admitiu Rowan. O que fizera minutos antes, o poder que conjurara e libertara... Fora uma canção que fizera a própria magia irromper em uníssono.

Quando a resistência ilken finalmente cedera sob as chamas e o gelo e o vento, Rowan não conseguira conter o desejo de caminhar para dentro do coração incandescente daquele poder e vê-la brilhando com a mágica.

Na metade do caminho, ele percebera que não era apenas a atração por aquilo que o puxava. Era a mulher dentro do poder que poderia precisar de contato físico com

outro ser vivo para se lembrar do próprio corpo e das pessoas que a amavam, assim como para trazê-la de volta daquela calma letal que tão impiedosamente limpara os ilken dos céus. Mas então as chamas sumiram conforme os inimigos caíram como cinzas e gelo e cadáveres, e ela o havia olhado... Pelos deuses, ao olhar para ele, Rowan quase desabara de joelhos.

Rainha e amante e amiga... e mais. O guerreiro não tinha se importado que tivessem uma plateia. *Ele* tivera a necessidade de tocá-la, para assegurar-se de que ela estava bem, para *sentir* a mulher que podia fazer coisas tão grandiosas e terríveis e ainda olhar para ele com aquela vida atraente e vibrante nos olhos.

Você me faz querer viver, Rowan.

Ele se perguntou se Elide Lochan tinha de alguma forma feito Lorcan querer o mesmo.

— E quanto a sua missão? — perguntou Rowan ao antigo comandante.

Qualquer suavidade sumiu das feições esculpidas em granito do semifeérico.

— Por que não me diz por que está neste buraco e então discutiremos *meus* planos.

— Aelin pode decidir o que contar a você.

— Bom cachorrinho.

Rowan lhe lançou um sorriso preguiçoso, mas se absteve de comentar sobre a jovem delicada de cabelos pretos que, pelo visto, segurava a coleira do próprio Lorcan.

58

Kaltain Rompier acabara de virar o jogo daquela guerra.

Dorian jamais havia se sentido mais envergonhado.

Deveria ter sido melhor. Deveria ter *visto* melhor. Todos deveriam.

Os pensamentos giravam e espiralavam conforme ele se mantinha afastado no complexo quase afogado do templo, silenciosamente observando Aelin estudar o baú no altar, como se fosse um oponente.

A rainha estava acompanhada de Lysandra, deitada a seus pés na forma de leopardo-fantasma, e de Lady Elide, com Manon do outro lado da garota de cabelos pretos.

O poder concentrado naquele aglomerado era estonteante. E Elide... Manon murmurara algo a Aelin durante a caminhada de volta às ruínas sobre a jovem ser vigiada por Anneith.

Vigiada, assim como o restante deles parecia ser por outros deuses.

Lorcan entrou nas ruínas com Rowan ao lado. Fenrys, Gavriel e Aedion se aproximaram, colocando as mãos nas espadas, os corpos ainda latejando com a tensão conforme mantinham Lorcan à vista. Principalmente os guerreiros de Maeve.

Outro anel de poder.

Lorcan — Lorcan, abençoado pelo próprio Hellas, dissera Rowan a ele naquela viagem de barco até as ilhas Mortas. Hellas, deus da morte. Que viajara até ali com Anneith, sua consorte.

Os pelos nos braços de Dorian se arrepiaram.

Descendentes — cada um deles tocado por um deus diferente, cada um deles subitamente, silenciosamente, guiado até ali. Não era coincidência. Não podia ser.

Manon reparou no rapaz parado a poucos metros, interpretou qualquer que fosse a

cautela em seu rosto e se separou do círculo de mulheres que falavam baixo para se aproximar de Dorian.

— O que foi?

O rei trincou o maxilar.

— Tenho uma sensação ruim a respeito disso.

Ele esperou pela dispensa, pelo deboche. Contudo, a bruxa apenas disse:

— Explique.

Dorian abriu a boca, mas então Aelin subiu ao altar.

O Fecho... o Fecho que impediria as chaves de Wyrd, que permitiria que ela as colocasse de volta no portão. Graças a Kaltain, graças a Elide, só precisavam de mais uma. Onde quer que Erawan a mantivesse. No entanto, pegar aquele Fecho...

Rowan estava imediatamente ao lado da rainha conforme ela fitava o baú.

Devagar, ela olhou para os dois. Para Manon.

— Venha até aqui — chamou Aelin, com uma voz perturbadoramente calma.

Manon, sabiamente, não se recusou.

— Não é a hora nem o lugar para explorar isso — comentou Rowan. — Vamos levá-lo ao navio, e veremos como prosseguir de lá.

Aelin murmurou em concordância, o rosto empalidecendo.

— O Fecho esteve aqui em algum momento anterior? — perguntou Manon.

— Não sei. — Dorian jamais ouvira a amiga proferir aquelas palavras. Aquilo bastou para fazê-lo disparar escada acima, jogando água para trás conforme olhava também.

Não havia Fecho. Não da forma como tinham esperado, não da forma como fora prometido à rainha e como ela fora instruída a encontrar.

O baú de pedra continha apenas uma coisa:

Um espelho envolto em ferro, cuja superfície estava quase dourada devido à idade, manchada e coberta de sujeira. E ao longo da borda entrelaçada e complexamente entalhada, enfiado no campo superior direito...

A marca do Olho de Elena. Um símbolo de bruxas.

— Que diabo é isso? — indagou Aedion, dos degraus abaixo.

Foi Manon quem respondeu, olhando de esguelha para a rainha de expressão fechada:

— É um espelho de bruxa.

— Um o quê? — perguntou Aelin. Os demais se aproximaram.

Manon bateu com uma unha na borda de pedra do baú.

— Quando matou Pernas Amarelas, ela deu algum indício sobre por que estava lá, o que queria de você ou do antigo rei? — Dorian vasculhou a própria memória, mas não encontrou nada.

— Não. — Aelin olhou para o rei de forma inquisidora, e ele fez que não com a cabeça também. A rainha perguntou à bruxa:

— *Você* sabe por que ela estava lá?

Um indício de aceno. Um fôlego de hesitação. Dorian se preparou.

— Pernas Amarelas estava lá para se encontrar com o rei e mostrar a ele como funcionavam seus espelhos mágicos.

— Eu quebrei a maioria deles — comentou Aelin, cruzando os braços.

— O que quer que tenha destruído eram truques baratos e réplicas. Os verdadeiros espelhos de bruxa... Não se pode quebrar. Não facilmente, pelo menos.

Dorian tinha uma sensação horrível a respeito do caminho que aquela conversa tomava.

— O que eles podem fazer?

— É possível ver futuro, passado, presente. É possível falar entre espelhos, se alguém tiver um vidro irmão. E há também as pratas raras, cuja forja exige algo vital de quem as faz. — A voz de Manon ficou mais baixa. O jovem rei se perguntou se mesmo entre as Bico Negro aqueles contos haviam sido apenas sussurrados nas fogueiras dos acampamentos. — Outros espelhos ampliam e contêm rompantes de poder bruto, para ser libertado caso o vidro esteja apontado para algo.

— Uma arma — afirmou Aedion, o que garantiu um aceno de cabeça da bruxa. O general devia estar juntando as peças também, porque, antes que Dorian pudesse falar, ele indagou: — Pernas Amarelas se encontrou com ele para discutir essas armas, não foi?

Manon ficou em silêncio por tanto tempo que Aelin estava prestes a insistir, percebeu Aedion. Mas Dorian lhe deu um olhar de aviso para que ficasse quieta. Então a rainha ficou. Todos ficaram.

Por fim, a bruxa falou:

— Eles têm construído torres. Imensas, mas capazes de serem empurradas por campos de batalha, alinhadas com aqueles espelhos. Para que Erawan pudesse usar com seus poderes, para incinerar seus exércitos com poucas explosões.

Aelin fechou os olhos. Rowan apoiou a mão no ombro da rainha.

— Isto é... — Dorian indicou o baú e o espelho ali dentro. — Um dos espelhos que planejam usar? — perguntou ele.

— Não — respondeu Manon, observando o espelho de bruxa dentro do baú. — O que quer que *este* espelho seja... Não tenho certeza de qual é seu propósito. O que sequer pode fazer. Mas certamente não é o Fecho que procuravam.

Aelin pescou o Olho de Elena do bolso, sopesando-o na mão, então soltou um suspiro sombrio e afiado pelo nariz.

— Estou pronta para o dia de hoje acabar.



Milha após milha, os machos feéricos revezaram o espelho entre si.

Rowan e Aedion insistiram com Manon por detalhes sobre aquelas torres de bruxas. Duas já tinham sido construídas, mas ela não sabia quantas mais seriam feitas. Estavam posicionadas no desfiladeiro Ferian, porém possivelmente havia mais em outro lugar. Não, ela não sabia o meio de transporte. Ou quantas bruxas por torre.

Aelin deixou que as palavras se assentassem em alguma parte profunda e silenciosa de si. Pensaria naquilo no dia seguinte... depois que dormisse. Pensaria a respeito do maldito espelho de bruxas no dia seguinte também.

Sua magia estava esgotada. Pela primeira vez em dias, o poço de magia dormia.

Aelin podia dormir por uma semana. Um mês.

Cada passo pelo pântano, de volta para onde os três navios estariam esperando, era um esforço. Lysandra frequentemente se oferecia para se transformar em um cavalo e carregá-la, mas a amiga recusava. A metamorfa também estava exausta. Todos estavam.

Ela queria falar com Elide, queria perguntar sobre tantas coisas com relação àqueles anos separadas, mas... A exaustão que a corroía tornava a fala quase impossível. Aelin sabia que tipo de sono a chamava — o sono profundo e restaurador que o corpo exigia depois de gastar muita magia, depois de tê-la guardado por tanto tempo.

Então a rainha mal falou com Elide, deixando que a jovem se apoiasse em Lorcan conforme se apressavam para a costa. Conforme carregavam o espelho.

Segredos demais — ainda havia segredos demais com Elena e Brannon e a antiga guerra. Será que o Fecho sequer existira? Ou o espelho de bruxa era o Fecho? Muitas perguntas com pouquíssimas respostas. Aelin desvendaria aquilo. Depois que estivessem de volta à segurança. Depois que tivesse a chance de dormir.

Depois... que todo o resto se encaixasse também. Assim, caminharam pelo pântano sem descanso.

Com os sentidos de leopardo, foi Lysandra quem percebeu algo a 800 metros da praia de areia branca e do calmo mar cinzento além, apesar da parede de dunas e da vegetação que bloqueava a vista adiante.

Todos sacaram as armas ao subirem a duna, a areia deslizando sob eles. Rowan não se transformou; a única prova de sua completa exaustão. O príncipe feérico subiu a colina primeiro, sacando a espada das costas.

O ar queimou a garganta de Aelin quando ela parou ao lado de Rowan, Gavriel e Fenrys cuidadosamente apoiando o espelho do outro lado.

Ao verem cem velas cinza se espalhando adiante, cercando seus navios.

As embarcações estavam distribuídas pelo horizonte oeste, em completo silêncio, exceto pelos homens mal discerníveis a bordo. Navios do oeste... do golfo de Oro.

A frota de Melisande.

E na praia, esperando por eles... havia um grupo de vinte guerreiros, liderados por uma mulher de capa cinza. As garras de Lysandra se projetaram das patas, e ela soltou um grunhido baixo.

Lorcan empurrou Elide para trás de si.

— Recuamos para o pântano — disse ele a Rowan cujo rosto estava petrificado ao mensurar o grupo na praia, a frota à espera. — Podemos correr mais rápido que eles.

Aelin colocou as mãos nos bolsos.

— Não vão atacar.

Lorcan riu com desprezo.

— Acha isso baseando-se em seus muitos anos de experiência com guerra?

— Cuidado — grunhiu Rowan.

— Isso é absurdo! — disparou Lorcan, virando-se, como se fosse agarrar Elide cujo rosto estava pálido ao lado do semifeérico. — Nossas reservas estão drenadas...

Ele foi impedido de colocar a jovem sobre o ombro por uma parede de chamas fina como papel. O máximo que Aelin conseguiria conjurar.

E por Manon e as unhas de ferro que se colocaram diante do guerreiro conforme a bruxa grunhiu:

— Não vai levar Elide a lugar algum. Nem agora, nem nunca.

Lorcan se retesou por completo. E, antes que pudessem destruir tudo com aquela discussão, Elide colocou a mão delicada no braço do guerreiro — cuja mão estava

envolta no cabo da espada.

— Eu escolho isso, Manon.

A bruxa apenas olhou para a mão no braço de Lorcan.

— Discutiremos depois.

De fato. Aelin olhou para o semifeérico de cima a baixo e inclinou o queixo.

— Vá ficar emburrado em outro lugar. — A mulher encapuzada na praia, com os soldados atrás, caminhava em sua direção.

— Isso não está acabado, esse negócio entre nós — grunhiu Lorcan.

Aelin sorriu um pouco.

— Acha que não sei disso?

Então Lorcan caminhou até Rowan, o poder sombrio tremeluzindo e irradiando pelas ondas, como um estrondo silencioso de trovão, e assumiu uma posição defensiva.

A rainha olhou para o príncipe feérico de rosto petrificado, então para Aedion, com a espada e o escudo inclinados e prontos, então para os demais.

— Vamos dizer oi.

Rowan se assustou.

— Aelin...

Mas ela já caminhava pela duna, fazendo o possível para não escorregar na areia traiçoeira, para manter a cabeça erguida. Os outros a seguiram, tensos como cordas de arco, embora a respiração continuasse tranquila, prontos para qualquer coisa.

Os soldados usavam armaduras pesadas e gastas; os rostos severos e cheios de cicatrizes os mensuravam conforme se aproximavam da areia. Fenrys grunhiu para um deles, fazendo com que o homem desviasse o olhar.

Ao chegar mais perto, a mulher encapuzada retirou o capelo com uma graciosidade felina e parou a talvez 3 metros.

Aelin lhe conhecia cada detalhe.

Sabia que tinha 20 anos. Sabia que os cabelos médios de um vermelho-vinho eram naturais. Sabia que os olhos castanho-avermelhados eram os únicos que encontrara assim, em qualquer terra, em qualquer aventura. Sabia que a cabeça de lobo no punho da poderosa espada ao lado do corpo era o brasão de sua família. Conhecia a mancha de sardas, a boca carnuda e risonha, conhecia os braços aparentemente finos, mas que, na verdade, escondiam músculos duros como pedras ao serem cruzados.

Aquela boca carnuda se entreabriu em um meio sorriso quando Ansel de Penhasco dos Arbustos, rainha dos desertos, lentamente disse:

— Quem deu a você permissão de usar meu nome em ringues de luta, *Aelin*?

— Eu me dei permissão para usar seu nome como eu quiser, *Ansel*, no dia em que poupei sua vida em vez de acabar com você como a covarde que é.

Aquele sorriso arrogante se abriu.

— Olá, vadia — ronronou Ansel.

— Olá, traidora — ronronou Aelin de volta, verificando a armada que se estendia diante deles. — Parece que chegou a tempo no fim das contas.

59

Aelin sentiu o choque total dos companheiros quando Ansel fez uma reverência dramática e disse, gesticulando para os navios ao mar:

— Conforme pedido: sua frota.

A rainha riu com escárnio.

— Seus soldados parecem ter visto dias melhores.

— Ah, eles sempre têm essa aparência. Já tentei várias vezes fazer com que se concentrem no *exterior* tanto quanto se empenham na beleza interior, mas... sabe como são os homens.

Aelin riu. Mesmo ao sentir que o choque dos companheiros se transformava em algo incandescente.

Manon deu um passo adiante, a brisa do mar soprando mechas dos cabelos brancos sobre o rosto, então disse a Aelin:

— A frota de Melisande se curva a Morath. Você pode muito bem assinar uma aliança com Erawan se vai trabalhar com esta... pessoa.

O rosto de Ansel perdeu a cor diante dos dentes de ferro, das unhas. E Aelin se lembrou da história contada certa vez pela assassina, agora rainha, sussurrada no topo das areias altas do deserto e sob o tapete de estrelas. Uma amiga de infância... devorada viva por uma bruxa Dentes de Ferro.

Mais tarde, a própria Ansel, depois do massacre da família, fora poupada quando tinha se deparado com um acampamento de bruxas Dentes de Ferro.

— Ela não é de Melisande. O deserto é aliado de Terrasen — esclareceu Aelin.

Aedion se espantou ao avaliar os navios da mulher diante deles.

Em um tom de voz parecido com a morte, Manon Bico Negro indagou:

— Quem é ela para falar pelos desertos?

Ah, pelos deuses! Aelin contraiu o rosto com irreverência inexpressiva e gesticulou entre as duas mulheres.

— Manon Bico Negro, herdeira do clã de bruxas Bico Negro e agora a última rainha Crochan... conheça Ansel de penhasco dos Arbustos, assassina e rainha dos desertos do oeste.



Um rugido tomou conta da cabeça de Manon conforme voltavam ao navio, sendo interrompido apenas pelas batidas dos remos em meio às ondas calmas.

Ela mataria a vadia de cabelos vermelhos. Devagar.

Permaneceram em silêncio até chegar ao navio imponente, então subiram pela lateral.

Nenhum sinal de Abraxos.

Manon verificou o céu, a frota, o mar. Não havia uma escama.

O ódio no estômago se transformou em outra coisa, algo pior, e a bruxa deu um passo na direção do capitão de rosto vermelho para exigir respostas.

Mas Aelin casualmente se colocou no caminho, dando um sorriso viperino ao olhar entre Manon e a mulher de cabelos vermelhos recostada contra o mastro da escada.

— Vocês duas deveriam ter uma conversinha mais tarde.

A bruxa passou em disparada por Aelin.

— Ansel de penhasco dos Arbustos não fala pelos desertos.

Onde estava Abraxos...

— Mas você fala?

E Manon precisou se perguntar se de alguma forma... de alguma forma ela se entrelaçara aos planos que a rainha tecera. Principalmente quando se viu obrigada a parar de novo, obrigada a se virar para a rainha, que sorria sarcasticamente, e retrucar:

— Sim, falo.



Até mesmo Rowan piscou diante do tom de voz de Manon Bico Negro; a voz que não era de bruxa, de guerreira ou de predadora. Rainha.

A última rainha Crochan.

O feérico considerou a luta potencialmente explosiva entre Ansel de Penhasco dos Arbustos e Manon Bico Negro.

Ele se lembrou de tudo que Aelin tinha contado sobre Ansel — a traição enquanto as duas treinavam no deserto e a luta até a morte que fizera com que Aelin poupasse a ruiva. Uma dívida de vida.

Aelin cobrara a dívida de vida para com ela.

Empoleirada nas escadas do tombadilho, Ansel, com uma arrogância prepotente que explicava perfeitamente por que ela e Aelin se tornaram amigas tão rápido, respondeu para Manon:

— Bem, a última coisa que ouvi foi que nem bruxas Crochan nem Dentes de Ferro se incomodaram em cuidar dos desertos. Como alguém que alimentou e protegeu seu povo durante os últimos dois anos, acho que tenho o direito de falar por eles, sim. E decidir quem ajudamos e como fazemos isso. — Ela sorriu com ironia para Aelin, ignorando o fato de que a bruxa olhava para seu pescoço, como se fosse dilacerá-lo com os dentes de ferro. — Você e eu moramos ao lado uma da outra, afinal de contas. Não seria uma boa vizinha se não ajudasse.

— Explique — exigiu Aedion, contido, embora o coração ressoasse alto o suficiente para que Rowan ouvisse. Era a primeira palavra que o general proferia desde que Ansel tinha retirado o capuz. Desde que se deparara com a surpresinha de Aelin à espera na praia.

Ansel inclinou a cabeça, os sedosos cabelos vermelhos refletiram a luz, parecendo do mais encorpado vinho tinto, percebeu Rowan. Exatamente como Aelin certa vez os descrevera.

— Bem, há meses eu estava cuidando da vida nos desertos quando recebi uma mensagem do nada. De Aelin. Ela me mandou um recado alto e claro de Forte da Fenda. Lutando em ringues. — Ansel riu, balançando a cabeça. — E eu entendi que deveria me preparar. Começar a mover meu exército para o limite das montanhas Anascaul.

A respiração de Aedion falhou. Apenas séculos de treinamento evitaram que o mesmo ocorresse com Rowan. Sua equipe permanecia sólida na retaguarda, em posições que tinham assumido centenas de vezes ao longo dos séculos. Prontos para o derramamento de sangue... ou para a fuga, lutando.

Ansel sorriu, um sorriso vencedor.

— Metade deles já está a caminho. Prontos para se juntar a Terrasen. A terra de

minha amiga Celaena Sardothien, que não a esqueceu, mesmo quando estava no Deserto Vermelho, e que não parou de olhar para o norte todas as noites em que conseguíamos ver as estrelas. Não havia presente melhor que eu pudesse oferecer em retribuição que salvar seu reino jamais esquecido. E isso foi antes de eu receber outra carta meses atrás, na qual revelava quem era e dizia que me mataria se eu não auxiliasse sua causa. Eu já estava a caminho com meu exército, mas... então uma nova carta chegou. Me falando para seguir para o golfo de Oro. Para encontrá-la aqui e obedecer a um conjunto específico de instruções.

Aedion voltou a cabeça para Aelin, água salgada ainda reluzindo no rosto bronzeado devido à viagem de bote até ali.

— Os envios de Ilium...

Aelin gesticulou com a mão preguiçosa para Ansel.

— Deixe a mulher terminar.

A ruiva caminhou até Aelin e deu o braço a ela, unindo-as pelos cotovelos e rindo como um demônio.

— Estou presumindo que vocês saibam o quanto Sua Majestade é mandona. Mas segui as instruções. Trouxe a outra metade do exército quando desviei para o sul, e caminhamos pelas montanhas Canino Branco até Melisande. A rainha local presumiu que tínhamos chegado para lhe oferecer ajuda, então nos deixou passar direto pelos portões da entrada.

Rowan prendeu a respiração.

Ansel soltou um assobio agudo, então cascos e relinchos soaram no navio mais próximo.

Em seguida um cavalo Asterion surgiu dos estábulos.

O cavalo era uma tempestade em carne e osso.

O príncipe feérico não se lembrava da última vez que vira Aelin sorrir com alegria pura ao sussurrar:

— Kasida.

— Sabiam — continuou Ansel — que gosto muito de pilhar? E com as tropas de Melisande tão dispersas por conta de Morath, a rainha realmente não teve escolha a não ser ceder. Embora tenha ficado particularmente furiosa ao me ver reivindicar o cavalo, o que só piorou quando tirei a mulher do calabouço e revelei a bandeira de Terrasen oscilando ao lado de meu lobo em sua maldita casa.

— O quê!? — disparou Aedion.

Aelin e Ansel os encararam, as sobrancelhas erguidas. Dorian cambaleou um passo adiante ao ouvir aquelas palavras, e a rainha dos desertos lhe lançou um olhar que transparecia a vontade de pilhar *Dorian*.

Ansel indicou os navios ao redor com um gesto amplo do braço.

— A frota de Melisande é nossa agora. E a capital também. — Ela indicou Aelin com o queixo. — De nada.

Manon Bico Negro caiu na gargalhada.



Aedion não sabia com quem ficava mais furioso: Aelin, por não contar a ele sobre Ansel de Penhasco dos Arbustos *e* o maldito exército que a prima silenciosamente ordenara que saqueasse Melisande e tomasse a frota da cidade, ou com ele mesmo, por não confiar em sua rainha. Por questionar onde estavam seus aliados, por sugerir tudo o que tinha sugerido naqueles momentos antes do ataque dos ilken. Aelin simplesmente ouvira.

Conforme as palavras de Ansel eram absorvidas pela companhia ainda reunida no deque principal, Aelin falou, baixinho:

— Melisande queria ajudar Morath a dividir norte e sul. Não tomei a cidade por glória ou conquista, mas não permitirei que nada se coloque entre mim e a derrota de Morath. Melisande agora entenderá claramente o custo de se aliar a Erawan.

Ele tentou não se irritar. Era o príncipe-general de Aelin. Rowan era o consorte — ou perto o suficiente disso. No entanto, a jovem não confiara neles com aquilo. Aedion nem mesmo contemplara os desertos como aliados. Talvez por isso ela não tivesse dividido os planos. Ele teria dito à prima que não se incomodasse.

— Melisande provavelmente já mandou notícias a Morath — disse o general a Ansel. — Seus exércitos sem dúvida correm de volta para a cidade-capital. Leve o restante de seus homens para o outro lado das montanhas Canino Branco outra vez. Podemos liderar a armada daqui.

A ruiva olhou para Aelin, que assentiu em concordância. Então a rainha dos desertos perguntou a ele:

— E em seguida marchamos para o norte em direção a Terrasen e atravessamos as passagens de Anascaul?

Aedion deu um único aceno de confirmação, já calculando onde colocaria os

homens da aliada, a quem na Devastação passaria o comando. Sem ver os homens de Ansel lutarem... ele começou a seguir na direção das escadas para o tombadilho, sem se incomodar em esperar por permissão.

Mas Aelin o impediu com um pigarreio.

— Fale com Ansel, antes de ela partir amanhã de manhã, sobre para onde levar o exército dela depois que estiver inteiro de novo.

Ele apenas assentiu e continuou a subir as escadas, ignorando o olhar de preocupação do pai. Os demais, por fim, se separaram, e Aedion não queria nem saber para onde iam, apenas queria alguns minutos sozinho.

O general se recostou contra o corrimão, olhando o mar que batia contra a lateral do navio, tentando não reparar nos homens nos navios ao redor, que perscrutavam ele e os companheiros.

Alguns dos sussurros o atingiram do outro lado da água. *O Lobo do Norte; general Ashryver*. Alguns começaram a contar histórias; muitas eram mentiras descaradas, algumas estavam bem próximas da verdade. Ele deixou que o ruído escoasse para o choque e o sibilar das ondas.

O cheiro sempre em mutação o atingiu, e algo no peito de Aedion relaxou. Afrouxou-se um pouco mais ao ver os esbeltos braços dourados quando ela os apoiou no corrimão ao lado dos dele.

Lysandra olhou por cima do ombro para o mastro principal, onde a bruxa e Elide — pelos deuses, *Elide* — tinham ido se sentar, e onde conversavam baixinho. Provavelmente contando as próprias aventuras desde a separação.

A armada não velejaria até o amanhecer, ele ouvira o capitão dizer. Aedion duvidava de que tivesse algo a ver com algum desejo de Aelin em descobrir se a montaria perdida da Líder Alada retornaria.

— Não deveríamos nos demorar — comentou ele, avaliando o horizonte norte. Os ilken tinham vindo daquela direção e, se os tinham encontrado tão facilmente, mesmo com uma armada agora os circundando... — Estamos carregando duas chaves e o Fecho, ou o que quer que seja de fato aquele maldito espelho de bruxa. A maré está conosco. Deveríamos ir.

Lysandra lhe lançou um olhar afiado.

— Vá resolver isso com Aelin.

O general a observou da cabeça aos pés.

— O que a está incomodando?

A metamorfa tinha andado distante nos últimos dias. Mas naquele momento Aedion praticamente conseguia ver a máscara de cortesã se posicionar, tentando fazer com que os olhos se alegrassem, com que a boca contraída se suavizasse.

— Nada. Estou apenas cansada.

Algo a respeito da forma como ela olhou na direção do mar o incomodou.

— Estamos lutando para atravessar o continente — disse ele, com cautela. — Mesmo depois de dez anos, isso ainda me exaure. Não apenas fisicamente, mas... em meu coração.

Lysandra passou o dedo pela madeira lisa do corrimão.

— Achei... Tudo parecia uma grande aventura. Mesmo quando o perigo era tão terrível, ainda era novo, e eu não estava mais enjaulada em vestidos e quartos. Mas naquele dia em baía da Caveira, parou de ser tudo isso. Começou a ser... sobrevivência. E alguns de nós podem não conseguir. — Sua boca estremeceu um pouco. — Nunca tive amigos, não como tenho agora. E hoje, naquela praia, quando vi a frota e achei que pertencia a nosso inimigo... Por um momento, desejei que jamais tivesse conhecido nenhum de vocês. Porque pensar em qualquer um de vocês... — Lysandra inspirou. — Como consegue? Como aprendeu a entrar no campo de batalha com sua Devastação e não se arrasar com o terror de que talvez nem todos saiam com vida?

Aedion ouvia cada palavra, avaliava cada fôlego trêmulo. Então respondeu, simplesmente:

— Não tem escolha a não ser aprender a encarar isso. — Ele desejou que Lysandra não precisasse pensar em tais coisas, que não tivesse um peso tão grande sobre si. — O medo da perda... pode destruí-la tanto quanto a própria perda.

Ela o encarou por fim. Aqueles olhos verdes... a tristeza o atingiu como um golpe no estômago. Foi um esforço não levar a mão até ela. Em seguida a metamorfa disse:

— Acho que nós dois vamos precisar nos lembrar disso nos tempos por vir.

Aedion assentiu, suspirando pelo nariz.

— E nos lembrar de aproveitar o tempo que temos.

Lysandra provavelmente aprendera isso tanto quanto ele.

O pescoço fino e lindo oscilou, e ela olhou de esguelha para o general sob os cílios baixos.

— Eu gosto, sabe... Disso, o que quer que seja.

O coração de Aedion martelou a um ritmo estrondoso. Ele se perguntou se deveria escolher a sutileza ou não, então se permitiu a duração de três fôlegos para

decidir. No fim, optou pelo método de sempre, o qual lhe servira bem tanto dentro quanto fora dos campos de batalha: um tipo preciso de ataque brusco, com suficiente arrogância descarada para deixar o oponente desequilibrado.

— O que quer que isso seja — repetiu ele, com um meio sorriso — entre *nós*?

Lysandra de fato entrou na defensiva e mostrou as cartas.

— Sei que minha história não é... agradável.

— Acho melhor parar por aí — interrompeu Aedion, ousando dar um passo adiante. — E vou dizer que não há nada desagradável a seu respeito. *Nada*. Já estive com tantas pessoas quanto você. Mulheres, homens... Já vi e tentei de tudo.

As sobrancelhas da metamorfa se ergueram. O general deu de ombros.

— Sinto prazer com ambos, dependendo de meu humor e da pessoa. — Um dos ex-amantes de Aedion ainda era um de seus amigos mais próximos, assim como um dos comandantes mais habilidosos da Devastação. — Atração é atração. — O general conteve a ansiedade. — E sei o suficiente a respeito disso para entender que você e eu... — Algo estremeceu nos olhos de Lysandra, e as palavras lhe escaparam. Cedo demais. Cedo demais para aquele tipo de conversa. — Podemos ir descobrindo. Não fazer exigências um do outro além da honestidade. — Era realmente a única coisa que ele se importava em pedir. Não era nada mais do que pediria de um amigo.

Um pequeno sorriso brincou nos lábios da jovem.

— Sim — sussurrou ela. — Vamos começar por aí.

Aedion ousou dar outro passo mais para perto, sem se importar com quem observava do deque ou das cordas ou da armada ao redor. Cor ruborizou o alto daquelas lindas maçãs, e foi difícil não passar o dedo ali e então pela boca de Lysandra. Provar sua pele.

Mas ele se demoraria. Aproveitaria cada momento, como dissera a ela que fizesse.

Porque aquela seria sua última caçada. O general não tinha intenção de desperdiçar cada momento glorioso de uma só vez. De desperdiçar qualquer dos momentos que o destino lhe garantira, e tudo que queria mostrar a ela.

Cada córrego e floresta e mar em Terrasen. Queria vê-la rir durante as rodas de danças outonais; trançar fitas pelos mastros na primavera; e ouvir, de olhos arregalados, contos antigos de guerra e de fantasmas diante das fogueiras estrondosas na entrada das montanhas. Tudo isso. Aedion mostraria tudo isso a ela. E caminharia até aqueles campos de batalha diversas e diversas vezes para se certificar de que poderia fazer aquilo.

Então ele sorriu para Lysandra e lhe tocou a mão.

— Fico feliz por concordarmos, pelo menos uma vez.

60

Aelin e Ansel brindaram com garrafas de vinho sobre a mesa longa e marcada na cozinha do navio, então beberam intensamente.

Deveriam velejar à primeira luz do dia seguinte. Norte... de volta ao norte. Para Terrasen.

Aelin apoiou os antebraços na mesa escorregadia.

— Um brinde a entradas dramáticas.

Lysandra, enroscada no banco na forma de leopardo-fantasma e com a cabeça sobre o colo de Aelin, soltou uma risadinha felina. Ansel piscou, maravilhada.

— E agora?

— Seria interessante — resmungou Aedion na outra ponta da mesa, onde ele e Rowan olhavam com raiva para as duas — ser incluído em apenas *um* de seus esquemas, Aelin.

— Mas a expressão de vocês é tão maravilhosa quando os revelo — cantarolou a jovem.

Ele e Rowan grunhiram. Ah, ela sabia que estavam irritados. Muito irritados por não ter contado sobre Ansel. Mas a ideia de desapontá-los, de fracassar... Queria fazer aquilo sozinha.

Rowan, aparentemente, dominou a irritação por tempo suficiente para perguntar a Ansel:

— Os ilken ou valg não estavam em Melisande?

— Está sugerindo que minhas forças não seriam boas o suficiente para tomar a cidade se este fosse o caso? — A mulher ruiva bebeu o vinho, gargalhadas dançavam em seus olhos. Dorian sentara à mesa entre Fenrys e Gavriel, os três permaneciam

sabiamente quietos. Lorcan e Elide estavam no deque, em algum lugar. — Não, príncipe — continuou ela. — Perguntei à rainha de Melisande sobre a ausência de horrores criados em Morath, e, depois de algum convencimento, ela me informou que, por qualquer ardil ou trama, tinha conseguido manter as garras de Erawan longe dela. E dos próprios soldados.

Aelin endireitou um pouco o corpo, desejando mais vinho que aquele terço de garrafa já consumido ao ouvir Ansel acrescentar:

— Quando essa guerra acabar, Melisande não terá a desculpa de estar sob o transe de Erawan ou dos valg. Tudo que ela e os exércitos fizeram, a escolha de se aliar a ele... foi uma escolha humana. — Um olhar significativo para a parte mais escura da cozinha, onde Manon Bico Negro se sentava sozinha. — Pelo menos Melisande terá as Dentes de Ferro com quem chorar.

Os dentes de ferro da bruxa reluziram à luz fraca. A serpente alada não havia sido vista nem ouvida desde que partira, aparentemente. E ela e Elide tinham conversado por mais de uma hora no convés naquela tarde.

Aelin decidiu fazer um favor a todos e interromper:

— Preciso de mais homens, Ansel. E não tenho a habilidade de estar em tantos lugares ao mesmo tempo. — Todos voltaram a atenção para ela.

Ansel apoiou a garrafa.

— Quer que eu levante *outro* exército para você?

— Quero que encontre as bruxas Crochan perdidas.

Manon se endireitou.

— O quê?

Aelin passou a mão em um sulco da mesa.

— Estão escondidas, mas ainda estão por aí, se são caçadas pelas Dentes de Ferro. Podem existir em números consideráveis. Prometa compartilhar os desertos com elas. Você controla penhasco dos Arbustos e metade da costa. Dê a elas o interior do continente e o sul.

Manon se aproximava com morte estampada nos olhos.

— Você não tem o direito de prometer tais coisas. — As mãos de Rowan e de Aedion dispararam para as espadas conforme Lysandra abriu um olho preguiçoso, estendendo uma pata no banco e revelando as garras afiadas como agulhas entre as canelas de Manon e de Aelin.

— Não pode ficar com a terra, não com a maldição — retrucou a rainha. — Ansel

a conquistou, por sangue, perdas e a própria inteligência.

— É *meu* lar, o lar de meu povo...

— Foi esse o preço pedido, não foi? As Dentes de Ferro recuperam o lar, e Erawan deve ter prometido quebrar a maldição. — Diante dos olhos arregalados de Manon, Aelin riu com escárnio. — Ah... as Anciãs não contaram isso para você, não é? Que pena. Foi o que os espiões de Ansel descobriram. — Ela olhou a Líder Alada de cima a baixo. — Se você e seu povo se provarem melhores que as Matriarcas, haverá um lugar para você naquela terra também.

Manon apenas caminhou de volta para onde estivera sentada e olhou para o pequeno braseiro da cozinha como se pudesse congelá-lo.

— Tão sensíveis, essas bruxas — murmurou Ansel.

Aelin contraiu os lábios, mas Lysandra soltou outra sussurrada gargalhada felina. As unhas da bruxa estalaram umas contra as outras do outro lado da sala. A metamorfa apenas respondeu com o estalar das próprias garras.

— Encontre as Crochan — repetiu Aelin a Ansel.

— Todas se foram — interrompeu Manon de novo. — Nós as caçamos até quase a extinção.

Aelin olhou devagar por cima do ombro.

— E se fossem convocadas pela própria rainha?

— Sou a rainha delas tanto quanto você.

Isso eles veriam. Aelin apoiou a mão aberta na mesa.

— Mande qualquer coisa e qualquer um que encontrar para o norte — disse ela a Ansel. — Saquear a capital de Melisande sorrateiramente ao menos irritará Erawan, mas não queremos ficar presos aqui quando Terrasen for atacada.

— Acho que Erawan provavelmente já nasceu irritado. — Apenas Ansel, que certa vez rira da morte ao saltar por uma ravina e convencer Aelin a quase morrer fazendo o mesmo, debocharia de um rei valg. Mas em seguida a jovem acrescentou: — Farei isso. Não sei o quanto será eficiente, mas preciso ir para o norte de qualquer modo. Embora ache que Hisli ficará de coração partido ao se despedir de Kasida de novo.

Não era surpresa alguma que Ansel tivesse conseguido manter Hisli, a égua Asterion que roubara para si. Mas Kasida... Ah, Kasida estava tão linda quanto Aelin se lembrava, ainda mais depois de ter sido guiada por uma rampa para dentro do navio. Ela escovara a égua após a ter levado para os estábulos entulhados e úmidos, subornando-a com uma maçã para que a perdoasse.

Ansel bebeu da garrafa.

— Eu ouvi, sabia? Quando foi para Endovier. Ainda estava lutando para chegar ao trono, enfrentando a horda de Lorde Loch com os senhores que eu havia conseguido reunir, mas... mesmo nos desertos, soubemos quando foi enviada para lá.

Aelin mexeu mais na mesa, bastante ciente de que os demais ouviam.

— Não foi divertido.

Ansel assentiu.

— Depois que matei Loch, precisei ficar para defender meu trono, para ajeitar as coisas para meu povo de novo. Mas sabia que, se alguém podia sobreviver a Endovier, seria você. Então parti no verão passado. Tinha chegado às montanhas Ruhnn quando recebi notícias de que havia saído. Levada para a capital por... — Ela olhou para Dorian, de expressão petrificada do outro lado da mesa. — Ele. Mas não podia ir para Forte da Fenda. Era longe demais, e eu estava fora havia muito tempo. Aí dei meia-volta e retornei para casa.

— Tentou me tirar de lá? — As palavras de Aelin saíram falhando.

O fogo se projetava nos cabelos de Ansel em tons de rubi e ouro.

— Não houve uma hora em que não pensei no que fiz no deserto. Em como você disparou aquela flecha depois de 21 minutos. Me disse 20, que dispararia mesmo que eu não estivesse fora de alcance. Eu estava contando; sabia quantos minutos tinham sido. Você me deu um minuto a mais.

Lysandra se espreguiçou, cutucando com o focinho a mão de Ansel, que coçou a metamorfa distraidamente.

— Você era meu espelho — explicou Aelin. — Aquele minuto a mais foi tanto para mim quanto para você. — Ela brindou com a garrafa contra a de Ansel de novo. — Obrigada.

— Não me agradeça ainda — replicou, apenas, a jovem ruiva.

A rainha se endireitou. Os demais pararam de comer, largando os talheres no ensopado.

— Os incêndios na costa não foram causados por Erawan — informou Ansel, com aqueles olhos castanho-avermelhados tremeluzindo à luz da lanterna. — Nós interrogamos a rainha de Melisande e seus tenentes, mas... não foi uma ordem de Morath.

O grunhido baixo de Aedion indicou a ela que todos sabiam a resposta antes que fosse dita.

— Recebemos um relato de que soldados feéricos foram vistos começando os incêndios. Disparando de navios.

— Maeve — murmurou Gavriel. — Mas queimar não é seu estilo.

— É o meu — comentou Aelin. Todos a olharam. Ela soltou uma risada sem humor.

Ansel apenas assentiu.

— Ela os está começando e a culpando por eles.

— Com qual propósito? — perguntou Dorian, passando a mão pelos cabelos preto-azulados.

— Para enfraquecer Aelin — afirmou Rowan. — Para fazer com que ela pareça uma tirana, e não uma salvadora. Como uma ameaça contra a qual vale a pena se unir, em vez de se aliar.

Aelin inspirou entre dentes.

— Maeve joga bem, preciso admitir.

— Então ela chegou a este litoral — constatou Aedion. — Mas em que porcaria de lugar está?

Um peso de medo embrulhou o estômago de Aelin. Não conseguia dizer no norte. Sugerir que talvez Maeve estivesse velejando para a desprotegida Terrasen. Um olhar para Fenrys e Gavriel revelou que os dois já sacudiam as cabeças em uma resposta silenciosa ao olhar significativo de Rowan.

— Partiremos à primeira luz do dia — avisou Aelin.



À luz fraca da cabine particular uma hora depois, Rowan traçou uma linha sobre o mapa estendido no centro do chão, então uma segunda linha ao lado daquela, então uma terceira ao lado dessa. Três linhas, grosseiramente espaçadas, trechos amplos do continente entre elas. Parada próxima a ele, Aelin as estudou.

O guerreiro desenhou uma flecha apontada para dentro da linha mais à esquerda até aquela no centro e disse, baixinho, para que os demais nos quartos adjacentes ou no corredor não pudessem ouvir:

— Ansel e seu exército avançam das montanhas a oeste. — Outra flecha em uma direção oposta, para a linha mais à direita. — Rolfe, os mycenianos e sua armada atacam da costa leste. — Uma flecha apontava para a seção à direita do pequeno desenho, onde

as duas flechas se encontrariam. — A Devastação e a outra metade do exército de Ansel varrem pelo centro, vindo das montanhas Galhada do Cervo até o coração do continente, todos convergindo em Morath. — Aqueles olhos eram como fogo verde. — Você vem posicionando exércitos.

— Preciso de mais — disse ela. — E preciso de mais tempo.

As sobrancelhas de Rowan se franziram.

— E em qual exército lutará? — Um dos cantos da boca do feérico se ergueu. — Presumo que não serei capaz de persuadi-la a ficar atrás das linhas.

— Sabe que não deve sequer tentar.

— Não teria graça nenhuma mesmo, não é? Se eu conseguisse toda a glória enquanto você ficasse sentada, sem fazer nada. Eu jamais pararia de falar nisso.

Aelin riu com escárnio, então observou os outros mapas que haviam espalhado pelo piso da cabine. Juntos, formavam um remendo de seu mundo — não apenas do continente, mas das terras além. A jovem ficou de pé, erguendo-se sobre o mapa, como se pudesse ver aqueles exércitos, tanto perto quanto longe.

Rowan, ainda ajoelhado, olhou para o mundo que se estendia aos pés da jovem.

E ela percebeu que de fato seria isso — caso vencesse aquela guerra, caso recuperasse o continente.

Aelin avaliou a extensão do mundo, o qual certa vez parecera tão amplo e, no momento, aos seus pés, parecia tão... frágil. Tão pequeno e frágil.

— Você poderia, sabe? — comentou Rowan, com a tatuagem contrastante à luz da lanterna. — Tomar isso para si. Tomar tudo. Usar as manobras de merda de Maeve contra ela. Cumprir aquela promessa.

Não havia julgamento. Apenas cálculo sincero e contemplação.

— E você se juntaria a mim se eu o fizesse? Se me tornasse conquistadora?

— Você unificaria, não saquearia e queimaria. E sim... para qualquer que seja o fim.

— Essa é a ameaça, não é? — ponderou ela. — Os outros reinos e territórios passarão o resto da existência se perguntando se algum dia ficarei entediada em Terrasen. Farão o possível para se certificar de que fiquemos felizes dentro de nossas fronteiras e de que os achemos mais úteis como aliados e parceiros de comércio do que como potenciais conquistas. Maeve atacou a costa de Eyllwe, fazendo-se passar por mim, talvez para voltar aquelas terras estrangeiras contra mim, para reforçar o que afirmei com meu poder em baía da Caveira... e usar aquilo contra nós.

Rowan assentiu.

— Mas se pudesse... você o faria?

Por um segundo, Aelin conseguiu ver; ver o próprio rosto entalhado em estátuas, em reinos tão distantes que nem mesmo sabiam da existência de Terrasen. Uma deusa viva — herdeira de Mala e conquistadora do mundo conhecido. Traria música e livros e cultura, acabaria com a corrupção que apodrecia em cantos da terra...

— Agora não — respondeu Aelin, baixinho.

— Mas depois?

— Se ser rainha me entediar... Quem sabe não considere me tornar imperadora? Para dar a meus filhos não apenas um reino para herdar, mas tantos quanto estrelas.

Não havia mal em dizer aquilo, de toda forma. Em pensar a respeito disso, por mais idiota e inútil que fosse. Mesmo que contemplar as possibilidades... talvez não a tornasse melhor que Maeve ou Erawan.

Rowan indicou com o queixo o mapa mais próximo... na direção dos desertos.

— Por que perdoou Ansel? Depois do que ela fez a você e aos demais no deserto?

Aelin se agachou de novo.

— Porque ela fez uma escolha ruim, tentando curar uma ferida que jamais poderia remendar. Tentando se vingar das pessoas que amava.

— E realmente colocou tudo isso em prática quando estávamos em Forte da Fenda? Quando estava lutando naqueles ringues?

Ela piscou um olho de forma maliciosa para o guerreiro.

— Eu sabia que, se usasse o nome de Ansel de penhasco dos Arbustos, de algum modo chegaria a ela a notícia de que uma jovem de cabelos ruivos massacrava soldados treinados no Fossas sob *seu* nome. E que Ansel saberia que era eu.

— Então os cabelos vermelhos naquela época... não eram apenas para Arobynn.

— Nem de perto. — Aelin franziu a testa para os mapas, insatisfeita por não ter visto nenhum outro exército escondendo-se pelo mundo.

Rowan lhe passou a mão pelo cabelo.

— Às vezes eu queria saber todos os pensamentos nessa cabeça, cada trama e maquinação. Então me lembro do quanto me dá prazer quando você os revela, em geral no momento em que é mais provável que faça meu coração parar no peito.

— Eu sabia que você era um sádico.

Ele a beijou na boca uma vez, duas, então seguiu para a ponta do nariz, mordiscando com os caninos. Aelin sibilou e o afastou, então a risada grave do guerreiro ressoou contra as paredes de madeira.

— Isso é por não ter me contado — comentou ele. — *De novo.*

Mas apesar das palavras, apesar de tudo, ele parecia tão... feliz. Perfeitamente contente e feliz por estar ali, ajoelhado entre aqueles mapas, com a lanterna quase no fim, e o mundo indo para o inferno.

O macho frio e sem alegria que Aelin conhecera, aquele que estivera esperando por um oponente bom o bastante para lhe trazer a morte... Agora olhava para ela com felicidade no rosto.

Aelin lhe pegou as mãos, segurando com força.

— Rowan.

A faísca se extinguiu dos olhos do feérico.

Aelin apertou os dedos do guerreiro.

— Rowan, preciso que faça algo por mim.



Manon estava deitada, enroscada de lado na cama estreita, sem conseguir dormir.

Não era devido às condições precárias do lugar — não, dormira em coisa muito pior, mesmo considerando o buraco remendado às pressas na lateral da parede.

A bruxa encarou aquela falha na parede e o luar que entrava com a brisa salgada de verão.

Não iria atrás das Crochan. Não importava do que a rainha de Terrasen a tivesse chamado, admitir a linhagem era diferente de... reivindicá-la. Manon duvidava de que as Crochan estivessem dispostas a servir, de qualquer modo, considerando que matara sua princesa. A própria meia-irmã.

E, mesmo que escolhessem servi-la, lutar por ela... Manon levou a mão à cicatriz espessa sobre a barriga. As Dentes de Ferro não compartilhariam os desertos.

Mas foi essa mentalidade, pensou a bruxa ao virar de costas, tirando o cabelo do pescoço grudento de suor, que mandou todas para o exílio.

Mais uma vez ela olhou entre as falhas naquele buraco, para o mar além. Esperando ver uma sombra no céu noturno, ouvir o estrondo de asas poderosas.

Abraxos já deveria ter voltado. Manon afastou o pesar que se encolhia na barriga.

Mas, em vez de asas, passos soaram no corredor do lado de fora.

Um segundo depois, a porta se abriu nas dobradiças quase silenciosas, então foi fechada de novo. Trancada.

— O que está fazendo aqui? — Manon não se sentou ao falar.

O luar passou entre os cabelos preto-azulados do rei.

— Não tem mais correntes.

Ela se sentou ao ouvir aquilo, examinando o ferro preso à parede.

— É mais excitante para você se eu as usar?

Olhos cor de safira pareceram brilhar no escuro quando Dorian se recostou contra a porta fechada.

— Às vezes é.

Manon riu com escárnio, mas se viu dizendo:

— Você nunca deu uma opinião.

— Sobre o quê? — perguntou o rei, embora soubesse do que a bruxa falava.

— O que sou. Quem eu sou.

— Minha opinião importa para você, bruxinha?

Ela caminhou até Dorian, parando a poucos metros de distância, ciente de cada centímetro de noite entre ambos.

— Não parece irritado por Aelin ter saqueado Melisande sem contar a ninguém, não parece se importar que sou uma Crochan...

— Não confunda meu silêncio com falta de sentimentos. Tenho bons motivos para guardar meus pensamentos para mim.

Gelo reluziu nas pontas dos dedos do jovem.

Manon observou a magia.

— Me pergunto se será você ou a rainha contra Erawan no final.

— Fogo contra escuridão dá uma história melhor.

— Sim, mas despedaçar um rei demônio sem usar as mãos também daria.

Um meio sorriso.

— Consigo pensar em formas melhores de usar minhas mãos, invisíveis ou de carne e osso.

Um convite e uma pergunta. Manon o encarou.

— Então termine o que começou — sussurrou ela.

O sorriso de resposta foi suave... com um toque daquele brilho de crueldade que fazia o sangue da bruxa se aquecer como se a própria Rainha de Fogo tivesse soprado chamas sobre ele.

Manon permitiu que Dorian a encostasse contra a parede. Permitiu que ele a encarasse enquanto abria os laços superiores de sua camisa.

Um. A. Um.

Permitiu que se aproximasse para roçar a boca contra o pescoço exposto, bem sob a orelha.

Ela arqueou levemente o corpo ao sentir aquela carícia. Ao sentir a língua que se movia contra o ponto no qual estiveram os lábios de Dorian. Então ele se afastou. Para longe.

Enquanto aquelas mãos fantasmas continuaram subindo pelos quadris de Manon, até a cintura. A boca do rapaz se abriu levemente, o corpo tremia com autocontrole. Autocontrole, quando a maioria dos machos tomava e tomava o que Manon oferecia, banqueteando-se. Então Dorian Havilliard disse:

— A mulher Cão de Caça estava mentindo naquela noite. O que disse sobre sua imediata. Senti a mentira... o gosto.

Alguma parte apertada no peito da bruxa se aliviou.

— Não quero falar sobre isso.

Ele se aproximou de novo, e aquelas mãos fantasmas seguiram sob seus seios. A bruxa trincou os dentes.

— E sobre o que você quer falar, Manon?

Ela não tinha certeza se Dorian tinha dito seu nome algum dia antes. E a forma como o pronunciou...

— Não quero falar, ponto — replicou Manon. — E você também não — acrescentou ela, com um olhar significativo.

De novo, aquele sorriso sombrio e tenso surgiu. E, ao se aproximar mais uma vez, as mãos de Dorian substituíram as mãos fantasmas.

Traçando o quadril, a cintura, os seios. Círculos indolentes e lentos que Manon permitiu simplesmente porque ninguém jamais ousara. Cada toque de pele contra pele deixava um rastro de fogo e gelo. Ela se viu hipnotizada por aquilo — por cada carícia atraente e lasciva. A bruxa nem mesmo considerou protestar quando ele lhe puxou a blusa e observou a pele nua, cheia de cicatrizes.

O rosto do rei se tornou faminto ao ver os seios de Manon, a parte reta da barriga; a cicatriz que a cortava.

A fome se tornou algo gélido e cruel.

— Certa vez me perguntou qual era minha posição no limite entre matar para proteger e matar por prazer. — Os dedos de Dorian roçaram a borda da cicatriz sobre o abdômen de Manon. — Cruzarei o limite quando encontrar sua avó.

Um calafrio percorreu o corpo da bruxa, fazendo os seios se enrijecerem. O rapaz os observou, então circulou um deles com um dedo. Depois se curvou para que a boca acompanhasse o caminho por onde o dedo tinha passado. Então a língua. Manon mordeu o lábio para conter o gemido que subia pela garganta, deslizando as mãos pelas mechas sedosas dos cabelos de Dorian.

A boca ainda estava em torno da ponta do seio de Manon quando o rei novamente a encarou, o olhar cor de safira emoldurado por cílios cor de ébano, e falou:

— Quero sentir o gosto de cada centímetro seu.

A bruxa deixou toda pretensão de razão de lado conforme Dorian ergueu a cabeça e lhe reivindicou a boca.

E com todo o desejo do rei de sentir seu gosto, ao abrir a boca para ele, Manon encontrou um gosto de mar, como uma manhã de inverno, algo tão estranho, mas familiar, que por fim aquele gemido lhe foi arrancado do interior.

Os dedos de Dorian deslizaram para o maxilar da bruxa, virando o rosto para tomar a boca por completo, cada movimento da língua era uma promessa sensual que a fazia arquear o corpo contra o dele. Que a fazia ir de encontro a ele, carícia após carícia, conforme Dorian explorava e provocava até que Manon mal conseguisse pensar direito.

Ela jamais contemplara como seria... perder o controle. E aquilo não ser uma fraqueza, mas uma liberdade.

As mãos deslizaram pelas coxas de Manon, como se saboreassem os músculos ali, então em volta — segurando em concha suas costas, roçando-a contra cada centímetro rígido dele. O ruído baixo na garganta da bruxa foi interrompido quando Dorian a puxou da parede com um movimento suave.

Manon entrelaçou as pernas em volta da cintura do rapaz ao ser carregada até a cama, a boca do rei jamais se afastando conforme a devorava mais e mais. Conforme a deitava sob ele. Conforme abria a calça da bruxa, botão após botão, para retirá-la.

Mas Dorian se afastou por fim, deixando-a ofegante enquanto a observava, completamente nua diante de si. O rei fez carícias na lateral da coxa de Manon com o dedo. Subindo.

— Eu quis você desde o primeiro momento em que a vi na floresta de Carvalhal — confessou Dorian, a voz baixa e áspera.

A bruxa ergueu a mão para tirar a camisa do rei, deslizando o tecido branco e revelando a pele bronzeada e os músculos esculturais.

— Sim. — Foi tudo o que Manon disse. Ela lhe abriu o cinto, as mãos trêmulas.

— Sim — repetiu a bruxa, quando Dorian lhe roçou o centro com o dorso do dedo. Ele soltou um grunhido de aprovação para o que tinha encontrado.

As roupas do jovem se juntaram às de Manon no chão. A bruxa permitiu que ele elevasse seus braços sobre a cabeça, a magia carinhosamente prendendo os pulsos ao colchão conforme o rei a tocava. Primeiro com aquelas mãos maliciosas. Depois com a boca maliciosa. E, quando ela precisou lhe morder o ombro para abafar o gemido ao chegar ao limite, Dorian Havilliard se enterrou bem fundo dentro da bruxa.

Ao se mover, Manon não se importou com quem era, com quem tinha sido e com o que certa vez prometera ser. Ela passou as mãos pelos cabelos espessos de Dorian, por cima dos músculos das costas que se contraíam a cada investida, levando-a em direção àquele limite reluzente de novo. Ali, não passava de carne e fogo e ferro; ali, havia apenas a necessidade egoísta do corpo de Manon, do corpo de Dorian.

Mais. Ela queria mais; queria *tudo*.

Manon devia ter sussurrado aquilo, talvez tivesse suplicado. Porque, que a Escuridão a salvasse, Dorian deu isso a ela. Aos dois.

Ele continuou sobre a bruxa quando por fim parou de se mover; os lábios estavam à distância de um fio de cabelo acima do rosto de Manon... pairando depois do beijo brutal que lhe dera para segurar o rugido quando chegara ao êxtase.

Manon tremia com... o que quer que Dorian tivesse feito com ela, com seu corpo. Ele afastou uma mecha de cabelo do rosto da bruxa, os próprios dedos tremendo.

Ela não percebera o quanto o mundo estava silencioso — o quanto poderiam ter sido barulhentos, principalmente com tantos ouvidos feéricos por perto.

Dorian ainda estava sobre ela, dentro dela. Aqueles olhos cor de safira se voltaram para a boca da bruxa, ainda levemente ofegante.

— Isso devia aliviar a tensão.

Manon manteve as palavras baixas conforme as roupas de Dorian deslizaram para perto, impulsionadas por mãos fantasmas.

— E aliviou?

Ele traçou o lábio inferior da bruxa com o polegar e estremeceu quando ela chupou o dedo para dentro da boca, virando-o com a língua.

— Não. Nem de perto.

Mas a luz cinzenta do alvorecer entrava no quarto, manchando as paredes de prateado. Dorian pareceu notar no mesmo momento que Manon. Gemendo baixo, ele se separou dela. A bruxa pegou as roupas com eficiência treinada, e, apenas quando

estava amarrando a blusa, Dorian disse:

— Não terminamos, você e eu.

E foi a pura *promessa* masculina que a fez exibir os dentes.

— A não ser que queira descobrir exatamente quais partes de mim são feitas de ferro da próxima vez que me tocar, eu decido essas coisas.

Ele deu outro sorriso puramente masculino, erguendo as sobrancelhas, e saiu pela porta tão silenciosamente quanto chegara. Pareceu pausar no portal rapidamente, como se alguma palavra lhe tivesse atiçado o interesse, mas então continuou, fechando a porta com pouco mais de um clique. Inabalado, completamente calmo.

Manon olhou para a porta com os olhos arregalados, xingando o próprio sangue por ter se aquecido de novo, por... pelo que permitira que ele fizesse.

A bruxa se perguntou o que Dorian diria se ela contasse que jamais deixara um macho ficar por cima daquela forma. Nenhuma vez. Ela se perguntou o que o rei diria se contasse que tivera vontade de enterrar os dentes em seu pescoço e descobrir qual era o gosto daquela pele. Colocar a boca em outras partes para ver qual era seu gosto ali.

Manon passou as mãos pelos cabelos e afundou no travesseiro.

Que a Escuridão a envolvesse.

A bruxa fez uma oração silenciosa visando ao retorno rápido de Abraxos. Tempo demais — tempo demais passara entre aqueles malditos humanos e machos feéricos. Precisava partir. Elide ficaria segura ali; a rainha de Terrasen podia ser muitas coisas, mas Manon sabia que ela protegeria a jovem.

Contudo, com as Treze dispersadas e provavelmente mortas, independentemente do que Dorian alegara, ela não tinha certeza absoluta de para onde seguiria depois da partida. O mundo jamais parecera tão amplo.

E tão vazio.

Mesmo completamente exausta, Elide mal dormira durante a longa noite em que ela e Lorcan se balançaram nas redes com os outros marinheiros. Os cheiros, os sons, a oscilação do mar... Tudo isso a incomodava, nada a acalmava. Um dedo parecia continuar cutucando-a para que acordasse, como se lhe dissesse para permanecer alerta, mas... não havia nada.

Lorcan se revirou durante horas. Como se a mesma força implorasse para que ele

acordasse.

Como se esperasse algo.

A magia do guerreiro estivera falhando quando chegaram ao navio, embora o macho não tivesse dado sinais de cansaço além de um leve contrair de boca. Mas Elide sabia que ele estava perto do que tinha descrito como esgotamento. Sabia porque, durante horas depois daquilo, a pequena tipoia de magia em torno de seu calcanhar ficara tremeluzindo e saindo do lugar.

Depois de Manon informar a ela sobre os destinos incertos das Treze, a jovem se mantivera, em grande parte, longe dos companheiros, permitindo que conversassem com aquela mulher de cabelos vermelhos que os encontrara na praia. Assim como Lorcan. Ele os ouvira debater e planejar, o rosto contraído, como se algo encolhido dentro do semifeérico se apertasse mais a cada momento passado.

Ao observá-lo dormir a poucos centímetros, aquele rosto severo suavizado pelo sono, uma pequena parte de Elide se perguntou se teria de alguma forma levado outro perigo para a rainha. Ela se perguntou se os demais haviam reparado na frequência com que o olhar de Lorcan se fixara nas costas de Aelin. *Mirara* suas costas.

Como se sentisse a atenção, o guerreiro abriu os olhos e a encarou sem sequer piscar. Por um segundo, Elide absorveu aquele olhar infinito a poucos centímetros, parecendo etéreo devido à luz prateada que precedia o alvorecer.

Lorcan estivera disposto a oferecer a vida pela de Elide.

Algo se suavizou no rosto duro quando os olhos se voltaram para o braço de Elide que pendia da rede, a pele ainda um pouco inflamada, mas... milagrosamente curada. A jovem já agradecera duas vezes a Gavriel, mas ele dispensara o agradecimento com um aceno suave de cabeça e um dar de ombros.

Um leve sorriso se abriu na boca rígida de Lorcan conforme ele estendeu a mão pelo espaço entre os dois e passou os dedos calejados naquele braço.

— Você escolhe isto? — murmurou Lorcan, para que não soasse como mais que o rangido das cordas da rede. Ele acariciou a palma da mão de Elide com o polegar.

A jovem engoliu em seco, mas absorveu cada linha naquele rosto. Norte... iriam para *casa* naquele dia.

— Achei que fosse óbvio — disse ela, com um silêncio igual, as bochechas se aquecendo.

Os dedos do guerreiro se entrelaçaram nos dela, e alguma emoção que ela não conseguiu identificar lampejou como estrelas nos olhos pretos.

— Precisamos conversar — avisou Lorcan, a voz rouca.

Foi o grito de quem estava de guarda que os sobressaltou. Um grito de puro terror.

Elide quase caiu da rede, e marinheiros passaram correndo. Ao afastar os cabelos dos olhos, Lorcan já tinha sumido.

Os diversos deques estavam lotados, e a jovem precisou mancar até as escadas para ver o que os agitara. Os demais navios estavam acordados e em frenesi. Com bom motivo.

Velejando pelo horizonte oeste, outra armada seguia para eles.

E Elide sabia nos próprios ossos que aquela não fora tramada e planejada por Aelin.

Não quando Fenrys, subitamente ao seu lado nos degraus, sussurrou:

— Maeve.

61

Não havia escolha a não ser encontrá-los. A armada de Maeve tinha o vento e a corrente a seu favor; nem mesmo chegariam à praia antes de serem pegos. E tentar fugir de soldados feéricos... Não era uma opção.

Rowan e Aedion dispuseram todas as alternativas para Aelin. Todos os caminhos levavam ao mesmo destino: confronto. E ela ainda sentia-se tão desgastada, tão exausta, que... Sabia como aquilo terminaria.

Maeve tinha um terço a mais de navios. E guerreiros imortais. Com magia.

Foi preciso muito pouco tempo para que aquelas velas negras preenchessem o céu, para que vissem a superioridade dos barcos do inimigo, seus soldados mais treinados. Rowan e a equipe haviam supervisionado muito daquele treinamento — e os detalhes fornecidos não eram encorajadores.

Maeve enviou um bote com entalhes ornamentais até eles, portando uma mensagem.

Rendam-se... ou serão enviados ao fundo do oceano. Aelin tinha até o alvorecer do dia seguinte para decidir.

Um dia inteiro. Para que o medo apodrecesse e se espalhasse entre os homens.

Ela se reuniu com Rowan e Aedion de novo. A equipe não foi convocada pela rainha feérica, embora Lorcan caminhasse de um lado ao outro, como uma besta enjaulada. Elide o observava, com uma expressão que, impressionantemente, nada revelava.

Não havia solução. Dorian permaneceu quieto, embora de vez em quando olhasse entre Aelin e Manon. Como se algum quebra-cabeça estivesse disposto diante de si. Jamais chegou a dizer o que era.

Aedion insistiu para que atacassem... para que silenciosamente reunissem os barcos e atacassem. Mas Maeve anteciparia essa manobra. E podiam investir mais rápido com magia que disparando flechas e arpões.

Tempo. Era tudo com que Aelin podia jogar.

Debateram e teorizaram e planejaram. Rowan fez uma tentativa decente de tentar sugerir que ela fugisse. Aelin deixou que o príncipe feérico falasse, apenas para que percebesse, ao fazer isso, quão estúpida era aquela ideia. Depois da noite anterior, Rowan deveria estar bastante ciente de que Aelin não o deixaria. Não voluntariamente.

Então o sol se pôs. E a armada de Maeve esperou, a postos e observando. Uma pantera descansando, pronta para atacar à primeira luz.

Tempo. A única ferramenta... e sua derrocada. E o tempo de Aelin acabara.

Ela contou aquelas velas negras diversas e diversas vezes conforme a noite os cobria.

E não tinha ideia do que fazer.

Era inaceitável, decidira Rowan, durante as longas horas em que debateram.

Inaceitável que tivessem feito tanto, apenas para serem impedidos, não por Erawan, mas por Maeve.

Ela não ousara aparecer. Mas esse não era o estilo de Maeve.

Faria aquilo ao alvorecer. Aceitaria a rendição de Aelin pessoalmente, com todos os olhos sobre elas. E depois... o guerreiro não sabia o que ela faria então. O que Maeve queria, além das chaves.

Aelin estivera tão calma. Choque, percebera ele. Aelin entrara em choque. Rowan a vira se revoltar e matar e rir e chorar, mas jamais a vira... perder. E se odiava por isso, mas não conseguia encontrar uma saída. Não conseguia encontrar uma forma de *ela* sair daquilo.

A jovem dormia profundamente enquanto Rowan encarava o teto acima da cama, deslizando em seguida o olhar para ela. O guerreiro observou as linhas do rosto da rainha, as ondas douradas dos cabelos, cada cicatriz branca como a lua e o redemoinho escuro de tinta. Inclinando-se, tão silenciosamente quanto neve em um bosque, Rowan beijou a testa de Aelin.

Não deixaria que acabasse ali, não deixaria que aquilo os destruísse.

O feérico conhecia as bandeiras das casas que oscilavam sob o brasão da própria

Maeve. Contara e catalogara-as o dia todo, vasculhando as catacumbas da memória.

Ele vestiu as roupas rapidamente e esperou chegar sorrateiramente ao corredor para afivelar o cinto de espadas. Ainda segurando a maçaneta, permitiu-se olhar uma última vez para ela.

Por um momento, o passado o envolveu; por um momento, Rowan viu Aelin como quando a conhecera nos telhados de Varese, bêbada e arrasada. Estivera na forma de falcão, avaliando a nova missão, e ela reparara no animal — destruída e se recompondo, mesmo assim o vira ali. E tinha mostrado a língua para Rowan.

Se alguém tivesse dito a ele que a mulher bêbada, briguenta e amarga se tornaria a única coisa sem a qual ele não poderia viver... O guerreiro fechou a porta.

Aquilo era tudo que podia oferecer.

O príncipe feérico chegou ao deque principal e se transformou, pouco mais que um brilho de luar quando ergueu um escudo sobre si e voou pela noite envolta em maresia... para o coração da frota de Maeve.

O primo de Rowan teve o bom senso de não tentar matá-lo assim que o viu.

Eram próximos o bastante em termos de idade, e Rowan crescera com ele, sendo criado ao lado do primo na casa do tio, depois que os pais haviam passado para o Além-mundo. Se o tio algum dia também se fosse, seria Enda quem ocuparia o posto de chefe da casa; um príncipe de título, propriedade e armas consideráveis.

Enda, para seu crédito, sentiu a chegada antes que Rowan entrasse de fininho pelo escudo frágil nas janelas. E permaneceu sentado na cama, apesar de vestido para batalha, a mão na espada.

O primo olhou Rowan de cima a baixo quando ele se transformou.

— Assassino ou mensageiro, príncipe?

— Nenhum dos dois — respondeu o guerreiro, inclinando levemente a cabeça.

Como ele, Enda tinha cabelos prateados, embora os olhos verdes fossem salpicados de um marrom que às vezes engolia o esverdeado se o feérico estivesse enfurecido.

Se Rowan havia sido criado e moldado para os campos de batalha, Enda fora esculpido para as intrigas e maquinações da corte. O primo, embora alto e musculoso o bastante, não tinha a largura de ombros do guerreiro ou a compleição sólida — por mais que isso também pudesse ser devido aos diferentes tipos de treinamento

recebidos. Enda sabia o suficiente sobre como lutar para que isso lhe garantisse estar ali, liderando as forças do pai, mas as próprias educações tinham se cruzado pouco depois daquelas primeiras décadas de juventude, quando juntos haviam corrido soltos na principal propriedade da família.

Enda mantinha a mão no cabo da espada fina, completamente calmo.

— Você parece... diferente — disse o primo, as sobrancelhas se contraindo na direção uma da outra. — Melhor.

Houvera uma época quando Enda fora amigo de Rowan — antes de Lyria. Antes... de tudo. E talvez o guerreiro quisesse explicar quem e o que eram responsáveis por aquela mudança, mas não tinha tempo. Não, tempo não era seu aliado naquela noite.

Então apenas comentou:

— Você também parece diferente, príncipe.

Enda deu um meio sorriso.

— Pode agradecer meu parceiro por isso.

Em outra época, aquilo poderia ter lançado uma pontada de agonia por dentro dele. O fato de Enda falar aquilo o lembrava que, talvez, ele não fosse um guerreiro forjado para a batalha, mas o membro da corte era tão bom quanto qualquer outro em notar detalhes importantes — em reparar no cheiro de Aelin, agora para sempre entrelaçado ao de Rowan. Então o guerreiro assentiu, sorrindo um pouco também.

— Era o filho de Lorde Kerrigan, não era?

De fato, havia outro cheiro entrelaçado ao de Enda, a reivindicação profunda e verdadeira.

— Era. — Ele sorriu de novo, olhando para um anel no dedo. — Firmamos a parceria e nos casamos no início deste verão.

— Quer dizer que esperou cem anos por ele?

O macho deu de ombros, afrouxando a mão da espada.

— Quando se trata da pessoa certa, príncipe, esperar cem anos vale a pena.

Ele sabia. Entendia tão bem que o peito se partiu ao pensar naquilo.

— Endymion — começou Rowan, com a voz rouca. — Enda, preciso que ouça.

Havia muita gente que poderia ter chamado os guardas, mas ele conhecia Enda... ou conhecera. Era apenas um de vários primos que se meteram em seus assuntos durante anos. Tentaram, pensava Rowan naquele momento, não pela fofoca, mas... para lutar a fim de manter uma pequena parte do guerreiro viva. Enda mais que qualquer um.

Então Endymion deu a ele o dom de ouvir. O príncipe tentou ser conciso, tentou evitar que as mãos tremessem. No fim, imaginou que era um pedido simples. Quando terminou, seu primo o observou, qualquer resposta estava escondida por trás da máscara de neutralidade treinada na corte.

Então falou:

— Vou considerar.

Era o melhor que Rowan podia esperar. Sem dizer mais nada, ele se transformou de novo e saiu voando pela noite; na direção de outra bandeira ao lado da qual tinha marchado.

E de navio em navio, o príncipe feérico seguiu. O mesmo discurso. O mesmo pedido.

Todos eles, todos os primos deram a mesma resposta.

Vou considerar.

62

Manon estava acordada quando Dorian entrou em disparada no quarto uma hora antes do alvorecer. Ele ignorou a camisa aberta, os seios redondos e exuberantes que provara no dia anterior, ao dizer:

— Vista-se e venha comigo.

Felizmente, a bruxa obedeceu. Embora Dorian tivesse a sensação de que tinha sido em grande parte por curiosidade.

Ao chegar no aposento de Aelin, ele resolveu bater à porta — apenas para o caso de a amiga e Rowan estarem utilizando o que eram potencialmente as últimas horas juntos. No entanto, a rainha já estava acordada e vestida, e o príncipe feérico não estava à vista. Ela olhou uma vez para o rosto de Dorian e demandou:

— O que foi?

Ele não contou a nenhuma das mulheres coisa alguma conforme as levou para o compartimento de carga; os níveis superiores do navio já estavam agitados com as preparações para a batalha.

Enquanto debatiam e se preparavam no dia anterior, Dorian contemplara o aviso de Manon, depois que ela fizera seu sangue cantar de prazer. *A não ser que queira descobrir exatamente quais partes de mim são feitas de ferro da próxima vez que me tocar, eu decido essas coisas.*

Repetidamente, ele considerara o modo como as palavras tinham repuxado um canto afiado da memória. O rapaz ficara acordado a noite inteira descendo ao poço ainda vazio de magia. E quando a luz começara a mudar...

Dorian puxou o lençol do espelho de bruxa que estava cuidadosamente posicionado contra a parede. O Fecho... ou o que quer que fosse. No reflexo mudo, as duas rainhas franziam a testa para as costas dele.

As unhas de ferro de Manon deslizaram para fora.

— Eu tomaria cuidado ao manusear isso se fosse você.

— Ouvi e agradeço pelo aviso — respondeu ele, encontrando aqueles olhos dourados no espelho. Manon não sorriu de volta. Aelin também não. Ele suspirou. — Não acho que esse espelho de bruxa tenha algum poder. Ou, na verdade, não um poder bruto, tangível. Acho que seu poder é conhecimento.

Os passos de Aelin pareciam quase silenciosos quando ela se aproximou.

— Fui informada de que o Fecho me permitiria unir as três chaves ao portão. Acha que este espelho sabe como fazer isso?

Ele simplesmente assentiu, tentando não se sentir ofendido demais pelo ceticismo que contraía o rosto da rainha.

A jovem puxou um fio solto no próprio casaco.

— Mas o que o Fecho-espelho-o-que-quer-que-seja tem a ver com a armada assomando sobre nós?

Ele tentou não revirar os olhos.

— Tem a ver com o que Deanna disse. E se o Fecho não servisse apenas para unir as chaves de volta ao portão, mas fosse uma ferramenta para controlar as chaves de modo seguro?

Aelin franziu a testa para o espelho.

— Então vou arrastar essa coisa para o deque e usá-lo para explodir a armada de Maeve com as duas chaves que temos?

Dorian respirou para se acalmar, suplicando aos deuses por paciência.

— Eu disse que acredito que o poder do espelho é conhecimento. Acho que ele *mostrará* como usar as chaves com segurança. Para que possa voltar aqui e utilizá-las sem consequências.

Um piscar lento de olhos.

— O que quer dizer com *voltar aqui*?

Manon respondeu, aproximando-se ao estudar o espelho.

— É um espelho viajante.

Dorian assentiu.

— Pense nas palavras de Deanna: *Chama e ferro, unidos, se fundem em prata para conhecer o que precisa ser encontrado. Um simples passo é tudo que será necessário.* — Ele apontou para o espelho. — Um passo em direção à prata... para *conhecer*.

A bruxa emitiu um estalo com a língua.

— E suponho que ela e eu somos chama e ferro.

Aelin cruzou os braços.

Ele lançou um olhar sarcástico para a rainha de Terrasen.

— Outras pessoas além de você *podem* solucionar coisas, sabia?

Ela o encarou com raiva.

— Não temos tempo para "e se". Muitas coisas podem dar errado.

— Você tem só um pouco de magia sobrando — replicou Dorian, gesticulando na direção do objeto. — Poderia entrar e sair do espelho antes do alvorecer. E usar o que aprender para mandar uma mensagem a Maeve sem incertezas.

— Ainda posso lutar com aço, sem os riscos e o desperdício de tempo.

— Pode impedir essa batalha antes que as perdas sejam grandes demais em qualquer dos lados. — Então acrescentou, com cautela: — Nosso tempo já acabou, Aelin.

Aqueles olhos turquesa pareciam equilibrados — se não ainda furiosos por Dorian ter descoberto a charada antes dela —, mas algo lampejou ali.

— Eu sei — afirmou Aelin. — Estava torcendo... — Ela balançou a cabeça, mais para si mesma. — Acabou meu tempo — murmurou a rainha, como se fosse uma resposta, e considerou o espelho, então Manon. Depois exalou. — Esse não era meu plano.

— Eu sei — retrucou Dorian, com um meio sorriso. — Por isso não gosta dele.

Antes que Aelin pudesse arrancar a cabeça de Dorian, Manon perguntou:

— Mas aonde o espelho nos levará?

A rainha trincou o maxilar.

— Espero que não seja para Morath.

O rapaz ficou tenso. Talvez aquele plano...

— Este símbolo pertence a nós duas — comentou a bruxa, estudando o Olho de Elena gravado no espelho. — E, se levá-la até Morath, vai precisar de alguém que conheça o caminho para sair de lá.

Passos soaram na escada que levava aos fundos do compartimento. Dorian se virou naquela direção, mas Aelin sorriu para Manon e se aproximou do espelho.

— Então vejo você do outro lado, bruxa.

A cabeça dourada de Aedion surgiu entre as caixas.

— Que droga vocês estão...

O aceno curto de Aelin parecia ser tudo de que Manon precisava. Ela colocou a

mão sobre a da rainha.

Olhos dourados encontraram os de Dorian por um momento, e ele abriu a boca para dizer algo a ela, as palavras subindo de algum campo estéril no peito do rei.

Mas Aelin e Manon pressionaram as mãos unidas contra o vidro manchado.

O grito de aviso de Aedion ecoou pelo compartimento conforme elas sumiram.

63

Elide observou o navio se preparar contra a ameaça da armada adiante — então o viu se transformar em um caos completo quando Aedion começou a vociferar abaixo.

A notícia se espalhou momentos depois. Espalhou-se, chegando ao príncipe Rowan Whitethorn no momento em que ele aterrissou no convés principal, o rosto transtornado e os olhos cheios somente de medo conforme viu Aedion irromper porta afora, com Dorian ao encalço, estampando um hematoma já feio em torno do olho. Caminhando de um lado para outro, fervilhando de ódio, o general contou a eles sobre Aelin e Manon terem entrado no espelho — o Fecho — e sumido. Como o rei de Adarlan tinha resolvido o enigma de Deanna e enviado as duas para aquele mundo prateado a fim de lhes garantir uma chance naquela batalha.

Eles desceram para o compartimento de carga. Mas não importava como Aedion empurrasse o espelho, o objeto não se abria para ele. Não importava o quanto Rowan o vasculhasse com a própria magia, o objeto não informava aonde Aelin e Manon tinham ido. O general cuspiu no chão, parecendo querer dar outro olho roxo ao rei conforme Dorian explicava que houvera pouca escolha. Ele não parecia arrependido daquilo... até que Rowan se recusou a encará-lo.

Apenas quando se reuniram de novo no deque, com o rei e a metamorfa indo explicar ao capitão sobre a mudança de planos, Elide cuidadosamente disse a Aedion, que caminhava sem parar:

— O que está feito está feito. Não podemos esperar que Aelin e Manon encontrem uma forma de nos salvar.

O general parou, e a jovem tentou não se encolher diante da fúria irrefreável que ele concentrou nela.

— Quando quiser sua opinião sobre como lidar com minha rainha desaparecida, perguntarei.

Lorcan grunhiu para ele. Ainda assim, Elide ergueu o queixo, mesmo quando o insulto atingiu algo em seu peito.

— Esperei tanto quanto você para reencontrá-la, Aedion. Não é o único que teme perdê-la de novo.

De fato, Rowan Whitethorn esfregava o rosto. Ela suspeitava que era o máximo de emoção que o príncipe feérico demonstraria.

O guerreiro abaixou as mãos enquanto os demais o observavam. Esperando... por suas ordens.

Até mesmo Aedion.

Elide se assustou quando a compreensão a atingiu. Quando procurou provas, mas não encontrou nenhuma.

— Continuamos nos preparando para batalha — declarou Rowan, a voz rouca. Ele olhou para Lorcan, então para Fenrys e Gavriel, e todo o seu comportamento mudou, os ombros se tensionaram, os olhos se tornaram severos e calculistas. — Não há chance alguma de Maeve não saber que estão aqui. Ela usará o juramento de sangue quando nos ferir mais.

Maeve. Alguma pequena parte de Elide desejou ver a rainha que conseguira comandar a concentração e a afeição incansáveis de Lorcan durante tantos séculos. E talvez dizer umas poucas e boas a ela.

Fenrys colocou a mão no cabo da espada e disse, no tom mais baixo que a jovem testemunhara até então:

— Não sei como jogar essa partida.

De fato, Gavriel parecia perdido, observando as mãos tatuadas como se a resposta estivesse ali.

Foi Lorcan quem disse:

— Se forem vistos lutando por este lado, será o fim. Ela matará os dois, ou fará com que se arrependam de outras formas.

— E quanto a *você*? — desafiou Fenrys.

Os olhos do semifeérico se voltaram para os de Elide, então retornaram para os machos.

— Para mim está acabado há meses. Agora a questão é esperar para ver o que ela fará a respeito disso.

Se o mataria. Ou o arrastaria de volta acorrentado.

O estômago de Elide se revirou, e ela evitou o anseio de pegar a mão de Lorcan, de implorar a ele que fugisse.

— Ela verá que demos um jeito de contornar a ordem de matá-lo — disse Gavriel, por fim. — Se lutar por este lado da linha não for condenação suficiente, então isso certamente será. Provavelmente já é.

— Ainda falta meia hora para o alvorecer, se quiserem tentar de novo — cantarolou Lorcan.

Elide ficou tensa. Então Fenrys comentou:

— É tudo uma armação. — A jovem prendeu a respiração, e Fenrys analisou os machos feéricos, seus companheiros. — Para nos partir, pois Maeve sabe que unidos podemos apresentar uma ameaça considerável.

— Jamais nos voltaríamos contra ela — replicou Gavriel.

— Não — concordou Fenrys. — Mas ofereceríamos essa força a outra pessoa. — E ele olhou para Rowan ao dizer: — Quando recebemos seu chamado por ajuda nesta primavera, quando nos pediu para defender Defesa Nebulosa, partimos antes que Maeve pudesse saber. Fugimos.

— Basta — grunhiu Lorcan.

Mas ele prosseguiu, encarando o olhar fixo de Rowan:

— Ao voltarmos, Maeve nos açoitou até quase a morte. Amarrou Lorcan aos mastros por dois dias e deixou que Cairn o açoitasse sempre que quisesse. Lorcan ordenou que não contássemos a você, por qualquer que fosse o motivo. Mas acho que Maeve viu o que fizemos juntos em Defesa Nebulosa, e percebeu o quanto poderíamos ser perigosos... para *ela*.

Rowan não escondeu a devastação nos olhos ao encarar o antigo comandante; devastação que Elide sentiu ecoar no próprio coração. Lorcan suportara aquilo... e ainda permanecera leal a Maeve. A jovem roçou os dedos contra os do semifeérico. O movimento não passou despercebido pelos demais, mas sabiamente se mantiveram em silêncio. Principalmente quando Lorcan passou o polegar pelo dorso da mão da jovem em resposta.

E Elide se perguntou se Rowan também entendia que Lorcan não havia ordenado o silêncio por estratégia, mas talvez para poupá-lo da culpa. De querer retaliar contra Maeve de uma forma que certamente o feriria.

— Sabia — disse Rowan para Lorcan, com a voz rouca — que ela puniria você

antes de ir a Defesa Nebulosa?

Ele encarou o príncipe feérico de volta.

— Todos sabíamos qual seria o custo.

Rowan engoliu em seco e inspirou longamente, desviando o olhar para as escadas, como se Aelin fosse surgir dali, com a salvação na mão. Mas não surgiu, e Elide rezou para que, onde quer que estivesse naquele momento, a rainha vislumbrasse o que tão desesperadamente precisavam saber. O guerreiro disse aos companheiros:

— Sabem como essa batalha deve terminar. Mesmo que nossa armada estivesse abarrotada de soldados feéricos, a vantagem ainda não estaria do nosso lado.

O céu começou a sangrar em cor-de-rosa e roxo quando o sol desceu sob ondas distantes.

— Já estivemos em desvantagem antes — declarou Gavriel simplesmente. Um olhar para Fenrys, que assentiu com seriedade. — Ficaremos até recebermos o comando contrário.

Foi para Aedion que Gavriel olhou ao dizer aquela última parte. Havia algo quase como gratidão nos olhos do general Ashryver.

Elide sentiu a atenção de Lorcan e o viu ainda a observando quando o semifeérico disse a Rowan:

— Elide vai para terra firme sob a guarda de quaisquer homens que puder ceder. Minha espada é sua apenas se fizer isso.

Ela se agitou. Mas Rowan retrucou:

— Feito.



Rowan os espalhou pela frota, cada um recebeu o comando de alguns navios. Ele posicionou Fenrys, Lorcan e Gavriel em navios para o centro e para a retaguarda, o mais longe possível de onde Maeve pudesse notar. Ele e Aedion assumiram as linhas de frente, com Dorian e Ansel comandando a fileira de navios logo atrás.

Lysandra já estava sob as ondas na forma de dragão marinho, esperando a ordem para danificar o casco e a proa e o leme de navios marcados para ela. Rowan apostara que, embora as embarcações feéricas pudessem ter escudos ao redor, não teriam desperdiçado reservas valiosas de poder projetando o escudo sob a superfície. A metamorfa atacaria rápido e com força — sumindo antes que pudessem perceber quem

e o que os havia destruído de baixo.

O alvorecer irrompeu, claro e forte, manchando as velas com ouro.

Rowan não se permitiu pensar em Aelin... onde quer que estivesse.

Minuto após minuto se passava, e a rainha ainda não retornara.

Um pequeno bote de carvalho se destacou da frota de Maeve e seguiu até ele.

Trazia apenas três pessoas — nenhuma delas era Maeve.

O guerreiro conseguia sentir milhares de olhos de cada lado daquela faixa muito estreita de água livre entre as armadas, observando aquele barco se aproximar. Observando *o príncipe feérico*.

Um macho da companhia de Maeve se colocou de pé com um sobrenatural equilíbrio feérico conforme os remadores mantinham o bote estável.

— Sua Majestade espera sua resposta.

Rowan mergulhou para a reserva de poder esgotada, mantendo o rosto inexpressivo.

— Informe Maeve que Aelin Galathynius não está mais presente para dar uma resposta.

Um piscar de olhos foi todo o choque que o macho deixaria transparecer. As criaturas de Maeve eram muito bem treinadas, muito cientes de que seriam punidas por revelar os segredos de sua rainha.

— A princesa Aelin Galathynius é comandada a se render — declarou ele.

— A *rainha* Aelin Galathynius não está neste navio nem em nenhum outro da frota. Ela, na verdade, não está no litoral nem em nenhuma ilha próxima. Então Maeve descobrirá que veio de muito longe por nada. Deixaremos sua armada em paz se nos estender a mesma cortesia.

O macho olhou para ele com escárnio.

— Dito como covardes que sabem que estão em menor número. Dito como um traidor.

Rowan deu um pequeno sorriso em resposta.

— Vejamos o que Maeve tem a dizer agora.

O macho cuspiu na água. Mas o barco remou de volta à armada.

Por um momento, o príncipe feérico se lembrou das últimas palavras a Dorian, antes de mandá-lo para proteger a fileira de navios.

Estavam além das desculpas. Aelin voltaria ou... ele não tinha se deixado considerar a alternativa. Mas podiam ganhar o máximo de tempo possível para ela. Tentar lutar a

fim de escaparem, por ela e pelo futuro daquela armada.

O rosto de Dorian revelara os mesmos pensamentos quando ele apertara a mão do guerreiro, dizendo:

— Não é algo tão difícil, não é... morrer pelos amigos.

Rowan não se incomodara em insistir que sobreviveriam àquilo. O rei fora ensinado na arte da guerra, mesmo que ainda não a tivesse praticado. Então o príncipe feérico abrira um sorriso sombrio e respondera:

— Não, não é.

As palavras ecoaram por ele de novo ao ver o bote daquele mensageiro desaparecer. Para qualquer que fosse o bem que aquilo pudesse trazer, para qualquer que fosse o tempo que pudesse garantir a eles, Rowan reforçou os escudos mais uma vez.

O sol havia nascido completamente no horizonte quando a resposta de Maeve chegou.

Não era um mensageiro em um barco longo.

Mas uma saraivada de flechas, tantas, que bloquearam a luz conforme formaram um arco pelo céu.

— *Escudo* — vociferou Rowan, não apenas para os possuidores de magia, mas também para os homens armados que ergueram os escudos amassados e surrados acima da cabeça enquanto flechas choviam através da linha.

As flechas atingiram o alvo, e a magia do feérico fraquejou sob o massacre. As pontas estavam embebidas em magia própria, levando-o a trincar os dentes contra aquilo. Em outros navios, onde o escudo era mais frágil, alguns homens gritaram.

A armada de Maeve começou a avançar lentamente em sua direção.

64

Aelin tinha um corpo que não era um corpo.

Ela só sabia disso porque naquele vazio, naquele crepúsculo nebuloso, Manon tinha um corpo. Um corpo quase transparente, como o de um fantasma, mas... uma forma, mesmo assim.

Os dentes e as unhas da bruxa reluziam à luz fraca conforme ela observava as rodopiantes névoas cinzentas.

— O que é este lugar? — O espelho as transportara para... onde quer que fosse o lugar que estavam.

— Seu palpite é tão bom quanto o meu, bruxa.

Será que o tempo tinha parado além da névoa? Será que Maeve segurara o fogo ao descobrir que Aelin não estava presente... ou atacara de qualquer modo? Ela não tinha dúvidas de que Rowan manteria posição por quanto tempo fosse possível. Não tinha dúvidas de que ele e Aedion guiariam a frota. Mas...

Se o espelho de bruxa era o Fecho que ela buscara, Aelin havia esperado que tivesse *alguma* reação imediata às duas chaves de Wyrd escondidas no casaco.

Não... isso. Absolutamente *nada*.

A rainha sacou Goldryn. Na névoa, o rubi da espada reluziu; a única cor, a única luz.

— Ficamos próximas; só falamos quando necessário — aconselhou Manon.

Aelin tinha de concordar. Havia chão sólido sob as duas, mas a névoa lhes escondia os pés; escondia qualquer indício de que estavam de pé sobre terra além de um raspar fraco e quebradiço.

— Algum palpite de para qual lado vamos? — murmurou a rainha. Mas não

precisaram decidir.

A névoa que pairava ficou mais escura, e Manon e Aelin se aproximaram uma da outra, costas contra costas. Noite pura avançou em torno das duas... cegando-as.

Então... uma luz turva e fraca surgiu adiante. Não, não adiante. Aproximando-se. Os ombros ossudos da bruxa se enterraram nos de Aelin ao ficarem mais perto, formando uma parede impenetrável.

Mas a luz ondulou e se expandiu; em seguida, dentro dela, silhuetas foram surgindo. Solidificando-se.

A rainha percebeu três coisas quando a luz e a cor as envolveram, tornando-se tangíveis:

Não eram vistas ou ouvidas ou farejadas por aqueles diante de si.

E aquele era o passado. Mil anos atrás, para ser exata.

E aquela era Elena Galathynius de joelhos no vale de uma estéril montanha negra, com sangue escorrendo do nariz enquanto lágrimas cortavam a sujeira no rosto e caíam na armadura, além disso havia um sarcófago de obsidiana posicionado diante da mulher.

Por todo o sarcófago, marcas de Wyrd fervilhavam com fogo azul pálido. E, no centro dele... o Olho de Elena, o amuleto preso dentro da própria pedra, com o ouro pálido fosco e reluzente.

Então, como se um sopro fantasma passasse por ele, o Olho se apagou, assim como as marcas de Wyrd.

Elena estendeu a mão trêmula para girar o amuleto, rodando-o três vezes na pedra preta. O Olho clicou e caiu na mão à espera. Selando o sarcófago.

Trancando-o.

— O Fecho sempre esteve com você — murmurou Manon. — Mas então o espelho...

— Acho — sussurrou Aelin — que fomos deliberadamente enganadas sobre o que devemos recuperar.

— Por quê? — indagou a bruxa, com igual quietude.

— Suponho que estejamos prestes a descobrir.

Uma lembrança; era aquilo que viam. Mas o que era tão vital que tinham sido enviadas para recuperar enquanto o maldito mundo se desfazia ao redor?

Aelin e Manon permaneceram em silêncio conforme a cena se desdobrou. Conforme a verdade, por fim a verdade, se teceu.

65

Alvorecer na Passagem Obsidiana

O Fecho havia fabricado o sarcófago da matéria da própria montanha.

Fora preciso cada brasa do poder do objeto para prender Erawan dentro da pedra, para selá-lo no interior.

Ela conseguia sentir o Rei Sombrio dormindo ali dentro. Podia ouvir os gritos de seu exército nefasto se banqueteando em carne humana no vale abaixo. Por quanto tempo continuariam lutando quando se espalhasse a notícia de que Erawan tinha caído?

Não era tola o bastante para nutrir esperanças de que os companheiros tivessem sobrevivido ao massacre. Não por tanto tempo.

De joelhos na afiada pedra negra, Elena olhou para o sarcófago de obsidiana, para os símbolos ali entalhados. Inicialmente, estavam brilhando, mas já tinham se apagado e resfriado, acomodando-se no lugar. Quando roubara o Fecho do pai tantos meses antes, ela não soubera — não entendera — a verdadeira profundidade de seu poder. Ainda não sabia por que ele o forjara. Apenas que uma vez, somente uma, o poder do Fecho poderia ser usado. E aquele poder... ah, aquele poder grandioso e destruidor... havia salvado a todos.

Gavin, estatelado e ensanguentado atrás de Elena, se agitou. O rosto estava tão destruído que ela mal discernia as feições belas e determinadas abaixo. O braço esquerdo era inútil ao lado do corpo. O preço por distrair Erawan enquanto ela libertava o poder do Fecho. Mas mesmo Gavin não soubera o que Elena estivera planejando. O que roubara e guardara durante todos aqueles meses.

Ela não se arrependia. Não quando o poupara da morte. Pior.

Gavin observou o sarcófago, o amuleto vazio e complexo do Fecho na palma da mão de Elena, a qual estava apoiada na coxa. Ele o reconheceu imediatamente, pois o vira em torno do pescoço do pai da jovem durante aquelas semanas iniciais em Orynth. A pedra azul no centro parecia drenada, apagada onde um dia faiscara com fogo interior. Mal restava uma gota de poder, se é que restava.

— O que você *fez*? — A voz estava rouca e falhando por gritar ao ser torturado por Erawan. Para ganhar tempo para ela, para salvarem seu povo...

Elena fechou os dedos em punho em torno do Fecho.

— Ele está selado. Não pode escapar.

— O Fecho de seu pai...

— Está feito — afirmou a mulher, voltando a atenção para as 12 figuras imortais que estavam do outro lado do sarcófago naquele momento.

Gavin encarou, sibilando devido ao corpo quebrado e ao movimento súbito.

Não tinham forma. Eram apenas imagens de luz e sombra, vento e chuva, canção e memória. Cada uma individual, mas faziam parte de uma maioria, uma consciência.

Todas olhavam para o Fecho quebrado nas mãos da jovem, para a pedra apagada.

Gavin abaixou a cabeça para a rocha ensopada de sangue e desviou o olhar.

Até os ossos de Elena fraquejaram na presença das figuras, mas ela manteve o queixo elevado.

— A linhagem de nossa irmã nos traiu — declarou uma voz que era de mar e céu e tempestades.

Elena balançou a cabeça, tentando engolir em seco. E fracassando.

— Eu nos *salvei*. Impedi Erawan...

— Tola — comentou uma daquelas vozes sempre mutáveis, tanto animais quanto humanas. — *Tola* mestiça. Não considerou por que seu pai o carregava, por que esperou durante todos esses anos, reunindo forças? Ele deveria usá-lo, mas para selar as três chaves de Wyrd de volta no portão e nos mandar para *casa* antes de fechar o portão para sempre. Nós e o Rei Sombrio. O Fecho foi forjado para nós, *prometido* a nós. E você o *desperdiçou*.

Elena apoiou a mão na terra para evitar oscilar.

— Meu pai carrega as chaves de Wyrd? — Ele nunca sequer *indicara*... E o Fecho... Ela acreditara que era uma simples arma. Uma arma que Brannon se *recusara* a empunhar naquela guerra sangrenta.

Eles não responderam; o silêncio era confirmação suficiente.

Um ruído baixo e partido lhe escapou da garganta, em seguida ela sussurrou:

— Desculpe.

O ódio das figuras chacoalhou os ossos de Elena, ameaçou fazer o coração parar subitamente no peito. Aquela feita de chama e luz e cinzas pareceu se segurar, pareceu pausar a ira.

Pareceu se lembrar.

Elena não vira ou falara com a mãe desde que Mala deixara o corpo para forjar o Fecho. Desde que Rhiannon Crochan a tinha ajudado a projetar a própria essência no objeto, contendo a massa do poder no pequeno espelho de bruxa disfarçado de pedra azul, para ser libertado apenas uma vez. Jamais tinham contado a Elena por quê. Nunca disseram ser algo mais que uma arma que o pai um dia precisaria desesperadamente usar.

O custo: o corpo mortal da mãe, a vida que quisera para si com Brannon e os filhos. Fazia dez anos desde então. Dez anos, e o pai de Elena jamais deixara de esperar pelo retorno de Mala, torcendo para que a visse de novo. Apenas uma vez.

Não me lembrarei de vocês, dissera Mala a todos antes de se entregar à forja do Fecho. E ali estava ela. Hesitando. Como se lembrasse.

— Mãe — sussurrou Elena, como uma súplica partida.

Mala, Portadora da Luz, desviou o olhar.

Aquela que via tudo com olhos sábios e calmos falou:

— Libertem-no. Fomos traídos por essas bestas terrenas, então vamos devolver o favor. Libertem o Rei Sombrio do caixão.

— *Não* — suplicou Elena, levantando-se. — Por favor, *por favor*. Digam o que preciso fazer para me redimir, mas, *por favor*, não o libertem. Estou implorando.

— Ele se levantará de novo um dia — disse aquele de escuridão e morte. — Ele acordará. Você desperdiçou *nosso* Fecho em uma tarefa tola, quando poderia ter resolvido tudo, se apenas tivesse tido a paciência e a esperteza para compreender.

— Então deixem que acorde — implorou ela, com a voz falhando. — Deixem que outra pessoa herde esta guerra, alguém mais bem-preparado.

— Covarde — disse a voz de aço e escudos e flechas. — Covarde por empurrar o fardo a outro.

— Por favor! — pediu Elena. — Darei qualquer coisa a vocês. *Qualquer coisa*. Mas não isso.

Juntos, eles olharam para Gavin.

Não...

Mas foi a mãe quem disse:

— Esperamos esse tempo todo para voltar para casa. Podemos esperar um pouco mais. Vigiar este... lugar um pouco mais.

Não eram apenas deuses, mas seres de uma existência superior, diferente. Para os quais o tempo era fluido, e corpos, coisas para serem trocadas e moldadas. Que podiam existir em diversos lugares, se espalhar como redes sendo jogadas. Eram tão poderosos e amplos e eternos quanto um humano para uma mosca.

Não haviam nascido naquele mundo. Talvez tivessem ficado presos ali depois de atravessarem um portão de Wyrd. E fizeram algum acordo com o pai de Elena, com Mala, para, enfim, serem enviados de volta à casa, banindo Erawan no processo. E ela estragara tudo.

— Esperaremos. Mas deve haver um preço. E uma promessa — disse aquela de três rostos.

— Diga — pediu Elena. Se levassem Gavin, ela seguiria. Não era herdeira do trono do pai. Não importava se sairia ou não daquela passagem na montanha. Não tinha total certeza de que suportaria vê-lo de novo, não depois da arrogância e do orgulho e de seu senso de superioridade. Brannon lhe implorara que ouvisse, que esperasse. Em vez disso, ela roubara o Fecho e fugira com Gavin na noite, desesperada para salvar aquelas terras.

A de três rostos a estudou.

— A linhagem de Mala deve sangrar de novo para forjar outro Fecho. E *você* os liderará, um cordeiro para o abate, para pagar o preço dessa escolha que *você* fez de desperdiçar o poder do objeto aqui, nesta batalha insignificante. *Você* mostrará a esse descendente futuro como forjar um novo Fecho com os dons de Mala, como então usá-lo para empunhar as chaves e nos mandar para casa. Nosso acordo original ainda valerá: levaremos o Rei Sombrio conosco. Nós o destruiremos em nosso mundo, onde será apenas poeira e memória. Quando formos embora, você mostrará ao descendente como selar o portão atrás de nós, e o Fecho o manterá intacto eternamente. Ao entregar cada última gota da força vital. Como seu pai estava pronto para fazer quando chegasse a hora.

— Por favor — sussurrou Elena.

Aquela de três rostos continuou:

— Diga a Brannon do Fogo Selvagem o que aconteceu aqui; conte a ele o preço

que sua linhagem um dia deverá pagar. Peça que se prepare para isso.

Ela deixou que as palavras, que a condenação, fossem absorvidas.

— Pedirei — murmurou ela.

Mas eles tinham sumido. Havia apenas um calor restante, como se um raio de luz do sol tivesse lhe acariciado a bochecha.

Gavin ergueu a cabeça.

— O que você fez? — perguntou ele de novo. — O que deu a eles?

— Você não... não ouviu?

— Apenas você — disse ele, rouco, com o rosto tão terrivelmente pálido. — Não os outros.

Elena encarou o sarcófago diante deles, a pedra preta estava enraizada na terra da passagem. Imóvel. Precisariam construir algo em torno para escondê-la, protegê-la.

— O preço será pago... mais tarde — respondeu ela.

— Me conte. — Os lábios cortados e inchados de Gavin mal conseguiam formar as palavras.

Como já havia se condenado, condenado a própria linhagem, Elena imaginou que não tinha nada a perder se mentisse. Uma vez, uma última vez.

— Erawan acordará de novo... um dia. Quando chegar a hora, ajudarei aqueles que devem enfrentá-lo.

Os olhos do guerreiro pareciam cautelosos.

— Consegue andar? — perguntou Elena, estendendo a mão para ajudá-lo a se levantar. O sol nascente projetou dourado e vermelho sobre as montanhas negras. A mulher não teve dúvida de que o vale atrás deles estava banhado de vermelho também.

Gavin soltou o cabo de Damaris, os dedos ainda quebrados. Mas não aceitou a mão oferecida.

E não contou a ela o que detectara enquanto tocava a Espada da Verdade, quais mentiras tinha sentido e desvendado.

Jamais falaram naquilo de novo.

Nascer da lua no Templo de Sandrian, o pântano de Pedra

A princesa de Eyllwe perambulava pelo pântano de Pedra havia semanas, em busca de respostas a enigmas engendrados mil anos antes. Respostas que poderiam salvar seu

reino condenado.

Chaves e portões e fechos — portais e poços e profecias. Era o que murmurava consigo mesma durante as semanas em que caminhava sozinha pelo pântano, caçando para se manter viva, lutando contra os dentes e o veneno das bestas quando necessário, lendo as estrelas por diversão.

Então quando a princesa chegou ao templo, quando ficou de pé diante do altar de pedra e do baú, leve gêmeo daquele escuro sob Morath, *ela* enfim surgiu.

— Você é Nehemia — disse ela.

A jovem se virou, o couro de caça manchado e úmido, as pontas douradas dos cabelos trançados coladas.

Um olhar de avaliação com olhos que eram velhos demais para mal terem 18 anos; olhos que tinham encarado por muito tempo a escuridão entre as estrelas e desejavam saber seus segredos.

— E você é Elena.

Elena assentiu.

— Por que veio?

A princesa de Eyllwe indicou com o queixo elegante o baú de pedra.

— Não sou aquela chamada para abri-lo? Para descobrir como nos salvar e pagar o preço?

— Não — informou Elena, baixinho. — Não é você. Não dessa forma.

Uma contração dos lábios foi o único sinal do desgosto de Nehemia.

— Então de que forma, milady, devo sangrar?

Ela estivera observando, e esperando, e pagando pelas escolhas havia tanto tempo. Muito tempo.

E naquele momento quando a escuridão caíra... um novo sol nasceria. *Precisava* nascer.

— É a linhagem de Mala que pagará, não a sua.

As costas de Nehemia enrijeceram.

— Não respondeu minha pergunta.

Elena desejou que pudesse conter as palavras, mantê-las trancafiadas. Mas aquele era o preço, pelo reino e por seu povo. O preço para aquele povo, aquele reino. E outros.

— No norte, dois galhos fluem de Mala. Um para a casa Havilliard, onde o príncipe com os olhos de meu parceiro possui minha magia pura e o poder bruto de

deusa. O outro galho flui pela casa Galathynius, onde foi cultivado fielmente: chamas e brasas e cinzas.

— Aelin Galathynius está morta — declarou Nehemia.

— Não está. — Não, ela se assegurara disso e ainda pagava pelo que havia feito naquela noite gelada. — Está apenas escondida, esquecida por um mundo grato por ter tal poder extinto antes de amadurecer.

— Onde está ela? Como isso se liga a mim, milady?

— Você é versada na história, nos jogadores e nas apostas. Conhece as marcas de Wyrd e sabe usá-las. Leu errado os enigmas, achando que era você quem deveria vir aqui, até este lugar. Este espelho não é o Fecho... é um lago de memória. Forjado por mim, por meu pai e por Rhiannon Crochan. Forjado para que a herdeira desse fardo pudesse entender um dia. Saber tudo antes de decidir. Esse encontro também deverá ficar guardado aqui. Mas você foi chamada para que pudéssemos nos conhecer.

Aquele rosto sábio e jovem esperou.

— Vá para o norte, princesa — comandou Elena. — Vá para a casa de seu inimigo. Faça os contatos, obtenha o convite, faça o que for preciso, mas chegue à casa de seu inimigo. Lá as duas linhagens convergirão. Já estão a caminho.

— Aelin Galathynius segue para Adarlan?

— Não Aelin. Não com esse nome nem essa coroa. Reconheça-a pelos olhos, turquesa com um núcleo dourado. Reconheça-a pela marca na testa, a marca do bastardo, a marca de Brannon. Guie-a. Ajude-a. Ela precisará de você.

— E o preço?

Elena os odiou naquele momento.

Odiou os deuses que exigiram aquilo. Odiou a si mesma. Odiou aquilo que fora pedido, todas aquelas fortes luzes...

— Não verá mais Eyllwe.

A princesa encarou as estrelas como se falassem com ela, como se a resposta estivesse escrita ali.

— Meu povo vai sobreviver? — Uma voz fina, baixa.

— Não sei.

— Então tomarei providências para isso também. Unirei os rebeldes enquanto estiver em Forte da Fenda, prepararei o continente para a guerra.

Nehemia desviou o olhar das estrelas. Elena quis cair de joelhos diante da jovem princesa, implorar seu perdão.

— Um deles precisará estar pronto para fazer o que tem de ser feito — disse Elena, apenas porque era a única forma de explicar e pedir desculpas.

Nehemia engoliu em seco.

— Então ajudarei da forma que puder. Por Erilea. E por meu povo.

66

Aedion Ashryver fora treinado para matar homens e manter uma fileira em batalha desde que tivera idade suficiente para levantar uma espada. O príncipe herdeiro, Rhoe Galathynius, começara pessoalmente o treinamento do general, fazendo-o atender a padrões que alguns poderiam ter considerado injustos, rigorosos demais para um menino.

Mas Rhoe soubera, percebeu Aedion parado na proa do navio, com os homens de Ansel de penhasco dos Arbustos armados e prontos atrás de si. Soubera mesmo então que o general serviria Aelin e que, quando exércitos estrangeiros desafiassem a Portadora do Fogo... talvez ele não enfrentasse meros mortais.

Rhoe — *Evalin* — apostara que o exército imortal, agora espalhado diante de Aedion, um dia viria ao litoral. E o casal quisera se certificar de que ele estaria pronto quando aquilo acontecesse.

— Escudos para cima — ordenou Aedion aos homens quando a segunda saraivada de flechas da armada de Maeve desceu.

O manto mágico em volta dos navios aguentava bem o suficiente, graças a Dorian Havilliard, e, embora o general ficasse feliz por qualquer derramamento de sangue evitado pelo poder do rei, depois do absurdo que tinha aprontado com Aelin e Manon, Aedion trincava os dentes a cada ondulação de cor surgida com o impacto.

— São soldados assim como vocês — continuou o general. — Não deixem que as orelhas pontudas os enganem. Eles sangram como o restante de nós. E podem morrer dos mesmos ferimentos.

Ele não se permitiu olhar para trás... para onde o pai comandava e protegia outra fileira de navios. Gavriel permanecera calado enquanto Fenrys havia informado como

manter um guerreiro feérico de regeneração rápida no chão: prefira cortar músculos a desferir ferimentos profundos. Parta um tendão e deterá um imortal por tempo suficiente para matá-lo.

Mais fácil falar que fazer. Os soldados ficaram com o rosto pálido ao pensar naquilo; combate aberto, lâmina contra lâmina, contra guerreiros feéricos. Com razão.

Mas o dever de Aedion não era lembrá-los dos fatos óbvios. Seu trabalho era fazer com que estivessem dispostos a morrer, a tornar aquela briga completamente necessária. Medo poderia quebrar uma fileira mais rápido que qualquer ataque inimigo.

Rhoe — o *verdadeiro* pai de Aedion — ensinara isso a ele. E o general aprendera durante aqueles anos no norte. Aprendera lutando com lama e sangue até o joelho com a Devastação.

Ele desejou que a Devastação estivesse lá, protegendo-o, e não soldados desconhecidos dos desertos.

Mas não permitiria que o próprio medo acabasse com sua resolução.

A segunda saraivada de Maeve subiu e subiu e subiu; as flechas disparavam com mais velocidade e iam mais longe que aquelas de arcos mortais. Com melhor mira.

O escudo invisível acima ondulou em lampejos de azul e roxo conforme flechas sibilaram e deslizaram ao ricochetearem.

Já estava cedendo, pois aquelas flechas traziam a ponta embebida em magia.

Os soldados no deque se agitaram, movendo os escudos. A antecipação e o terror cresciam, turvando os sentidos de Aedion.

— Apenas um pouco de chuva, rapazes — comentou ele, com um largo sorriso. — Achei que estivessem acostumados com isso nos desertos, seus imbecis.

Alguns grunhidos... mas os escudos metálicos pararam de tremer.

O general se obrigou a rir. Obrigou-se a ser o Lobo do Norte, ansioso em derramar sangue sobre os mares do sul. Como Rhoe ensinara, como Rhoe o treinara, muito antes de Terrasen cair sob a sombra de Adarlan.

De novo não. Nunca mais; e certamente não para Maeve. Certamente não ali, sem ninguém como testemunha.

Adiante, nas linhas de frente, a magia de Rowan disparou branca em um sinal silencioso.

— Flechas preparadas — ordenou Aedion.

Arcos rangeram, flechas apontaram para cima.

Outro disparo.

— *Saraivada!* — berrou ele.

O mundo escureceu sob as flechas conforme dispararam na direção da armada de Maeve.

Uma tempestade de flechas... para distrair do verdadeiro ataque sob as ondas.



A água estava mais escura ali, a luz do sol em feixes finos deslizava entre os barcos de fundo grosso reunidos acima das ondas.

Outras criaturas tinham se juntado devido à comoção, dilaceradores de carne procurando refeições que certamente viriam quando as duas armadas por fim se encontrassem.

Um clarão de luz fizera Lysandra mergulhar fundo, entremeando os carniceiros que circundavam, misturando-se aos cardumes da melhor forma que podia enquanto disparava.

A metamorfa modificara seu dragão marinho. Dera membros mais longos a ele — com polegares preênseis.

Dera à cauda mais força, mais controle.

Seu pequeno projeto particular durante os longos dias da viagem. Pegar uma forma original e aperfeiçoá-la. Alterar o que os deuses haviam feito de acordo com o próprio gosto.

Lysandra chegou ao primeiro navio marcado por Rowan. Um mapa cuidadoso e preciso de onde e como atacar. Um golpe com a cauda destroçara o leme.

Os gritos a alcançaram mesmo sob as ondas, mas a metamorfa já nadava, disparando até o próximo barco assinalado.

Ela usou as garras dessa vez, segurando o leme e o arrancando de uma só vez. Depois abriu um buraco na quilha com a cauda em formato de bastão. Bastão, sem espinhos; não, os espinhos tinham ficado presos em baía da Caveira. Então Lysandra transformara a cauda em um aríete.

Flechas foram atiradas com precisão melhor que a dos soldados de infantaria dos valg, disparando como os raios de sol para dentro da água. Ela também se preparara para isso.

Elas ricocheteavam das escamas de Seda de Aranha. Passara horas estudando o material enxertado nas asas de Abraxos para aprender a seu respeito; como transformar

a própria pele naquela fibra impenetrável.

Lysandra destruiu mais um leme, depois outro. E mais outro.

Soldados feéricos gritavam em antecipação a ela. Mas os arpões que disparavam eram pesados demais, e o dragão marinho era rápido demais, mergulhava profunda e agilmente. Chicotes de magia d'água foram lançados contra ela, tentando aprisioná-la. Contudo, a metamorfa foi mais rápida que estes também.

A corte que poderia mudar o mundo, dizia ela a si mesma, repetidamente, conforme a exaustão pesava sobre o corpo, conforme seguia desarmando leme após leme, abrindo buracos naqueles selecionados navios feéricos.

A metamorfa fizera uma promessa àquela corte, àquele futuro. A Aedion. E a sua rainha. Não fracassaria com Aelin.

E se a maldita Maeve queria enfrentá-los cara a cara, se Maeve pensava em atacá-los quando estavam mais frágeis... Lysandra faria a vadia se arrepender.

A magia de Dorian se agitou quando a armada de Maeve, além de disparar flechas, passou ao caos total. Mas o rei manteve os escudos intactos, remendando os locais penetrados por flechas. O poder já oscilava, fora drenado rápido demais.

Fosse por algum truque da rainha feérica, ou por qualquer que fosse a magia que cobria aquelas flechas.

Ainda assim, o rapaz trincou os dentes, liberando a magia de acordo com a própria vontade, de acordo com os avisos para que segurasse, berrados por Rowan e que ecoavam pela água — amplificando-se da forma como Gavriel usara a voz em baía da Caveira.

Contudo, mesmo com o caos que tomara a armada de Maeve após a constatação de que os navios estavam cercados debaixo d'água, as fileiras da frota se estendiam infinitamente.

Aelin e Manon não tinham voltado.

Um macho feérico transtornado e em pânico letal era uma visão e tanto. Dois deles, algo quase cataclísmico.

Quando Aelin e Manon desapareceram naquele espelho, Dorian havia suspeitado de que fora apenas o rugido de Aedion que fizera com que Rowan despertasse da fúria de sangue na qual mergulhara. E apenas o ferimento latejante na bochecha de Dorian

fizera com que o guerreiro se abstivesse de lhe dar um ferimento igual.

O jovem rei olhou para as linhas de frente, onde o príncipe feérico mantinha-se de pé na proa do navio, a espada e o machado em punho, além de uma aljava de flechas e o arco presos às costas, e várias facas de caça afiadas como navalhas. Ele não tinha despertado daquilo de forma alguma, percebeu Dorian.

Não, Rowan já havia descido a um nível de ira gélida que fazia a magia de Dorian tremer, mesmo com a distância entre os dois.

Ele conseguia sentir aquilo, o poder do príncipe feérico — sentia assim como sentira o de Aelin irrompendo.

O guerreiro já estava nas profundezas do reservatório de poder quando Aelin e Manon partiram. Assim que Aedion passara a concentrar aquele medo e o ódio na batalha adiante, Rowan também usara a última hora a fim de mergulhar ainda mais fundo. Agora a magia fluía em torno deles, como o mar poucos metros abaixo.

Dorian seguira aquilo, apoiando-se no treinamento que recebera. Havia gelo lhe cobrindo as veias e o coração.

Aedion lhe dissera apenas uma coisa antes de partir para a própria seção da armada. O príncipe-general o olhara de cima a baixo uma vez, com os olhos Ashryver demorando-se no hematoma que causara, então falara:

— O medo é uma sentença de morte. Quando estiver lá fora, lembre-se de que não precisamos sobreviver. Apenas os danificar o suficiente para que ela, quando voltar... acabe com o resto.

Quando. Não se. Quando Aelin encontrasse seus corpos, ou o que restasse se o mar não os reivindicasse... ela poderia muito bem acabar com o mundo por ódio.

Talvez devesse. Talvez o mundo merecesse aquilo.

Talvez Manon Bico Negro a ajudasse. Talvez governassem as ruínas juntas.

Dorian desejou ter tido mais tempo para conversar com a bruxa. Para conhecê-la além do que o corpo já aprendera.

Porque mesmo com os lemes sendo desarmados... navios avançavam.

Guerreiros feéricos. Nascidos e criados para matar.

Aedion e Rowan lançaram mais uma saraivada de flechas em direção aos navios. Escudos as desintegraram antes que conseguissem atingir qualquer alvo. Aquilo não acabaria bem.

O coração de Dorian ressoava, e ele engoliu em seco quando os navios deram a volta pelos irmãos que afundavam, aproximando-se da linha demarcatória.

A magia do rei se contorceu.

Precisaria tomar cuidado com onde miraria. Precisaria fazer valer a pena.

Não confiava que o poder permaneceria concentrado se liberasse tudo de uma vez.

E Rowan dissera a ele que não o fizesse. Dissera que esperasse até que a armada estivesse realmente sobre eles. Até que cruzassem aquela linha. Até que o príncipe feérico desse a ordem para que atirassem.

Pois havia fogo — e gelo — batalhando dentro de Dorian naquele instante, implorando para ser libertado.

Ele manteve o queixo elevado quando mais navios se aproximaram daqueles desarmados na frente, então deslizaram ao longo deles.

Dorian sabia que doeria. Sabia que doeria destruir sua magia e, então, o próprio corpo. Sabia que doeria ver os companheiros caírem, um a um.

Mesmo assim, Rowan segurava a linha de frente, não deixava que os navios se virassem para fugir.

Mais e mais perto, aqueles navios inimigos disparavam na direção das linhas de frente, empurrados por membros ondulantes de remos poderosos. Arqueiros estavam prontos para atirar, e a luz do sol refletia nas armaduras polidas dos guerreiros feéricos a bordo, famintos por uma batalha. Prontos e descansados, aperfeiçoados para massacrar.

Não haveria rendição. Maeve os destruiria apenas para punir Aelin.

Dorian falhara com eles ao enviar Manon e Aelin para longe. Naquela aposta, talvez tivesse falhado com todos eles.

Mas Rowan Whitethorn não.

Não, conforme os navios inimigos deslizavam para as posições entre os companheiros que afundavam, o rapaz viu que cada um estampava a mesma bandeira:

Uma flâmula prateada com um falcão gritando.

E ao lado, onde antes a bandeira preta de Maeve, com uma coruja empoleirada, oscilava... ela havia sido recolhida.

A bandeira preta da rainha sombria desaparecera inteiramente conforme navios feéricos ostentando a bandeira prateada da Casa de Whitethorn abriam fogo contra a própria armada.

67

Rowan contara a Enda sobre Aelin.

Contara ao primo sobre a mulher que amava, a rainha cujo coração queimava com fogo selvagem. Contara sobre Erawan, e a ameaça das chaves, e o desejo da própria Maeve por elas.

Então ficara de joelhos e implorara ao primo que ajudasse.

Que não abrisse fogo contra a armada de Terrasen.

E sim contra a de Maeve.

Que não acabasse com aquela única chance de paz, de impedir que a escuridão consumisse todos, tanto de Morath quanto de Maeve. Que lutasse não pela rainha que o escravizara, mas por aquela que o salvara.

Vou considerar, dissera Endymion.

Então Rowan tinha se levantado e voado até o navio de outro primo. A princesa Sellene, a prima mais jovem, de olhos espertos, ouvira. Havia deixado que ele implorasse. E, com um pequeno sorriso, ela respondera o mesmo. *Vou considerar.*

Assim Rowan fora de navio em navio. Aos primos que sabia que ouviriam.

Um ato de traição — era pelo que tinha implorado. Traição tão grande que jamais poderiam voltar para casa. As terras e os títulos seriam tomados ou destruídos.

E, quando os navios ilesos velejaram e se posicionaram ao lado daqueles que Lysandra já destruíra, conforme abriram um ataque de flechas e magia sobre as próprias forças ignorantes, Rowan rugiu para sua frota:

— *Agora, agora, agora!*

Remos bateram nas ondas, homens grunhiam ao remarem desesperadamente em direção à armada em meio ao puro caos.

Cada um dos primos atacara.

Cada um. Como se todos tivessem se encontrado e decidido arriscar a ruína juntos.

Rowan não tivera um exército próprio para dar a Aelin. Para dar a Terrasen.

Então lhe conquistara um exército. Por meio das únicas coisas que a rainha alegara querer dele.

O coração. A lealdade. A amizade.

E o príncipe feérico desejou que sua Coração de Fogo estivesse ali para ver quando a Casa de Whitethorn se chocou contra a frota de Maeve, e gelo e vento explodiram pelas ondas.



Lorcan não acreditava.

Não acreditava no que via quando um terço da frota de Maeve abriu fogo contra a maioria chocada dos navios da rainha.

E sabia... sabia sem confirmar que as bandeiras oscilando naqueles navios eram prateadas.

Como quer que os tivesse convencido, quando quer que os tivesse convencido...

Whitethorn conseguira. Por ela.

Tudo aquilo por Aelin.

Rowan vociferou a ordem para que aproveitassem a vantagem, para que dividissem a armada de Maeve entre eles.

Lorcan, um pouco confuso, passou a ordem para os próprios navios.

Maeve não o permitiria. Ela limparia a linhagem Whitethorn do mapa por isso.

Mas ali estavam eles, liberando gelo e vento sobre os próprios navios, reforçados por flechas e arpões que atravessavam madeira e soldados.

Vento soprou os cabelos de Lorcan, e ele soube que Whitethorn estava empurrando a magia ao ponto máximo a fim de impulsionar os próprios navios para a batalha antes que os primos perdessem a vantagem do elemento surpresa. Tolos, todos eles.

Tolos, no entanto...

O filho de Gavriel gritava o nome de Whitethorn. Um maldito grito de vitória. Diversas e diversas vezes, os homens ecoavam o chamado.

Então a voz de Fenrys se elevou. E a de Gavriel. E a daquela rainha de cabelos vermelhos. Do rei Havilliard.

A armada disparou para a de Maeve, sol e mar e velas por toda parte, lâminas reluzindo à luz da manhã. Mesmo a subida e a descida dos remos parecia ecoar o canto.

Para a batalha, para o derramamento de sangue, eles gritavam o nome do príncipe feérico.

Por um segundo, Lorcan se permitiu ponderar sobre aquilo — o poder da coisa que impelira Rowan a arriscar tudo. E se perguntou se talvez fosse a única força que Maeve e Erawan não veriam se aproximando.

Mas Maeve... Maeve estava naquela armada em algum lugar.

Ela retaliaria. Atacaria de volta, faria com que todos sofressem...

Rowan avançou a armada contra as linhas de frente da rainha feérica, libertando a fúria do gelo e do vento, assim como as flechas.

E onde o poder do guerreiro pausou, a magia de Dorian saltou.

Vitória improvável acabara de se tornar a sorte de um tolo. Se Whitethorn e os demais conseguissem manter a posição, e conseguissem se manter estáveis.

Lorcan se viu procurando Fenrys e Gavriel entre navios e soldados.

E percebeu que a resposta de Maeve havia chegado quando os viu, um após o outro, ficarem rígidos. Viu Fenrys dar um salto rápido e desaparecer no ar. O Lobo Branco de Doranelle imediatamente surgiu ao lado de Gavriel, fazendo homens gritarem diante da aparição repentina.

Então Fenrys segurou o braço de Gavriel, e ambos se foram de novo, os rostos contraídos. Apenas Gavriel conseguiu olhar para Lorcan antes de sumirem — os olhos pareciam arregalados em aviso. O Leão tinha apontado, depois desaparecera; eles não eram nada além de luz do sol e água do mar.

Lorcan olhou para onde Gavriel conseguira indicar, aquele pingo de desafio que provavelmente o cortara profundamente.

Seu sangue gelou.

Maeve permitia que a batalha explodisse na água porque tinha outros planos a pé. Porque sequer estava no mar.

Ela estava no litoral.

Gavriel apontara para lá. Não para a praia distante, mas para o litoral... para oeste.

Exatamente onde ele deixara Elide horas antes.

E Lorcan não se importou com a batalha, com o que tinha concordado em fazer

por Whitethorn, com o que prometera ao príncipe feérico.

Fizera uma promessa a Elide primeiro.

Os soldados não foram burros o bastante para tentar impedi-lo quando ele ordenou que um deles assumisse o comando, e, em seguida, pegou um bote.



Elide não conseguia ver a batalha de onde esperava, em meio às dunas de areia, a vegetação costeira farfalhando ao redor. Mas conseguia ouvir, tanto os gritos quanto os estrondos.

Ela tentou não escutar a balbúrdia da batalha, tentou, em vez disso, implorar a Anneith que guiasse os amigos. Que mantivesse Lorcan vivo e Maeve longe do guerreiro.

Mas Anneith estava por perto, pairando acima do ombro da jovem.

Veja, disse ela, como sempre dizia. *Veja, veja, veja.*

Não havia nada além de areia e água e céu azul. Nada além dos oito guardas, aos quais Lorcan ordenara que a acompanhassem, descansando nas dunas, parecendo aliviados ou contrariados por perderem a batalha que rompia nas ondas ao longo da curva da costa.

A voz assumiu um tom de urgência. *Veja, veja, veja.*

Então sumiu de vez. Não... *fugiu.*

Nuvens se acumularam, avançando do pântano. Seguindo na direção do sol que começava a subir.

Elide se levantou, escorregando um pouco na duna íngreme.

O vento açoitava e sibilava ao soprar a grama; e areia morna se tornou cinza e opaca quando aquelas nuvens passaram diante do sol. Bloqueando-o.

Algo estava chegando.

Algo ciente de que Aelin Galathynius conjurava força da luz do sol. De Mala.

A boca de Elide secou. Se Vernon a encontrasse ali... Não haveria como escapar dessa vez.

Os guardas nas dunas logo atrás se agitaram, reparando no estranho vento, nas nuvens. Sentindo que a iminente tempestade não tinha origem natural. Conseguiriam enfrentar os ilken por tempo suficiente até que ajuda viesse? Ou será que o tio traria mais deles dessa vez?

Mas não foi Vernon quem surgiu na praia, como se saísse de uma brisa passageira.

68

Foi pura agonia.

Pura agonia ver Nehemia, jovem, forte, sábia. Falando com Elena no pântano, em meio àquelas mesmas ruínas.

E havia a outra agonia.

Elena e Nehemia tinham se conhecido. Trabalhado juntas.

Elena fizera aqueles planos mil anos antes.

E Nehemia fora a Forte da Fenda sabendo que morreria.

Sabendo que precisaria deixar Aelin arrasada — que teria de usar a própria morte para *arrasá-la*, para que pudesse abandonar a personagem de assassina e subir ao trono.

Outra cena foi mostrada a Aelin e Manon. De uma conversa sussurrada à meia-noite nas profundezas do castelo de vidro.

Uma rainha e uma princesa encontrando-se em segredo. Como tinham feito por meses.

A rainha exigindo da princesa que pagasse o preço oferecido no pântano. Que tramasse a própria morte; que colocasse tudo aquilo em prática. Nehemia avisara Elena que ela — que Aelin — ficaria arrasada. Pior, que cairia em um abismo de ódio e desespero tão profundo que não conseguiria sair. Não como Celaena.

Ela estivera certa.

Aelin tremia; tremia com o corpo quase invisível, tremia tanto que a pele parecia soltar dos ossos. Manon se aproximou, talvez o único conforto que a bruxa sabia oferecer: solidariedade.

Elas encararam a névoa espiralada de novo, onde as cenas — as *memórias* — se passavam.

Aelin não tinha certeza se conseguiria aguentar mais uma verdade. Mais uma revelação do quão completamente Elena vendera Dorian e ela aos deuses devido ao erro tolo que cometera, sem entender o verdadeiro propósito do Fecho, selando Erawan na tumba em vez de permitir que Brannon finalmente acabasse com aquilo — e mandasse os deuses para onde quer que chamassem de lar, arrastando o Rei Sombrio com eles.

Mandá-los para casa... usando as chaves para abrir o portão de Wyrd. E um novo Fecho para o selar para sempre.

Meu preço é inominável.

Usando *seu* poder, drenado até a última gota, *sua* vida para forjar o novo Fecho. Para empunhar o poder das chaves apenas uma vez — apenas uma vez a fim de banir a todos e selar o portão para sempre.

Memórias passaram com um lampejo.

Elena e Brannon gritando um com o outro em um quarto que Aelin não via havia dez anos: a suíte do rei no palácio de Orynth. Sua suíte... ou que teria sido sua. Um colar reluzia no pescoço de Elena, o Olho. O primeiro Fecho, que fora quebrado, o qual a mulher, naquela memória já rainha de Adarlan, parecia usar como algum tipo de lembrete da própria estupidez, da promessa aos deuses furiosos.

A discussão com o pai escalonava... até que ela lhe deu as costas. E Aelin sabia que Elena jamais retornara àquele palácio reluzente no norte.

Então a revelação sobre o tal espelho de bruxa em alguma câmara secreta de pedra, onde uma beldade de cabelos negros, com uma coroa de estrelas, estava parada diante de Elena e Gavin, explicando como o objeto funcionava... como guardaria as memórias. Rhiannon Crochan. Manon se assustou ao vê-la, e Aelin olhou de uma para a outra.

O rosto... era o mesmo. O rosto de Manon e o de Rhiannon Crochan. As últimas rainhas Crochan — de duas eras diferentes.

Em seguida uma imagem de Brannon sozinho — a cabeça apoiada nas mãos, chorando diante de um corpo envolto em mortalha sobre um altar de pedra. A silhueta retorcida de uma idosa visível sob o tecido.

Elena, cuja graça imortal fora cedida a fim de que vivesse uma extensão de vida humana com Gavin. O pai ainda não parecia mais velho que 30 anos.

Brannon, o calor de mil forjas refletindo nos cabelos loiro-avermelhados, os dentes expostos em um grunhido ao bater um disco de metal em uma bigorna, os músculos das costas contraídos sob a pele dourada conforme golpeava e golpeava e golpeava.

Conforme forjava o Amuleto de Orynth.

Conforme colocava uma lasca negra de pedra dentro de cada lado, então o selava, estampando o desafio em cada linha do corpo.

A seguir escrevendo a mensagem com marcas de Wyrd na parte de trás.

Uma mensagem.

Para ela.

Para sua verdadeira herdeira, caso a punição de Elena e a promessa aos deuses se concretizasse. A punição e a promessa que os tinham afastado. Que Brannon não pudera aceitar e não aceitaria. Não enquanto ainda lhe restassem forças.

Meu preço é inominável. Escrito bem ali — com marcas de Wyrd. Aquela que levava a marca de Brannon, a marca dos inomináveis, os sem nome, os nascidos bastardos... *Ela* seria o custo para acabar com isso.

A mensagem na parte de trás do Amuleto de Orynth era o único aviso que Brannon podia oferecer, o único pedido de desculpas pelo ato da filha, mesmo que contivesse dentro dele um segredo tão letal que ninguém deveria saber, que jamais poderia ser contado a ninguém.

Mas haveria pistas. Para ela. Para que terminasse o que tinham começado.

Ele construiu a tumba de Elena com as próprias mãos e entalhou as mensagens para Aelin ali também.

As charadas e as pistas. O melhor que podia oferecer para explicar a verdade enquanto mantinha as chaves escondidas do mundo, dos poderes que as usariam para governar, para destruir.

Então ele fez Mort, a aldraba da porta cujo metal lhe fora dado por Rhiannon Crochan, que acariciara a bochecha do rei antes de deixar a tumba.

A bruxa não estava presente quando Brannon escondera a lasca negra de pedra sob a joia na coroa de Elena — a segunda chave de Wyrd.

Ou quando apoiara Damaris no suporte da espada, perto do segundo sarcófago. Do rei mortal que ele odiava e que mal tolerara, tendo controlado aquele ódio apenas pelo bem da filha. Embora Gavin a tivesse levado para longe, a filha da alma de Brannon.

A última chave... ele foi até o templo de Mala.

Era onde queria mesmo acabar com aquilo desde sempre.

O fogo derretido em torno do templo era como uma canção no sangue de Brannon, um chamado. Um canto de boas-vindas.

Apenas aqueles com os dons do rei — os dons *dela* — conseguiriam chegar até ali.

Mesmo as sacerdotisas não podiam acessar a ilha no coração do rio derretido. Apenas a herdeira de Brannon seria capaz de fazer aquilo. Ou quem quer que tivesse outra chave.

Então ele colocou a chave que restava sob uma pedra de pavimentação.

E entrou no rio derretido, indo ao coração em chamas da amada.

E Brannon, rei de Terrasen, Senhor do Fogo, não emergiu de novo.

Aelin não sabia por que a surpreendia poder chorar naquele corpo. Que aquele corpo tivesse lágrimas para derramar.

Mas ela as derramava por Brannon. Que sabia o que Elena prometera aos deuses... e se revoltara contra aquilo, contra passar aquele fardo para um de seus descendentes.

O rei fizera o possível por ela. Para suavizar o golpe daquela promessa, pois não conseguia mudar por completo seu curso. Para dar a Aelin uma chance de lutar.

Meu preço é inominável.

— Não entendo o que isso quer dizer — falou Manon, baixinho.

Aelin não tinha palavras para explicar. Não conseguira contar a Rowan.

Então Elena surgiu, tão real quanto elas eram reais, e encarou a luz dourada esmaecida do templo de Mala conforme a memória se dissipou.

— Desculpe — pediu ela a Aelin.

Manon enrijeceu o corpo quando a mulher se aproximou, recuando um passo, deixando o lado de Aelin.

— Era a única forma — explicou Elena. Exibia dor verdadeira nos olhos. Arrependimento.

— Foi uma escolha, ou fui selecionada apenas para poupar a preciosa linhagem de Gavin? — A voz que saiu da garganta de Aelin era áspera, cruel. — Por que derramar sangue Havilliard, afinal de contas, quando se pode voltar aos velhos hábitos e escolher outro para carregar o fardo?

Elena se encolheu.

— Dorian não estava pronto. Você estava. A escolha que Nehemia e eu fizemos foi para nos certificarmos de que as coisas aconteceriam de acordo com os planos.

— De acordo com os planos — sussurrou a jovem. — De acordo com todas as suas maquinações para me fazer limpar a bagunça que *você começou com seu maldito roubo e sua covardia?*

— Eles queriam que eu sofresse — disse Elena. — E sofri. Sabendo que você precisaria fazer isso, carregar esse fardo... Foi uma interminável destruição de minha alma durante mil anos. Foi tão fácil dizer sim, imaginar que você seria uma estranha,

alguém que não precisaria saber a verdade, apenas estar no lugar certo com o dom certo, mas... mas eu estava errada. Eu estava tão errada. — Ela ergueu as mãos diante de si, as palmas para cima. — Achei que Erawan se levantaria e que o mundo o enfrentaria. Não sabia... Não sabia que a escuridão recairia. Não sabia que sua terra sofreria. Sofreria do jeito que tentei evitar que a minha sofresse. E havia tantas vozes... tantas vozes mesmo antes de Adarlan ser conquistada. Foram aquelas vozes que me acordaram. As vozes daqueles desejando uma resposta, desejando ajuda. — Os olhos de Elena se voltaram para Manon, então de volta para Aelin. — Eram de todos os reinos, todas as raças. Humanas, bruxas, feéricas... Mas teciam uma tapeçaria de sonhos, todas implorando por uma coisa... Um mundo melhor.

"Então você nasceu. E, com aquelas chamas, era uma resposta à escuridão que se reunia. As chamas de meu pai e o poder de minha mãe, renascida por fim. E você era forte, Aelin. Tão forte e tão vulnerável. Não às ameaças externas, mas à ameaça de seu coração, ao isolamento de seu poder. Ainda assim, havia aqueles que a conheciam pelo que era, pelo que podia oferecer. Seus pais, a corte deles, seu tio-avô... E Aedion. Aedion sabia que você era a Rainha Que Foi Prometida sem saber o que isso significava, sem saber nada a seu respeito, ou sobre mim, ou o que fiz para poupar meu povo."

As palavras a atingiram como pedras.

— A Rainha Que Foi Prometida — repetiu Aelin. — Mas não para o mundo. E sim para os deuses... para as chaves.

Para pagar o preço. Para ser o sacrifício e selar o portão enfim.

A aparição de Deanna não fora apenas para dizer a ela como usar o espelho, mas para lembrá-la de que *pertencia* a eles. De que tinha uma dívida com eles.

— Não sobrevivi naquela noite no rio Florine por pura sorte, não foi? — perguntou Aelin, baixo demais.

Elena balançou a cabeça.

— Nós não...

— Não — disparou ela. — *Mostre.*

A mulher engoliu em seco. Então as névoas ficaram escuras e coloridas, e o próprio ar em torno foi envolto em gelo.

Galhos se quebrando, respiração ofegante interrompida por soluços em busca de fôlego, passos leves soando sobre arbustos espinhentos e vegetação rasteira. O cavalgar poderoso de um cavalo se aproximando...

Aelin se obrigou a ficar imóvel quando aquele familiar bosque congelado surgiu, exatamente como se lembrava. Quando *ela* apareceu, tão pequena e jovem, com a camisola branca rasgada e enlameada, os cabelos selvagens, os olhos brilhando com terror e luto tão profundos que a destruíram por completo. Desesperada para chegar ao rio barulhento adiante, à ponte...

Lá estavam as colunas e a floresta do outro lado. O santuário da criança...

Manon xingou baixinho conforme Aelin Galathynius se atirou entre as colunas da ponte, percebendo então que a ponte fora cortada... e mergulhando no rio revolto e semicongelado abaixo.

Tinha se esquecido de como a queda fora longa. De como o rio negro era violento, das corredeiras brancas iluminadas pela lua gélida acima.

A imagem se transformou: estava escuro, e silencioso, e elas foram giradas, diversas e diversas vezes, conforme o rio a sacudia com sua ira.

— Houve tanta morte — sussurrou Elena ao observarem Aelin ser atirada e revirada e arrasada pelo rio.

O frio era esmagador.

— Tanta morte e tantas luzes se apagaram — continuou a mulher, com a voz falhando. — Você era tão pequena. E lutou... lutou tanto.

E ali estava ela, tentando se agarrar à água, chutando e se debatendo, tentando chegar à superfície, ao ar, e ela conseguia sentir os pulmões entrando em colapso, sentia a pressão se acumulando...

Então luz tremeluziu do Amuleto de Orynth que lhe pendia do pescoço, símbolos esverdeados chiavam como bolhas em torno de Aelin.

Elena se colocou de joelhos, observando o amuleto brilhar sob a água.

— Queriam que eu a levasse naquele momento. Estava com o Amuleto de Orynth, todos achavam que estava morta, e o inimigo se distraía com o massacre. Eu poderia levá-la, ajudá-la a encontrar as duas outras chaves. Eu tinha permissão de ajudar, de fazê-lo. E depois que conseguíssemos as duas outras chaves, eu deveria forçá-la a forjar um novo Fecho. A usar cada última gota de *você* para fazer aquele Fecho, para conjurar o portão, colocar as chaves de volta, mandá-los para casa e acabar com tudo. Você tinha poder suficiente, mesmo então. Fazer isso a mataria, mas provavelmente já estava morta de qualquer modo. Aí me deixaram formar um corpo, para buscá-la.

Elena tomou fôlego e estremeceu quando uma figura mergulhou na água. Uma mulher linda, de cabelos prateados, com um vestido antigo. Ela pegou Aelin pela

cintura, puxando a menina mais e mais para cima.

As duas chegaram à superfície do rio, onde estava escuro e barulhento e selvagem. A menina só conseguiu segurar o tronco para o qual Elena a empurrou, cravar as unhas na madeira ensopada, agarrando-se ali enquanto era carregada rio abaixo, para as profundezas da noite.

— Eu hesitei — sussurrou Elena. — Você se agarrou àquele tronco com toda a força. Tudo lhe fora tomado, *tudo*, e mesmo assim lutou. Não cedeu. E eles me disseram para correr, porque mesmo então, o poder para me manter naquele corpo sólido se extinguia. Disseram para apenas pegá-la e partir, mas... hesitei. Esperei até que chegasse à margem daquele rio.

Lama e junco e árvores pairavam acima; neve ainda cobria a margem íngreme do rio.

Aelin se viu rastejar para fora da margem, um centímetro doloroso após o outro, e sentiu a lama fantasma e gelada sob as unhas, sentiu o corpo congelado e partido quando desabou na terra, estremecendo diversas vezes.

Quando o frio letal a agarrou enquanto Elena se puxava para a margem do rio ao lado da criança.

Quando Elena avançou para ela, gritando seu nome, frio e choque a tomando...

— Achei que o perigo seria se afogar — sussurrou a mulher. — Não percebi que ficar no frio por tanto tempo...

Os lábios haviam ficado azuis. Aelin observou o próprio peito pequeno subir e descer, subir...

Então parou de se mover de vez.

— Você morreu — sussurrou Elena. — Bem ali, você morreu. Tinha lutado tanto, e fracassei com você. E naquele momento não me importei por ter, de novo, fracassado com os deuses, nem com minha promessa de acertar as coisas, nem com nada disso. Só consegui pensar... — Lágrimas escorreram do rosto da mulher. — Só consegui pensar em como era injusto. Você nem mesmo tinha vivido, nem mesmo tivera uma chance... E todas aquelas pessoas, que tinham desejado e esperado por um mundo melhor... Você não estaria lá para lhes dar isso.

Pelos deuses.

— Elena — sussurrou Aelin.

A rainha de Adarlan soluçava nas mãos, mesmo enquanto sua antiga versão sacudia a pequena Aelin diversas vezes. Tentando acordar a menina, tentando reanimar o pequeno corpo que desistira.

A voz de Elena falhou.

— Eu não podia permitir aquilo. Não podia suportar. Não por causa dos deuses, mas... mas por você.

Luz acendeu a mão da mulher, em seguida o braço, então o corpo inteiro. Fogo. Elena se enroscou em Aelin, derretendo a neve ao redor com o calor, secando os cabelos encrustados em gelo.

Lábios que eram azuis se tornaram cor-de-rosa. E um peito que tinha parado de respirar se erguia novamente.

Escuridão se dissipou para a luz cinzenta do alvorecer.

— E assim eu os desafiei.

Elena apoiou Aelin entre os juncos e as rosas, avaliando o rio, o mundo.

— Eu sabia quem tinha uma propriedade perto daquele rio, tão longe de seu lar que seus pais tinham tolerado sua presença, contanto que não fosse burro o suficiente para causar problemas.

Elena, mera faísca de luz, puxou Arobynn de um sonho profundo enquanto dormia em sua antiga residência em Terrasen. Como se estivesse em transe, ele calçou as botas, com os cabelos vermelhos reluzindo à luz do alvorecer, montou o cavalo e disparou pelo bosque.

Tão jovem, o antigo mestre de Aelin. Apenas alguns anos mais velho que ela no momento.

O cavalo parou, como se uma mão invisível tivesse puxado a rédea, e o assassino observou o rio revolto, as árvores, como se procurasse algo que nem mesmo sabia que estava lá.

Mas ali estava Elena, invisível à luz do sol, agachada no junco quando os olhos de Arobynn recaíram sobre a pequena figura imunda e inconsciente na margem do rio. Ele desceu do cavalo com graciosidade felina e tirou o manto ao se colocar de joelhos na lama para sentir a respiração de Aelin.

— Eu sabia o que ele era, o que provavelmente faria com você. Que treinamento receberia. Mas era melhor que estar morta. E, se pudesse sobreviver, se pudesse crescer forte, se tivesse a chance de chegar à vida adulta, achei que talvez pudesse dar àquelas pessoas que tinham desejado e sonhado com um mundo melhor... pelo menos dar a elas uma chance. Ajudá-las antes que a dívida fosse cobrada de novo.

As mãos de Arobynn hesitaram ao reparar no Amuleto de Orynth.

Ele tirou a joia com cuidado do pescoço da menina e o colocou no bolso.

Gentilmente, Arobynn a colocou nos braços e a carregou pela margem do rio, para o cavalo que o esperava.

— Você era tão jovem — repetiu Elena. — E mais que os sonhadores, mais que a dívida... Eu queria dar tempo a você. Para ao menos saber como era viver.

Com a voz rouca, Aelin indagou:

— Qual foi o preço, Elena? O que lhe fizeram por causa disso?

Ela se abraçou conforme a imagem de Arobynn montando o cavalo com Aelin nos braços se dissipou. Névoa rodopiou de novo.

— Quando estiver terminado — Elena conseguiu dizer —, eu também vou. Pelo tempo que ganhei para você, quando o jogo acabar, minha alma será derretida de volta à escuridão. Não verei Gavin ou meus filhos ou meus amigos... Irei embora. Para sempre.

— Sabia disso antes de...

— Sim. Eles me disseram, várias e várias vezes. Mas... Não consegui. Não consegui fazer aquilo.

Aelin caiu de joelhos diante da rainha, pegando o rosto manchado de lágrimas de Elena entre as mãos.

— Meu preço é inominável — disse Aelin, a voz falhando.

Elena assentiu.

— O espelho era apenas isso... um espelho. Um jeito de trazê-la aqui. Para que pudesse entender tudo que fizemos. — *Era apenas um pedaço de metal e vidro*, dissera ela quando Aelin a tinha convocado em baía da Caveira. — Mas agora está aqui e viu. Agora entende o custo. De forjar um novo Fecho, de colocar as três chaves de volta no portão...

Uma marca brilhou na testa de Aelin, aquecendo a pele. A marca do bastardo de Brannon.

A marca dos inomináveis.

— O sangue de Mala precisa ser usado... seu poder precisa ser usado. Cada gota de magia, de sangue. Você é o custo... de fazer um novo Fecho e selar as chaves no portão. Para deixar o portão de Wyrd inteiro.

— Eu sei — falou Aelin, baixinho. Ela já sabia havia um tempo.

Estava se preparando para isso da melhor forma que podia. Preparando as coisas para os demais.

— Tenho duas chaves. Se conseguir encontrar a terceira, roubá-la de Erawan... virá comigo? Me ajudará a acabar com isso de uma vez por todas? — perguntou Aelin.

Virá comigo, para que eu não esteja sozinha?

Elena assentiu, mas sussurrou:

— Desculpe.

A jovem retirou as mãos do rosto da rainha, respirando fundo e estremecendo.

— Por que não me contou... desde o início?

Aelin tinha a vaga sensação de que Manon observava em silêncio atrás delas.

— Você mal tinha saído da escravidão — explicou Elena. — Quase não conseguia se recompor, tentava tanto fingir que ainda era forte e estava inteira. Havia um limite para o quanto eu podia orientá-la, empurrá-la adiante. O espelho foi forjado e escondido para um dia lhe mostrar tudo isso. De uma forma que eu não podia contar, não quando só conseguia alguns minutos por vez.

— Por que me disse para ir a Wendlyn? Maeve é uma ameaça tão grande quanto Erawan.

Olhos azuis gélidos encararam os de Aelin por fim.

— Eu sei. Há muito tempo Maeve deseja recuperar as chaves. Meu pai acreditava que era para algo diferente de conquista. Algo mais sombrio, pior. Não sei por que ela só começou a caçá-las depois que você chegou. Mas eu a enviei a Wendlyn para que se curasse. E para que... o encontrasse. Aquele que a esperava havia tanto tempo.

O coração de Aelin se partiu.

— Rowan.

Elena assentiu.

— Ele era uma voz no vazio, um sonhador secreto e em silêncio. Assim como os companheiros. Mas o príncipe feérico, ele era...

Aelin conteve o choro.

— Eu sei. Faz um tempo que sei.

— Queria que conhecesse aquela alegria também — sussurrou ela. — Por mais breve que fosse.

— E conheci. — Foi o que a jovem conseguiu dizer. — Obrigada.

Elena cobriu o rosto ao ouvir aquelas palavras, estremecendo. Mas depois de um momento, analisou Aelin, então Manon, ainda silenciosa e observando.

— O poder do espelho de bruxa está se esvaindo; não as segurará aqui por muito mais tempo. Por favor, deixe-me mostrar o que precisa ser feito. Como acabar com isso. Não conseguirá me ver depois, mas... estarei com você. Até o fim, a cada passo, estarei com você.

Manon apenas colocou a mão na espada quando Aelin engoliu em seco e disse:

— Mostre então.

E Elena mostrou. Ao terminar, Aelin ficou em silêncio. Manon caminhava de um lado para outro, grunhindo baixinho.

Mesmo assim, Aelin não relutou quando Elena se abaixou para lhe beijar a testa, onde aquela maldita marca estivera durante a vida inteira. Um pedaço de gado, marcado para o abatedouro.

A marca de Brannon. A marca do bastardo... o inominável.

Meu preço é inominável. Para garantir um futuro a eles, ela pagaria.

Tinha feito o máximo possível para colocar as coisas em ação, para se assegurar de que, depois que tivesse partido, ajuda ainda viria. Era a única coisa que podia dar a eles, o último presente para Terrasen. Para aqueles que amava com o coração de fogo selvagem.

Elena lhe acariciou a bochecha. Então a rainha antiga e a névoa sumiram.

Luz do sol as envolveu, cegando Aelin e Manon tão violentamente que as duas sibilaram e se chocaram uma contra a outra. A maresia, o quebrar de ondas próximas e o farfalhar de vegetação costeira as receberam. E mais além, distante: o clamor e os gritos de uma guerra deflagrada.

Estavam nos limites do pântano, na própria praia, enquanto a batalha estava a milhas e milhas no mar. Deviam ter viajado pelas névoas, de alguma forma...

Um riso suave e feminino rastejou pela vegetação. Aelin conhecia aquela risada.

E soube que, de alguma maneira, talvez não tivessem viajado pela névoa...

Mas tivessem sido colocadas ali. Por quaisquer que fossem as forças em ação, quaisquer que fossem os deuses assistindo.

Para que estivessem no campo arenoso diante do mar turquesa, nas dunas próximas de onde os guardas usando armaduras de penhasco dos Arbustos haviam sido assassinados e ainda sangravam. Para que estivessem de pé diante da rainha Maeve dos feéricos.

E de Elide Lochan de joelhos à frente desta... com a lâmina de um guerreiro feérico na garganta.

69

Aedion enfrentara exércitos, enfrentara a morte mais vezes do que conseguia contar, mas aquilo...

Mesmo com o que Rowan havia feito... os navios inimigos ainda os superavam em número.

A batalha naval se tornara perigosa demais, e os possuidores de magia estavam muito cientes de Lysandra para permitir que ela atacasse sob as ondas.

Então a metamorfa lutava violentamente ao lado de Aedion na forma de leopardo-fantasma, derrubando qualquer guerreiro feérico que tentasse subir a bordo do navio. Qualquer soldado que conseguisse passar pela armadura devastadora da magia de Rowan e de Dorian.

O pai de Aedion partira. Fenrys e Lorcan também. Ele vira Gavriel pela última vez no tombadilho de um dos navios sob o comando deste, uma espada em cada mão, o Leão pronto para matar. E, como se sentisse o olhar do filho, ele envolvera Aedion com uma parede de luz dourada.

O general não era burro para exigir que Gavriel retirasse esse escudo. Ainda mais quando a proteção havia encolhido mais e mais, cobrindo-o como uma segunda pele.

Minutos depois, o pai se fora; desaparecera. Mas o escudo de magia permanecera.

Esse fora o início da guinada que deram, voltando à defensiva porque estavam em menor número e o combate imortais *versus* mortais cobrava seu preço.

Aedion não tinha dúvidas de que Maeve tinha algo a ver com aquilo. Mas aquela vadia não era problema seu.

Não, seu problema era a armada em volta; o problema era o fato de que os soldados inimigos enfrentados eram altamente treinados e não caíam facilmente. O problema era

que o braço que segurava a espada doía, o escudo estava cravejado de flechas e amassado e, ainda assim, mais daqueles navios se estendiam ao longe.

O general não se permitiu pensar em Aelin, em onde ela estaria. Os instintos feéricos latejaram diante do estrondo da magia de Rowan e de Dorian se elevando e, então, golpeando o flanco inimigo. Navios se partiram no rastro daquele poder; guerreiros se afogaram sob o peso das armaduras.

O próprio navio oscilou, afastando-se daquele que estavam atacando graças à torrente de poder, e Aedion usou o momento de alívio a fim de se voltar para Lysandra. Estava coberto de sangue, dos próprios ferimentos e daqueles por ele infligidos, e o vermelho se misturava ao suor da pele.

— Quero que fuja — disse ele à metamorfa.

Ela voltou a cabeça peluda na direção de Aedion, e os pálidos olhos verdes se semicerraram levemente. Sangue e vísceras lhe escorriam da mandíbula, pingando nas tábuas de madeira.

O general se fixou naquele olhar.

— Se transforme em um pássaro ou uma mariposa ou um peixe, não dou a mínima, e vá. Se estivermos prestes a cair, fuja. Isto é uma ordem.

Lysandra sibilou, como se dissesse: *Você não me dá ordens.*

— Tecnicamente sou seu superior — argumentou Aedion, descendo a espada contra o escudo a fim de livrá-lo de duas flechas cravadas ali, quando se moveram outra vez na direção de um novo navio abarrotado de guerreiros feéricos descansados. — Então fuja. Ou lhe darei uma surra no Além-mundo.

Lysandra seguiu para cima dele. Um homem inferior poderia ter recuado da aproximação de um predador daquele tamanho. Alguns dos soldados o fizeram.

Mas o general continuou onde estava enquanto ela se erguia sobre as patas traseiras, apoiando as enormes patas dianteiras nos ombros de Aedion, e aproximava o rosto felino ensanguentado do dele. Os bigodes úmidos estremeceram.

Ela se inclinou e tocou com o focinho na bochecha do general, então no pescoço.

Depois voltou trotando para o lugar dela, jorrando sangue sob as patas silenciosas.

Quando a metamorfa ousou olhar na direção do guerreiro, cuspindo sangue no deque, Aedion disse, baixinho:

— Da próxima vez faça isso na forma humana.

A cauda felpuda apenas se enroscou um pouco em resposta.

O navio oscilou novamente na direção do agressor, e a temperatura desabou, por

causa de Rowan ou de Dorian ou de um dos nobres Whitethorn, Aedion não soube dizer. Tiveram sorte por Maeve ter levado uma frota cujos possuidores de magia descendiam na maioria da linhagem de Rowan.

O general se preparou, afastando os pés quando vento e gelo romperam pelas linhas inimigas. Soldados feéricos, que talvez tivessem sido comandados pelo próprio príncipe feérico, gritaram. Mas Rowan e Dorian golpearam incessantemente.

Fileira após fileira, os dois disparavam seu poder contra a frota de Maeve.

Ainda assim, mais navios passavam por eles, atacando Aedion e os demais. Ansel de penhasco dos Arbustos segurava o flanco esquerdo, e... as fileiras permaneciam no lugar. Embora a armada de Maeve os superasse em números.

O primeiro soldado feérico que passou pelo corrimão do navio seguiu direto para Lysandra.

Foi o último erro que o macho cometeu.

Ela saltou, desviando da guarda deste, e fechou o maxilar no pescoço do sujeito.

Ossos foram esmagados, e sangue jorrou.

O general pulou para a frente a fim de atacar o soldado seguinte que subiu o corrimão, atravessando os ganchos de agarramento que arquearam e caíram.

Aedion se perdeu em uma tranquilidade letal, com um olho na metamorfa, também protegida pelo escudo dourado do pai do general e derrubando soldado após soldado.

Morte chovia sobre ele.

O general não se permitiu pensar em quantos restaram. Quantos Rowan e Dorian haviam derrubado conforme as ruínas dos navios afundavam ao redor, sufocando o mar com sangue e espuma.

Então Aedion continuou matando.

E matando.

E matando.



O hálito de Dorian queimava sua garganta, a magia estava lenta, e uma dor de cabeça pulsava nas têmporas do rei, mas ele continuava liberando o poder sobre as linhas inimigas enquanto soldados lutavam e morriam a sua volta.

Tantos. Tantos guerreiros treinados, alguns escassos eram abençoados com magia — e a usavam para passar por eles.

O rapaz não ousou ver como os demais estavam se saindo. Só ouvia rugidos e grunhidos de ira, gritos de pessoas morrendo e o ranger de madeira e o estalar de cordas. Nuvens tinham se formado acima, bloqueando o sol.

A magia de Dorian cantava conforme congelava a vida dos navios, a vida dos soldados, conforme se banhava na morte. Mas ainda assim fraquejava. Ele perdera a conta de quanto tempo se passara.

Mesmo assim, eles continuavam vindo. E, mesmo assim, Manon e Aelin não retornavam.

Rowan sustentava a linha de frente, com armas inclinadas, à espera de qualquer soldado burro o suficiente para se aproximar. Mas havia soldados demais ultrapassando a magia deles. Soldados demais constantemente os sobrepujando.

Assim que o pensamento lhe ocorreu, o grito de dor de Aedion cruzou as ondas.

Um rugido de raiva o imitou. Será que ele...

O gosto acobreado de sangue cobria a boca de Dorian — o esgotamento. Outro rugido, grave e alto, partiu o mundo. Ele se preparou, reunindo a magia talvez pela última vez.

O rugido soou de novo quando uma forma poderosa disparou pelas nuvens pesadas.

Uma serpente alada. Uma serpente alada com asas reluzentes.

E atrás dela, descendo sobre a frota feérica com um prazer malicioso, mais doze voavam.

70

Lysandra conhecia aquele rugido.

E lá estava Abraxos, mergulhando das nuvens pesadas, com mais doze serpentes aladas e suas montadoras logo atrás.

Bruxas Dentes de Ferro.

— *Não atirem!* — gritou Rowan, à meia dúzia de navios de distância, para os arqueiros que apontaram as poucas flechas restantes contra a bruxa de cabelos dourados mais próxima de Abraxos, montada em uma serpente alada azul-pálido que emitia um grito de guerra.

As outras bruxas e serpentes aladas soltaram o inferno sobre os feéricos, esmagando as fileiras convergentes, cortando cordas de amarração, garantindo a eles um momento de alívio. Como sabiam quem atacar, para que lado lutar...

Abraxos e mais onze serpentes aladas se voltaram para o norte com um movimento suave, então mergulharam contra a frota inimiga em pânico. A montadora de cabelos dourados, no entanto, disparou para o navio de Lysandra, aterrissando graciosamente com a montaria azul-celeste na proa.

A bruxa usava uma faixa de couro preto trançada na testa e era linda. Sem se referir a ninguém em particular, ela demandou:

— Onde está Manon Bico Negro?

— Quem é você? — indagou Aedion, a voz rouca. Mas exibia reconhecimento nos olhos, como se lembrasse daquele dia no templo de Temis...

A bruxa sorriu, revelando dentes brancos, embora ferro reluzisse nas pontas dos dedos.

— Asterin Bico Negro, a seu serviço. — Ela verificou os navios em batalha. —

Onde está Manon? Abraxos nos guiou...

— É uma longa história, mas ela está aqui — gritou o general por cima da confusão. Lysandra se aproximou devagar, avaliando a bruxa, assim como a aliança que causava o caos sobre as fileiras feéricas. — Se você e suas Treze nos salvarem, bruxa — disse Aedion —, contarei o que quiser.

Um sorriso malicioso e uma inclinação de cabeça.

— Então limparemos o campo para você.

Em seguida Asterin e a serpente alada dispararam para cima, irrompendo entre ondas, seguindo para onde as demais lutavam.

Com a aproximação da bruxa, as serpentes aladas e as montadoras recuaram, subindo alto no ar para entrar em formação. Um martelo prestes a golpear.

E os feéricos sabiam. Começaram a projetar escudos frágeis, disparando descontroladamente na direção das criaturas, a mira descuidada devido ao pânico. Mas as bestas estavam envoltas em armaduras — armaduras eficientes e lindas.

As Treze riram do inimigo ao se chocarem contra o flanco sul.

Lysandra queria ainda ter forças para se transformar... uma última vez. Para se juntar a elas naquela gloriosa destruição.

As Treze arrebanharam os navios em pânico entre elas, destruindo-os, usando cada arma de seu arsenal; serpente aladas, lâminas, dentes de ferro. Os que conseguiam passar por elas recebiam a piedade brutal da magia de Rowan e de Dorian. E os que passavam por aquela magia...

Lysandra encontrou o olhar salpicado de sangue de Aedion. O príncipe-general deu um sorriso daquele jeito insolente, fazendo uma excitação mais selvagem que aquela provocada pela sede de sangue disparar por ela.

— Não queremos que as bruxas nos deixem com uma imagem ruim, não é?

A metamorfa devolveu o sorriso e retornou à luta.



Não havia muitos mais.

A magia de Rowan estava tensa ao ponto de se partir, o pânico era como um rugido constante no fundo de sua mente, mas o príncipe continuava atacando, continuava golpeando com as lâminas qualquer um que passasse pelo vento e pelo gelo, ou pelos golpes de puro poder descontrolado de Dorian. Fenrys, Lorcan e Gavriel

tinham ido embora uma hora antes ou vidas antes, desaparecendo, sem dúvida, para onde quer que Maeve os tivesse convocado, mas a armada se mantinha firme. Quem quer que fossem os homens de Ansel de penhasco dos Arbustos, eles não se acovardavam diante de guerreiros feéricos. E não desconheciam derramamentos de sangue. Assim como os homens de Rolfe. Nenhum fugiu.

As Treze continuavam lançando destruição sobre a frota em pânico de Maeve. Asterin Bico Negro disparava comandos de uma altura muito acima, e as doze bruxas irrompiam pelas linhas inimigas com determinação feroz e inteligente. Se uma única aliança lutava daquele jeito, então um exército delas...

Rowan trincou os dentes quando os navios restantes decidiram ser mais inteligentes que os companheiros mortos e começaram a se afastar. Se Maeve tivesse dado a ordem de retirada...

Que pena. Uma pena mesmo. Ele mesmo mandaria o navio da rainha para a escuridão negra.

O príncipe feérico deu a Asterin um assobio agudo ao vê-la passar acima novamente, reunindo as Treze. A bruxa assobiou de volta em confirmação. As bruxas se lançaram atrás da armada em fuga.

A batalha arrefecia, ondas vermelhas cheias de escombros fluíam com a rápida maré.

Rowan deu a ordem ao capitão para que mantivesse as fileiras e lidasse com qualquer estupidez da armada de Maeve se algum navio decidisse não dar meia-volta.

Com as pernas trêmulas, os braços tremendo tanto que tinha medo de não conseguir pegar as armas de volta caso as soltasse, o guerreiro se transformou e voou alto.

Os primos se juntaram às Treze na perseguição à frota que tentava fugir. Rowan evitou a ânsia de contar. Mas... voou mais alto, procurando.

Havia apenas um barco faltando.

Um barco no qual ele velejara e lutara em outras guerras e jornadas.

O navio de guerra pessoal de Maeve, o *Rouxinol*, não estava à vista.

Não estava entre a frota em retirada que se defendia dos nobres Whitethorn e das Treze.

Não estava entre os cascos que afundavam, sangrando na água.

O sangue de Rowan esfriou. Mas ele mergulhou rápido e com determinação em direção ao navio de Aedion e de Lysandra, onde sangue cobria o deque com uma camada tão espessa que ondulou quando ele se transformou e aterrissou ali.

O general estava coberto em sangue, tanto dele quanto de outros; Lysandra vomitava um estômago cheio também. Rowan conseguiu obrigar as pernas a contornar os feéricos caídos. Ele não olhou com muita atenção para os rostos.

— Ela voltou? — perguntou Aedion, imediatamente, encolhendo-se ao colocar peso sobre a coxa. O guerreiro analisou o ferimento do irmão. Precisaria curá-lo em breve, assim que a magia se reabastecesse. Em um lugar como aquele, nem mesmo o sangue feérico conseguiria manter a infecção longe por muito tempo.

— Não sei — respondeu o príncipe.

— *Encontre-a* — grunhiu o general, tirando os olhos de Rowan apenas para observar Lysandra se transformar em humana, apenas para passar os olhos pelos ferimentos que a manchavam.

A pele de Rowan parecia tensa sobre os ossos. Tinha a sensação de que o chão estava prestes a deslizar de sob seus pés quando Dorian surgiu no corrimão do convés principal, o rosto lívido e macilento, sem dúvida depois de usar o que restava da magia para impulsionar um bote longo até eles, e disse, ofegando:

— A costa. Aelin está na costa para onde mandamos Elide... todos estão.

Isso ficava a quilômetros dali. Como tinham chegado lá?

— Como sabe? — indagou Lysandra, prendendo o cabelo com dedos ensanguentados.

— Porque consigo sentir algo lá fora — explicou Dorian. — Chamas e sombras e morte. Como Lorcan e Aelin e outra pessoa. Uma pessoa antiga. Poderosa. — Rowan tentou se preparar para o que viria em seguida, mas, mesmo assim, não estava pronto para o puro terror conforme o rapaz acrescentou: — E fêmea.

Maeve as encontrara.

A batalha não visara nenhum tipo de vitória ou conquista.

Mas uma distração. Enquanto Maeve saía escondida para obter o verdadeiro prêmio.

Jamais chegariam rápido o bastante. Se ele voasse sozinho, com a magia já esgotada até quase se partir, seria de pouca utilidade. Teriam mais chances, *Aelin* teria mais chances, se todos estivessem lá.

Rowan se virou para o horizonte atrás deles — para as serpentes aladas que destruíam o restante da frota. Remar levaria tempo de mais; sua magia estava exaurida. Mas uma serpente alada... Poderia funcionar.

71

A rainha dos feéricos era exatamente como Aelin se lembrava. Vestes escuras diáfanas, um lindo rosto pálido sob cabelos ônix, lábios vermelhos em um leve sorriso... Nenhuma coroa lhe adornava a cabeça, pois todos que respiravam, mesmo os mortos que dormiam, a reconheceriam pelo que era.

Sonhos e pesadelos que tomavam forma; a face escura da lua.

E ajoelhada diante de Maeve, com uma sentinela de expressão rígida segurando uma lâmina contra seu pescoço, Elide tremia. Os guardas, todos homens do exército de Ansel, provavelmente foram mortos antes que pudessem gritar em aviso. Pelo estado das armas, apenas em parte desembainhadas, não tiveram sequer a chance de lutar.

Manon ficara imóvel como a morte ao ver Elide, libertando as unhas de ferro.

Aelin forçou um meio sorriso à boca conforme empurrou o coração partido e sangrando para uma caixa bem no fundo do peito.

— Não é tão impressionante quanto Doranelle, se quer saber minha opinião, mas pelo menos um pântano realmente reflete sua verdadeira natureza, sabia? Será um novo lar maravilhoso. Definitivamente vale o custo de vir até aqui para conquistá-lo.

Na beira da colina que levava à praia, um pequeno grupo de guerreiros feéricos os monitoravam. Machos e fêmeas, todos armados, todos desconhecidos. Um imenso navio elegante flutuava na calma baía além.

Maeve deu um leve sorriso.

— Que alegria descobrir que seu bom humor habitual não foi maculado por dias tão sombrios.

— Como poderia, quando tantos de seus lindos machos estão em minha

companhia?

A rainha feérica inclinou a cabeça, deslizando a cortina pesada de cabelos escuros por um ombro. E como se em resposta, Lorcan surgiu no limite das dunas, ofegante, de olhos desesperados e com a espada em punho. A concentração — e o horror, percebeu Aelin — estava em Elide. Na sentinela que segurava a lâmina contra o pescoço branco da jovem. Maeve deu um sorrisinho para o guerreiro, então olhou para Manon.

Com a atenção da rainha feérica em outro lugar, Lorcan se posicionou ao lado de Aelin... como se fossem, de alguma forma, aliados naquilo, como se fossem lutar costas a costas. Ela não se incomodou em falar qualquer coisa ao guerreiro. Não quando Maeve disse à bruxa:

— Conheço seu rosto.

Aquele rosto permaneceu frio e impassível.

— Solte a garota.

Uma risada baixa, rouca.

— Ah. — O estômago de Aelin se revirou quando aquela concentração antiga se voltou para Elide. — Reivindicada por rainha e bruxa e... meu braço direito, ao que parece.

Aelin ficou tensa. Percebeu que Lorcan mal respirava a seu lado.

Maeve brincou com uma mecha dos cabelos esmaecidos de Elide. A Lady de Perranth estremeceu.

— A garota que Lorcan Salvaterre me convocou para salvar.

Aquela onda de poder no dia em que a frota de Ansel se aproximara... Ela sabia que era uma convocação. Assim como ela convocara os valg para baía da Caveira. Ela se recusara a explicar imediatamente a presença de Ansel, pois queria aproveitar a surpresa, então ele convocara a armada de Maeve para enfrentar o que acreditava ser uma frota inimiga. Para salvar Elide.

— Desculpe — disse Lorcan apenas.

Aelin não sabia se o pedido era para ela ou Elide, cujos olhos se arregalavam em indignação. Mesmo assim, Aelin falou:

— Acha que eu não sabia? Que não tomei precauções?

As sobrancelhas de Lorcan se franziram. Ela deu de ombros.

Então Maeve continuou:

— Lady Elide Lochan, filha de Cal e Marion Lochan. Não é surpresa que a bruxa queira muito recuperá-la, se a linhagem dela corre em suas veias.

Manon grunhiu um aviso.

— Bem — disse Aelin à rainha feérica. — Não arrastou sua carcaça velha até aqui por nada. Então vamos logo ao que interessa. O que quer pela garota?

Aquele sorriso de víbora contraiu os lábios de Maeve outra vez.

Elide tremia; cada osso, cada poro tremia de terror pela rainha imortal de pé acima da jovem, pela lâmina do guarda em seu pescoço. O restante da escolta feérica permaneceu distante; mas era para lá que Lorcan ficava olhando, o rosto tenso, o corpo quase trêmulo com ira contida.

Era aquela a rainha para quem ele dera o coração? Aquela criatura fria que olhava para o mundo com olhos impiedosos? Que matara aqueles soldados sem um pingo de hesitação?

A rainha que Lorcan convocara para *ela*. Ele trouxera Maeve para *salvar* Elide...

O fôlego da jovem pareceu afiado na garganta. O guerreiro os traíra. Traíra *Aelin* por ela...

— O que eu deveria exigir como pagamento pela garota? — ponderou Maeve, dando alguns passos na direção deles, com a graciosidade do luar. — Por que meu braço direito não me diz? Tem andado tão ocupado, Lorcan. Realmente muito ocupado nesses últimos meses.

Ao baixar a cabeça, a voz do guerreiro saiu rouca:

— Fiz isso por você, Majestade.

— Então onde está meu anel? Onde estão minhas chaves?

Um anel. Elide estava disposta a apostar que era aquele dourado no próprio dedo, que a jovem escondia sob a outra mão enquanto as fechava com força diante do corpo.

Lorcan apontou com o queixo na direção de Aelin.

— Ela as tem. Duas chaves.

Frio percorreu Elide.

— Lorcan. — A lâmina do guarda girou no pescoço da jovem.

Aelin apenas encarou o guerreiro friamente.

Ele não olhou para Elide ou Aelin. Sequer reconheceu a existência das duas ao prosseguir:

— Aelin tem duas chaves e provavelmente tem uma boa noção de onde Erawan

esconde a terceira.

— Lorcan — suplicou a jovem. Não... não, não estava prestes a fazer aquilo, a traí-los de novo...

— *Fique quieta* — grunhiu ele.

O olhar de Maeve se voltou mais uma vez para Elide. A escuridão antiga e eterna era sufocante.

— Quanta familiaridade ao dizer o nome de Lorcan, Lady de Perranth. Quanta intimidade.

O risinho de Aelin foi o único sinal de seu aviso.

— Não tem coisas melhores a fazer que aterrorizar humanos? Liberte a garota e vamos resolver isso do modo divertido.

Chamas dançaram nas pontas de seus dedos.

Não. A magia tinha sido esvaziada, ainda pairava perto do esgotamento.

Mas Aelin deu um passo à frente, esbarrando em Manon com a lateral do corpo ao passar... forçando a bruxa a recuar. Ela sorriu.

— Quer dançar, Maeve?

Então Aelin lançou um olhar lancinante por cima do ombro para a bruxa, como se dissesse: *Corra. Pegue Elide assim que a guarda de Maeve baixar e corra.*

A rainha feérica devolveu o sorriso.

— Não creio que seja uma parceira de dança adequada no momento. Não quando sua magia está quase esgotada. Acha que minha chegada dependeu apenas do chamado de Lorcan? Quem você pensa que sussurrou para Morath a respeito de sua vinda? É claro que os tolos não perceberam que, depois de a terem drenado com seus exércitos, eu estaria à espera. Você já estava exausta após apagar os incêndios que fiz minha armada acender para atraí-la à costa de Eyllwe. Então Lorcan ter dado sua localização exata foi conveniente e me poupou a energia de rastreá-la por conta própria.

Uma armadilha. Uma grande e maliciosa armadilha. Para drenar o poder de Aelin ao longo de dias... semanas. Mas ela ergueu uma sobrancelha.

— Trouxe uma armada inteira apenas para começar alguns incêndios?

— Trouxe uma armada para ver se você enfrentaria o desafio. O que aparentemente o príncipe Rowan fez.

Esperança subiu pelo peito de Elide, mas então Maeve disse:

— A armada foi uma precaução. Apenas para o caso de os ilken não serem o suficiente para drená-la por completo... Imaginei que algumas centenas de navios

dariam um bom combustível até que eu estivesse pronta.

Sacrificar a própria frota — ou parte dela — para adquirir um prêmio... Aquilo era loucura. A rainha estava completamente louca.

— Façam algo — sibilou Elide para Lorcan e Manon. — *Façam algo*.

Nenhum deles respondeu.

As chamas ao redor dos dedos de Aelin aumentaram e lhe envolveram a mão... então o braço quando ela comentou:

— Só ouço um monte de blá-blá-blá.

Maeve olhou para a escolta, que se afastou. Puxando Elide consigo, ainda com a lâmina em seu pescoço.

— *Saia do alcance* — disse Aelin a Manon, em tom afiado.

A bruxa recuou, mas estava de olho no guarda que segurava Elide, sorvendo cada detalhe que conseguia.

— Não pode esperar vencer — declarou Maeve, como se estivessem prestes a jogar cartas.

— Pelos menos nos divertiremos até o fim — cantarolou Aelin de volta, com chamas cobrindo-a por completo.

— Ah, não tenho interesse algum em matá-la — ronronou a rainha imortal.

Então houve uma explosão.

Chamas dispararam, vermelhas e douradas; no momento em que uma muralha de escuridão foi lançada contra Aelin.

O impacto estremeceu o mundo.

Até mesmo Manon foi jogada de bunda no chão.

Mas Lorcan já se movia.

O guarda que segurava Elide cobriu os cabelos da jovem com sangue ao ter o pescoço cortado por Lorcan.

Os dois guardas atrás dele morreram com um machado no rosto, um após o outro. Elide se levantou, a perna reclamando de dor, e correu para Manon por puro instinto cego, mas o guerreiro a segurou pelo colarinho da túnica.

— *Tola idiota* — disparou ele, e Elide o arranhou...

— Lorcan, segure a garota — ordenou Maeve, calmamente, sem sequer olhar em sua direção. — Não tenha nenhuma ideia idiota a respeito de fugir com ela. — O semifeérico ficou completamente imóvel, segurando-a mais forte.

Aelin e Maeve atacaram de novo.

Luz e escuridão.

Areia desceu as dunas aos tremores; as ondas avançaram.

Apenas agora; Maeve só ousara atacar agora.

Porque Aelin com a força completa...

Podia vencê-la.

Mas quase sem magia...

— Por favor — suplicou Elide a Lorcan, que a segurava com força, escravo da ordem de Maeve, um olho nas rainhas que lutavam e o outro na escolta que não era tola o bastante para se aproximar depois de testemunhar o que ele fizera aos companheiros.

— Corra — disse o guerreiro ao ouvido da jovem. — Se quiser viver, *corra*, Elide. Me afaste, dê um jeito de contornar o comando de Maeve. Me empurre e *corra*.

Ela não faria aquilo. Preferiria morrer a fugir como uma covarde, não quando Aelin lutava por todos eles, quando...

A escuridão devorou as chamas.

E mesmo Manon encolheu o corpo conforme Aelin foi jogada para trás.

Uma parede de chamas fina como papel evitou que a escuridão atingisse o alvo. Uma parede que tremeluziu...

Ajuda. Precisavam de ajuda...

Maeve disparou o poder para a esquerda, e Aelin ergueu uma das mãos, defendendo-se com fogo.

Mas não viu o golpe à direita. Elide gritou em aviso, porém tarde demais.

Um chicote de escuridão a cortou.

Ela caiu.

E Elide imaginou que o impacto dos joelhos de Aelin Galathynius atingindo a areia talvez fosse o som mais terrível que jamais ouvira.

Maeve não desperdiçou a vantagem.

Escuridão jorrou ao chão, golpeando de novo e de novo. Aelin desviava, mas foi atingida.

Não havia nada que Elide pudesse fazer enquanto sua rainha gritava.

Enquanto o poder sombrio e antigo a atingia como um martelo sobre uma bigorna.

Elide implorou a Manon, apenas a poucos metros:

— Faça algo.

A bruxa a ignorou, estava com os olhos fixos na batalha adiante.

Aelin rastejou para trás, com sangue escorrendo da narina direita. Pingando na camisa branca.

Maeve avançou, e a escuridão rodopiou em torno da feérica, como um vento cruel.

Aelin tentou se levantar.

Tentou, mas as pernas tinham desistido. A rainha de Terrasen ofegava enquanto fogo tremeluzia ao seu redor, como brasas se extinguindo.

A rainha feérica apontou com um dedo.

Um chicote preto, mais rápido que o fogo de Aelin, disparou. Enroscou-se na garganta da jovem. Ela o agarrou, debatendo-se, os dentes expostos conforme chamas disparavam diversas vezes.

— Por que não usa as chaves, Aelin? — ronronou Maeve. — Certamente venceria dessa forma.

Use-as, implorou Elide. *Use-as.*

Mas ela não as usou.

O espiral de escuridão se enroscou no pescoço de Aelin.

Chamas irromperam e se extinguiram.

Então a escuridão se expandiu, envolvendo-a de novo e apertando com força, apertando até que ela estivesse gritando, gritando de uma forma que Elide sabia que significava dor insuportável...

Um grunhido baixo e cruel surgiu, o único aviso quando um imenso lobo saltou pela vegetação litorânea e se transformou. Fenrys.

Um segundo depois, um leão da montanha avançou por cima de uma duna, vendo a cena e se transformando também. Gavriel.

— Solte-a — grunhiu Fenrys para a rainha sombria, dando um passo. — Solte-a *agora.*

Maeve se virou, com aquela escuridão ainda segurando Aelin.

— Olhe quem finalmente chegou. Outro grupo de traidores. — Ela alisou um vinco no vestido esvoaçante. — Que esforço corajoso, Fenrys, atrasando sua chegada nesta praia ao máximo, pelo tempo quanto conseguiu ignorar meu chamado. — A rainha feérica emitiu um estalo com a língua. — Gostou de bancar o súdito leal enquanto babava na jovem Rainha do Fogo?

Como se em resposta, a escuridão apertou com força... e Aelin gritou de novo.

— *Pare* — disparou ele.

— Maeve, por favor — pediu Gavriel, expondo as palmas das mãos para ela.

— Maeve? — cantarolou ela. — Nada de Majestade? Será que o Leão ficou um pouco selvagem? Talvez tenha passado tempo demais com seu bastardo mestiço perdido pelo mundo?

— Deixe-o fora disso — retrucou Gavriel, baixo demais.

Mas Maeve permitiu que a escuridão em torno de Aelin se abrisse.

Ela estava enroscada de lado, sangrando das duas narinas, e havia mais sangue escorrendo da boca ofegante.

Fenrys correu até ela. Uma muralha de preto se ergueu entre os dois.

— Acho que não — cantarolou a rainha sombria.

Aelin arquejou para tomar fôlego, os olhos pareciam vítreos de dor. Olhos que deslizaram para os de Elide. A boca ensanguentada e rachada formou a palavra de novo. *Corra.*

Ela não faria isso. Não podia.

Os braços tremeram quando ela tentou se levantar. E Elide percebeu que não restava magia alguma.

Não havia nenhum fogo na rainha. Nenhuma brasa.

E a única forma de conseguir encarar aquilo, de aceitar aquilo, seria morrer lutando. Como fizera Marion.

Os fôlegos úmidos e irregulares de Aelin eram o único som acima do quebrar das ondas atrás deles. Mesmo a batalha ficara silenciosa ao longe. Terminara... ou talvez estivessem todos mortos.

Manon ainda estava de pé ali. Ainda imóvel.

— Por favor. *Por favor* — implorou Elide a ela.

Maeve sorriu para a bruxa.

— Não tenho desavenças com você, Bico Negro. Fique longe disso e está livre para ir aonde quiser.

— *Por favor* — suplicava a jovem.

Os olhos dourados de Manon estavam severos. Frios. Ela assentiu para Maeve.

— De acordo.

Algo no peito de Elide se partiu.

No entanto, do outro lado do círculo, Gavriel pediu:

— Majestade, por favor. Deixe Aelin Galathynius com a guerra dela aqui. E nos deixe voltar para casa.

— Casa? — perguntou Maeve. A parede negra entre Fenrys e Aelin desceu, mas o

guerreiro não tentou atravessar. Apenas a encarou, encarou daquela forma que a própria Elide devia estar fitando. Fenrys não desviou o olhar até que Maeve dissesse a Gavriel: — Doranelle ainda é seu lar?

— Sim, Majestade — respondeu ele, com calma. — É uma honra chamá-la assim.

— Honra... — ponderou Maeve. — Sim, você e a honra caminham lado a lado, não é? Mas e quanto à honra de seu juramento, Gavriel?

— Mantive meu juramento a você.

— Eu não ordenei que executasse Lorcan ao vê-lo?

— Houve... circunstâncias que impediram que isso acontecesse. Nós tentamos.

— Mas falharam. Não devo disciplinar aqueles que estão jurados a mim e me falham?

Ele abaixou a cabeça.

— É claro... aceitaremos isso. E também aceitarei a punição que pretendia aplicar a Aelin Galathynius.

Aelin ergueu levemente a cabeça, os olhos vítreos se arregalaram. Ela tentou falar, mas as palavras lhe tinham sido tiradas, a voz ficara destruída de tanto gritar. Elide sabia qual palavra a rainha proferia. *Não.*

Não era só por ela. Elide se perguntou se o sacrifício de Gavriel não seria também pelo bem de Aedion, e não somente pelo de Aelin. Para que o filho não precisasse carregar a dor de ver sua rainha ferida...

— Aelin Galathynius — refletiu Maeve. — Tanta conversa sobre Aelin Galathynius. A Rainha Que Foi Prometida. Bem, Gavriel — um sorriso cruel —, se está tão envolvido com a corte de Aelin, por que não se junta a eles?

Fenrys ficou tenso, preparando-se para saltar diante do poder sombrio pelo amigo.

Mas então Maeve disse:

— Desfaço o juramento de sangue com você, Gavriel. Sem honra, sem boa-fé. Está dispensado de meus serviços e desprovido do título.

— Sua *vadia* — disparou Fenrys quando o fôlego de Gavriel ficou irregular.

— Majestade, por favor... — sibilou o Leão, tocando o braço com a mão conforme garras invisíveis desenhavam duas linhas em sua pele, derramando sangue na grama. Uma marca semelhante surgiu no braço de Maeve, o sangue da rainha escorreu.

— Está feito — declarou ela, simplesmente. — Que o mundo saiba que você, um macho não tem honra nenhuma. Que traiu sua rainha por outra, por seu bastardo.

O guerreiro cambaleou para trás, em seguida desabou na areia, com uma das mãos

sobre o peito. Fenrys grunhiu com o rosto mais lupino que feérico, mas Maeve riu baixinho.

— Ah, gostaria que eu fizesse o mesmo, não é, Fenrys? Mas qual punição seria maior para aquele que é meu traidor na própria alma que me servir para sempre?

Ele sibilou, a respiração saía irregular, e Elide se perguntou se saltaria sobre a rainha e tentaria matá-la.

Então Maeve se virou para Aelin e ordenou:

— Levante-se.

Ela tentou. O corpo lhe falhou.

Maeve emitiu um estalo com a língua, e uma invisível mão colocou a jovem de pé. A visão anuviada pela dor ficou nítida, depois se encheu de ódio frio ao observar a rainha que se aproximava.

Uma assassina, lembrou-se Elide. Aelin era uma *assassina*, e se Maeve se aproximasse o bastante...

Mas ela não se aproximou. E aquelas mãos invisíveis cortaram as amarras dos cintos de espadas de Aelin. Goldryn caiu no chão com um ruído. Então adagas escorregaram das bainhas.

— Tantas armas — contemplou a rainha sombriamente, conforme as mãos invisíveis desarmaram Aelin com eficiência brutal. Mesmo lâminas ocultas sob roupas encontraram o caminho, cortando enquanto saíam. Sangue brotava sob a camisa e a calça da jovem. Por que estava de pé ali...

Reunindo forças. Para um último golpe. Uma última resistência.

Que a rainha acreditasse que ela estava quebrada.

— Por quê? — indagou Aelin, a voz rouca. Ganhando tempo para si.

Maeve tocou uma adaga caída com o dedão do pé, a lâmina estava suja com o sangue da jovem.

— Por que sequer me incomodar com você? Porque não posso deixar que se sacrifique para forjar um novo Fecho, não é mesmo? Não quando já tem o que quero. E sei há muito, muito tempo que você vai me dar o que procuro, Aelin Galathynius, e tomei precauções para garantir isso.

— O quê? — sussurrou ela.

— Ainda não entendeu? — rebateu Maeve. — Por que eu queria que sua mãe trouxesse você para mim, por que exigi tais coisas de você na última primavera?

Nenhum deles ousou se mover.

A rainha feérica riu com escárnio, um som delicado e feminino de triunfo.

— Brannon roubou as chaves de mim depois que eu as tomei dos valg. Eram minhas e ele as pegou. Então acasalou com aquela sua deusa, levando o fogo para a linhagem, certificando-se de que eu pensaria duas vezes antes de tocar sua terra, seus herdeiros. Mas todas as linhagens se extinguem. E eu sabia que viria o momento em que as chamas de Brannon se reduziriam a faíscas, e eu estaria pronta para atacar.

Aelin se apoiou contra as mãos que a mantinham erguida.

— Mas, em meu poder sombrio, vi um lampejo do futuro. Vi que o poder de Mala surgiria de novo. E que você me levaria às chaves. Apenas você, aquela para quem Brannon deixou pistas, aquela que podia encontrar todas as três chaves. E vi quem era, o que era. Vi quem amava. Vi seu parceiro.

A brisa do mar sibilando pela grama era o único som.

— Que centro de poder vocês dois seriam, você e o príncipe Rowan. E qualquer filho dessa união... — Um sorriso cruel. — Vocês poderiam governar este continente se quisessem. Mas seus filhos... seus filhos seriam poderosos o suficiente para governar todo um império que poderia varrer o mundo.

Aelin fechou os olhos. Os machos feéricos estavam balançando a cabeça devagar... incrédulos.

— Eu não sabia quando *você* nasceria, mas quando o príncipe Rowan Whitethorn veio a este mundo, quando atingiu a maioridade e se tornou o macho feérico de sangue puro mais forte de meu reino... você ainda não havia chegado. E eu sabia o que precisaria fazer. Para aprisioná-la. Para dobrá-la à minha vontade, para que entregasse as chaves sem nem pensar depois que fosse forte e treinada o bastante para adquiri-las.

Os ombros de Aelin estremeceram. Lágrimas escorreram pelos olhos fechados.

— Foi tão fácil puxar o fio psíquico certo naquele dia em que Rowan viu Lyria no mercado. Empurrá-lo para aquele outro caminho, enganar aqueles instintos. Uma leve alteração do destino.

— Pelos deuses — sussurrou Fenrys.

— Então seu parceiro foi entregue a outra — prosseguiu Maeve. — E deixei que se apaixonasse, deixei que fizesse um filho nela. E então o quebrei. Ninguém jamais perguntou como aquelas forças inimigas passaram pelo lar de Rowan na montanha.

Os joelhos de Aelin cederam completamente. Apenas as mãos invisíveis a mantinham de pé enquanto ela chorava.

— Ele aceitou o juramento de sangue sem questionar. E eu sabia que quando você

nascesse, quando atingisse a maioridade... me certificaria de que seus caminhos se cruzassem, e olhariam uma vez um para o outro, e eu a teria pelo pescoço. O que quer que pedisse, você me daria. Até mesmo as chaves. Por seu parceiro, não poderia fazer menos. Quase o fez naquele dia em Doranelle.

Devagar, Aelin apoiou os pés de novo, o movimento foi tão doloroso que Elide se encolheu. Mas ela ergueu a cabeça, afastando o lábio dos dentes.

— Vou *matá-la* — grunhiu Aelin para a rainha feérica.

— Foi o que disse a Rowan depois que o conheceu, não foi? — O leve sorriso permanecia. — Eu insisti e insisti e insisti para que sua mãe a levasse para mim, para que você pudesse conhecê-lo, para que eu pudesse tê-la por fim, quando Rowan sentisse a ligação, mas ela se recusou. E sabemos como aquilo acabou para sua mãe. E durante aqueles dez anos seguintes, eu sabia que você estava viva. Em algum lugar. Mas... quando *você* veio até *mim*... quando você e seu parceiro se olharam apenas com ódio nos olhos... Admito que não tinha antecipado aquilo. Que eu havia quebrado Rowan Whitethorn tão profundamente que ele não reconheceu a própria parceira, que você estava tão destruída por sua dor que não reparou também. E quando os sinais surgiram, o laço *carranam* afastou qualquer suspeita da parte de Rowan de que você pudesse pertencer a ele. Mas não de sua parte. Há quanto tempo sabe que ele é seu parceiro, Aelin?

A jovem não disse nada, os olhos fervilhavam com ódio, luto e desespero.

— Deixe-a em paz — sussurrou Elide. A mão de Lorcan sobre ela se apertou em aviso.

Maeve a ignorou.

— Bem? Quando soube?

— No templo de Temis — admitiu Aelin, olhando para Manon. — Assim que a flecha lhe perfurou o ombro. Há meses.

— E escondeu isso, sem dúvida para salvá-lo de qualquer culpa com relação a Lyria, qualquer tipo de pesar emocional... — Maeve emitiu um estalo com a língua. — Que mentirosinha nobre você é.

Aelin encarou o nada, com olhos inexpressivos.

— Eu tinha planejado para que ele estivesse aqui também — comentou a rainha sombria, franzindo a testa para o horizonte. — Afinal, permiti que vocês dois partissem naquele dia em Doranelle para que pudessem me levar até as chaves de novo. Até mesmo a deixei pensar que conseguira libertá-lo sem consequências. Nunca

percebeu que eu havia *libertado* vocês. Mas... se Rowan não está aqui... Darei um jeito sem ele.

Aelin enrijeceu o corpo. Fenrys grunhiu em aviso.

Maeve deu de ombros.

— Se serve de consolo, Aelin, você teria tido mil anos com o príncipe Rowan. Até mais que isso.

O mundo ficou mais lento, e Elide conseguiu ouvir o próprio sangue rugindo nas orelhas quando a rainha imortal disse:

— A linhagem de minha irmã Mab age como esperado. Dá poderes completos, habilidades de transformação e a imortalidade dos feéricos. Você provavelmente está a cerca de cinco anos de se Estabilizar.

O rosto de Aelin se desfez. Aquilo não era uma exaustão de magia e força física, mas de espírito.

— Talvez celebremos sua Estabilização juntas — ponderou Maeve. — Pois certamente não tenho planos de desperdiçar você naquele Fecho. Desperdiçar as chaves quando seu propósito é que sejam *usadas*, Aelin.

— Maeve, por favor — sussurrou Fenrys.

A rainha examinou as unhas imaculadas.

— O que acho realmente interessante é que parece que nem mesmo precisava que fosse parceira de Rowan. Nem mesmo precisava quebrá-lo. Ao menos foi um experimento fascinante de meus poderes. Mas como duvido de que vá por vontade própria, não sem tentar morrer primeiro, deixarei que tenha uma escolha.

Aelin parecia se preparar ao ver Maeve erguer uma das mãos e dizer:

— Cairn.

Os machos ficaram rígidos. Lorcan se tornou quase feral com Elide, sutilmente tentando arrastá-la para trás, tentando contornar a ordem que recebera.

Um guerreiro bonito, de cabelos castanhos, saiu do aglomerado da escolta e caminhou na direção deles. Bonito, não fosse pela crueldade sádica que cantava nos olhos azuis. Se não fosse pelas lâminas nas laterais do corpo, o chicote enroscado de um lado do quadril, o sorriso de escárnio. Elide vira aquele sorriso antes... no rosto de Vernon. Em tantos rostos em Morath.

— Permita-me apresentar o mais novo membro de minha equipe, como gosta de chamá-los. Cairn, conheça Aelin Galathynius.

O guerreiro passou para o lado de sua rainha. E o olhar que deu à rainha de Elide

fez o estômago da jovem se revirar. *Sádico*; sim, era a palavra para ele, sem que Cairn sequer dissesse nada.

— Cairn — continuou Maeve — é treinado em habilidades que vocês dois têm em comum. É claro que você teve apenas poucos anos para aprender a arte da tortura, mas... talvez ele possa ensinar algumas das coisas que aprendeu durante os séculos de prática.

Fenrys estava pálido de ódio.

— Maeve, *estou implorando*...

A escuridão se chocou contra ele, empurrando-o de joelhos, forçando a cabeça do guerreiro contra a terra.

— *Basta* — sibilou Maeve.

Ela sorria de novo ao se virar para Aelin.

— Eu disse que você tem uma escolha. E tem. Ou vem voluntariamente comigo e se familiariza com Cairn, ou...

Aqueles olhos se voltaram para Lorcan. Para Elide.

E o coração de Elide parou quando Maeve falou:

— Ou levo você mesmo assim... e trago Elide Lochan conosco. Tenho certeza de que ela e Cairn se entenderão muito bem.

72

O corpo de Aelin doía.

Tudo doía. O sangue, a respiração, os ossos.

Não restava nenhuma magia. Não restava nada para salvá-la.

— Não — disse Lorcan, baixinho.

O simples ato de virar a cabeça lhe irradiava dor pela espinha. Mas Aelin olhou para Elide, para Lorcan, forçado a segurá-la, cujo rosto estava branco com puro terror enquanto olhava entre Cairn e Maeve e Elide. Manon fazia o mesmo; mensurava as chances, o quão rápida precisaria ser para limpar a área.

Que bom. Que bom... Manon tiraria Elide dali. A bruxa estivera esperando que Aelin agisse, sem perceber que... ela não tinha mais nada. Não restava poder para um golpe final.

E aquele poder sombrio ainda estava enroscado em torno de seus ossos, tão apertado que um movimento de agressão... um movimento... e os ossos se partiriam.

— Não a quê, Lorcan? — disse Maeve. — Elide Lochan vir conosco caso Aelin decida começar um confronto, ou minha generosa oferta de deixá-la em paz se Sua Majestade vier de boa vontade?

Um olhar para o guerreiro feérico de cabelos castanhos — Cairn — de pé ao lado de Maeve, e Aelin soubera o que ele era. Matara muitos deles ao longo dos anos. Passara tempo com Rourke Farran. O que ele faria com Elide... Lorcan também sabia o que um macho como Cairn faria com uma jovem. E sendo sancionado pela própria Maeve...

— Ela é inocente. Leve a rainha e nos deixe ir — respondeu Lorcan.

Manon até mesmo se irritou com Maeve:

— Ela pertence às Dentes de Ferro. Se não tem problemas comigo, então não tem problemas com ela. Deixe Elide Lochan fora disso.

A rainha sombria a ignorou e soltou para Lorcan:

— Ordeno que fique fora disso. Ordeno que observe sem fazer nada. Ordeno que não se mova ou fale até que eu dê permissão. A ordem se aplica a você também, Fenrys.

E Lorcan obedeceu. Assim como Fenrys. Os corpos simplesmente enrijeceram... e então nada.

Elide se virou para implorar ao guerreiro:

— Pode impedir isso, pode combater isso...

Ele nem mesmo olhou para a jovem.

Aelin sabia que Elide lutaria. Que não entenderia que Maeve estava naquele jogo havia séculos e que tinha esperado até aquele momento, até que a armadilha fosse perfeita, para tomá-la.

A rainha de Terrasen notou que Maeve sorria para ela. Tinha jogado, e apostado, e perdido.

Maeve assentia como se dissesse sim.

A questão não dita dançava nos olhos de Aelin enquanto Elide gritava com Lorcan e com Manon para que ajudassem. Mas a bruxa conhecia suas ordens. Sua tarefa.

A rainha feérica leu a pergunta no rosto de Aelin e falou:

— Terei as chave em uma das mãos e Aelin Portadora do Fogo na outra.

Precisaria quebrá-la primeiro. Matá-la ou quebrar...

Cairn sorriu.

A escolta puxava algo do bote longo que tinham remado desde o navio até a praia. As velas pretas da embarcação ao mar já se desenrolavam.

Elide encarou Maeve, que sequer olhou em sua direção.

— Por favor, por favor...

Aelin apenas assentiu para a rainha feérica. Sua aceitação e rendição.

Maeve fez uma reverência com a cabeça, triunfo dançando nos lábios vermelhos.

— Lorcan, solte-a.

As mãos do guerreiro ficaram inertes ao lado do corpo.

E, porque tinha vencido, ela até mesmo afrouxou o poder sobre os ossos de Aelin, permitindo que a jovem se virasse para Elide e dissesse:

— Vá com Manon. Ela cuidará de você.

Elide começou a chorar, afastando-se de Lorcan.

— Irei com você, vou com você...

A garota iria. A garota enfrentaria Cairn e Maeve... Mas Terrasen precisaria daquele tipo de coragem. Se fosse para sobreviver, se fosse para se refazer, Terrasen precisaria de Elide Lochan.

— Diga aos demais — sussurrou Aelin, tentando encontrar as palavras certas. — Diga aos demais que sinto muito. Diga a Lysandra que se lembre da promessa e que jamais deixarei de me sentir grata. Diga a Aedion... Diga que não é culpa dele e que... — A voz falhou. — Queria que ele pudesse ter feito o juramento, mas que Terrasen olhará para ele agora e a linha não deve se partir.

Elide assentiu, com lágrimas escorrendo pelo rosto manchado de sangue.

— E diga a Rowan...

A alma se partiu quando ela viu a caixa de ferro que a escolta carregava. Um antigo caixão de ferro. Grande o bastante para uma pessoa. Feito para ela.

— E diga a Rowan — repetiu Aelin, lutando contra o próprio choro — que sinto muito por ter mentido. Mas diga a ele que era tudo tempo emprestado. Até antes de hoje, eu sabia que era apenas tempo emprestado, mas ainda queria que tivéssemos tido mais. — A jovem lutou para continuar apesar da boca trêmula. — Diga a ele que precisa lutar. Ele *precisa* salvar Terrasen, e para lembrar-se dos votos que fez a mim. E diga a ele... Diga obrigada... por caminhar comigo por aquele sombrio caminho de volta à luz.

Eles abriram a tampa da caixa, tirando de dentro longas correntes pesadas.

Um dos membros da escolta entregou uma máscara de ferro ornamentada a Maeve, que examinou o objeto nas mãos.

A máscara, as correntes, a caixa... tinham sido feitas muito antes daquele momento. Séculos antes. Forjadas para conter e destruir o herdeiro de Mala.

Aelin olhou para Lorcan cujos olhos pretos estavam fixos nos dela.

E havia gratidão brilhando ali. Por poupar a jovem para quem dera o coração, soubesse o guerreiro ou não.

— Não faça isso — implorou Elide uma última vez.

Aelin sabia que não adiantaria, então disse à jovem:

— Fico feliz por termos nos reencontrado. Tenho orgulho de conhecê-la. E acho que sua mãe teria ficado orgulhosa também, Elide.

Maeve abaixou a máscara e falou para Aelin:

— De acordo com boatos, você não se curva a ninguém, Herdeira do Fogo. —

Aquele sorriso viperino. — Bem, agora se curvará a mim.

Ela apontou para a areia.

A rainha de Terrasen obedeceu.

Os joelhos reclamaram ao descerem até o chão.

— Mais baixo.

Aelin deslizou o corpo até estar com a testa na areia. Mas não se permitiu sentir aquilo, não permitiu que a alma sentisse aquilo.

— Que bom.

Elide estava soluçando, suplicando sem proferir nada.

— Tire a camisa.

Aelin hesitou... percebendo o que ia acontecer.

Por que o cinto de Cairn levava um chicote.

— Tire a camisa.

Ela puxou a camisa da calça e a passou por cima da cabeça, atirando-a ao lado na areia. Então retirou o tecido flexível em torno dos seios.

— Varik, Heiron. — Dois machos feéricos se adiantaram.

Aelin não protestou quando cada um a segurou por um braço e a levantou. Eles lhe abriram os braços. A maresia beijou os seios e o umbigo expostos.

— Dez chibatadas, Cairn. Deixe que Sua Majestade experimente o que deve esperar quando chegarmos a nosso destino, se não cooperar.

— Será meu prazer, milady.

Aelin fitou o olhar cruel de Cairn, desejando que o sangue esfriasse conforme o guerreiro liberava o chicote. Conforme percorria seu corpo com os olhos e sorria. Uma tela para que pintasse com sangue e dor.

Com a máscara pendendo dos dedos, Maeve disse:

— Por que não conta o número de chibatadas para nós, Aelin?

A jovem manteve a boca fechada.

— Conte, ou recomeçaremos a cada chibatada que perder. Você decide por quanto tempo isso irá durar. A não ser que prefira que Elide Lochan as receba.

Não. Nunca.

Jamais outra pessoa que não ela. *Nunca.*

Mas ao ver Cairn caminhar devagar, saboreando cada passo, ao ver aquele chicote se arrastando pelo chão, Aelin sentiu que o corpo a traiu. E começou a tremer.

Ela conhecia a dor. Sabia qual seria a sensação, qual seria o som.

Seus sonhos ainda eram povoados por aquilo.

Sem dúvida por isso Maeve escolhera um açoite, por isso açoitara Rowan em Doranelle.

Cairn parou. Aelin percebeu que ele estudava a tatuagem em suas costas. As palavras de amor de Rowan, escritas ali no velho idioma.

O feérico riu com escárnio. Então ela o sentiu se deleitar com o fato de que destruiria aquela tatuagem.

— Comece — ordenou Maeve.

Ele inspirou.

E mesmo ao se preparar, mesmo contendo-se com força, não havia nada que pudesse prepará-la para o estalo, o ardor, a dor. Aelin não se permitiu gritar, apenas sibilou com os dentes trincados.

Um chicote empunhado por um capataz em Endovier era uma coisa.

Um empunhado por um macho feérico de puro sangue...

Sangue escorreu pela parte de trás da calça; a pele aberta urrava.

Mas a jovem sabia como se controlar. Como ceder à dor. Como aceitá-la.

— Que número foi esse, Aelin?

Ela não o faria. *Jamais* contaria para aquela *vadia* desgraçada...

— Comece de novo, Cairn — mandou Maeve.

Uma gargalhada rouca. Então o estalo e a dor, e Aelin arqueou as costas, os tendões no pescoço quase se partiram quando ela ofegou entre os dentes trincados. Os machos que a seguravam faziam força o suficiente para causar hematomas.

Maeve e Cairn esperaram.

Aelin se recusou a dizer uma palavra. A começar a contagem. Morreria antes de fazer aquilo.

— Pelos deuses, pelos deuses — soluçava Elide.

— Comece de novo — ordenou Maeve, simplesmente, acima da voz da garota.

E Cairn obedeceu.

De novo.

De novo.

De novo.

Eles recomeçaram nove vezes antes de Aelin finalmente gritar. O golpe acertara bem em cima de outro, rasgando a pele até o osso.

De novo.

De novo.

De novo.

De novo.

Cairn estava ofegante. Aelin se recusava a falar.

— Comece de novo — repetiu Maeve.

— Majestade — murmurou um dos machos que a segurava. — Talvez seja prudente adiar até mais tarde.

— Ainda tem bastante pele — disparou o torturador.

Mas o macho retrucou:

— Outros se aproximam, ainda estão longe, mas se aproximam.

Rowan.

Aelin chorou então. Tempo — tinha precisado de *tempo*...

Maeve fez um barulhinho de desprazer.

— Continuaremos mais tarde. Arrume-a.

Aelin mal conseguiu levantar a cabeça quando os machos a puxaram para cima. O movimento fez o corpo rugir com tanta dor que a escuridão a invadiu. Mas ela lutou contra aquilo, trincou os dentes e silenciosamente rugiu de volta para aquela agonia, aquela escuridão.

A alguns metros de distância, Elide caiu de joelhos como se fosse implorar até que o corpo cedesse, mas Manon a pegou.

— Vamos — disse a bruxa, puxando-a para longe, para o continente.

— Não — disparou ela, debatendo-se.

Os olhos de Lorcan se arregalaram, mas com o comando de Maeve, ele não podia se mover; portanto, não pôde fazer nada ao ver Manon bater com o cabo de Ceifadora do Vento contra a lateral da cabeça de Elide.

A garota caiu como uma pedra. Foi só o que a bruxa precisou para jogá-la por cima de um ombro e dizer a Maeve:

— Boa sorte. — Os olhos desviaram para os de Aelin uma vez, apenas uma vez. Então ela virou o rosto.

Maeve a ignorou conforme Manon caminhou na direção do coração do pântano. O corpo de Lorcan ficou tenso.

Tenso... como se estivesse lutando contra o juramento de sangue com tudo dentro de si.

Aelin não se importava.

Os machos praticamente a arrastaram até Maeve.

Até a caixa de ferro. E as correntes. E a máscara de ferro.

Redemoinhos de fogo, pequenos sóis e brasas tinham sido desenhados na superfície escura. Um deboche do poder que deveria conter; o poder que Maeve precisara se certificar de estar totalmente esgotado antes de trancafiá-la. A única forma de conseguir trancafiá-la.

Cada centímetro que os pés eram arrastados pela areia eram como uma vida; cada centímetro era como uma batida de coração. Sangue ensopava a calça de Aelin. Ela provavelmente não poderia curar os ferimentos dentro de todo aquele ferro. Não até que a própria Maeve decidisse curá-los.

Mas a rainha feérica não a deixaria morrer. Não com as chaves de Wyrd em jogo. Ainda não.

Tempo; ela se sentia grata por Elena ter lhe dado aquele tempo roubado.

Grata porque tinha conhecido todos eles, porque tinha visto alguma pequena parte do mundo, ouvira músicas belas, dançara e rira e conhecera amizade verdadeira. Grata por ter encontrado Rowan.

Ela se sentia grata.

Então Aelin Galathynius secou as lágrimas.

E não protestou quando Maeve prendeu aquela linda máscara de ferro sobre seu rosto.

73

Manon continuou andando.

Não ousou olhar para trás. Não ousou dar àquela rainha antiga, de olhos frios, um indício de que Aelin não possuía as chaves de Wyrd. De que ela as colocara no bolso de Manon quando esbarrara nela. Elide a odiaria por aquilo; já a odiava por aquilo.

Que aquele fosse o custo.

Um olhar de Aelin e a bruxa soubera o que precisava fazer.

Levar as chaves para longe de Maeve. Levar Elide para longe.

Tinha forjado uma caixa de ferro para conter a rainha de Terrasen.

Elide se agitou, recobrando a consciência por fim, exatamente quando estavam quase fora do alcance da audição. Ela começou a se debater, e Manon as jogou atrás de uma duna, segurando-a na nuca com tanta força que a jovem ficou imóvel ao sentir as unhas de ferro penetrando a pele.

— Silêncio — sibilou Manon, e Elide obedeceu.

Mantendo-se abaixadas, elas olharam pela vegetação. Apenas um momento — podia gastar apenas um momento para observar, para ter um vislumbre de para onde Maeve levaria a rainha de Terrasen.

Lorcan permanecia congelado como Maeve comandara. Gavriel mal estava consciente, ofegando na grama, como se romper aquele juramento de sangue tivesse sido tão grave quanto um ferimento físico.

Fenrys; os olhos de Fenrys estavam vivos com ódio enquanto ele observava Maeve e Cairn. Sangue cobria o chicote de Cairn, o qual ainda pendia da lateral do corpo do macho conforme os soldados de Maeve terminavam de prender aquela máscara no rosto de Aelin.

Então fecharam correntes de ferro em torno de seus pulsos.

Dos tornozelos.

Do pescoço.

Ninguém curou as costas destruídas, que mal passavam de um pedaço de carne ensanguentado, ao levarem Aelin para a caixa de ferro. E a fazerem se deitar sobre os ferimentos.

Então deslizaram a tampa para o lugar. E a trancaram.

Elide vomitou na grama.

Manon colocou a mão nas costas da garota quando os machos começaram a carregar a caixa pelas dunas, até o barco e o navio além deste.

— Fenrys, vá — ordenou Maeve, apontando para o navio.

Com a respiração entrecortada, mas incapaz de recusar a ordem, Fenrys seguiu. Ele olhou uma vez para a camisa branca descartada na areia. Estava manchada de sangue; borrifos do açoite.

Então Fenrys foi, atravessando ar e vento e entrando no vazio.

Sozinha com Lorcan, Maeve perguntou:

— Fez tudo isso... por mim?

O guerreiro não se moveu.

— Fale — comandou ela.

Ele expirou, estremecendo, e respondeu:

— Sim. Sim, foi tudo para você. Tudo.

Elide agarrou a vegetação costeira em punhados, e Manon se perguntou se unhas de ferro nasceriam de repente e destruiriam a vegetação, considerando a fúria no rosto da jovem. O ódio.

Maeve pisou na camisa manchada de sangue e passou a mão pela bochecha de Lorcan.

— Não tenho o que fazer — cantarolou ela — com machos arrogantes que acham que sabem mais que eu.

Ele enrijeceu o corpo.

— Majestade...

— Eu o destituo do juramento de sangue. Eu o destituo de seus bens e seus títulos e suas propriedades. Você, como Gavriel, está liberado em desonra e vergonha. Está exilado de Doranelle por sua desobediência, sua traição. Se colocar os pés em minhas terras, morrerá.

— Majestade, eu imploro...

— Vá implorar a outro. Não tenho lugar para um guerreiro no qual não posso confiar. Retiro minha ordem de morte. Acho que deixá-lo viver com essa vergonha será muito pior.

Sangue se acumulou no pulso de Lorcan, então no de Maeve. Derramando-se no chão.

O guerreiro caiu de joelhos.

— Não tenho paciência para tolos — afirmou a rainha feérica, deixando-o na areia ao sair andando.

Como se tivesse sido golpeado, igual a Gavriel, Lorcan não parecia conseguir se mover, pensar ou respirar. Mas tentou rastejar. Na direção de Maeve. O desgraçado tentou rastejar.

— Precisamos ir — murmurou Manon. Assim que Maeve verificasse onde estavam aquelas chaves... Precisavam ir.

Um rugido soou no horizonte.

Abraxos.

O coração de Manon bateu forte no peito, alegria brilhou, mas...

Elide permanecia na grama. Observando Lorcan rastejar na direção da rainha que caminhava pela praia, com o vestido preto esvoaçante atrás de si.

Observando o bote remar até o navio que esperava, com aquele caixão de ferro no centro e a rainha sombria sentada ao lado, uma das mãos apoiada na tampa. Pela sanidade dela, Manon rezou para que Aelin não permanecesse acordada durante todo o tempo em que estivesse ali dentro.

E pelo bem do mundo, a bruxa rezou para que a rainha de Terrasen pudesse sobreviver àquilo.

Ao menos para que pudesse, então, morrer por todos.

74

Havia tanto sangue.

Tinha se espalhado para onde Lorcan estava ajoelhado, reluzindo forte enquanto encharcava a areia.

Cobria a camisa, que fora descartada e esquecida ao lado dele. Até mesmo manchava os estojos das espadas e das facas dela, jogadas ao redor como ossos.

O que Maeve tinha feito...

O que Aelin tinha feito...

Havia um buraco em seu peito.

E havia tanto sangue.

Asas e rugidos, e ele ainda não conseguia erguer o rosto. Não conseguia voltar a se importar.

A voz de Elide soou pelo mundo, dizendo a alguém:

— O navio... o navio simplesmente *sumiu*, ela partiu sem perceber que nós temos as...

Gritos de alegria... gritos femininos de felicidade.

Passos ágeis e estrondosos.

Então a mão de alguém lhe agarrou o cabelo, puxando a cabeça para trás conforme uma adaga era posicionada contra o pescoço. Conforme o rosto de Rowan, calmo com uma ira letal, surgia em seu campo visual.

— Onde está Aelin?

Havia puro pânico também... puro pânico quando Whitethorn viu o sangue, as lâminas espalhadas e a camisa.

— *Onde está Aelin*?

O que fizera, o que fizera...

Dor atravessou a garganta de Lorcan, sangue morno escorreu pelo pescoço e pelo peito.

— *Onde está minha esposa?* — sibilou Rowan.

Lorcan oscilou onde estava ajoelhado.

Esposa.

Esposa.

— Pelos deuses — soluçou Elide ao entreouvir, as palavras carregando o som do coração partido do próprio Lorcan. — Pelos deuses...

E, pela primeira vez em séculos, ele chorou.

Rowan enterrou a adaga mais profundamente no pescoço do guerreiro, mesmo enquanto lágrimas deslizavam pelo rosto de Lorcan.

O que aquela mulher tinha feito...

Aelin soubera. Que Lorcan a traíra e convocara Maeve até ali. Que estava vivendo de tempo emprestado.

E se casara com Whitethorn... para que Terrasen pudesse ter um rei. Talvez tivesse agido porque sabia que Lorcan já a havia traído, que Maeve estava a caminho.

E ele não a ajudara.

A esposa de Whitethorn.

Parceira.

Aelin deixara que a açoitassem e acorrentassem, fora voluntariamente com Maeve, para que Elide não caísse nas garras de Cairn. E fora tanto um sacrifício por Elide quanto um presente para Lorcan.

Ela se curvara diante de Maeve.

Por Elide.

— Por favor — suplicou Rowan, a voz falhando conforme aquela fúria calma se partia.

— Maeve a levou — explicou Manon, aproximando-se.

De onde estava ajoelhado perto deles, recuperando-se da dissolução do juramento de sangue, Gavriel disse, com a voz rouca:

— Ela usou o juramento para nos manter longe... para evitar que ajudássemos. Até mesmo Lorcan.

Rowan, mesmo assim, não tirou a faca do pescoço do semifeérico.

Lorcan estivera errado. Estivera tão errado.

E não conseguia se arrepender completamente, não se Elide estava a salvo, mas...

Aelin se recusara a contar. Cairn lançara a totalidade da força sobre ela com aquele chicote, e ela se recusara a dar a eles a satisfação de contar.

— Onde está o navio — indagou Aedion, então xingou ao ver a camisa ensanguentada. Ele pegou Goldryn, desesperadamente limpando com o casaco as manchas de sangue do estojo.

— Sumiu — disse Elide de novo. — Apenas... *sumiu*.

Whitethorn o encarou, havia agonia e desespero nos olhos. E Lorcan sussurrou:

— Desculpe.

Rowan soltou a faca e abriu o punho que agarrava o cabelo do antigo comandante. Cambaleando, recuou um passo. Na grama próxima, Dorian se ajoelhou ao lado de Gavriel, uma luz fraca brilhou em volta deles. Curando os ferimentos dos braços. Não havia nada a ser feito pelo ferimento que Maeve lhe causara na alma, que causara a Lorcan também, ao quebrar o juramento com tanta desonra.

Manon se aproximou, as bruxas a flanqueavam. Todos cheiraram o sangue. Uma de cabelos loiros xingou baixinho.

A Líder Alada contou a eles sobre o Fecho.

Sobre Elena. Sobre o custo que os deuses exigiram dela. Exigiram de Aelin.

Mas foi Elide quem então tomou a história, recostando-se contra Lysandra, que encarava o sangue e a camisa como se fossem um cadáver, e contou a eles o que acontecera naquelas dunas. O que Aelin tinha sacrificado.

Ela contou a Rowan que ele era o parceiro de Aelin. Contou sobre Lyria.

Contou a eles sobre o açoite, e a máscara, e a caixa.

Quando a jovem terminou, todos estavam em silêncio. E Lorcan apenas observou conforme Aedion se voltou para Lysandra e grunhiu:

— *Você sabia*.

A metamorfa não se encolheu.

— Ela me pediu... naquele dia no barco. Para ajudá-la. Ela me contou qual era o preço de que suspeitava para banir Erawan e restaurar as chaves. O que eu precisava fazer.

— O que *você* poderia... — grunhiu Aedion.

Lysandra ergueu o queixo.

— Aelin morreria para forjar o novo Fecho e selar as chaves no portão... para banir Erawan — sussurrou Rowan. — Mas ninguém saberia. Ninguém além de nós. Não

enquanto Lysandra usasse a pele de sua rainha pelo resto da vida.

Aedion passou a mão pelos cabelos empastelados de sangue.

— Mas qualquer filho com Rowan não se pareceria nada com...

O rosto da metamorfa era de súplica.

— Você consertaria isso, Aedion. Comigo.

Com os cabelos dourados, os olhos Ashryver... Se essa linhagem se multiplicasse fielmente, os filhos deles poderiam se passar por realeza. Aelin queria Rowan no trono, mas seria o primo secretamente gerando os herdeiros.

O general encolheu o corpo como se tivesse sido golpeado.

— E quando revelariam isso? Antes ou depois que eu achasse que estava levando minha maldita prima para a cama por qualquer motivo que tivessem maquinado?

— Não vou lhe pedir desculpas — falou Lysandra em voz baixa. — Eu sirvo a ela. E estou disposta a passar o resto da vida fingindo ser Aelin para que seu *sacrifício* não seja em vão...

— Vá para o inferno — disparou ele. — Pode *ir para o inferno, sua vadia mentirosa!*

O grunhido de resposta da metamorfa não foi humano.

Rowan apenas tirou Goldryn do general e caminhou na direção do mar, o vento soprando os cabelos prateados.

Lorcan ficou de pé, cambaleando de novo. Mas Elide estava ali.

E não havia nada do que ele passara a conhecer naquele rosto pálido e tenso. Nada da jovem na voz rouca que disse:

— Espero que passe o resto de sua vida miserável e imortal sofrendo. Espero que a passe sozinho. Espero que viva com arrependimento e culpa no coração e jamais encontre uma forma de superar.

Então ela seguiu para as Treze. Aquela de cabelos dourados estendeu um braço, e Elide passou por baixo, entrando em um santuário de asas e garras e dentes.

Lysandra disparou para cuidar de Gavriel, que teve o bom senso de não se encolher diante do rosto que ainda grunhia, e Lorcan olhou para Aedion e viu o jovem general o estudando.

Ódio brilhou nos olhos dele. Ódio puro.

— Mesmo antes de receber a ordem de não interferir, não fez nada para ajudá-la. Você convocou Maeve aqui. Jamais me esquecerei disso.

Depois ele seguiu para a praia... para onde Rowan estava ajoelhado na areia.

Asterin estava viva.

As Treze estavam vivas. E havia alegria no coração de Manon; alegria, percebeu ela ao olhar para aqueles rostos sorridentes e sorrir de volta.

Com todas elas de pé entre as serpentes aladas em uma duna que dava para o mar, Manon perguntou a Asterin:

— Como?

A imediata passava a mão pelo cabelo de Elide enquanto a garota chorava em seu ombro.

— As vadias de sua avó fizeram uma caçada e tanto, mas conseguimos estripá-las. Passamos o último mês a procurando. Então Abraxos nos encontrou e parecia saber onde você estava; nós o seguimos. — Ela coçou sangue seco na bochecha. — E salvamos a pele de vocês, pelo visto.

Não rápido o bastante, pensou Manon ao ver as lágrimas silenciosas de Elide, a forma como humanos e feéricos estavam parados, discutindo ou simplesmente fazendo nada.

Não rápido o bastante para impedir aquilo. Para salvar Aelin Galathynius.

— O que fazemos agora? — indagou Sorrel, encostada contra a lateral de sua serpente alada macho, enfaixando um corte no antebraço.

Todas as Treze olharam para Manon, todas esperaram.

Ela ousou perguntar:

— Ouviram o que minha avó disse antes... de tudo?

— As Sombras nos contaram — informou Asterin, os olhos dançando.

— E?

— E o quê? — grunhiu Sorrel. — Então você é metade Crochan.

— *Rainha* Crochan. — E herdeira da aparência de Rhiannon Crochan. Será que as Anciãs tinham reparado?

Asterin deu de ombros.

— Cinco séculos de Dentes de Ferros de sangue puro não conseguiram nos trazer para casa. Talvez você consiga.

Não uma filha da guerra... mas da paz.

— E vocês me seguirão? — perguntou Manon, em voz baixa. — Para fazer o que precisa ser feito antes de podermos voltar aos desertos?

Aelin Galathynius não implorara a Elena por outro destino. Pedira apenas por uma coisa, uma solicitação à antiga rainha:

Virá comigo? Pelo mesmo motivo pelo qual a líder perguntava naquele instante a elas.

Como uma, as Treze ergueram os dedos à testa. Como uma, elas os abaixaram.

A bruxa olhou na direção do mar, com um nó na garganta.

— Aelin Galathynius voluntariamente entregou a liberdade para que uma bruxa Dentes de Ferro pudesse sair livre — explicou Manon. Elide enrijeceu o corpo, afastando-se dos braços de Asterin. Ela continuou: — Temos uma dívida de vida com ela. E mais que isso... Está na hora de nos tornarmos melhores que nossas antecessoras. Somos todos filhos desta terra.

— O que vai fazer? — sussurrou Asterin, os olhos brilhando intensamente.

Manon olhou para trás delas. Para o norte.

— Vou encontrar as Crochan. E vou levantar um exército com elas. Por Aelin Galathynius. E pelo povo dela. E pelo nosso.

— Jamais confiarão em nós — disse Sorrel.

— Então precisaremos usar todo o nosso charme — retrucou Asterin.

Algumas delas sorriram; algumas se moveram desconfortáveis.

Mais uma vez, Manon perguntou às Treze:

— Vocês me seguirão?

E, quando todas levaram os dedos à testa de novo, a bruxa devolveu o gesto.



Rowan e Aedion estavam sentados silenciosamente na praia. Gavriel tinha se recuperado o bastante do choque da dissolução do juramento e conversava em voz baixa com Lorcan, de pé no alto do penhasco; Lysandra se agachou sozinha, na forma de leopardo-fantasma, entre a vegetação litorânea que se agitava; e Dorian apenas... os observava do topo de uma duna.

O que Aelin tinha feito... Sobre o que tinha mentido...

Parte do sangue no chão tinha secado.

Se Aelin se fosse, se sua vida de fato fosse ser o custo caso algum dia se libertasse...

— Maeve não tem as duas chaves — disse Manon ao lado de Dorian, depois de se aproximar de fininho. A aliança continuava atrás da líder, Elide escondida entre elas. — Caso esteja preocupado.

Lorcan e Gavriel se viraram na direção deles. Assim como Lysandra.

Dorian ousou perguntar:

— Então onde estão?

— Eu as tenho — informou Manon, simplesmente. — Aelin as colocou em meu bolso.

Ah, Aelin. Aelin. Levara Maeve a tal frenesi, a deixara tão concentrada na *própria* captura que a rainha não pensou em confirmar se a jovem estava com as chaves antes de desaparecer.

Tinha sido colocada em uma situação tão cruel e impossível — e; mesmo assim, fizera valer a pena. Uma última vez, Aelin fizera valer a pena.

— Por isso não pude fazer nada a respeito — explicou a bruxa. — Para ajudá-la. Precisava parecer que não estava envolvida. Neutra. — De onde se sentava na praia abaixo, Aedion tinha se virado na direção do grupo, a audição aguçada de feérico levava cada palavra ao seu ouvido. Manon disse a todos: — Eu sinto muito. Sinto muito mesmo por não ter conseguido ajudar.

Ela levou a mão ao bolso das vestes de couro de montaria, então entregou o Amuleto de Orynth e uma lasca de pedra preta a Dorian. Ele hesitou.

— Elena disse que a linhagem de Mala pode impedir isso. O sangue corre nas casas de vocês dois.

Os olhos dourados estavam cansados... exaustos. O rapaz percebeu o que Manon pedia.

Aelin jamais planejara ver Terrasen de novo.

Ela se casara com Rowan sabendo que lhes restavam meses na melhor das hipóteses, dias, na pior. Mas daria a Terrasen um rei por direito. Para manter o território unido.

Fizera planos para todos eles; e nenhum para si.

— A busca não termina aqui — falou Dorian, baixinho.

Manon balançou a cabeça. E ele sabia que ela não falava apenas das chaves, da guerra, ao responder:

— Não, não termina.

Dorian pegou as chaves da bruxa. Elas latejaram e faiscaram, aquecendo a palma de sua mão. Uma presença estranha e terrível, mas... era tudo que havia entre eles e a destruição.

Não, a busca não terminava ali. Não estava nem perto. O rei colocou as chaves no

bolso.

E a estrada que se estendeu diante dele, curvando-se para a sombra desconhecida à espreita... não o assustou.

75

Rowan se casara com Aelin antes do alvorecer havia quase dois dias.

Aedion e Lysandra foram as únicas testemunhas quando acordaram o capitão de olhos vermelhos, o qual os tinha casado rápida e silenciosamente e assinado um voto de sigilo.

Tiveram 15 minutos na cabine para consumar o casamento.

Aedion ainda levava os documentos formais; o capitão tinha as cópias.

Rowan ficara ajoelhado naquele trecho de praia por meia hora. Silencioso, perambulando pelos caminhos dos pensamentos tumultuosos. Aedion lhe fizera companhia, encarando o mar inexpressivamente.

Rowan soubera.

Parte dele soubera que Aelin era sua parceira. E dera as costas àquele conhecimento, diversas vezes, por respeito a Lyria, por pavor do que aquilo significaria. Ele saltara diante da jovem em baía da Caveira, sabendo bem no fundo. Sabendo que parceiros cientes do laço não suportavam ferir o outro, e que poderia ser a única força que a impulsionaria a retomar o controle de Deanna. E, mesmo quando ela havia provado que estivera certo... Rowan dera as costas àquela prova, ainda sem estar pronto, afastando aquilo da mente mesmo enquanto a reivindicava de todas as outras formas.

Aelin soubera, no entanto. Que ele era seu parceiro. E não insistira, não exigira que ele encarasse a verdade, porque o amava, e o guerreiro sabia que Aelin preferiria arrancar o próprio coração a causar dor ou inquietude a ele.

Sua Coração de Fogo.

Sua igual, sua amiga, sua amante. Sua esposa.

Sua parceira.

Aquela maldita vadia a colocara em uma caixa de ferro.

Maeve açoitara tão violentamente a parceira que Rowan raramente tinha visto tanto sangue derramado como resultado. Então a acorrentara. Depois a colocara em um verdadeiro caixão de ferro, ainda sangrando, ainda ferida.

Para contê-la. Para arrasá-la. Para torturá-la.

A Coração de Fogo de Rowan, trancafiada no escuro.

Ela tentara contar a ele. Logo antes de os ilken se aproximarem.

Tentara contar que vomitara as tripas naquele dia no navio porque tinha percebido que morreria, e não porque estava grávida. Que o custo de selar o portão, de forjar um novo Fecho para fazê-lo, seria a própria vida. Sua vida imortal.

Com Goldryn ao lado, o rubi fosco sob o sol forte, ele juntou dois punhados de areia e deixou que os grãos deslizassem, deixou que o vento os carregasse para o mar.

Era tudo tempo emprestado mesmo.

Aelin não esperava que eles fossem atrás dela.

Ela, que fora até eles, que encontrara todos eles. Arranjara para que tudo se encaixasse quando entregasse a própria vida. Quando abrisse mão de mil anos para salvá-los.

E Rowan sabia que Aelin acreditava que eles fariam a escolha certa, a escolha sábia, e que permaneceriam ali. Que liderariam os exércitos para a vitória; os exércitos que ela garantiria a eles, imaginando que não estaria lá para terminar aquilo.

Aelin não achou que o veria de novo.

Ele não aceitava aquilo.

Ele não aceitaria aquilo.

E não aceitaria que a tinha encontrado e que ela o havia encontrado, e que tinham sobrevivido a tanta tristeza e dor e desespero juntos, apenas para serem separados. Não aceitaria o destino que fora lançado a ela, não aceitaria que a vida de Aelin era o preço que se pedia por salvar aquele mundo. A vida de Aelin ou a de Dorian.

Não aceitaria por um segundo.

Passos ecoaram pela areia, e o príncipe feérico sentiu o cheiro de Lorcan antes de se incomodar em olhar. Por meio segundo, considerou matar o macho onde ele estava.

Rowan sabia que naquele dia... naquele dia, ele venceria. Algo se partira em Lorcan, e, se atacasse naquele momento, o semifeérico morreria. Talvez nem reagisse.

O rosto esculpido em granito estava severo, mas os olhos... Havia dor neles. E

arrependimento.

Os demais desceram pelas dunas, a aliança da bruxa permanecendo para trás, e Aedion se levantou.

Todos encaravam Rowan enquanto ele continuava de joelhos.

A maré ia e vinha, ondulando sob o céu azul.

Ele lançou aquele laço para o mundo, projetando-o tão amplamente quanto uma rede. Disparando-o com a magia, com a alma, com o coração partido. Procurando por ela.

Lute contra isso, desejou o guerreiro para Aelin, enviando as palavras pelo laço — o laço da parceria, a qual talvez tivesse se estabelecido naquele primeiro momento em que se tornaram *carranam*, escondido sob chama e gelo e esperança de um futuro melhor. *Lute contra ela. Irei atrás de você. Mesmo que leve mil anos. Eu a encontrarei, eu a encontrarei, eu a encontrarei.*

Apenas sal e vento e água responderam.

Rowan se levantou. E se voltou devagar para eles.

Mas a atenção de todos se concentrou nos navios que velejavam do oeste... vindos do campo de batalha. Os navios de seu primo, com o que restava da frota que Ansel de penhasco dos Arbustos conquistara para eles, assim como os três navios de Rolfe.

Mas não foram essas embarcações que os fizeram parar.

Foi aquela que deu a volta pela ponta leste do continente... um bote longo. Ele se aproximava com um vento fantasma, rápido demais para ser natural.

Rowan se preparou. O formato do barco não pertencia aos das frotas reunidas. Mas o estilo lhe despertou algo na memória.

Ansel de penhasco dos Arbustos e Enda também estavam percorrendo as ondas em um bote longo que vinha de sua frota, com destino àquela praia.

Mas Rowan e os demais observaram em silêncio quando o barco estranho despontou na praia e deslizou para a areia.

Observaram os marinheiros de pele morena puxarem a embarcação. Um jovem de ombros largos saltou agilmente para a areia, os cabelos escuros levemente cacheados soprados pela brisa do mar.

O rapaz não emitiu uma gota de medo ao caminhar até eles — nem mesmo buscou o toque reconfortante da bela espada na lateral do corpo.

— Onde está Aelin Galathynius? — perguntou o estranho um pouco sem fôlego enquanto os analisava.

E o sotaque...

— Quem é você? — disparou Rowan.

Mas o jovem tinha se aproximado o bastante para que o guerreiro pudesse ver a cor de seus olhos. Turquesa... com um núcleo dourado.

Aedion sussurrou, como se estivesse em transe:

— Galan.

Galan Ashryver, príncipe herdeiro de Wendlyn.

Os olhos do rapaz se arregalaram ao observarem o príncipe-general.

— *Aedion* — disse ele com a voz rouca, algo parecido com assombro e luto na expressão do rosto. Mas Galan os afastou, confiante e determinado, e mais uma vez perguntou: — Onde está ela?

Nenhum deles respondeu.

— O que está fazendo aqui? — indagou Aedion.

As sobrancelhas escuras se franziram.

— Imaginei que ela teria informado a você.

— Informado *o quê*? — exigiu Rowan, em tom muito baixo.

Galan levou a mão ao bolso da túnica azul desgastada, tirando de dentro uma carta amassada que parecia ter sido relida centenas de vezes. Silenciosamente, ele a entregou para Rowan.

O cheiro de Aelin ainda estava presente conforme ele desdobrou o papel. Aedion leu por cima do ombro de Rowan.

A carta para o príncipe de Wendlyn fora breve. Brutal. As letras grandes se estendiam pela página, como se Aelin tivesse cedido ao próprio temperamento esquentado:

> *TERRASEN SE LEMBRA DE EVALIN ASHRYVER.*
> *E VOCÊ?*
> *LUTEI EM DEFESA NEBULOSA POR SEU POVO.*
> *DEVOLVA O MALDITO FAVOR.*

E então coordenadas... para aquele ponto.

— Veio apenas para mim — disse Galan, em voz baixa. — Não foi para meu pai. Apenas para mim.

Para a armada que Galan controlava... furando bloqueios contra Adarlan.

— Rowan — murmurou Lysandra em aviso. Ele lhe acompanhou o olhar.

Não para onde Ansel e Enda chegavam à margem do grupo, dando um bom espaço entre eles e as Treze enquanto erguiam as sobrancelhas para Galan.

Mas para a pequena companhia de pessoas vestidas de branco que surgiu no alto das dunas atrás deles, sujas de lama e parecendo terem ido caminhando pelos próprios pântanos.

E Rowan soube.

Soube quem eram antes de sequer chegarem à praia.

Ansel de penhasco dos Arbustos empalidecera ao ver as roupas esvoaçantes e dispostas em camadas. Então, quando o homem alto no centro tirou o capuz e revelou um rosto de pele marrom e olhos verdes, ainda belo e jovem, a rainha dos desertos sussurrou:

— Ilias.

Ilias, o filho do Mestre Mudo dos Assassinos Silenciosos, olhou para Ansel boquiaberto, enrijecendo a coluna. Mas Rowan deu um passo na direção do homem, chamando sua atenção. Os olhos de Ilias se semicerraram em avaliação, analisando, como Galan fizera, todos eles em busca de uma mulher de cabelos dourados que não estava ali. Os olhos do rapaz se voltaram para o príncipe feérico, como se o tivesse marcado como o centro do grupo.

Com a voz rouca devido ao desuso, ele perguntou:

— Viemos pagar nossa dívida de vida com Celaena Sardothien, com Aelin Galathynius. Onde ela está?

— Vocês são os *sæsiz suikast* — afirmou Dorian, balançando a cabeça. — Os Assassinos Silenciosos do deserto Vermelho.

Ilias assentiu e olhou para Ansel, que ainda parecia prestes a vomitar, antes de dizer a Rowan:

— Parece que minha amiga cobrou muitas dívidas além da nossa.

Como se as próprias palavras fossem um sinal, mais figuras vestidas de branco tomaram as dunas atrás deles.

Dezenas. Centenas.

Rowan se perguntou se cada assassino daquela fortaleza no deserto tinha ido honrar a dívida à jovem mulher. Uma legião letal por si só.

E Galan...

O guerreiro se virou para o príncipe herdeiro de Wendlyn.

— Quantos? — perguntou ele. — Quantos trouxe?

O rapaz apenas sorriu um pouco e apontou para o horizonte leste.

Onde velas brancas surgiam acima da linha do horizonte. Navio após navio após navio, cada um empunhando a bandeira cobalto de Wendlyn.

— Diga a Aelin Galathynius que Wendlyn jamais esqueceu Evalin Ashryver — disse Galan a ele, a Aedion. — Nem Terrasen.

O general caiu de joelhos na areia quando a armada de Wendlyn apareceu diante deles.

Prometo a você que não importa o quanto eu me afaste, não importa o custo, quando pedir minha ajuda, virei, tinha sido o que Aelin contara ao primo que havia jurado a Darrow. *Vou cobrar velhas dívidas e promessas. Para erguer um exército de assassinos e ladrões e exilados e camponeses.*

E tinha erguido. Fora sincera e realizara cada palavra do que prometera.

Rowan contou os navios que surgiam no horizonte. Contou os navios na armada deles. Somou os navios de Rolfe... e os mycenianos que este reunia no norte.

— Pelos deuses — sussurrou Dorian, conforme a armada de Wendlyn continuou se espalhando mais e mais.

Lágrimas escorreram do rosto de Aedion, que chorava em silêncio. *Onde estão nossos aliados, Aelin? Onde estão nossos exércitos?* Ela aceitara as críticas, aceitara porque ele sabia que sua prima não os queria desapontar caso fracassasse. Rowan apoiou a mão no ombro do general.

Tudo isso por Terrasen, dissera ela naquele dia em que revelara que maquinara para conseguir a fortuna de Arobynn. E Rowan sabia que cada passo que Aelin dera, cada plano e cálculo, cada segredo e aposta desesperada...

Por Terrasen. Por eles. Por um mundo melhor.

Aelin Galathynius levantara um exército não apenas para desafiar Morath... mas para agitar as estrelas.

Ela soubera que não poderia liderá-lo. Mas, mesmo assim, cumpriria a promessa a Darrow: *Juro por meu sangue, pelo nome de minha família, que não darei as costas a Terrasen como você deu as costas para mim.*

E a última peça... se Chaol Westfall e Nesryn Faliq conseguissem reunir forças do continente sul...

Aedion por fim ergueu o rosto para ele, com os olhos arregalados ao chegar à mesma conclusão.

Uma chance. A esposa e parceira lhes dera a chance de um tolo naquela guerra.

E Aelin não acreditava que eles iriam até ela.

— Galan?

Rowan ficou mortalmente imóvel quando a voz ecoou das dunas. Diante da mulher de cabelos dourados que usava a pele de sua amada.

Aedion se pôs de pé em disparada, prestes a grunhir, mas o guerreiro lhe agarrou o braço.

Conforme Lysandra, como Aelin, tal qual prometera, foi em direção a eles, com um sorriso largo.

Aquele sorriso... perfurou o coração de Rowan. Ela havia aprendido a sorrir como Aelin, aquela gota de malícia e prazer, aperfeiçoada com um fio de crueldade.

A habilidade de atuar da metamorfa, aprimorada no mesmo inferno em que Aelin aprendera a dela, era impecável enquanto falava com Galan. Enquanto falava com Ilias, abraçando-o como uma amiga há muito perdida e uma aliada aliviada.

Aedion tremia ao seu lado. Mas o mundo não podia saber.

Os aliados, assim como os inimigos, não podiam saber que o fogo imortal de Mala fora roubado. Aprisionado.

Galan disse àquela que acreditava ser sua prima:

— Para onde agora?

Lysandra olhou para ele, então para Aedion, sem um sinal de arrependimento, culpa ou dúvida no rosto.

— Vamos para o norte. Para Terrasen.

O estômago de Rowan pareceu se transformar em chumbo. Mas a metamorfa o encarou e disse, firme e casualmente:

— Príncipe... preciso que recupere algo para mim antes de se juntar a nós no norte.

Encontre-a, encontre-a, encontre-a, era o que a metamorfa parecia implorar.

Rowan assentiu, sem palavras. Lysandra lhe segurou a mão, apertou uma vez em agradecimento, uma despedida educada e pública entre uma rainha e o consorte, então se afastou.

— Venham — disse Lysandra a Galan e Ilias, gesticulando para que seguissem para onde Ansel, cujo rosto estava pálido, e Enda, com as sobrancelhas franzidas, esperavam. — Temos assuntos a tratar antes de partirmos.

Então a pequena companhia ficou mais uma vez sozinha.

As mãos de Aedion se fechavam e abriam na lateral do corpo conforme ele olhava

para a metamorfa que usava a pele de Aelin, levando os aliados para a praia. Para lhes dar privacidade.

Um exército destinado a tomar Morath. A dar a eles a chance de lutar...

Areia sussurrou quando Lorcan se colocou ao lado de Rowan.

— Irei com você. Ajudarei a trazê-la de volta.

Com a voz rouca, Gavriel disse:

— Nós a encontraremos.

Aedion, por fim, desviou o olhar de Lysandra ao ouvir aquilo. Mas não disse nada ao pai, não tinha dito nada a ele desde que haviam chegado à praia.

Elide deu um passo manco para perto e falou, com a voz tão rouca quanto a de Gavriel:

— Juntos. Iremos juntos.

Lorcan deu à Lady de Perranth um olhar de avaliação que ela fez questão de ignorar. Os olhos se iluminaram quando ele lembrou a Rowan:

— Fenrys está com ela. Saberá que estamos indo para recuperá-la, tentará deixar pistas se puder.

Se Maeve não o tivesse trancafiado. Mas o guerreiro combatera o juramento de sangue todos os dias desde que o fizera. E, se era tudo o que havia naquele momento entre Cairn e Aelin... Rowan não se permitiu pensar em Cairn. No que Maeve já o obrigara a fazer, ou no que faria com Aelin antes do fim. Não... Fenrys combateria aquilo. E a assassina combateria também.

Ela jamais deixaria de lutar.

O príncipe feérico encarou Aedion, que mais uma vez desviou a atenção de Lysandra por tempo bastante para encará-lo. O general entendeu o olhar e colocou a mão no cabo da Espada de Orynth.

— Irei para o norte. Com... ela. Para supervisionar exércitos, me certificar de que tudo esteja no lugar.

Rowan segurou o antebraço de Aedion.

— O exército precisa se manter firme. Ganhe o máximo de tempo que puder para nós, irmão.

Ele segurou o antebraço do guerreiro em resposta, com os olhos brilhando. Rowan sabia o quanto aquilo o arrasava. Mas, se o mundo acreditasse que Aelin estava voltando para o norte, então um dos generais da rainha precisaria estar ao seu lado para liderar os exércitos. E como Aedion comandava a lealdade da Devastação...

— Traga-a de volta, príncipe — disse ele, com a voz falhando. — Traga-a para casa.

Rowan encarou o irmão de volta e assentiu.

— Veremos você de novo. Todos vocês.

Ele não desperdiçou palavras persuadindo o general a perdoar a metamorfa. Não tinha total certeza do que sequer pensar do plano de Aelin e de Lysandra. Qual teria sido *seu* papel naquilo.

Dorian deu um passo adiante, mas olhou para Manon, que encarava o mar, como se pudesse ver onde quer que Maeve tivesse transportado o navio. Usando aquele poder de ocultamento que empunhara para esconder Fenrys e Gavriel em baía da Caveira, para esconder a armada dos olhos de Eyllwe.

— As bruxas voam para o norte — declarou Dorian. — E irei com elas. Para ver se posso fazer o que precisa ser feito.

— Fique conosco — sugeriu Rowan. — Encontraremos uma forma de lidar com as chaves e o Fecho e os deuses... tudo.

O rei balançou a cabeça.

— Se vai atrás de Maeve, as chaves precisam estar bem longe. Se eu puder ajudar ao fazer isso, ao encontrar a terceira... Servirei melhor dessa forma.

— Você provavelmente vai morrer — interrompeu Aedion, em tom afiado. — Vamos para o norte para derramamento de sangue e campos de batalha, seguirá para perigos muito piores que esses. Morath estará à espera. — Rowan olhou para ele com irritação. Mas o irmão não se importava mais. Não, Aedion caminhava em um limite cruel e vulnerável no momento, e não seria preciso muita coisa para que aquele limite se tornasse letal. Principalmente quando Dorian tivera participação em separar Aelin do grupo.

O rapaz olhou mais uma vez para Manon, que lhe sorria levemente. Era um sorriso que suavizava o rosto da bruxa, que o fazia ganhar vida.

— Ele não morrerá se eu puder evitar — afirmou ela, avaliando todos eles. — Viajaremos para encontrar as Crochan, para reunir as forças que podem ter.

Um exército de bruxas para combater as legiões das Dentes de Ferro.

Esperança — esperança preciosa e frágil — agitou o sangue de Rowan.

Manon apenas acenou com o queixo em despedida e subiu até o penhasco, até sua aliança.

Então o guerreiro assentiu para Dorian. Mas o homem fez uma reverência com a

cabeça; não o gesto de um amigo para outro, e sim de um rei para outro.

Consorte, ele queria dizer. Era apenas o consorte.

Mesmo que Aelin tivesse se casado para que ele tivesse direito legal de salvar Terrasen e reconstruir o reino. Para que comandasse os exércitos que a rainha dera tudo a fim de reunir para eles.

— Quando terminarmos, eu me juntarei a você em Terrasen, Aedion — prometeu o rei de Adarlan. — Para que, quando voltar, Rowan, quando vocês *dois* voltarem, tenha restado algo pelo que lutar.

Aedion pareceu considerar. Medir as palavras do homem e sua expressão. E então o príncipe-general deu um passo à frente e abraçou o rei. Foi rápido e firme, e Dorian se encolheu, mas aquela tensão nos olhos inexpressivos devido ao luto de Aedion tinha sido um pouco suavizada. Silenciosamente, ele olhou para Damaris, embainhada ao lado do corpo do rapaz. A lâmina do primeiro e maior rei de Adarlan. Aedion pareceu considerar sua presença, quem a levava. Por fim, assentiu, mais para si do que para qualquer um. Mas Dorian, mesmo assim, fez uma reverência com a cabeça em agradecimento.

Quando o general tinha saído, indo até os longos botes, deliberadamente contornando Lysandra-Aelin, que tentara falar com ele, Rowan perguntou ao rei:

— Confia nas bruxas?

Um aceno de cabeça.

— Deixarão duas serpentes aladas para escoltar seu navio até o limite do continente. Dali, elas se juntarão a nós de novo, e você partirá para onde quer... onde quer que precise ir.

Maeve poderia tê-la levado a qualquer lugar, desaparecido com aquele navio na outra metade do mundo.

— Obrigado — agradeceu o guerreiro.

— Não me agradeça. — Um meio sorriso. — Agradeça a Manon.

Se todos sobrevivessem àquilo, se ele recuperasse Aelin, Rowan agradeceria.

Ele abraçou Dorian, desejou que o rei ficasse bem, e o observou subir a duna até a bruxa de cabelos brancos à espera.

Lysandra já dava ordens para Galan e Ilias com relação a transportar os duzentos Assassinos Silenciosos até os navios de Wendlyn enquanto Aedion monitorava com os braços cruzados. Ansel estava em uma conversa intensa com Endymion, que não parecia saber muito bem o que fazer com a rainha de cabelos vermelhos e sorriso de lobo. Ela,

no entanto, já parecia inclinada a causar o caos e a se divertir muito. Rowan desejou que tivesse mais que um momento para agradecer aos dois — para agradecer a Enda e a cada um dos primos.

Tudo estava pronto, tudo preparado para aquele empurrão desesperado até o norte. Como Aelin planejara.

Não haveria descanso, nenhuma espera. Não tinham tempo a perder.

As serpentes aladas se agitaram, batendo as asas. Dorian montou na sela atrás de Manon e envolveu a cintura da bruxa com os braços. Ela disse algo que o fez sorrir. Sorrir de verdade.

O rapaz ergueu a mão para dizer adeus, encolhendo o corpo quando Abraxos disparou ao céu.

Outras dez serpentes aladas tomaram o ar atrás deles.

A bruxa sorridente de cabelos dourados — Asterin — e outra esguia, de cabelos pretos e olhos verdes, de nome Briar, esperavam por Gavriel, Lorcan e Elide sobre as montarias. Para carregá-los até o navio que os levaria para a caçada pelo mar.

Lorcan fez menção de dar um passo na direção de Elide quando ela se aproximou da serpente alada de Asterin, mas a jovem o ignorou. Nem mesmo olhou para o macho ao segurar a mão da bruxa e ser erguida para a sela. E embora o guerreiro escondesse bem, Rowan viu o lampejo de devastação naquelas feições endurecidas pelos séculos.

O xingamento disparado por Gavriel conforme segurou a cintura da bruxa de cabelos dourados foi o único som do desconforto ao seguirem para o céu. Apenas depois que todos estavam no ar, Rowan subiu devagar a colina arenosa, amarrando a bainha antiga de Goldryn ao cinto de facas enquanto caminhava.

A camisa manchada pelo sangue de Aelin ainda estava caída ali, logo ao lado da poça de sangue que ensopava a areia. Rowan não tinha dúvidas de que Cairn a deixara de propósito.

O príncipe se abaixou, pegou a camisa, passou os dedos pelo tecido macio.

A aliança desapareceu no horizonte; os companheiros de Rowan chegaram ao navio, e os demais se preparavam para avançar com o exército que a parceira convocara, empurrando os botes longos para a praia.

O guerreiro levou a camisa ao rosto e inspirou o cheiro de Aelin, sentindo algo se agitar dentro de si — sentindo o laço estremecer.

Ele deixou a camisa cair, deixou que o vento a levasse para o mar, bem longe daquele lugar encharcado de sangue que fedia a dor.

Eu a encontrarei.

O feérico se transformou e voou alto em um vento ágil e perverso que ele mesmo fizera; o mar reluzente se estendia à direita, o pântano era um emaranhado verde e cinza à esquerda. Acorrentando o vento em si, agilmente alcançando os companheiros que voavam pela costa, Rowan gravou o cheiro de Aelin na memória, gravou aquele lampejo do laço na memória.

Aquele lampejo que ele podia ter jurado que sentira em resposta, como o coração trêmulo de uma brasa.

Liberando um grito que fez o mundo tremer, o príncipe Rowan Whitethorn Galathynius, consorte da rainha de Terrasen, começou a caçada para encontrar a esposa.

AGRADECIMENTOS

É sempre tão difícil resumir minha gratidão imensa pelas pessoas que não apenas trabalham tão incansavelmente para tornar este livro realidade, mas que também me fornecem apoio e amizade incondicionais. Não sei o que faria sem elas na vida, e agradeço ao universo todos os dias por essas pessoas estarem presentes.

Para meu marido, Josh: mesmo quando este mundo for um sussurro de terra esquecido em meio às estrelas, amarei você. Obrigada pelas gargalhadas nos dias em que não achei que podia sorrir, por segurar minha mão quando eu precisava de um lembrete de que era amada e por ser meu melhor amigo e porto seguro. Você é a maior alegria em minha vida, e nem mil páginas seriam suficientes para expressar o quanto amo você.

Para Annie: a esta altura, não me surpreenderia se tivesse aprendido a ler. É a outra grande alegria de minha vida, e seu amor incondicional e bagunça constante tornam um trabalho solitário algo que jamais se parece com solidão — nem por um momento. Amo você, cachorrinha.

Para Tamar Rydzinski: sou muito grata por sua sabedoria, audácia e inteligência desde a primeira vez que me ligou há tantos anos. Mas, neste ano, principalmente, me senti ainda mais agradecida por sua amizade. Obrigada por me apoiar não importa o que aconteça. Sou muito sortuda por ter você a meu lado.

Para Cat Onder: trabalhar com você tem sido um incrível ponto alto em minha carreira. Obrigada do fundo do coração pela opinião inteligente e esclarecedora, por defender meus livros e por tornar todo esse processo simplesmente muito *divertido*. Tenho um orgulho incrível de tê-la como editora e amiga.

Para Margaret Miller: obrigada por toda sua ajuda e orientação ao longo dos anos — cresci tanto como escritora por causa de você e sou muito grata por isso. Para

Cassie Homer: por onde começo a agradecer por tudo o que faz? Realmente não sei como conseguiria sem sua ajuda. Você é incrível.

Para minhas equipes maravilhosas e incomparáveis da Bloomsbury pelo mundo e da CAA — Cindy Loh, Cristina Gilbert, Jon Cassir, Kathleen Farrar, Nigel Newton, Rebecca McNally, Natalie Hamilton, Sonia Palmisano, Emma Hopkin, Ian Lamb, Emma Bradshaw, Lizzy Mason, Courtney Griffin, Erica Barmash, Emily Ritter, Grace Whooley, Eshani Agrawal, Emily Klopfer, Alice Grigg, Elise Burns, Jenny Collins, Linette Kim, Beth Eller, Kerry Johnson, Kelly de Groot, Ashley Poston, Lucy Mackay-Sim, Melissa Kavonic, Diane Aronson, Donna Mark, John Candell, Nicholas Church, assim como toda a equipe de direitos estrangeiros: sou tão abençoada por trabalhar com um grupo de pessoas tão espetacular, e não consigo imaginar meus livros em melhores mãos. Obrigada, obrigada, obrigada por *tudo*.

Para meus pais: obrigada pelo amor constante e por possuírem um número realmente vergonhoso de cópias de meus livros. Para meus sogros: obrigada por cuidarem de Annie quando viajamos — e por sempre estarem ao nosso lado não importa o que aconteça. Para minha família maravilhosa: amo todos vocês.

Para Louisse Ang, Sasha Alsberg, Vilma Gonzalez, Alice Fanchiang, Charlie Bowater, Nicola Wilksinson, Damaris Cardinali, Alexa Santiago, Rachel Domingo, Kelly Grabowski, Jessica Reigle, Jamie Miller, Laura Ashforth, Steph Brown e as Treze de Maas: muito, muito, muito obrigada por sua bondade, generosidade e amizade. Eu me sinto honrada por conhecer vocês.

E para meus leitores: obrigada pelas cartas, pela arte, pelas tatuagens (!!), pela música — obrigada por *tudo*. Não consigo nem começar a expressar o quanto isso significa para mim, ou o quanto me sinto grata. Vocês fazem todo o trabalho árduo valer a pena.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

Império de tempestades
Trono de vidro - Vol. 5 tomo II

Site da autora:
http://sarahjmaas.com/

Facebook da série:
https://www.facebook.com/THRONEOFGLASS

Twitter da autora:
https://twitter.com/SJMaas/

Pinterest da autora:
https://br.pinterest.com/sarahjmaas/

Instagram da autora:
https://www.instagram.com/therealsjmaas/

Tumblr da autora:
http://sjmaas.tumblr.com/

Wikipédia da autora:
https://en.wikipedia.org/wiki/Sarah_J._Maas

Goodreads da autora:
http://www.goodreads.com/author/show/3433047.Sarah_J_Maas

Goodreads do livro:
http://www.goodreads.com/book/show/34110186-imp-rio-de-tempestades---tomo-1

Skoob da autora:

https://www.skoob.com.br/autor/8285-sarah-j-maas

Skoob do livro:

https://www.skoob.com.br/livro/648882ED650935